

**Espaços Domésticos e Mundo Objetal nos Subúrbios
de *al-Ushbuna*: As Unidades Habitacionais 1 e 6 do
Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Lisboa)**

Jorge Bruno Bernardo Branco

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia
(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa
pública)**

Setembro de 2024

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Rodrigo Banha da Silva.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu professor, orientador e amigo Doutor Rodrigo Banha da Silva, pelo desafio intelectual, auxílio incansável e conhecimento transmitido.

Aos doutorandos André Bargão, Sara Ferreira, Filipe Oliveira, Catarina Felício e Filipe Sousa, meus colegas no depósito do Centro de Arqueologia de Lisboa, pela companhia, debates – de natureza científica e política – e conselhos. Foi uma agradável experiência trabalhar ao vosso lado.

Aos arqueólogos Alexandre Gonçalves e Ricardo Campos, do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, que me ensinaram a escavar e me proporcionaram o primeiro contacto com materiais de período medieval islâmico.

Aos colegas Fabián Cuesta-Gómez, Beatriz Calapez, Anabela Joaquinito e Emanuel Carvalho, com os quais também tive o prazer de trabalhar e aprender.

Aos meus amigos Fábio Ramos, Nuno Sousa, Rita Lima e Filipe Bernardes, pela amizade que dura há mais de uma década.

À minha família, em especial à minha mãe, à Miriam e aos meus padrinhos, pelo apoio incondicional.

Por fim, à Joana. Pelo amor, pela companhia enquanto trabalho nos meus “caquinhos”, pela paciência e por me motivar a evoluir enquanto arqueólogo e ser humano.

Espaços Domésticos e Mundo Objetual nos Subúrbios de *al-Ushbuna*: As Unidades Habitacionais 1 e 6 do Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Lisboa)

Jorge Bruno Bernardo Branco

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Quotidianos; Cerâmica Islâmica; Arqueologia Urbana; Reconquista; *Gharb al-Andalus*; Período Medieval.

O presente trabalho incide sobre os quotidianos no arrabalde ocidental de *al-Ushbuna*, durante o século XII, tendo por base o estudo da cultura material e arquiteturas de duas unidades habitacionais do bairro islâmico identificado nas escavações de 1999-2001 na Praça da Figueira (Lisboa). O espólio é sobretudo composto por materiais cerâmicos, tendo-se também identificado objetos relacionados com outras atividades domésticas e produtivas.

As habitações inserem-se num bairro que, tendo em conta a sua arquitetura e processos construtivos, sugere ter sido edificado em finais do século XI ou inícios do século XII, com o propósito de receber populações deslocadas de territórios a norte ou do próprio território da cidade, devido ao avanço da expansão cristã. As mesmas terão tido uso até à data da conquista de Lisboa pelo reino de Portugal, embora as reformulações estruturais das habitações, assim como a presença de alguns materiais com cronologia posterior inseridos no contexto de uso, sugiram uma mais longa ocupação do espaço.

Domestic Spaces and Artifacts in the Suburbs of the 12th century *al-Ushbuna*

Jorge Bruno Bernardo Branco

ABSTRACT

KEYWORDS: Everyday Life; Islamic Pottery; Urban Archaeology; Reconquista; *Gharb al-Andalus*.

This work focuses on the daily life in the western suburbs of *al-Ushbuna*, during the 12th century. It is based on the material culture and architectures of two domestic contexts from a neighbourhood identified during the 1999-2001 excavations that took place in *Praça da Figueira* (Lisbon). The artifact group is mostly composed by pottery, although there were identified some objects related to other domestical and productive activities.

The houses fit in a neighbourhood that, taking in consideration its architecture and constructive processes, may have been built in the late 11th century or early 12th century, with the purpose of welcoming refugees from northern territories, or areas around *al-Ushbuna* itself, forced to move due to the Christian expansion. The neighbourhood may have been occupied until the conquest of Lisbon by the Portuguese Kingdom. However, the structural reformulations of the houses, as well as the presence of materials with later chronology in the context of use, may suggest a longer occupation of these spaces.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Problemáticas	3
2. Estado da arte	6
2.1. Antecedentes da disciplina de Arqueologia Medieval Islâmica	6
2.2. Pós 25 de abril - Afirmação da Arqueologia Medieval Islâmica	7
2.3. O Século XXI	9
3. Metodologia	17
4. Contextualização histórica	20
5. Os Trabalhos Arqueológicos	23
5.1. Campanha de 1960-1962	23
5.2. Campanha de 1999-2001	23
6. As Habitações 1 e 6	26
6.1.1. As áreas habitacionais	26
6.2. Contexto estratigráfico – As fases construtivas e ocupacionais das habitações 1 e 6	28
6.2.1. 1ª fase – Construção.....	29
6.2.2. 2ª fase – Reformulações.....	30
6.2.3. 3ª fase – Uso.....	31
6.2.4. 4ª fase – Abandono inicial.....	31
7. Os objetos cerâmicos - Quantificação	33
7.1. Cerâmica de cozinha	34
7.1.1. Panelas.....	34
7.1.2. Caçoilas.....	37
7.2. Cerâmica de mesa	39
7.2.1. Jarras, jarros e jarritas.....	39
7.2.2. Tigelas.....	41
7.2.3. Taças.....	43
7.2.4. Púcaros.....	44
7.2.5. Bilhas.....	44
7.2.6. Garrafas.....	44
7.3.7. Bules.....	45
7.3. Cerâmica de armazenamento	45
7.3.1. Potes.....	45
7.3.2. Cântaros.....	47
7.3.3. Talhas.....	47
7.4. Cerâmica multifuncional	48
7.4.1. Alguidares.....	48

7.5. Cerâmica de iluminação	49
7.5.1. Candis.....	49
7.6. Cerâmica auxiliar	49
7.6.1. Testos	49
7.6.2. Suporte de talha.....	50
7.6.3. Fogareiro	50
8. Objetos cerâmicos – Produções	52
8.1. Produções não vidradas.....	52
8.2. Produções vidradas.....	56
9. Objetos cerâmicos – Cozedura	59
10. Objetos cerâmicos – Decoração	60
10.1. Cerâmica não vidrada.....	60
10.1.1. Pintura a branco.....	60
10.1.2. Pintura a vermelho	61
10.1.3. Pintura a preto	62
10.1.4. Engobe.....	62
10.1.5. Brunido.....	62
10.1.6. Decoração incisa	63
10.1.7. Decoração excisa.....	63
10.1.8. Aplicações plásticas	63
10.2. Decoração vidrada.....	63
10.2.1. Decoração monocroma.....	64
10.2.2. Vidrado bícromo	65
10.2.3. Vidrado policromo	65
10.2.4. Corda seca parcial	66
10.2.5. Corda seca total.....	66
11. Objetos não cerâmicos	68
12. Interpretação das fases ocupacionais das habitações 1 e 6	71
12.1. Fase 1 – Construção.....	71
12.2. Fase 2 – Reformulações.....	73
12.3. Fase 3 – Uso.....	75
12.3.1. As unidades [2233] e [2236] – contexto de uso da cozinha.....	76
12.3.2. As unidades [1578] e [1579]	77
12.4. Fase 4 – Abandono.....	78
12.4.1. Abandono inicial	78
12.4.2. Abandono tardio.....	82
13. Materiais sem referência contextual	84
14. CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

ANEXOS.....	1
1. O sítio arqueológico.....	1
2. Metodologias.....	12
3. Quantificação dos materiais das fases de ocupação.....	13
4. Quantificação tipológica das formas cerâmicas.....	26
5. Catálogo de tipologias.....	38
6. Cultura material por faseamento.....	82
7. Materiais sem referência contextual.....	140
8. Inventário.....	160

LISTA DE ABREVIATURAS

CIGA – Cerâmica Islâmica do *Gharb al-Andalus*

CM – Centímetro (s)

ENP – Elemento (s) não plástico (s)

M – Metro (s)

MM – Milímetro (s)

NARC – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros

U.E. – Unidades (s) estratigráfica (s)

INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi realizada no âmbito da componente não letiva do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob orientação do Prof. Doutor Rodrigo Banha da Silva.

Nela apresentam-se os resultados do estudo das arquiteturas e cultura material de duas unidades habitacionais do bairro islâmico da Praça da Figueira, Lisboa. O sítio (anexos, figuras 1 e 2, p.1) localiza-se na encosta poente do morro do Castelo de São Jorge, na confluência entre o esteiro da Baixa – aquífero do rio Tejo formado no quaternário –, com as ribeiras de Valverde e de Arroios, qualquer dos talwegues hoje oculto (Silva 2013, p. 40; Silva, Gomes e Gomes 2011, p. 18).

Embora esta área tenha sido alvo de trabalhos arqueológicos na década de 60, dirigidos por Irisalva Moita e Bandeira Ferreira, os contextos medievais islâmicos foram identificados apenas três décadas mais tarde, na campanha de 1999-2001. Esses vestígios correspondem à parcela de um bairro suburbano (anexos, figura 3, p. 2), onde se reconheceram 18 unidades domésticas e 5 vias de circulação. Pertencentes a esse conjunto, as habitações 1 e 6 – e os seus vestígios materiais – servem de objeto de análise desta investigação.

A partir dos objetos de estudo, abordados de forma sistemática, pretendeu-se, em primeiro lugar, contribuir para o conhecimento do urbanismo das zonas arrabaldinas da cidade medieval muçulmana, suas funcionalidades e espacialidades, e, assim, facultar à comunidade estes elementos para a elaboração de leituras mais refinadas da evolução da própria cidade durante a época medieval muçulmana.

Noutro sentido, o estudo daqueles elementos visou, numa perspetiva histórica e antropológica, aflorar os vestígios dos quotidianos do segmento social que vivenciou o bairro do arrabalde ocidental de *al-Ushbuna*.

Ademais, e no que se refere especificamente às arquiteturas, necessariamente se contrastaram os elementos trabalhados com os de outras zonas funcionais da mesma cidade, como com elementos de outros centros urbanos do *Gharb al-Andalus*.

A análise do acervo cerâmico recolhido na intervenção arqueológica procurou, de outro modo, aduzir novos dados acerca das materialidades em estudo, tendo sido

produzida através de uma abordagem comparativa com as de outras realidades do *al-Andalus*. Neste sentido, e partindo da base contextual estratigráfica, esta abordagem visou também fornecer propostas de cronologia para as diversas fases de ocupação do bairro e proporcionar leituras de aspetos ligados à dinâmica comercial e produtiva medieval que teve lugar na cidade de Lisboa nas etapas finais do período de domínio islâmico.

Tendo sempre presente que a cidade é, por definição, um lugar heterotópico, o estudo cerâmico executado compôs uma amostragem cuja comparação com outras já antes estudadas do local foi executada, originando, no seu conjunto, um instrumento passível de futura contrastação com as dotadas de outros enquadramentos socioeconómicos e culturais da própria cidade já disponibilizadas pela investigação arqueológica sobre Lisboa.

1. PROBLEMÁTICAS

A casa corresponde – no mundo islâmico, assim como na maioria das sociedades – ao “verdadeiro paraíso dos objetos” (De Seta 1989, p. 105), espaço onde estes são utilizados para a satisfação das necessidades do humano nas mais variadas tarefas quotidianas. Desta forma, e numa primeira instância, a análise das habitações 1 e 6 do bairro islâmico da Praça da Figueira e cultura material associada procura, através de um estudo dos objetos e a sua relação com os espaços e estratigrafias, compreender os quotidianos que tiveram lugar neste tempo e espaço.

Tendo em conta que a maioria do espólio analisado corresponde a materiais cerâmicos, procura-se também contribuir com novos dados sobre o consumo de cerâmica na cidade de *al-Ushbuna* num período compreendido entre o último século de domínio islâmico e as primeiras décadas do período sob jugo português.

A terceira problemática prende-se com o facto de a Praça da Figueira – onde foram identificadas as habitações em estudo – se localizar na cidade de Lisboa, isto é, num contexto urbano específico. Concordando com os traços gerais da proposta de contornos conceptuais de arqueologia urbana apresentada por Alexandra Gaspar, Francisco Sande Lemos e Manuela Delgado, no I Encontro de Arqueologia Urbana, em 1985 (Gaspar, Lemos e Delgado 1986), procurarei encarar o sítio arqueológico numa perspetiva mais ampla, explorando a relação dialética entre o bairro islâmico da Praça da Figueira, suburbano, e a cidade coeva, no seu sentido mais estrito. Deve-se este entendimento ao facto de a cidade ser um local heterotópico e a sua leitura global só ser possível mediante o estudo dos diversos sítios que a compõem. É com base nesta conceção que considero este estudo necessário para desenvolver o conhecimento sobre as duas cidades de Lisboa: a cidade atual e a Lisboa do período medieval islâmico – *al-Ushbuna*.

Em relação à primeira, importa apenas referir que o crescimento recente dos setores do turismo e da construção civil têm contribuído para o aumento das intervenções arqueológicas, com vista à salvaguarda do seu património. De acordo com o Portal do Arqueólogo, foram identificados 582 sítios arqueológicos no Concelho de Lisboa, com cronologias desde o Paleolítico (“Calçada dos Mestres” e “Poente do Aqueduto das Águas Livres”) e o Período Contemporâneo. Desta forma, os resultados aqui produzidos

procurarão contribuir com novos elementos pré cognitivos a ter em conta nas futuras intervenções arqueológicas na cidade de Lisboa.

Próxima do oceano Atlântico e do rio Tejo, Lisboa desenvolveu na sua história longa um denso povoamento, que encontrava nessas águas os recursos e matérias-primas de que necessitava, bem como uma via que a ligava a outros territórios, mais ou menos distantes (Torres 1995, p. 428). Por isso a Península de Lisboa é, desde a antiguidade, um espaço privilegiado para a fixação humana.

Apesar de não ter atingido a dimensão ou importância de Córdoba, Sevilha ou Granada, *al-Ushbuna* terá sido a maior cidade do *Gharb al-Andalus*. Cláudio Torres propõe que a Lisboa Islâmica, à data da conquista cristã da cidade, tivesse uma concentração populacional a rondar as 20 ou 25 mil pessoas, e uma área urbana de aproximadamente 30 hectares (Torres 1995, pp. 430-431).

O urbanismo no arrabalde ocidental, espaço onde se inseria o bairro da Praça da Figueira, parece ter surgido em finais do século IX ou inícios da centúria seguinte, tendo crescido progressivamente a partir desse período, aspeto comprovado pelo aumento dos contextos arqueológicos enquadráveis nos séculos XI e XII (Silva 2017, p. 252).

A instalação do bairro foi realizada de forma sincrónica, algures no final do século XI ou na primeira metade do século XII, provavelmente durante o domínio almorávida da cidade (Silva 2012, p. 9). As habitações seguiam os cânones arquitetónicos das casas de pátio do *al-Andalus*, verificando-se, no entanto, a ausência do saguão, cuja funcionalidade seria criar uma entrada cega para o interior da casa, permitindo uma maior privacidade no lar. A observação do registo da escavação demonstra a ausência da estrutura em causa em todas as habitações, com exceção da casa 9. Esta característica apresenta-se como excecional nos contextos urbanos do *al-Andalus*, em contraste com as casas de espaços rurais contemporâneas, onde é comum não existir este elemento. Desta forma, a proveniência rural dos habitantes deste bairro, deslocados por conta do movimento de expansão cristã, será uma hipótese a ter em conta.

Procurar-se-á também, com base no estudo dos contextos em estratigrafia, propor cronologias para as várias fases de ocupação das habitações, de forma a compreender se os dados vão ao encontro das propostas já enunciadas antes, noutros trabalhos sobre o sítio. A análise permitiu a formulação de quatro momentos de ocupação distintos, correspondentes à sua fase de instalação/construção, reformulações, uso e abandono. A

segunda fase, relacionada com um conjunto de intervenções arquitetónicas nas estruturas, levanta um conjunto de questões sobre a data de abandono do bairro, assim como sobre as dinâmicas familiares que as terão motivado

2. ESTADO DA ARTE

2.1. Antecedentes da disciplina de Arqueologia Medieval Islâmica

O interesse das sociedades humanas pelo passado histórico manifestou-se sobretudo no início da Idade Moderna, com o movimento social e cultural a que se deu o nome de Renascimento. No entanto, os principais vestígios alvo deste interesse diziam respeito às civilizações grega e romana, colocando-se de lado o Período Islâmico. Esse fenómeno talvez possa ser explicado por fatores de ordem política, tal não seja a proximidade – tanto histórica como geográfica – com o reino de Granada e os poderes islâmicos do norte de África (Gomes 2002, p. 204).

Temos de aguardar até ao século XVIII para ver a primeira referência ao património islâmico. Em 1721, D. João V promulga um decreto que visava a proteção de monumentos históricos, entre os quais menciona os “arábicos” (Gomes 2002, p. 204).

No século XIX, o movimento Romântico vai servir-se do legado islâmico. Com maior incidência em território espanhol, também se manifestou em Portugal, tendo sido várias as obras literárias com personagens e cenários islâmicos. É também nesta fase que começa a ser feita a investigação arqueológica com vista ao conhecimento deste período. Em 1880, Estácio da Veiga menciona o interesse dos “sábios” pelas peças de arte islâmica, destacando a jarra de Alhambra, enquanto tece a crítica em relação à falta de especialistas, trabalhos arqueológicos e museus em Portugal capazes de desenvolver o estudo de materiais desta cronologia. Menciona também a importância da cerâmica comum, que era negligenciada pelos investigadores (Gomes 2002, p. 203). O mesmo arqueólogo foi responsável pela escavação de silos medievais em Aljezur e estudo dos castelos de Aljezur e Monchique. No entanto, foi o seu trabalho em Mértola que merece o principal destaque, tendo contribuído para o conhecimento dos vestígios islâmicos da alcáçova e restante núcleo urbano (Gomes 2002, p. 205).

Juntamente com Estácio da Veiga, outros arqueólogos contribuíram para os primeiros passos da arqueologia islâmica em Portugal. José Leite de Vasconcellos, apesar de não ter escavado contextos islâmicos, reuniu um conjunto de peças desta cronologia, as quais levou para o Museu Etnológico e publicou no *Arqueólogo Português*. Foi também responsável por transmitir importantes indicações sobre o povoado de Alcaria

Longa (Mértola), referindo que o local possuía casas islâmicas, que no final do século XX serão escavadas por James Boone (Gomes 2002, p. 206; Boone 1993).

Abel Viana realizou importantes estudos, entre os quais do espólio dos museus de Beja e Lagos (embora sem estudos crono-estilísticos) e escavou o Castelo de Nossa Senhora da Cola (Ourique), tendo publicado a planta do seu *hisn* (Gomes 2002, p. 206/207).

Na década de 1940, ao abrigo dos trabalhos de restauro levados a cabo pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), vários dispositivos defensivos de origem islâmica são intervencionados. Não foram realizadas escavações arqueológicas, no entanto, foi feito o registo gráfico das estruturas, permitindo assim observar o estado das mesmas antes dos restauros, que levaram à destruição de contextos e à perda de espólio (Gomes 2002, p. 206). De realçar também, em 1940, a primeira abordagem historiográfica à presença islâmica na Península Ibérica, com os dois capítulos “O Domínio Árabe”, presentes na História de Portugal, dirigida por Damião Peres (Fernandes e Macias 2011, p. 167).

2.2. Pós 25 de abril - Afirmação da Arqueologia Medieval Islâmica

Os anos 70 marcam um ponto de viragem na investigação do período islâmico e desenvolvem-se as bases para a afirmação da disciplina. Em primeiro lugar, considero que isso se deve a uma mudança de paradigma. Se entendermos o património enquanto os bens materiais ou imateriais que um grupo, sociedade ou Estado seleciona de forma a representar uma identidade coletiva, compreendemos que o conhecimento do período islâmico não faria certamente parte dos objetivos políticos da ditadura, que recorria a outros períodos do passado, nomeadamente à criação de Portugal e à expansão marítima, para concretizar o ideal de Nação orgânica. Com a queda deste regime, terá existido uma maior abertura à sua investigação, em parte motivada pelo Estado, como apresentarei de seguida.

O primeiro contributo desta década diz respeito aos trabalhos no Cerro da Vila (Vilamoura/Loulé), dirigidos por Fernando de Almeida e depois por José Luís de Matos. Em 1972 tem início a publicação da coleção “Portugal na Espanha Árabe”, coordenada por António Borges, a qual inclui textos do período islâmico, traduzidos a partir do espanhol e francês (Fernandes e Macias 2011, p. 168).

Outro grande fator para o desenvolvimento desta área está relacionado com o papel dos municípios, o qual fiz menção no primeiro parágrafo. Com a autonomia que a democracia garantiu às Câmaras Municipais, estas apostaram na arqueologia de forma a criar desenvolvimento para a região. Esse fenómeno foi bastante forte no sul, onde os vestígios islâmicos tiveram um papel preponderante, destacando-se os projetos pioneiros realizados em Mértola e Silves (Fernandes e Macias 2011, p. 168).

O conhecimento da cidade islâmica de Mértola beneficiou muito da criação, em 1978, do Campo Arqueológico de Mértola, uma associação cultural e científica que promove o desenvolvimento da investigação numa perspetiva pluridisciplinar, inserindo-se simultaneamente num projeto de desenvolvimento integrado de reabilitação socioeconómica do território. As intervenções arqueológicas desenvolvidas na vila desde os anos 70 permitiram a identificação da sua estrutura urbana, dividida em 4 espaços: alcáçova, medina, arrabalde e necrópole (Martínez et al 2009, p. 414). Além de ter dado continuidade ao estudo pioneiro de Estácio da Veiga, o Campo Arqueológico de Mértola desenvolve também importantes exposições, encontros científicos de âmbito nacional e internacional e publicações, das quais se destaca a revista *Arqueologia Medieval* (Tente 2018, p. 56). O bairro da alcáçova de Mértola foi, em 1995, objeto de tese por parte do Doutor Santiago Macias (Tente 2018, pp. 75 e 76).

Relativamente a Silves, a sua investigação foi desenvolvida pela professora Rosa Varela Gomes, docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O projeto “Evolução Humana no Concelho de Silves, da Pré-História à Idade Moderna”, aprovado em 1980 pelo IPPC, produziu um conjunto de resultados inéditos, entre os quais relacionados com a estrutura defensiva da cidade, espaços habitacionais, poço-cisterna e palácio do governador, este último sendo o único exemplar de um espaço palatino identificado no atual território português (Gomes 2002a, pp. 207-209; Gomes 2002b; Gomes 2006; Gomes 2011). As escavações de Silves foram alvo de estudo nas dissertações de mestrado (1987) e doutoramento (2000) da Doutora Rosa Varela Gomes (Tente 2018, p. 76), e o primeiro estudo sobre faunas de época islâmica em Portugal foi desenvolvido pelo Doutor Miguel Telles Antunes, utilizando o espólio faunístico proveniente do Castelo de Silves (Gomes 2002. P. 210).

Ao nível dos estudos de cerâmica, realizou-se em Lisboa, no ano de 1987, a 4ª edição do Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental”, cujo contacto com as investigações de Espanha, Itália e França contribuíram para um

grande desenvolvimento desta temática em Portugal. Neste congresso foram apresentadas cerâmicas de “Mértola, Beja, do Cerro da Vila, de Silves e as primeiras peças de Cascais” (Inácio, Santos e Coelho et al. 2014, n.p.). Neste âmbito, soma-se o contributo da já mencionada revista *Arqueologia Medieval*, do Campo Arqueológico de Mértola.

A década de 90 é marcada pela expansão da arqueologia urbana, que afetou sobretudo as cidades de Lisboa, “Santarém, Torres Vedras, Sintra, Almada, Palmela, Alcácer do Sal, Juromenha, Évora, Moura, Silves e Tavira” (Inácio, Santos e Coelho et al. 2014, n.p.).

Em Lisboa, os trabalhos de arqueologia urbana permitiram identificar vestígios islâmicos sob a Sé Catedral, Castelo de São Jorge e “Baixa Pombalina”, nomeadamente no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Mandarim Chinês e Praça da Figueira (Inácio, Santos e Coelho et al. 2014, n.p.).

Também no mundo rural, nesta década são apresentados os resultados das escavações realizadas na Alcaria Longa (Mértola), desenvolvidas por James Boone (Boone 1993) e a tese de Helena Catarino sobre a ocupação islâmica e recintos fortificados no Algarve Oriental, obra que serve de referência para o estudo das comunidades rurais dessa região (Inácio, Santos e Coelho et al. 2014, n.p.)

Por fim, em 1998 realizou-se no Museu Nacional de Arqueologia a exposição Portugal Islâmico, que representou grande importância na divulgação do património islâmico para o grande público (Tente 2018, p. 73; Inácio, Santos e Coelho et al. 2014, n.p.).

2.3. O Século XXI:

As últimas duas décadas são de notável crescimento da disciplina. Os projetos de investigação em Mértola e Silves tiveram continuidade, ao mesmo tempo que noutros centros urbanos o crescimento da arqueologia preventiva contribuiu com novos dados acerca deste período. Este aspeto é particularmente importante para a cidade de Lisboa, tendo por isso dedicado neste plano de tese um ponto relativo ao estado da sua investigação.

No que diz respeito à arqueologia em espaço rural, esta área não teve um crescimento tão acentuado como aquele sentido em espaços urbanos. O conhecimento que temos do mundo rural islâmico é maior no sul, continuando a tendência verificada no século XX, que nas últimas duas décadas apenas foi aumentando por um pequeno

conjunto de intervenções. Na zona do algarve oriental, dois projetos rodoviários (um relativo ao IC27 e outro à A2) levaram à realização de trabalhos de minimização de impacto, os quais permitiram a identificação de duas alcarias. Os trabalhos de 2000 e 2001 em Almodôvar puseram a descoberto um povoado composto por 5 habitações (Melro, Gonçalves e Clélia 2004), enquanto em Odeleite a alcaria apresentava uma maior dimensão, tendo sido escavadas nove habitações (Santos 2006). As respetivas entidades responsáveis pelas escavações procederam à divulgação dos resultados, no entanto, não estudaram o seu espólio, o que é uma situação comum na praxis das empresas de arqueologia. Contudo, os materiais do edifício 5 da alcaria dos Guerreiros de Cima (Almodôvar) foram objeto de estudo na tese de mestrado da Sara Silva (Silva 2015).

O século XXI marca também o estudo dos dois únicos *ribats* conhecidos no atual território português. O projeto de escavação realizado no *ribat* da Arrifana, dirigido pela Doutora Rosa Varela Gomes e pelo Doutor Mário Varela Gomes, teve início em 2001, motivado pela vontade da Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur na preservação e estudo dos testemunhos islâmicos ali reconhecidos (Gomes e Gomes 2004, p. 490).

A descoberta do *ribat* do Alto da Vigia ocorreu em 2008, no contexto de trabalhos arqueológicos para a instalação de um passadiço (Gonçalves 2019). Desde essa data que a escavação está inserida num projeto plurianual, dirigido pelo arqueólogo Alexandre Gonçalves do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

O estudo da cerâmica islâmica sofreu um grande desenvolvimento nos últimos anos. A primeira década do século XXI é marcada pela publicação de diversos trabalhos sobre o espólio cerâmico recolhido na década de 90 na escavação do NARC/Mandarin Chinês, que forneceram novos dados acerca da produção e consumo de cerâmica na cidade de Lisboa (Bugalhão, Gómez Martínez e Gomes et alii 2008; Bugalhão e Gómez Martínez 2003).

Mas é em 2010, com a criação do CIGA – Grupo de Investigação sobre a Cerâmica Islâmica do *Gharb al-Andalus* – que esta área de investigação recebe um grande impulso. Reunindo mais de uma dezena de investigadores com importante experiência no estudo de cerâmica islâmica, nomeadamente Helena Catarino, Jacinta Bugalhão, Ana Sofia Gomes e Susana Gómez Martínez, este grupo surgiu com o objetivo de criar um projeto de sistematização para a cerâmica do ocidente do *al-Andalus*, e desde então tem

contribuído para o seu conhecimento, com a publicação de diversos trabalhos (Liberato et al 2006; Gómez Martínez et al 2012; Gómez Martínez et al 2015). A primeira publicação do grupo CIGA consistiu justamente numa proposta de sistematização para a cerâmica islâmica, cuja metodologia é usada como referência em diversos trabalhos de investigação e académicos que a sucederam (Bugalhão et al, 2009).

Do ponto de vista da divulgação científica, realizada através de conferências, exposições e publicações, o panorama atual também é bastante positivo e denota-se um grande desenvolvimento desde a anterior centúria. Os primeiros anos foram marcados por exposições realizadas no Museu Nacional de Arqueologia relativos ao período islâmico – exposição sobre o palácio almóada de Silves (2001), contextos muçulmanos (2002) e Tavira em época islâmica (2003).

Foram também várias as exposições realizadas no sul do país. Em 2003 tiveram início os Encontros de Arqueologia do Algarve, organizados em Silves. Em 2009, Mértola organiza o encontro *Gharb al-Ândalus* (Tente 2018, p. 73). Dois anos depois, Silves recebe a exposição *Do Garb ao Algarve: Uma Sociedade Islâmica do Ocidente*, e em 2011 tem início *Signos do Quotidiano. Gestos, Marcas e Símbolos no Al-Andalus*, que percorreu várias cidades (Tente 2018, pp. 74 e 75).

Relativamente ao estudo de fortificações, é importante mencionar o encontro realizado em 2000, em Palmela, intitulado *Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, seguida, 10 anos depois, pelo encontro em Óbidos *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)* (Tente 2018, p. 73).

Em janeiro de 2020 tiveram lugar em Palmela as Jornadas Internacionais *Terra, Pedras e Cacos do Gharb al-Andalus*, organizada pelo CIGA com o objetivo de relançar o debate sobre o período islâmico em Portugal.

No ano transato, a exposição *Guerreiros e Mártires. A Cristandade e o Islão Na Formação de Portugal*, desenvolvida no Museu Nacional de Antiga, procurou, a partir dos “Mártires de Marrocos”, criar uma narrativa que apresentasse ao grande público a dinâmica da expansão cristã no ocidente peninsular e o contacto/confronto entre estas duas civilizações.

Por fim, considero importante destacar o papel da investigação académica para o estado da arte da disciplina. Se no século XX era possível contar pelos dedos das mãos o número de dissertações de mestrado e doutoramento relativos à Arqueologia Medieval

Islâmica, hoje essa contagem não é tão fácil, dado o visível aumento de teses dedicadas à temática. Tal fenómeno pode ser explicado com o novo Regulamento de Trabalhos Arqueológicos aprovado em 2014, que estabelece a obrigatoriedade do mestrado para a direção de escavações arqueológicas e outras ações intrusivas de forma autónoma (Tente 2018, p. 77). Os trabalhos académicos têm um papel de grande importância na situação atual da arqueologia, nomeadamente da arqueologia medieval islâmica, na medida em que, muitas vezes, são os responsáveis pelo estudo de contextos escavados por empresas de arqueologia em intervenções de emergência/salvaguarda.

O primeiro trabalho dirá respeito à tese de doutoramento da Doutora Susana Gómez Martínez, defendida em Madrid, na qual apresenta o estudo de cerâmicas islâmicas de Mértola (Inácio et al. 2014).

Neste âmbito académico, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa é a instituição na qual foram defendidos o maior número de trabalhos com a temática do período medieval islâmico, entre os quais começo por destacar as dissertações de mestrado da Vanessa Filipe sobre a presença islâmica em Évora (Filipe 2012) e da Andreia Rodrigues sobre os silos da igreja de São Lourenço, identificados nos trabalhos arqueológicos dos anos 90. O estudo dos materiais cerâmicos provenientes desses silos permitiu aferir a cronologia correspondente às fases de abandono do espaço, situadas entre os finais dos séculos IX/X até ao século XV, bem como fornecer novos dados acerca das cerâmicas consumidas na cidade (Rodrigues 2018, pp. 90-91).

A escavação de 1999-2001 na Praça da Figueira, além de ter proporcionado várias teses para cronologias de época romana, baixo-medieval e moderna, contribuiu para a realização de duas teses de época islâmica, orientadas pelo Doutor Rodrigo Banha da Silva. Em 2018, a unidade habitacional P/Q 9-11 do bairro foi estudada pelo Duarte Mira, no âmbito da sua dissertação de mestrado. Com base na morfologia da habitação e na sua cultura material, o Duarte conseguiu descrever a funcionalidade dos vários espaços da casa e deu uma nova leitura sobre a formação do bairro islâmico da Praça da Figueira (Mira, 2018, pp. 95-99). Mais recentemente, a Inês Pires defendeu o seu relatório de estágio sobre o espólio cerâmico recolhido na via F (Pires 2020). A análise desse conjunto contribuiu para o aumento do conhecimento em relação ao consumo cerâmico no arrabalde ocidental e na cidade de *al-Ushbuna*, tendo sido identificadas peças de diversas tipologias e proveniências (Pires, 2020, pp. 97-100).

Da Universidade do Algarve saíram as teses de mestrado de Sandra Cavaco sobre o arrabalde da Bela Fria (Cavaco 2011); da Maria José Gonçalves sobre Silves (Gonçalves 2008); da Soraia Martins sobre faunas do Castelo de Salir (Martins 2013); e da Maria José Serra sobre estruturas habitacionais islâmicas no território algarvio, sob orientação do Doutor Santiago Macias (Serra 2013). Em 2016, João Ferreira Marques defendeu a sua tese de doutoramento em Évora, com a temática do povoamento rural no troço médio do vale do Guadiana (Marques 2016).

2.4. A Lisboa Islâmica

A primeira leitura sobre a cidade islâmica de *al-Ushbuna* (anexos, figura 1, p. 1) foi elaborada pelo arqueólogo Cláudio Torres, em 1995, no 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Torres 1995). Esse artigo baseou-se sobretudo em fontes históricas (que infelizmente são escassas) e na análise da cidade atual, não beneficiando de resultados arqueológicos, que só nos anos seguintes começaram a ser divulgados (Bugalhão 2009, p. 381).

27 anos depois, temos um maior conhecimento da cidade de Lisboa em época Islâmica. É seguro afirmarmos que *al-Ushbuna* seria uma cidade com uma área entre 50 e 60 hectares, sendo apenas um terço dessa dimensão correspondente ao espaço intramuros. Apresentava também uma grande densidade populacional e multiculturalidade, verificando-se a convivência pacífica entre os crentes das três religiões do livro (Matos 2015, pp. 2-9).

A cidade teria à sua cabeça um alcaide, que habitaria na zona da alcáçova. Esse espaço foi alvo de escavações arqueológicas, iniciadas em 1996, permitindo a identificação de um bairro islâmico composto por um conjunto de casas e de ruas bem definidas (Gomes et al 2003, pp. 218-219). Construídas no século XI, as casas seguem o modelo típico do espaço mediterrânico e apresentam elementos arquitetónicos que revelam o elevado estatuto social dos seus moradores, nomeadamente pela presença de estuques decorados (Gomes et al 2003, p. 221).

Na zona da medina, sob a atual Sé de Lisboa, estaria erguida a mesquita aljama da cidade. Essa informação é transmitida pelas fontes históricas e suportada pelos resultados das escavações decorridas no claustro da Sé entre 1990 e 2000, embora não haja consenso entre os especialistas de que essas estruturas digam respeito à mesquita (Matos 2015, pp. 8-9; Bugalhão 2009, p. 386).

A medina de *al-Ushbuna* encontrava-se amuralhada pela “Cerca Velha”, estrutura defensiva com 1250 metros de perímetro que condicionou a malha urbana até à atualidade e que ainda se encontra visível em alguns pontos da cidade (Mota et al. 2018, p. 498). Os autores árabes referem a existência de cinco ou seis portas na cidade. A porta principal seria a Porta Grande (*al-Bab al-Kabir*), “constituída por uma dupla arcaria e fixada em pedras de mármore”, que juntamente com a Porta do Postigo (*Bab al-Hawha*), faziam a ligação entre a Medina e o arrabalde ocidental, onde se situavam áreas de produção, hortas e habitação (Mota et al. 2018, p. 499).

Até ao momento dos trabalhos arqueológicos realizados entre 2005 e 2013, em vários pontos da cerca velha, existiam várias lacunas no conhecimento da estrutura defensiva, nomeadamente em relação à cronologia da sua construção (Carvalhinho, Mota e Miranda 2015, p. 299).

As zonas de arrabalde são os espaços que reúnem o melhor conjunto de informação sobre a cidade. Os primeiros trabalhos arqueológicos no espaço extramuros foram realizados no Núcleo Arqueológico da Rua dos Coreeiros/BCP e no Mandarim Chinês (1991-1995 e 1993-2000, respetivamente), ambos sob a direção científica da arqueóloga Jacinta Bugalhão. Estas duas intervenções, no seu conjunto, permitiram a identificação de espaços habitacionais, espaços públicos e um centro de produção cerâmico composto por cinco fornos. A arqueóloga aponta como cronologias de ocupação e laboração dos fornos os séculos X (ou finais do IX) a meados do século XII (Bugalhão, Folgado 2001, pp. 115 e 126). A identificação desta olaria revela-se de extrema importância para o estudo da cidade e das cerâmicas islâmicas, tendo em conta que foi o primeiro centro de produção arqueologicamente conhecido em *al-Ushbuna*, e as características das peças aí produzidas permitem estabelecer paralelos, de forma a identificar as cerâmicas de proveniência local em outros contextos da cidade.

Na zona da atual Praça da Figueira, a intervenção arqueológica realizada entre 1999 e 2001 permitiu a identificação de um bairro islâmico, composto por dezoito unidades habitacionais e cinco vias, cujo espólio recolhido permite atribuir ao bairro uma ocupação entre os finais do século XI e o século XII (Silva, Gomes, Gomes 2011, pp. 19-25). Os resultados preliminares da escavação foram apresentados em dois artigos da autoria do professor Rodrigo Banha da Silva, o primeiro elaborado em conjunto com os professores Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes (Silva, Gomes, Gomes 2011; Silva, 2012). Um pouco mais a sul, na confluência entre a Rua dos Correeiros nº 194-208

e Rua de Santa Justa nº 42 a 48, outra intervenção arqueológica levada a cabo em 2001, revelou a continuidade desse mesmo bairro, bem como vestígios de uma fase de ocupação anterior, de carácter agrícola (Filipe et al. 2015, p. 711).

A zona noroeste do arrabalde ocidental teria uma vocação mais direccionada para a produção agropecuária, como foi possível comprovar após a campanha de 2005 em três zonas da colina de Sant'Ana (Calado, Leitão, 2005 p. 467).

Em 2015, a intervenção arqueológica no interior do edifício 73-77 na Rua da Conceição permitiu a identificação de um edifício que os investigadores interpretam como sendo uma mesquita, tendo em conta as suas características arquitetónicas. Esta corresponde à primeira descoberta de uma mesquita em espaço de arrabalde na cidade de *al-Ushbuna* (Caessa, Nozes e Mota 2018, pp. 532-533).

Apesar do menor número de dados arqueológicos sobre o arrabalde oriental, é este que o geógrafo *al-Udhri* destaca pela sua dinâmica e “fontes de águas quentes e frias” (Gonçalves 2011, p. 57).

À semelhança do arrabalde ocidental, o arrabalde oriental de *al-Ushbuna* é também caracterizado pela existência de atividades artesanais. No Largo do Chafariz de Dentro foram identificados vestígios de produção de cerâmica comum e de construção (telhas e tijolos), e no Largo das Alcaçarias identificaram-se 2 fornos cerâmicos de barras e entulheiras de uma olaria (Silva 2008, p. 19).

Na área mais próxima da zona ribeirinha documentam-se arqueologicamente estruturas associadas à produção agrícola no Beco do Azinhal, um poço no Beco do Pocinho e estruturas com funções não identificadas no Largo de S. Miguel, Rua de São Miguel nº 43, Rua dos Remédios e Rua da Regueira. Estes vestígios estruturam-se em torno da estrada de origem Alto Imperial que, partindo da Porta de Alfama, se dirigia para norte (Chelas, Olivais, Sacavém e terminando em Santarém) (Silva 2008, p. 20).

O arrabalde ocidental apresenta também vestígios de enterramentos (necrópole) de período islâmico. As fontes históricas sugeriam a existência de cemitérios nas encostas de São Vicente de Fora desde o século XI, cuja desativação terá como limite cronológico máximo os finais do século XIII, momento em que são implantadas as Escolas Gerais na zona (Filipe, Toso, Inocêncio 2015, p. 346). Os trabalhos arqueológicos no imóvel da Calçadinha do Tijolo 37-43 revelaram a existência de um conjunto de cinco inumações, todas elas seguindo o ritual islâmico (Filipe, Toso, Inocêncio 2015, pp. 339-341).

Por fim, *al-Ushbuna* seria também composta por uma rede viária que ligava os vários espaços da cidade entre si e ao exterior. Com base nos vestígios arqueológicos identificados até à data e em fontes históricas, iconográficas e cartográficas, o historiador Manuel Fialho elaborou uma proposta do sistema viário da cidade de Lisboa para período medieval. O investigador do Gabinete de Estudos Olisiponenses propõe que, no espaço da medina, o antigo *decumanus* de época romana continuava a ser a principal via da cidade, ligando a Porta Grande à Porta de Alfama, prolongando-se a oriente até Santarém. Considera também terem existido duas vias que partiam da Porta do Cemitério em direção à Porta Grande e à Porta da Alfofa (Silva 2012, p. 139).

3. METODOLOGIA

A primeira tarefa consistiu na visita à Praça da Figueira, de forma a compreender a sua inserção na malha urbana da cidade de Lisboa, que em período islâmico se situava no exterior da “cerca moura”. A visita incluiu outros sítios de interesse para o estudo, como alguns limites da cerca – Casa dos Bicos e Largo de Santo António da Sé –, Castelo de São Jorge, Alfama e Mouraria.

Paralelamente a outras tarefas, procedeu-se à recolha de bibliografia relevante para os temas aqui abordados. Face à situação pandémica vivida em 2020, grande parte da bibliografia foi obtida em formato digital, possível graças a plataformas online como o *Run* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, *Google Scholar*, *AcademiaEdu*, *Digital Csic*, *Research Gate*, Repositório Científico do Campo Arqueológico de Mértola e *Mendeley*. No entanto, muitas obras foram consultadas em bibliotecas e arquivos, nomeadamente na Biblioteca Mário Sottomayor Cardia, Biblioteca Nacional e Biblioteca de Arqueologia do Palácio Nacional da Ajuda.

Antes de proceder à análise do espólio, é essencial compreender a estratigrafia do sítio e as fases de ocupação do mesmo. Apesar de, até à data, a intervenção de 1999 a 2001 na Praça da Figueira carecer de relatório, o Professor Rodrigo Banha da Silva disponibilizou-me todo o registo de escavação das quadrículas S/T/U – 2, 3, 4, 5 e 6, que inclui as respetivas fichas, matriz de *Harris*, o registo gráfico e fotográfico. Conteí ainda com a presença frequente do professor para o esclarecimento de qualquer questão sobre a escavação e os seus materiais.

Os dados das fichas estratigráficas da escavação foram passados para uma folha *Excel*, enquanto a matriz de *Harris* foi elaborada com auxílio do software *Harris Matrix Composer*. De forma a facilitar a leitura estratigráfica, as matrizes (anexos, figura 15, p. 10; anexos, figura 16, p. 11) foram realizadas de maneira simplificada, procurando, em alguns casos, privilegiar o contexto, sem que isso condicionasse a relação entre as unidades. Nas situações em que não foi possível recuperar os dados dessa relação, optei por propô-la, representando as linhas a tracejado.

Alguns elementos do registo gráfico e fotográfico foram também digitalizados, encontrando-se no anexo da dissertação.

A tarefa seguinte consistiu na organização dos sacos de espólio provenientes das quadrículas S/T/U – 2/3/4/5/6 da campanha de escavação de 1999-2001. Inicialmente os sacos foram organizados por quadrícula – alfabeticamente – e por unidade estratigráfica – numericamente –, de forma a facilitar o seu registo em folha *Excel*. Foram tidas em conta todas as informações marcadas no saco – escavação, data, setor, unidade estratigráfica, número de saco e quaisquer notas adicionais –, bem como o seu estado de integridade ou o da sua marcação. Tendo em conta que a escavação se realizou há mais de duas décadas, alguns dos sacos encontravam-se danificados ou com a sua marcação a desaparecer, o que motivou a sua substituição e/ou remarcação. A contagem demonstrou existir um universo de 152 sacos.

Para o estudo dos materiais cerâmicos, procurei seguir o conjunto de metodologias proposto pelo Professor José Carlos Quaresma (Quaresma 2017), elaborado para contextos da Antiguidade Tardia, mas pertinente para o estudo de qualquer mobiliário ou período. A análise de espólio foi feita à escala de cada unidade estratigráfica, tendo os resultados sido posteriormente analisados no seu conjunto total.

A quantificação do mobiliário teve por base a contagem do número de fragmentos (NR) e do número mínimo de indivíduos (NMI), definido por Clive Orton (Orton 1980) e retomado no *Protocole de quantification des céramiques* (Arcelin e Tuffreau-Libre 1998). A contagem do NMI teve em consideração os fragmentos de bordo, fundo, carena, colo, asas e paredes. Em casos pontuais, foram também considerados elementos relacionados com o fabrico ou decoração, quando estes permitiam distinguir e individualizar um fragmento dos restantes. Cada tipologia foi desenhada e fotografada, assim como fragmentos que apresentassem decoração relevante, de forma a “*sustentar os aspetos morfológicos e decorativos que sustentam as propostas metodológicas*” (Quaresma 2017, p. 5). A cor das fraturas cerâmicas foi atribuída com base na tabela de cores *Munsell* (Munsell 1994), à qual acrescentei a minha observação empírica.

O desenho corresponde a uma “*visualização da realidade*”, que pretende “*tomar o lugar da coisa representada*”, de forma a reter as suas características técnicas e morfológicas (Lima 2007, p. 159). Os desenhos dos materiais foram inicialmente feitos em papel, sendo depois submetidos à aprovação do professor, digitalizados e, por fim, vetorizados com recurso ao programa *Adobe Illustrator*. Os objetos ilustrados foram reduzidos à escala 1:2, com exceção de alguns exemplares de alguidar e suporte de talha,

cuja redução foi feita à escala 1:4, devido à maior dimensão destas peças, bem como alguns exemplares de pequena dimensão, que são apresentados à escala real.

O principal desafio desta dissertação foi reunir o conjunto de dados produzidos nas etapas anteriores e analisá-los, de forma a atingir os objetivos propostos.

Em primeira instância, o estudo do espólio permitiu retirar dados que considero materiais, inerentes à própria peça, que dizem respeito às suas características morfológicas, técnicas e formais. Esta análise procurou privilegiar a ótica funcional, numa perspetiva antropológica do entendimento dos objetos.

A segunda etapa da análise materialista consistiu num movimento contrário à observação da matéria em bruto num sentido substancial, substituído por um distanciamento que permita o desaparecimento da matéria e, conseqüentemente, a revelação de uma rede de relações formais, humanas e sociais anteriormente invisíveis (Zizek 2020, p. 16). Aplicado ao contexto em causa, procurei compreender as vivências quotidianas que tiveram lugar no bairro, bem como dados ligados ao consumo de cerâmica (comum e de luxo) na cidade de *al-Ushbuna*, e até aspetos de carácter simbólico e estético das peças.

A amostra de materiais engloba, sobretudo, objetos cerâmicos – que compõem a grande maioria do conjunto – bem como, em menor quantidade, materiais líticos e metálicos. A fauna não foi alvo de análise. Encorajo, no entanto, para que este material seja estudado no futuro, pois permitirá produzir mais dados sobre consumo alimentar e produção agropecuária no arrabalde ocidental da Lisboa medieval islâmica.

É importante deixar nota que o espólio estudado provém de duas origens distintas. Por um lado, temos um conjunto de materiais bem contextualizados, cuja análise permitiu a associação à respetiva fase de ocupação do sítio. Por outro, dá-se conta da presença de uma amostra ainda significativa de materiais, seguramente das quadrículas S/T/U – 2, 3, 4, 5 e 6, contudo, sem referência contextual. O estudo foi realizado a partir dos dois conjuntos, permitindo formular dados sobre aspetos formais e técnicos das cerâmicas (morfologias, cozeduras, grupos de fabrico e decoração). Estes resultados possibilitam uma leitura geral sobre o consumo e utilização de cerâmica no bairro da Praça da Figueira, num horizonte cronológico entre o XI (finais) e século XII, quiçá, inícios do século XIII. No entanto, para uma análise segura das fases de ocupação das habitações, apenas foi tido em conta o conjunto de materiais estratigraficamente contextualizados.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Islão, doutrina religiosa assente na crença do Deus único abraâmico, reconhecimento de Maomé como “selo dos profetas” e no Alcorão como escritura sagrada, alcançou uma dimensão civilizacional pela sua relação direta com o poder e, simultaneamente, com o quotidiano dos crentes (Miquel 1971, pp. 55 e 59).

Após a sua consolidação na Península Arábica, com a conquista das cidades de Medina e Meca, a civilização islâmica apresentou uma rápida expansão, sob o comando dos califas corretamente guiados.

A invasão islâmica da Península Ibérica ocorreu durante o califado de *Al-Walid ibn Abd al-Malik*, o sexto da dinastia Omíada de Damasco, após uma década de abrandamento de conquistas (Alkhateeb 2023, p. 135).

Em julho de 711, sob a liderança de *Tariq*, a força muçulmana de 7000 homens travou uma decisiva batalha contra as tropas visigodas de Rodrigo, na qual os primeiros saíram vitoriosos, abrindo caminho para a conquista da Península (Macias 1992, p. 419).

A ocupação militar dos territórios, no que diz respeito à região do *Gharb*, ocorreu de duas formas: por conquista, como sucedeu com algumas cidades meridionais e do sul; e por capitulação, tal foi o caso de Lisboa, no ano de 714 (Macias 1992, p. 419).

Em meado do século VIII, o Islão estendia-se desde Síndia, no oriente, até à Península Ibérica, a ocidente, tornando-o o maior império do seu tempo (Alkhateeb 2023, p. 73). Com o crescente número de não árabes a converterem-se à religião muçulmana, desenvolveu-se um clima de insatisfação perante as desiguais políticas fiscais do califado omíada. Entre 730 e 740, o clã abássida começa a tirar partido desta situação e reúne forças para, em 747, declarar oficialmente rebelião contra o califado (Alkhateeb 2023, pp. 74 e 75). No início de 750, os abássidas venceram as tropas califais na batalha do Zabe, provocando uma série de capitulações entre as cidades do império, que passaram a aceitar a soberania abássida. Simultaneamente, iniciou-se uma perseguição à família real omíada, acontecimento que ficou conhecido na historiografia como “Massacre dos Omíadas” (Alkhateeb 2023, p. 76).

Esta revolta teve importantes repercussões no panorama político do *al-Andalus*. Em 756, o único sobrevivente da família omíada instalou-se na Península Ibérica e, sob

o título de *Abd ar-Rahman I*, fundou um emirado. Na década seguinte, inicia-se uma vaga de revoltas por parte de elites aristocráticas, de origem árabe, contra o poder central. Estes tumultos terminam no último quartel do século VIII, com o assassinato dos principais líderes iemenitas (Macias 1992, p. 420).

Em 798, Afonso II das Astúrias levou a cabo uma campanha vitoriosa, que resultou na conquista temporária de Coimbra e Lisboa. Este acontecimento, como sugere José Mattoso, poderá ter provocado um câmbio de consciência por parte das comunidades indígenas, o que ajudaria a explicar as revoltas muladíes que marcarão a centúria seguinte (Macias 1992, p. 420). *Al-Ushbuna* foi palco de duas rebeliões contra o poder: uma primeira, por *Hazim ibn Wahb*, em 808-809, e mais tarde, em 889-890, por *Ibn 'Awsaji* (Pires 2020, p. 25).

A situação é resolvida em 930, quando *Abd ar-Rahman III*, já califa, operou uma unificação que permitiu “neutralizar por algum tempo as autonomias regionais e exercer um poder efetivo sobre um território que sempre se mostrou particularmente avesso a qualquer forma de domínio externo” (Macias 1992, p. 423).

O período entre 929 e 1009 corresponde a uma baliza cronológica com escasso interesse para a história política do *Gharb*, em resultado do forte centralismo da corte califal e seu papel aglutinador (Macias 1992, p. 423).

O assassinato de *Hisham II*, em 1012-1013, marca o início de uma série de lutas pelo poder e autonomia regional, que se prolongaram até à desagregação do califado de Córdoba, no ano de 1031, dando início à primeira *fitna*, também conhecida por período dos reinos taifas. Só a partir desta altura é que as regiões do *Gharb* passam a assumir um papel de maior importância (Macias 1992, pp. 423 e 424).

Neste período, a cidade de *al-Ushbuna* foi inserida na taifa de Badajoz, tendo como governador um antigo liberto de origem eslava, *Sabur al-Amiri*. Após a sua morte, em 1022 ou 1027, os habitantes de *al-Ushbuna* entregaram a cidade aos aftássidas (Silva 2017). Nas décadas de 1030 e 1040, Lisboa é alvo de constantes ataques da dinastia abábida de Sevilha, que consegue capitalizar as suas investidas em 1039 (Macias 1992, p. 425).

Após seis anos de domínio abábida, *al-Ushbuna* volta para as mãos da taifa de Badajoz, permanecendo na sua esfera política por mais cinco décadas (Pires 2020, p. 54).

No último quartel do século XI, perante a ameaça dos avanços cristãos, os reis das taifas pediram auxílio aos *murabitun* (almorávidas), uma seita puritana de origem berbere (Alkhateeb 2023, p. 141). A ajuda dos almorávidas foi requisitada por três vezes, até que os *murabitun*, perante a incompetência política e corrupção dos reis andaluzes, iniciam uma campanha de conquista por esse território (Alkhateeb 2023, p. 144).

Em 1093, por receio dos invasores berberes, o senhor de Badajoz *Umar b. Muhammad b. al-Aftas* entregou as praças de Lisboa, Sintra e Santarém a Afonso VI, procurando assim a proteção do Imperador (Lourinho 2020, p. 37).

Embora seja difícil atribuir uma data exata para a primeira conquista de *al-Ushbuna* pelos almorávidas, esta parece ter ocorrido entre o segundo semestre de 1094 e o final do ano seguinte (Lourinho 2020, p. 184). Em 1095, também Badajoz caiu às mãos dos norte africanos.

Na década seguinte, Lisboa e Sintra regressam à esfera de domínio político leonês. Este ponto de inflexão poderá ter ocorrido entre 1104 e 1106, período da doença e consequente morte de *Yusuf* (Lourinho 2020, p. 197).

Em 1109, D. Henrique participa numa incursão a Sintra, com o objetivo de recuperar a praça, que se rebelou após a morte do Imperador Afonso VI (Lourinho 2020, p. 197).

Só em 1111, com a conquista de Santarém pelos almorávidas, a fronteira é empurrada para norte, substituindo *al-Ushbuna* como marca superior do *Gharb al-Andalus* (Silva 2017, p. 198).

A partir de 1120, os muçulmanos do *al-Andalus* começam a dar sinais de insatisfação perante o domínio almorávida, que se revelava religiosamente rígido e exercia um apertado controlo fiscal nas populações (Macias 1992, p. 427).

No final de outubro de 1147, a cidade de *al-Ushbuna* é tomada por Afonso Henriques, com a ajuda de cruzados, passando a integrar o reino de Portugal (Macias 1992, p. 427).

5. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

5.1. Campanha de 1960-1962

A Praça da Figueira foi alvo de uma primeira intervenção arqueológica em 1960, motivada pela instalação da rede de Metropolitano. Os trabalhos arqueológicos ficaram ao cargo de Irisalva Moita, do Museu da Cidade, que exumou vestígios arquitetónicos e espólios do Hospital Real de Todos-Os-Santos, espaços do Convento de São Domingos e vestígios da ermida de Nossa Senhora do Amparo (Silva, Gomes e Gomes 2011, p. 17). Esta foi a primeira escavação de carácter preventivo executada em Lisboa. Tendo em conta a importância dos achados, Irisalva Moita promoveu uma série de iniciativas de comunicação com vista à divulgação dos seus trabalhos. Entre estas ações, destacam-se as entrevistas dadas à Rádio e Televisão de Portugal (RTP), a jornais, a rádios, e “a abertura dos taipais da obra em pontos de observação do exterior” (Silva 2005, p. 7).

No ano seguinte, Irisalva Moita e a sua equipa identificaram, três metros abaixo dos níveis baixo-medievais, espólios funerários romanos. Devido a divergências metodológicas, a escavação prosseguiu sob a direção de Fernando Bandeira Ferreira (Silva, Gomes e Gomes 2011, p. 18).

5.2. Campanha de 1999-2001

Em 1999, no âmbito da criação de um parque de estacionamento subterrâneo, a Praça da Figueira é novamente alvo de trabalhos arqueológicos. Tendo em conta o envolvimento do Museu da Cidade no estudo do Hospital Real de Todos-Os-Santos, foi estabelecido que seria a equipa desta instituição a coordenar os trabalhos científicos (Silva 2005, p. 14).

A escavação, que se realizou entre 1999 e 2001, permitiu esclarecer o vazio cronológico deixado na campanha dos anos 60, através da identificação de um vasto conjunto de vestígios de época islâmica e idade do bronze, bem como aumentar o conhecimento sobre as dinâmicas dos períodos moderno, baixo medieval e romano, já conhecidos (Silva, Gomes e Gomes 2011, p. 18).

Colocou-se a descoberto uma área de aproximadamente 1100 m², correspondente à parcela de um bairro islâmico bem mais extenso, composta por sete quarteirões e cinco artérias de circulação. A maioria das habitações seguia os preceitos urbanísticos

canónicos: a sua fachada principal encontrava-se orientada para Meca (sudeste), possuía um compartimento privado, cego para o exterior, pátio (central ou lateral) a partir do qual se acedia às restantes divisões, tendo sido identificadas cozinhas, armazéns e latrinas. No entanto, as casas revelaram a ausência de um elemento imprescindível nas habitações islâmicas em espaço urbano, o saguão.

Apesar do razoável estado de conservação das estruturas, nenhuma das unidades habitacionais preservava todos os elementos da planta original. As razões para essa ausência prendem-se com as ações de reaproveitamento de materiais construtivos que se seguiram ao abandono do espaço (segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII), bem como à lixiviação episódica e forte dos depósitos formados naquela fase.

As unidades habitacionais teriam em média 48 m² de área, o que corresponde a uma dimensão reduzida e sugere um fraco estatuto económico dos seus moradores. Construídas em taipa e sem revestimento parietal na sua face interna, dotadas de pisos em terra batida com ou sem argamassa, apenas em duas unidades habitacionais se assinalaram vestígios de um piso almagrado no compartimento maior (salão) e de um pavimento lajeado empregue no pátio de uma outra.

A planta dos arruamentos e quarteirões mostrava alguma regularidade, sendo plausível admitir que a sua matriz resultou de um parcelamento rural prévio à instalação da urbanística (Silva 2012, pp.7-9).

No setor mais ocidental, foi identificada uma estrutura viária com grande qualidade construtiva. Apresenta um traçado retilíneo ao longo de 18 metros de extensão, possui 3,95 metros de largura e é composta por um piso empedrado com blocos de calcário e basalto de média dimensão, definido nas laterais por elementos pétreos maiores (Silva 2012, p. 4). Apresentava um nível de preparação semelhante à composição do *rudus*, e a sua construção, de alta qualidade, sugere “*um elevado investimento por parte do seu mandatário, e também condições políticas e económicas propícias para a sua realização*” (Silva 2012, p. 5).

A escavação demonstrou que o conjunto urbano não possui antecedentes similares arqueologicamente documentados no local, como também que alguns dos quarteirões partilhavam o mesmo muro de limite, sugerindo que os recintos eram erguidos primeiro e só posteriormente eram subdivididos. As observações anteriores, juntamente com o

caráter eminentemente habitacional do bairro, sugerem que o mesmo foi alvo de uma instalação sincrónica, motivado não pelo crescimento orgânico da cidade, mas pela vinda de populações que lhe eram exógenas.

Relativamente ao período de ocupação do bairro, dois trabalhos académicos recentemente desenvolvidos¹ já apresentaram propostas nesse sentido, destacando-se o trabalho de Inês Pires no âmbito do seu estudo dos materiais da via F do bairro onde, com base na análise exaustiva dos materiais em estratigrafia, a investigadora sugere que este foi edificado em torno dos inícios do período almorávida (1094/1111). Ambos os autores citados propõem que o abandono da urbanística ocorreu após a conquista de Lisboa pelo Reino de Portugal, em 1147. No entanto, este abandono não terá sido imediato, mas sim gradual ao longo do século XII, atingindo talvez ainda os inícios do século XIII, cronologia atestada pela presença de materiais com essa cronologia (Pires 2020, pp. 91-97).

¹ Referindo-me às dissertações de mestrado dos arqueólogos Duarte Mira (Mira 2018) e Inês Pires (Pires 2020).

6. AS HABITAÇÕES 1 E 6

6.1.1. As áreas habitacionais

A habitação 1, por se encontrar nos limites da escavação, não nos permite estudar a totalidade da sua arquitetura. Encontrava-se preservada uma larga extensão do seu muro ocidental, com aproximadamente 15,4 metros de comprimento e 50 centímetros de espessura, bem como outros muros que permitem formar uma ideia geral de algumas das divisões da casa. Dotada de amplo pátio central, com 8,8 metros de comprimento, este aparentava contactar com o salão através de um duplo arco. A sul do pátio existia um compartimento construído em pedra seca, com uma área de cerca de 5,6 m². Esta casa possuía cobertura em telha.

A habitação 6, que se encontrava a noroeste da zona escavada, era de menor dimensão que a anterior, possuindo aproximadamente 45 m² (29 m² contando apenas com a área útil). Possuía um pátio lateral, de aproximadamente 12,6 m², na sua etapa inicial com piso lajeado, o único do bairro. Esta divisão comunicava a sudoeste com a cozinha através de uma passagem com 86 centímetros de largura, e a noroeste com o salão, que à semelhança da habitação 1 apresentaria alcova num dos seus cantos. A cozinha teria uma área de 7,56 m², e o salão cerca de 9,36 m².

O norte do quarteirão era delimitado pela via A, uma pequena artéria de circulação, com 2,24 metros de largura. Numa primeira fase, esta poderia corresponder a uma rua – isto é, a espaço público – podendo a sua natureza ter mudado com o passar do tempo, convertendo-se num adarve.

A medição das estruturas com recurso a unidades islâmicas sugere que existe uma lógica métrica nas dimensões das habitações, mostrando que as mesmas foram desenhadas a partir desse sistema linear, tendo como elementos base o côvado, com uma dimensão de 0,577 metros de comprimento, e a vara com 1,1 metros de comprimento (p. 27, tabela 1) (Rei 1998, pp. 14 e 15).

Estrutura/medida analisada	Dimensão (metros)	Dimensão (medida islâmica)
Comprimento da habitação 1	15,34 metros	11 varas (15,4 metros)
Acesso pátio-salão da habitação 1	1,8 metros	3 côvados (1,671 metros)
Comprimento do pátio da habitação 1	8,76 metros	8 varas (8,8 metros)
Comprimento da divisão indeterminada da habitação 1	3,3 metros	3 varas (3,3 metros)
Largura da divisão indeterminada da habitação 1	1,7 metros	3 côvados (1,671 metros)
Largura da habitação 6	6,2 – 6,4 metros	6 varas (6,6 metros)
Comprimento da habitação 6	6,6 metros	6 varas (6,6 metros)
Largura da cozinha da habitação 6	4,2 metros	4 varas (4,4 metros)
Comprimento da cozinha da habitação 6	1,8 metros	3 côvados (1,671 metros)
Largura do pátio da habitação 6	1,9 metros	3 côvados (1,671 metros)

Tabela 1: Dimensões das áreas identificadas nas habitações 1 e 6, com conversão de sistema métrico para medidas islâmicas.

Importa referir que a dinâmica destes espaços é marcada por um conjunto de reformulações, entre as quais a construção de novos pavimentos e reparação de muros, que podem sugerir uma maior longevidade de utilização. Ao longo desta dissertação, o estudo dos contextos, em estratigrafia, procurará apresentar uma cronologia para as várias fases ocupacionais das habitações.

6.2. Contexto estratigráfico – As fases construtivas e ocupacionais das habitações 1 e 6

Tendo em conta não existir, até à data, relatório final da escavação de 1999-2001 na Praça da Figueira, o estudo do contexto estratigráfico foi possível através dos dados fornecidos pelo Professor Rodrigo Banha da Silva, diretor científico dessa mesma escavação. Esses dados incluíram o registo de campo, gráfico e fotográfico das quadrículas numeradas de 2 a 6, das áreas S, T e U do bairro.

Os materiais recolhidos, com referência contextual, são provenientes de 46 unidades estratigráficas.

A análise do contexto estratigráfico revelou um conjunto de dinâmicas de ocupação do espaço que foram divididas em quatro fases distintas: construção, reformulação, uso e abandono.

A construção diz respeito à etapa em que existe preparação do terreno (terraplanagem) de forma a permitir a construção do edificado. Engloba as unidades [1503/1514], [1508], [1511], [1527], [1532], [1533], [1543], [1580/1581], [1582], [1585], [1586], [2101], [3027], [3029], [3040], [3043], [3046] e [3047].

A fase de reformulações é seguramente anterior ao último contexto de uso do espaço. Verificou-se a presença de reformulações no pátio, salão e exterior norte da habitação 6, bem como duas reformulações no muro meiro [1503/1514]. Esta fase compreende as unidades [1510], [1531], [1547], [1572/1574], [1577], [1598], [3011], [3013], [3018], [3019], [3026], [3028], [3030], [3031], [3032] e [3035],

O uso corresponde ao interface imediatamente acima dos pavimentos e pisos de circulação, bem como sob os depósitos que apresentam marcas de destruição e abandono. Engloba as unidades [1578], [1579], [2233] e [2236]

Por fim, o abandono diz respeito aos níveis de destruição, marcados pela grande presença de materiais de construção, sedimentos e cerâmica. Engloba as unidades [1505/1506], [1517/1571], [1518], [1523], [1525/1675], [1526], [1534], [1535], [1537],

[1538], [1542], [1545], [1551], [1565], [1573], [1575], [1576], [1583/1516], [1584/2001], [1587], [1597], [2135], [3036], relativos ao abandono inicial, e [1520], proveniente da fase mais tardia do abandono.

6.2.1. 1ª fase – Construção

A instalação do bairro desenvolveu-se na área de confluência entre as ribeiras de Arroios e Valverde. É, desta forma, uma zona de cheias (bacia de inundação), onde previamente aos trabalhos de urbanismo do bairro se encontravam depósitos aluvionares de matriz argilo-siltosa ([3005]), bem como outros de matriz limosa ([3006]), resultantes da mistura com sedimentos escorridos das encostas.

A fase de construção na área das habitações 1 e 6 teve início com a colocação dos depósitos [1533] e [1532] sobre o substrato aluvionar acima mencionado, com vista a aplanar e consolidar o terreno. De seguida, foram instaladas as estruturas de limite. Um aspeto que se verifica nas estruturas habitacionais do bairro é que as mesmas assentam diretamente sobre o terreno aplanado, não tendo sido realizadas valas para a inserção dos alicerces.

O muro [1503/1514] (anexos, figuras 5 e 6, p. 3), meeiro entre as habitações, segue uma orientação sudoeste/noroeste, apresenta um comprimento de 11,4 metros e uma largura de 54 centímetros. A norte, esta estrutura assenta também sobre um suporte de talha.

Delimitando o quarteirão, temos a estrutura [2101], com orientação leste-sudeste/oeste-sudoeste. Apenas se encontravam preservadas duas partes do seu troço, e a sua espessura teria cerca de 60 centímetros.

À fase de construção dos muros limite, seguiu-se a instalação dos compartimentos internos. Na área norte da habitação 1, verifica-se a colocação do depósito [1527] sobre a unidade [1532], de forma a colmatar pequenos desnivelamentos deste último. Sobre esse espaço, agora aplanado, foi erguida a estrutura [1511] (anexos, figura 7, p. 4), correspondente ao muro que separa o pátio e o salão.

A sul, sobre o depósito de nivelamento [1586], encontra-se o muro [1585]. Corresponde a um muro de pedra seca e telhas. A norte, o muro [1582], essencialmente em terra (taipa), também de fundação parcial em pedra seca, parece evidenciar de igual modo a utilização de materiais perecíveis (como tábuas de madeira) de forma a suportar a estrutura.

Na habitação 6, a separação entre o salão e os espaços a sul foi realizada pela construção do muro [1543], de orientação este-oeste. Apresenta 6 metros de comprimento e uma espessura entre os 54 centímetros e os 68 centímetros. Na construção da sua base empedrada foram utilizados pedras e restos de cerâmica, nomeadamente *terra sigillata*.

O pavimento do pátio da habitação 1 corresponde à estrutura [1580/1581], um piso em terra batida arenoargilosa de cor verde-escura e 2 centímetros de altura, instalado sobre [1527]. Esse pavimento encontrava-se preservado na área mais a sul da divisão. Já para a zona mais a norte, parece-me possível assumir que o depósito [1527] pode ter sido utilizado como piso de circulação, possível pela sua matriz compacta.

A habitação 6 possuía um pavimento empedrado, a unidade [3027], o único no bairro. Esta estrutura foi construída sobre as unidades [3040], [3043], [3046] e [3047]. No espaço de cozinha, encontramos o pavimento [3029], composto por “seixinhos”, que servia de base a mó.

Não me foi possível identificar um pavimento original para o espaço de salão da habitação 6. Proponho que a unidade [1532], utilizada na terraplanagem, possa também ter servido esse fim.

6.2.2. 2ª fase – Reformulações

No espaço da cozinha da habitação 6, na face sul do muro [1543], foi construído um novo pavimento – [1572/1574] –, sobre o antigo pavimento [3029] e camadas [3028], [1598] e [3011], depósitos utilizados para nivelamento.

O pavimento de empedrado [3027] foi substituído pela estrutura [3013], um piso em terra batida com continuidade para norte, cobrindo assim o espaço do salão e da via A. Esta ação parece materializar uma apropriação daquilo que era o espaço público – uma via – pela esfera privada, doméstica, formando um adarve.

A segunda reformulação afetou o muro [1503/1514]. Consiste na remoção de parte do seu troço, criando um acesso entre este espaço e o antigo beco da via A, já transformado em adarve. Esta ação pode estar na causa da ausência da estrutura limite entre as divisões do salão e pátio da habitação 6.

Imediatamente a sul deste acesso, encontra-se uma obra de reforço [1577] do muro [1503/1514] (anexos, figuras 11 e 12, pp. 6 e 7). Apresenta um espessamento entre 30 centímetros e 64 centímetros, conferindo à estrutura um total de 84 centímetros de

espessura, numa extensão de 2,12 metros. Esta reparação pode sugerir que o muro apresentaria já um grau de desgaste elevado, sendo a intervenção necessária para salvaguardar a estabilidade do edificado.

Verifica-se ainda a existência da vala [3018] que corta as unidades [1532] e [1527], cuja origem pode estar relacionada com a remoção de algum elemento arquitetónico anterior. A vala é preenchida pelos depósitos [3019], [3030], [3031], [3032], [3035] e [3026], sobre este último é instalado o pavimento [1547], cujos vestígios se encontram apenas na área de ligação entre o pátio e o salão.

Por fim, na área onde se encontrava o suporte de talha [1508], localizado a poente do muro [1503/1514], parece existir um nível de derrube associado à estrutura [1509], sobre o qual foi construído o pavimento [1531], composto por pedras e cerâmica de construção.

6.2.3. 3ª fase – Uso

Sobre o pavimento [1580/1581], na área sudoeste do pátio da habitação 1, encontram-se os depósitos [1578 e 1579] (anexos, figura 13, p. 8).

Na cozinha da habitação 6, esta fase consiste nos depósitos [2233] e [2236] (anexos, figura 8, p. 4).

6.2.4. 4ª fase – Abandono inicial

Na área ocidental do pátio da habitação 1, a etapa de abandono dá-se com a formação de uma zona caracterizada pela presença de depósitos arenosos (manchas) com muito carvão, cerâmica comum e de construção, correspondentes às unidades [1534], [1535] e [1537], às quais se junta o derrube de telhas [1538].

No canto inferior sudoeste, verifica-se a presença do derrube de telha frontal [3036]. Numa segunda fase, ocorre a deposição da unidade [1583/1516], que cobre também o muro em pedra seca [1582]. O abandono avança com a acumulação do derrube [1584/2001] e depósitos sedimentares [1545] e [1505].

Já no espaço do salão, a distinção entre contexto de uso e abandono inicial não foi tão nítida. Sobre o depósito de nivelamento [1527], que pode também ter sido utilizado como piso de circulação, encontrava-se imediatamente a unidade [1526], correspondente a um depósito areno-argiloso, envolvendo cerâmica comum e de construção. A presença

deste último material foi o elemento fulcral para a atribuição de nível de abandono. Sobre o depósito [1526], junta-se o derrube [1525/1675] e o depósito [1565].

Na habitação 6, o abandono clarifica-se pela presença dos derrubes [1573] e [2135] – no espaço da cozinha –, [1517/1571], [1575], [1576], [1551], [1587], [1597] e [1518] – na zona do salão e adarve. Posteriormente, neste último espaço, há a sobreposição do nível de destruição [1542] (anexos, figura 9, p. 5).

No exterior das habitações, sobre o pavimento [1531], formam-se os níveis de abandono [1505] e [1506].

A última etapa de abandono caracteriza-se pela presença de depósitos com mais sedimentos e mistura entre os materiais das estruturas (adobes) com os de colapso de telhado que, por sua vez, se encontram mais fragmentados, por conta do revolvimento sofrido.

A esta fase, atribuiu-se o depósito [1520] (anexos, figura 10, p. 5), que cobre grande parte dos níveis de abandono anteriores, sobretudo nas zonas mais a norte das habitações.

7. OS OBJETOS CERÂMICOS - QUANTIFICAÇÃO

A primeira fase de quantificação foi feita ao nível de cada unidade estratigráfica, com base no modelo de número de fragmentos e número mínimo de indivíduos (NMI), definido por Clive Orton (1980) e retomado no *Protocole de quantification des céramiques* (Arcelin e Tuffreau-Libre 1998). A contagem do NMI teve em consideração os fragmentos de bordo, fundo, carena, colo, asas e paredes. Em casos pontuais foram também considerados elementos relacionados com o fabrico ou decoração, quando estes permitiam distinguir e individualizar um fragmento dos restantes.

Como farei questão de mencionar adiante, as distinções entre as formas de panela e pote, assim como caçoila e tigela, tiveram em conta a existência de marcas de fogo. Este aspeto necessariamente influenciou os resultados da quantificação, mas considerou-se de maneira a privilegiar a ótica funcional, numa perspetiva antropológica do entendimento dos objetos.

O conjunto cerâmico proveniente das unidades estudadas é composto por 5362 fragmentos, dos quais foi possível identificar 1063 indivíduos. A cerâmica de mesa corresponde ao grupo funcional com maior representatividade (43%), seguido da cerâmica de cozinha (27%), armazenamento (26%) e iluminação (<1%). Fazem também parte desta contagem os objetos lúdicos em cerâmica (<1%), assim como objetos com outra funcionalidade (<2%).

Importa referir que, ao número mínimo de indivíduos acima enunciado, acrescem 43 exemplares de forma indeterminada. Tendo em conta o foco na ótica funcional, este pequeno conjunto não será tido em conta nas estatísticas seguintes, sendo relevante mais adiante, nas quantificações relativas aos fabrico e decorações.

Numa segunda fase, aos resultados produzidos pela quantificação ao nível de cada unidade estratigráfica, associaram-se os dados do registo de escavação, possibilitando assim uma leitura mais ampla das várias fases de ocupação do sítio.

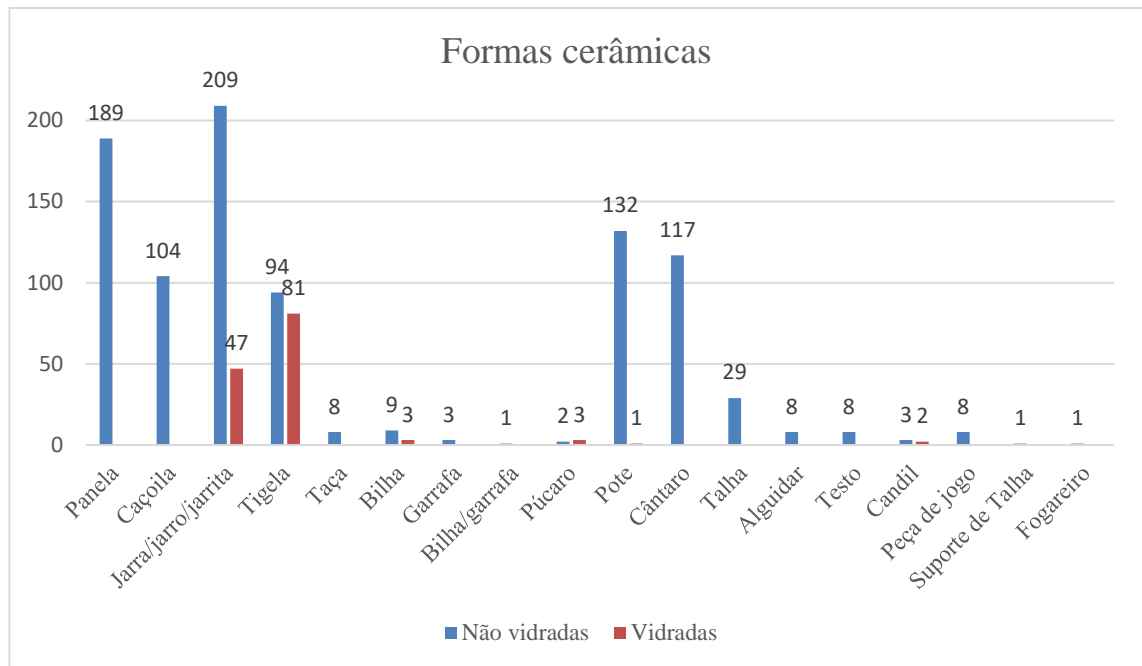


Gráfico 1: Valor do Número Mínimo das formas cerâmicas identificadas no conjunto estudado

7.1. Cerâmica de cozinha

7.1.1. Pannelas

As panelas correspondem a formas fechadas, geralmente de corpo globular, utilizadas na confeção de cozidos e ensopados. Podem assumir as mesmas características morfológicas dos potes, de maneira que as marcas de fogo foram um elemento essencial na distinção entre ambas.

A observação das características do bordo e lábio, num conjunto composto por 68 fragmentos de bordo (anexos, tabela 58, p. 26; anexos, gráfico 1, p. 26), permitiu a criação de 7 tipos distintos para esta forma. A tipologia 1 (anexos, p. 38) – a mais frequente no conjunto, presente em 37 indivíduos (54,4%) – corresponde a bordos verticais ou ligeiramente extrovertidos com lábio de tendência retangular. Este tipo apresenta um alargado horizonte cronológico e grande difusão, aparecendo em vários contextos por todo o *Gharb al-Andalus*. Em Lisboa, encontramos semelhanças com os exemplares de panela nº 700 e nº 2984 do NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, pp. 338 e 339); na via F da Praça da Figueira verifica-se o paralelo com as panelas de tipo 2, que surgem nas fases inicial (finais de século XI/primeiras décadas do século XII) e final de ocupação do bairro (segunda metade do século XII/primeiras décadas do século XIII) (Pires 2020, p. 60). Nas proximidades de Lisboa, encontramos esta tipologia em Setúbal, em contexto

dos séculos XI e XII (Duarte 2018, p. 222), bem como no castelo de Palmela, em contextos com cronologia entre os séculos IX/inícios de X e finais do século XI/inícios do século XII (Araújo 2013, estampas 4, 9, 16, 20, 21, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 50, 57, 58 e 61). Por fim, no sul do *Gharb*, encontra paralelo no arrabalde de Silves, em contexto com cronologia entre os séculos XI e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699).

O tipo 2 (anexos, p. 39) – presente em 9 indivíduos (13,24%) – consiste em bordos verticais ou ligeiramente introvertidos com lábio arredondado espessado no exterior. Aparentam ser idênticos às painéis de tipo 3 da via F do bairro islâmico da Praça da Figueira, presente na fase de abandono deste espaço (período de transição política).

Às peças de bordo vertical (ou em alguns casos extrovertido), com lábio semicircular, atribuímos o tipo 3 (anexos, p. 39), o segundo mais representado no conjunto (12 indivíduos – 17,65%). Encontramos esta tipologia associada a contextos dos séculos XI e XII do *Gharb al-Andalus*, assim como em alguns contextos mais tardios. Em Lisboa, esta morfologia de bordo apresenta paralelos com a tipologia 1 de painéis da via F, presente nas primeira e última fases estratigráficas do contexto (segunda metade do século XII/primeiras décadas do século XIII) (Pires 2020, p. 59); com o exemplar nº 233 do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, atribuído aos finais do século XI/primeira metade do século XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339); na encosta de Sant’ana, com materiais atribuíveis maioritariamente ao século XII (Calado e Leitão 2005, pp. 466-468). No arrabalde de Silves, num contexto dos séculos XI e XII, foram encontradas painéis com as mesmas características (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699). Por fim, em Santarém, este tipo de bordo encontra-se em painéis com uma cronologia mais alargada, datada entre finais dos séculos XI e período de transição política, já no século XIII (Liberato 2011, anexos 3 e 5).

A tipologia 4 (anexos, p. 40) foi identificada em 7,35% dos fragmentos (5 indivíduos). Caracteriza-se pela presença de bordo vertical com lábio em aba arredondada. Assim como se sucede com a tipologia 3, estas peças sugerem uma utilização durante os últimos séculos de presença islâmica, que se estende para o período de domínio cristão da cidade. Em Santarém, este tipo de painéis surge em contextos do século XI – exemplos disso são as painéis S.5OUT.2-8.07 (509) - 474 e S.5OUT.2-8.08 (1359) - 933 (Liberato 2011, anexo 3) – bem como, mais tardiamente, no contexto de transição entre os séculos XII e XIII (Liberato 2011, anexo 5). Encontra também paralelo no castelo de Palmela,

em contextos com cronologia desde os finais do período Emiral (início do século X) ao final do período dos reinos Taifas (final do século XI) (Araújo 2013, estampas 4, 9 e 37).

Relativamente às tipologias 5 e 6, ambas se encontram representadas por apenas um exemplar (PF.00/1597-101 e PF.00/1008-1, respetivamente). A panela do tipo 5 anexos, p. 40) apresenta bordo vertical com lábio arredondado, do qual surge uma aba. Encontra paralelos em Lisboa – na via F da Praça da Figueira, na fase de abandono tardio (segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII) (Pires 2020, anexos p. 128), e na rua de São Mamede, em contexto enquadrável no século XII (Salomé e Calado 2012, p. 28) –, bem como em Santarém e Silves, em contextos de transição dos séculos XII para XIII (Liberato 2011, anexo 5; Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699). Já em Palmela, os materiais que servem de paralelo para esta tipologia são provenientes de contextos dos séculos XI e XII (Araújo 2013, estampas 56 e 63).

A tipologia 6 (anexos, p. 41) corresponde a painéis com bordo introvertido, lábio em aba e perfil bitroncocónico com asa de secção oval a arrancar diretamente do colo. Esta peça diz respeito a uma tipologia de panela com uma cronologia mais avançada, cujo melhor exemplo bem datado equivale a um exemplar de Almada, correspondente a uma panela com pintura a branco, de lábio aplanado com asa a arrancar do colo, encontrada associada a dinheiros de D. Sancho I, isto é, encerrando uma cronologia necessariamente posterior a 1185-1211 (Liberato et alii 2020, p. 6).

Por fim, a tipologia 7 (anexos, p. 41) de panela encontra-se presente em 3 indivíduos (4,41%), e caracteriza-se pelo seu bordo vertical com lábio arredondado. Foram identificados exemplares de panela com características semelhantes a estas no arrabalde de Silves, com uma cronologia entre os séculos XI e XII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699).

Relativamente às restantes características desta forma, verificou-se a presença de painéis com asas de secção fitiforme (com ou sem nervuras), bem como de secção oval e até mesmo circular. Os fragmentos apresentavam, geralmente, colo troncocónico reto e, em termos de fundo, todos os exemplares apresentavam uma base plana.

Embora seja comum encontrarmos painéis sem qualquer vestígio de decoração, esta foi identificada em 11% dos fragmentos. A pintura a branco foi a forma de decoração mais frequente, seguida da combinação entre esta e engobe.

7.1.2. Caçoilas

As caçoilas, por sua vez, correspondem a formas abertas, de corpo mais largo que alto, utilizadas na confeção de fritos e guisados de peixe e carne. Tal como no caso das panelas, foram tidas em conta as marcas de fogo, pois as mesmas formas podem tanto servir de caçoila como de tigela. Foram identificados 104 exemplares, 97 deles correspondentes a fragmentos de bordo (anexos, tabela 59, p. 27; anexos, gráfico 2, p. 27).

Foram identificadas oito tipologias, tendo em conta os mesmos critérios acima mencionados.

A tipologia 1 (anexos, p. 42), composta por 25 indivíduos (25,77%) corresponde a caçoilas de bordo vertical ou ligeiramente introvertido com lábio arredondado. Em Lisboa, este tipo encontra paralelos na Rua dos Correeiros, com o exemplar n° 696, atribuído aos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339); na Igreja de São Lourenço, em contexto dos séculos XI e XII (Rodrigues 2018, anexos p. 48); e no mesmo arqueossítio deste estudo, com as caçoilas do tipo 2 da via F, identificadas tanto em contextos da primeira metade do século XII, como já no período de transição política (segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII) (Pires 2020, p. 57). Nas proximidades de Lisboa, esta tipologia surge em Setúbal, em contexto dos séculos XI e XII (Duarte 2018, p. 227), e no castelo de Palmela, em contextos do final do período Emiral (século XI/início do século X), Califal (início do século X ao início de XI) e período dos reinos Taifas (século XI) (Araújo 2013, estampas, 5, 11, 16, 21, 35, 40 e 52). A sul do *al-Andalus*, em Mértola, surge com cronologias mais recuadas, enquadráveis nos séculos X e XI (Gómez Martínez 2004, p. 888), bem como mais tardiamente no arrabalde de Silves, em contexto dos séculos XII e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 701).

A tipologia 2 (anexos, p. 42) consiste em peças de bordo tendencialmente vertical com lábio semicircular, estando ela presente em 8 indivíduos (8,25%). Tem como paralelos as caçoilas do tipo 4 da via F da Praça da Figueira, com cronologia enquadrável no século XII e primeira metade do século XIII (Pires 2020, p. 57), o exemplar n° 3240 do NARC, este último com uma cronologia do século XI (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339), e as caçoilas do tipo 3D, provenientes de contextos do período Califal (início do século X ao início do século XI) (Araújo 2013, p. 38 e estampas 10, 16 e 21).

A tipologia 3 (anexos, p. 42), representada apenas por 2 indivíduos (2,06%), caracteriza-se por caçoilas de bordo vertical com lábio em aba retangular. Encontra paralelos na panela de tipo 5 de panela da via F da Praça da Figueira, proveniente de contextos da primeira e última fase de ocupação do sítio (primeira metade do século XII e segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII, respetivamente) (Pires 2020, p. 57), e ainda a caçoila de tipo 4I recolhida no castelo de Palmela, proveniente de contexto dos inícios do XI (Araújo 2013, p. 48 e estampa 27).

A tipologia 4 (anexos, p. 43), também ela presente em 2 indivíduos, corresponde a peças de bordo vertical com lábio quadrangular. Esta morfologia tem como único paralelo a tipologia 4C do castelo de Palmela, recolhido em contextos com cronologia entre os finais do século IX e a primeira metade do século XI (Araújo 2013, pp. 45 e 46 e estampa 22).

A tipologia 5 (anexos, p. 43) foi elaborada a partir do indivíduo PF.00/1008-65, único exemplar deste tipo, que apresenta bordo ligeiramente introvertido com lábio arredondado espessado no interior. Encontra paralelo nas tigelas do tipo 5B do castelo de Palmela, identificadas em contextos dos séculos X e XI (Araújo 2013, p. 51 e estampa 43).

A tipologia 6 (anexos, p. 44), a mais comum deste conjunto, presente em mais de metade dos indivíduos (53,61%), consiste em peças de bordo introvertido e lábio arredondado, podendo ou não apresentar espessamento na face externa. Esta morfologia surge na fase inicial da presença islâmica no *al-Andalus*, e a sua utilização vai durar até ao fim do domínio da mesma, sendo por isso comum em muitos contextos arqueológicos. Em Lisboa, em contextos inseríveis nos séculos XI e XII, vai encontrar paralelos na Rua dos Correiros (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339) – onde também surge em cronologias mais recuadas, em contexto dos séculos X e XI (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 338) –, na igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, anexos p. 47), no Claustro da Sé Catedral (Amaro 2001, pp. 186 e 187) e na Encosta de Sant´Ana (Calado e Leitão 2005, pp. 467 e 468). Na Praça da Figueira, surge na fase de uso da habitação P/Q 9-11, em contexto do século XII (Mira 2018, pp. 85 e 86), e em todas as fases da via F, isto é, com cronologia entre os séculos XII e primeira metade do século XIII (Pires 2020, pp. 55 e 56).

Próximo de *al-Ushbuna*, encontramos esta caçoila em Santarém, em contextos do final do século XI/primeira metade do século XII, bem como no período de transição política (séculos XII e XIII) (Liberato 2011, anexos 3 e 5); no castelo de Palmela surge em contextos a partir da segunda metade do século X, prevalecendo até ao século XII (Araújo 2013, p. 15 e estampas 10, 11, 39 e 63); e Setúbal, em contexto inserível nos séculos XI e XII (Duarte 2018, p. 216).

A tipologia 7 (anexos, p. 45) encontra-se em 3 indivíduos (3,09%) e caracteriza-se por caçoilas com bordo vertical e lábio arredondado com espessamento externo. Apresenta como único paralelo as caçoilas de tipo 9 da via F (Pires 2020, anexos p. 123), com uma presença na sua fase de terraplanagem (primeira metade do século XII) e no abandono (segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII).

Por fim, a tipologia 8 (anexos, p. 45) de caçoila foi formulada a partir de 4 exemplares (4,12%) com bordo vertical e lábio biselado. Encontra paralelos no castelo de Palmela, em contextos atribuídos aos séculos VIII/IX e final de X/início de XI, bem como no arrabalde de Silves, em contexto mais tardio, enquadrável nos séculos XII e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 701).

7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

Jarras correspondem a peças “de forma fechada, tamanho médio, corpo de tendência globular, colo e boca relativamente largos e duas ou mais asas”, distinguindo-se dos jarros apenas pelo número de asas, que nesta forma corresponde apenas a uma. Decidi incluir neste grupo as peças que denominei de “jarrinha/o”, sendo morfologicamente iguais às descritas acima, no entanto, com dimensões menores, podendo ser utilizadas para consumir diretamente os líquidos (Bugalhão et alii 2010, pp. 460 e 461).

Foram identificados 257 indivíduos de jarra/jarro/jarrita, 95 deles correspondentes a fragmentos de bordos (anexos, tabela 60, p. 28; anexos, gráfico 3, p. 28), a partir dos quais se estabeleceram as 8 tipologias seguintes.

A tipologia 1 (anexos, p. 46) corresponde a peças com bordo tendencialmente vertical e lábio arredondado sem espessamento, presente em 14 indivíduos (14,74%). Esta é uma tipologia bastante comum em contextos islâmicos. Em Lisboa, encontramos esta morfologia na Praça da Figueira, em contextos da primeira metade do século XII e da

segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII (Pires 2020, pp. 72 e 73), bem como na Igreja de São Lourenço, em contextos dos séculos XI e XII (Rodrigues 2018, p. 40). Em Santarém, surge com cronologias inseríveis na segunda metade do século XI/primeira metade do século XII, bem como numa fase mais tardia, inserível no século XIII (Liberato 2011, anexos 3 e 5).

O bordo vertical com lábio biselado (tipologia 2) (anexos, p. 47) foi identificado em 8 indivíduos (8,42%). Apresenta paralelos com jarras do tipo A da Igreja de São Lourenço, em Lisboa (Rodrigues 2018, pp. 40 e 41).

A tipologia 3 (anexos, p. 47) consiste em jarras/jarros/jarrinhas com bordo vertical e lábio arredondado com espessamento interno, estando representada por 22 indivíduos (23,16%). Em Lisboa, este tipo surge em contextos dos séculos XI e XII na Rua dos Correiros (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339) e na Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, pp. 40 e 41), bem como na Praça da Figueira, em contexto que abrange a totalidade do século XII e a primeira metade do século XIII (Pires 2020, p. 73). Encontra ainda paralelos em Santarém, em contexto da segunda metade do século XI – primeira metade do século XII (Liberato 2011, anexo 3).

A tipologia 4 (anexos, p. 48) foi atribuída a peças com bordo vertical e lábio em aba, estando presente em 16 indivíduos (16,84%). Apresenta paralelos com as jarras do tipo J da Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, p. 45) e com as jarrinhas 8D do castelo de Palmela, que surgem em contextos do final do século X até aos finais do século XI/inícios de XII (Araújo 2013, p. 60 e estampa 24).

Os bordos ligeiramente extrovertidos com lábio arredondado (tipologia 5) (anexos, p. 48) foram contabilizados em 28 indivíduos (29,47%). Foram identificados paralelos em Lisboa – Praça da Figueira (Pires 2020, p. 74) e Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, p. 43) –, Setúbal, com as peças RAJG.19/133 e RAJG.19/180 (Duarte 2018, p. 223) e Santarém (Liberato 2011, anexo 3), em contextos maioritariamente inseríveis nos séculos XI e XII. Surge também em Mértola, na fase de período almóada (Gómez-Martínez 2004, p. 821).

A tipologia 6 (anexos, p. 49) foi atribuída a partir de 5 indivíduos com bordo vertical e lábio plano. Apresenta paralelos com as jarras do tipo 2.1 identificados na fase de abandono tardio da via F da Praça da Figueira (Lisboa), contexto da segunda metade

do século XII/primeira metade do século XIII (Pires 2020, p. 74), bem como em Santarém, em contexto do século XIII (Liberato 2011, anexo V).

A tipologia 7 (anexos, p. 50) corresponde a bordo de tendência vertical com lábio quadrangular, estando presente em apenas 1 indivíduo (1,05%).

Por fim, a tipologia 8 (anexos, p. 50), representada apenas pela jarra PF.00/5500-47, apresenta bordo vertical com lábio semicircular.

7.2.2. Tigelas

As tigelas correspondem a formas abertas, de corpo semiesférico, utilizadas no consumo de alimentos. Neste conjunto, composto por 174 indivíduos, foram identificados 75 fragmentos de bordo (anexos, tabela 61, p. 29; anexos, gráfico 4, p. 29), que serviram de base à atribuição de onze tipologias.

A tipologia 1 (anexos, p. 51) foi formulada a partir dos 7 indivíduos (9,33%) de tigela que apresentam bordo ligeiramente extrovertido ou oblíquo com lábio arredondado ou ligeira aba. Encontra paralelos em: Lisboa, com as tigelas carenada do tipo B da Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, p. 38); Mértola, com as tigelas do tipo 3Cb, com cronologia inserível no século XII e primeira metade do século XIII (Gómez Martínez 2004, p. 1028 e p. 3410); e Palmela, com a tipologia 5A de tigela, cuja cronologia se enquadra maioritariamente no século X (Araújo 2013, p. 50).

As tigelas do tipo 2 (anexos, p. 52) apresentam bordo vertical e lábio arredondado espessado externamente, sendo este conjunto composto por 2 indivíduos (2,67%).

A tipologia 3 (anexos, p. 53) consiste em bordos verticais com lábio arredondado, tendo-se verificado estas características em 14 indivíduos (18,67%). Para esta tipologia, optei por estabelecer subcategorias: consoante a ausência de qualquer outra característica relevante (tipo 3 A), presença de carena (tipo 3 B) ou espessamento externo no lábio (3 C). As 6 tigelas identificadas como 3A apresentam paralelos em: Santarém, contexto enquadrável nos séculos XI e XII (Liberato 2011, anexo 3); Mértola, com cronologia inserível nos séculos X e XII (Gómez Martínez 2004, p. 934 e p. 1032); Palmela, em contexto atribuível aos séculos XI e XII (Araújo 2013, p. 46 e estampa 23); e em Coimbra, com cronologia mais tardia, atribuível ao século XIII (Almeida e Temudo 2012, p. 296). O tipo 3B, presente em 3 indivíduos (4%) encontra paralelo no arrabalde de Silves, em contexto dos séculos XII e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 701) e no castelo de Palmela, com as caçoilas do tipo 3H, identificadas em contextos do século XI (Araújo

2013, p. 42 e estampa 39). A tipologia 3C, atribuída a 5 exemplares (6,67%) encontra semelhanças com as tigelas do tipo 4A de Mértola, datadas dos séculos XI e XII (Gómez Martínez 2004, p. 1483).

A tipologia 4 (anexos, p. 54) corresponde a tigelas com bordo introvertido e lábio arredondado (com ou sem espessamento), tendo este sido identificado em 9 indivíduos (12%). Apresenta paralelos em Lisboa com o exemplar PF.00/1196-23 identificado na via F da Praça da Figueira (Pires, 2020, p. 55), com as sertãs 31 e 32 provenientes da escavação da encosta de Sant'Ana (Calado e Leitão, 2005, pp.459-470), e em Palmela, com a caçoila 3112 do tipo 3J (Araújo 2014, p. 43), em contextos atribuíveis ao século XII.

A tipologia 5 (anexos, p. 55) consiste em bordos verticais com lábio em aba e encontra-se em 14 indivíduos (18,67%), sendo por isso a segunda tipologia mais comum dentro do conjunto estudado. Apresenta paralelos em Lisboa – NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339), Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, p. 38), bairro islâmico da Praça da Figueira (Mira 2019, p. 46) –, em Santarém (Liberato 2011, anexo 3), em contextos inseríveis nos séculos XI e XII, em Palmela, em contextos da mesma cronologia que as anteriores (Araújo 2013, p. 48 e estampa 42), e em Mértola, com os atafiores do tipo 4D, atribuídos ao século XII (Gómez Martínez 2004, p. 1019).

A tipologia 6 (anexos, p. 56), presente em 9 indivíduos (12%), consiste em tigelas com bordo vertical e lábio quadrangular. Apresenta paralelos com as tigelas do tipo 11 identificados na via F do bairro da Praça da Figueira (Pires 2020, p. 68), fase datável da primeira metade do século XII, bem como em Coimbra, em contexto do século XIII (Almeida e Temudo 2012, p. 296).

A tipologia 7 de tigela (anexos, p. 56) consiste em bordos tendencialmente verticais com lábio semicircular, tendo esta sido identificada em 5 indivíduos (6,67%). Encontra paralelos em Mértola, com cronologia dos séculos X e XI (Gómez Martínez 2004, p. 935).

A tipologia 8 (anexos, p. 57) foi atribuída às peças com bordo ligeiramente extrovertido com lábio semicircular, sendo esta a segunda tipologia mais frequente do conjunto, estando presente em 9 indivíduos (12%). Apresenta paralelos com a tigela vidrada nº 4116 e com o exemplar com pintura a vermelho nº 3249 do Núcleo

Arqueológico da Rua dos Correiros, em contexto inserível no século XI (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, pp. 338 e 339).

A tipologia 9 (anexos, p. 57) foi formulada a partir de 5 fragmentos (6,67%) de tigela com bordo vertical e lábio triangular. Tem como paralelos as tigelas do tipo 8 da via F do bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa), identificadas na primeira e última fase de ocupação do sítio (século XII e primeira metade do século XIII) (Pires 2020, p. 69), juntamente com as tigelas do tipo 5B do castelo de Palmela, com cronologia mais recuada, enquadrável nos séculos X e XI (Araújo 2013, p. 51).

A tipologia 10 (anexos, p. 58) consiste em tigelas com bordo introvertido e lábio em aba plana, características presentes numa única peça (1,33%). Encontra semelhanças num exemplar recolhido no Castelo de Palmela, o indivíduo sem tipo determinado 3043, proveniente de uma unidade do século XII com vestígios de cerâmica medieval cristã (Araújo 2013, p. 15 e estampa 62).

7.2.3. Taças

As taças correspondem a peças de forma aberta, corpo semiesférico e reduzidas dimensões, sendo o diâmetro do seu bordo inferior a 15 cm (Bugalhão et alii. 2010, p. 461).

Foram identificados 8 indivíduos desta forma funcional, todos eles correspondendo a fragmentos de bordo não vidrados (anexos, tabela 62, p. 30; anexos, gráfico 5, p. 30).

A tipologia 1 (anexos, p. 59), presente em metade dos indivíduos, corresponde a taças com bordo vertical e lábio arredondado. Apresenta como paralelos a peça descrita como “salseiro” do tipo A-1 identificada na fase de terraplanagem (contexto do final do século XI, inícios do século XII) da habitação P/Q – 9/11 do bairro islâmico da Praça da Figueira, em Lisboa (Mira 2018, p. 68), e a taça sem tipo determinado 1799 do castelo de Palmela, proveniente de um estrato do período das Taifas (século XI) (Araújo 2013, p. 15 e estampa 44).

A tipologia 2 (anexos, p. 59), representada apenas pelo indivíduo PF.00/1549-302, apresenta bordo tendencialmente vertical com lábio semicircular. Encontra paralelos em Palmela, com cronologia inserível nos séculos VIII/IX (Araújo 2013, estampa 2).

Também presente em apenas um exemplar, a tipologia 3 (anexos, p. 59) corresponde a taças com bordo introvertido e lábio arredondado.

Por fim, a tipologia 4 (anexos, p. 59), presente em 2 indivíduos (25%), apresenta um bordo extrovertido ou oblíquo com lábio arredondado.

7.2.4. Púcaros

Os púcaros correspondem a pequenos jarros, de altura inferior a 10 cm, com forma fechada de tendência globular, colo diferenciado e única asa, utilizados na ingestão de líquidos (Bugalhão et alii. 2010, p. 461). Neste estudo, considere as peças que apresentam duas asas.

Foram identificados 4 indivíduos de púcaro, um deles apresentando decoração vidrada.

Os dois fragmentos de bordo de púcaro apresentavam as mesmas características de bordo e lábio, tendo-lhes sido atribuída a tipologia 1 (anexos, tabela 63, p. 30; anexos, p. 60). Esta corresponde a púcaros com bordo vertical e lábio arredondado. Encontra paralelos em Mértola, com a jarrita de tipo 4E, da segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII (Gómez-Martínez 2004, p. 823), bem como em Santarém, em contexto de cronologia mais recuada, enquadrável em finais do século XI ou princípios do século XII (Liberato 2011, anexo III).

7.2.5. Bilhas

As bilhas correspondem a formas fechadas, de média ou reduzida dimensão, corpo globular, gargalo e boca estreitos e com uma ou duas asas (Bugalhão et alii. 2010, p. 460). No conjunto não foram identificados fragmentos de bordo que permitam atribuir tipologias. Existem, no entanto, fragmentos de bojo e colo cuja morfologia vai de encontro às características desta forma, tendo por isso sido descritas como tal. Foram contabilizados um total de 12/13 indivíduos, 3 destes apresentando decoração vidrada.

7.2.6. Garrafas

As garrafas correspondem a “objetos com corpo globular, gargalos e boca estreitos, mas sem asas e sem bico” (Bugalhão et alii. 2010, p. 460). Foram identificados 3/4 indivíduos com estas características morfológicas (anexos, tabela 64, p.30).

O exemplar PF.00/1326-517, de bordo vertical e lábio arredondado, serviu de base para formular a única tipologia de garrafa (tipologia 1) (anexos, p. 61). Encontra algumas

semelhanças no exemplar CR/PT/0084 recolhido na Alcáçova do Castelo de Mértola (Gómez Martínez 2004, p. 1648).

Destaque também para o exemplar PF.00/10014-01 (anexos, p. 139), que se apresenta em ótimo estado de conservação, com perfil quase completo, faltando apenas uma pequena parte do lábio para compreendermos as características do mesmo.

7.3.7. Bules

A forma de bule encontra-se também presente no conjunto da cultura material analisada, através de um fragmento de bordo ligeiramente extrovertido com lábio semicircular (anexos, tabela 65, p. 31; anexos, p. 61). Encontra paralelos na área urbana de Silves, num contexto dos séculos XI e XII (Gonçalves et alii 2017, p. 1425).

Importa referir que o fragmento em questão levantou algumas dúvidas devido às suas características morfológicas, sendo por isso possível que corresponda a um bordo de cantil, semelhante ao exemplar CR7PT/0076 de Mértola, atribuído à segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII (Gómez Martínez 2004, p. 1640).

7.3. Cerâmica de armazenamento

7.3.1. Potes

Os potes são objetos de forma fechada, corpo globular ou ovoide e boca relativamente estreita (Bugalhão et alii. 2010, p. 460). Tal como já foi referido, distinguem-se das panelas pela ausência de marcas de fogo.

Foram quantificados 133 indivíduos, 69 correspondentes a fragmentos de bordo (anexos, tabela 66, p. 31), a partir dos quais se estabeleceram as 7 tipologias seguintes.

A tipologia 1 (anexos, p. 62) caracteriza-se pela presença de bordo vertical e lábio tendencialmente retangular. Corresponde à tipologia mais frequente no conjunto, presente em 46 indivíduos (66,67%). Em Lisboa, esta morfologia encontra paralelos nos exemplares de panela nº 700 e nº 2984 do NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, pp. 338 e 339); na via F da Praça da Figueira verifica-se o paralelo com as panelas de tipo 2, que surgem nas fases inicial (finais de século XI/primeiras décadas do século XII) e final de ocupação do bairro (segunda metade do século XII/primeiras décadas do século XIII) (Pires 2020, p. 60). Nas proximidades de Lisboa, encontramos esta tipologia em Setúbal, em contexto dos séculos XI e XII (Duarte 2018, p. 222), bem como no castelo de Palmela,

em contextos com cronologia entre os séculos IX/inícios de X e finais do século XI/inícios do século XII (Araújo 2013, estampas 4, 9, 16, 20, 21, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 50, 57, 58 e 61). Por fim, no sul do *Gharb*, encontra paralelo no arrabalde de Silves, em contexto com cronologia entre os séculos XI e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699).

A tipologia 2 (anexos, p. 63) – a segunda mais representada no conjunto, presente em 16 indivíduos (23,19%) – apresenta bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com lábio em aba semicircular. Encontra paralelos em Santarém, em contexto do século XI, bem como em período mais tardio, em contexto de transição política, datado dos séculos XII e XII (Liberato 2011, anexos 3 e 5). Em Palmela, esta tipologia surge num largo horizonte cronológico, entre o século VIII/XI e o final do século X/início de XI (Araújo 2013, p. 31).

Presente em apenas 2 indivíduos de pote (2,90%), a tipologia 3 (anexos, p. 63) caracteriza-se pelo seu bordo vertical com lábio semicircular espessado no exterior. Encontra semelhanças com um exemplar do castelo de Palmela, com cronologia inserível no século XI (Araújo 2013, estampa 34).

A tipologia 4 (anexos, p. 63), também identificada em 2 fragmentos, ostenta bordo vertical com lábio plano espessado no interior. Encontra paralelos em Santarém no exemplar S.50UT.2-8.07 (508) – 4694, inserível em contexto dos finais do século XI – primeira metade do século XII (Liberato 2011, anexo 3).

Equivalente à tipologia de panela com o mesmo número, a tipologia 5 de pote (anexos, p. 64) apresenta lábio arredondado com ligeiro espessamento externo. Apresenta paralelos em Lisboa – na via F da Praça da Figueira, em contexto da segunda metade do século XII e primeira metade do século XIII, – e em Santarém, com cronologia entre os séculos XII e XIII (Liberato 2011, anexo 5). Trata-se, portanto, de uma forma com produção mais tardia, do período da transição política. O fragmento PF.00/1326-522 (anexos, p. 63), único exemplar desta tipologia, possui vidrado melado escuro na face interna.

A tipologia 6 (anexos, p. 64), elaborada a partir da peça PF.00/1576-503, que a tem como único exemplar (1,45%), apresenta bordo vertical com lábio plano. Podemos encontrar semelhanças em Santarém, em contexto do século XI (Liberato 2011, anexo 3), assim como em Mértola, em contexto de período Almóada (Gómez Martínez 2004, p. 917).

Por fim, a tipologia 7 (anexos, p. 64), representada apenas pelo fragmento PF.00/1326-4, possui bordo vertical com aba plana. Em Santarém, encontramos paralelos com o exemplar de panela S.5OUT.2-8.08 (91) – 1982, atribuída ao século XIII (Liberato 2011, anexo 5).

7.3.2. Cântaros

Os cântaros são vasilhas fechadas, “de forma ovoide, com asas, um gargalo e boca relativamente estreitos para que o líquido se não verta” (Bugalhão et al. 2010, p. 460), utilizadas no transporte e armazenamento de líquidos.

Foram contabilizados 117 indivíduos de cântaro, dos quais 50 correspondiam a fragmentos de bordo (anexos, tabela 67, p. 32; anexos, gráfico 6, p. 32), pertencentes a 2 tipologias distintas: bordo tendencialmente vertical com lábio em aba e bordo vertical com lábio em aba plana.

A tipologia 1 (anexos, p. 65) foi a mais representada, presente em 41 fragmentos (82%). Apresenta paralelos em Lisboa, com o cântaro de Tipo 1 da via F do bairro islâmico da Praça da Figueira (Pires 2020, p. 78) e com a peça nº 2938 do NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339), inserível num contexto do século XI; e em Setúbal, com o exemplar RAJG.19/84 (Duarte 2018, p.217), datado dos séculos XI e XII. Já em Santarém, este tipo de bordo surge em contextos mais tardios, com uma cronologia do século XIII (Liberato 2011, anexo 5).

Os 9 cântaros de tipo 2 (anexos, p. 65), caracterizados pela presença de bordo vertical e lábio em aba plana, encontram paralelo em Santarém (Liberato 2011, anexo 3), e em Lisboa, na habitação P/Q-9/11 do bairro islâmico da Praça da Figueira (Mira 2019, p. 93). Ambos os contextos apresentam uma cronologia inserível entre os séculos XI e XII.

7.3.3. Talhas

As talhas são formas fechadas “de grandes dimensões, de altura superior a 50 centímetros” (Bugalhão et al. 2010, p. 460), utilizadas no armazenamento de líquidos.

Foram identificados 29 fragmentos de talha, a maioria correspondente à parte do bojo. Dentro dos 11 fragmentos de bordo identificados (anexos, tabela 68, p. 32; anexos, gráfico 7, p. 33), foi possível estabelecer a presença de duas tipologias.

A tipologia 1 (anexos, p. 60), a mais frequente no conjunto, com 9 indivíduos (81,82%), corresponde a talhas com bordo vertical ou ligeiramente extrovertido, com lábio retangular, podendo este apresentar um ligeiro espessamento (tipo 1b) (anexos, p. 61). Foram identificados paralelos em Lisboa: talha do tipo B da Igreja de São Lourenço (Rodrigues 2018, p. 29).

Já a tipologia 2 (anexos, p. 62), presente em apenas 2 indivíduos (18,18%) caracteriza-se pelo seu bordo extrovertido e lábio retangular com arestas arredondadas. Apresenta paralelos em Lisboa com a talha nº 4163 do NARC, em contexto inserível nos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 338), bem como com um exemplar recolhido na rua de São Mamede, enquadrável nos séculos XII e XIII (Salomé e Calado 2012, p. 29).

7.4. Cerâmica multifuncional

7.4.1. Alguidares

Os alguidares correspondem a “recipientes abertos de corpo cilíndrico ou em troco-cónico invertido” (Bugalhão et alii 2010, p. 460). Foram atribuídas duas tipologias, a partir de 8 fragmentos de bordo de alguidar (anexos, tabela 69, p. 33; anexos, gráfico 8, p. 33).

A tipologia 1 (anexos, p. 69), presente em 50% dos indivíduos, corresponde a alguidares com bordo extrovertido e lábio em aba pendente. Encontra paralelos em: Lisboa, no alguidar de tipo 2 identificado no contexto de abandono tardio (segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII) da via F do bairro da Praça da Figueira (Pires 2020, p. 63); em Palmela, no exemplar de tipo 7A, recolhido de um contexto atribuído ao século XI (Araújo 2013, p. 76 e estampa 48); e em Silves, com exemplares identificados no espaço de arrabalde, em contexto dos séculos XII e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 704).

A tipologia 2 (anexos, p. 69) caracteriza-se pelo seu bordo extrovertido e lábio em aba semicircular. Apresenta paralelos com os alguidares do tipo 1 da via F da Praça da Figueira (Lisboa) (Pires 2020, p. 63), de contexto inserível no século XII; em Palmela, com um exemplar de tipo indeterminado, proveniente de um estrato do século XI (Araújo 2013, estampa 48); em Mértola, com os alguidares do tipo 1, com cronologia almóada (Gómez Martínez 2004, p. 933); e mais a sul, no arrabalde de Silves, com cronologia atribuída aos séculos XII e XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 704).

7.5. Cerâmica de iluminação

7.5.1. Candis

Os candis são objetos de pequena dimensão, de depósito fechado, destinados a conter fogo para iluminação (Gómez Martínez 2004, p. 276; Bugalhão et al. 2010, p. 461). Neste conjunto, foram identificados 5 indivíduos de candil.

O exemplar PF.00/10030-01 (anexos, p. 70) apresenta depósito globular com carena suave, base circular plana e bico alongado. Tanto a asa como o colo encontram-se fragmentados, embora este último pareça apresentar uma forma cilíndrica. Possui decoração vidrada a cor verde, e o estudo arqueométrico da pasta indica uma origem local/regional. As características preservadas neste objeto encontram semelhanças com as peças nº 18 e nº 327 recolhidas no NARC/Mandarim Chinês, atribuídas aos séculos XI/XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 338).

O exemplar PF.00/08.86-79 (anexos, p. 134), também ele de depósito globular com carena suave, tem a particularidade de apresentar uma cozedura redutora, bem como revestimento de engobe.

Por fim, é importante destacar o indivíduo PF.00/1545-511 (anexos, p. 70), correspondente ao único fragmento de asa de candil identificado no conjunto. Quanto à sua morfologia, apresenta uma forma em “D” e secção aproximadamente circular. Apresenta decoração vidrada a melado claro e manganês. As suas características são próprias das asas de candil de período almorávida (Kemnitz 1993-1994, p. 449).

7.6. Cerâmica auxiliar

7.6.1. Testos

Os testos correspondem a peças de formato circular, com a função de cobrir o bordo de um recipiente, sobretudo panelas e potes. Apresentam, geralmente, uma pequena pega no centro (Bugalhão et al. 2010, p. 461).

Foram identificados 8 fragmentos de testo (anexos, tabela 70, p. 34; anexos, gráfico 9, p. 34), a partir dos quais foram estabelecidas quatro tipologias, segundo as características do bordo e lábio. A tipologia 1 (anexos, p. 71), representada por 2 indivíduos (25%), caracteriza-se pelo seu bordo extrovertido com lábio plano. Encontra paralelos em: Santarém, em contexto enquadrável no século XIII (Liberato 2011, anexo V); em Palmela, proveniente da fase final de ocupação do sítio (século XII) (Araújo 2013, estampa 64); bem como em Mértola, com os indivíduos da tipologia 1C, que só surge no

castelo em contextos do século XII, estando ausente nas centúrias anteriores (Gómez Martínez 2004, p. 343).

A tipologia 2 (anexos, p. 71), à qual pertencem dois bordos (25%), apresenta bordo vertical com lábio arredondado. Encontramos paralelos em Lisboa, na via F da Praça da Figueira e no NARC, ambos em contextos inseríveis nos séculos XI e XII (Pires 2020, p. 81; Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 340).

A tipologia 3 (anexos, p. 71), presente no exemplar PF.00/4246-43, diz respeito a testos com bordo vertical e lábio em barbela. Encontra paralelos em Lisboa – via F da Praça da Figueira (Pires 2020, p. 82), em contexto inserível na segunda metade do século XII ou primeira do século XIII – e em Coimbra, em contexto do século XIII (Almeida e Temudo 2012, p. 296).

Por fim, a tipologia 4 (anexos, p. 71) corresponde a testos de bordo extrovertido com lábio arredondado. Foram identificados paralelos em Lisboa – na via F da Praça da Figueira, inserível nos séculos XI e XII (Pires 2020, p. 82) – e Mértola, com cronologia de finais do século XI (Gómez Martínez 2004, p. 341).

Gostaria ainda de dar destaque ao exemplar PF.00/1549-304 (anexos, p. 157), que embora a ausência de bordo não permita atribuir-lhe uma cronologia, é o único fragmento a apresentar vestígios de pega, em forma de mamilo.

7.6.2. Suporte de talha

Faz ainda parte do conjunto um fragmento de suporte de talha (PF.00/506-1C) (anexos, p. 72), que apresenta bordo vertical e lábio arredondado com espessamento na face interna (tipologia 1). Ao nível da decoração, ostenta uma linha ondulada horizontal incisa ao longo do bojo, bem como vestígios de pintura a branco na parte do superior do bordo.

7.6.3. Fogareiro

Os fogareiros correspondem a utensílios portáteis destinados a conter fogo e cozinhar alimentos. Apresentam uma câmara inferior (ou “cinzeiro”), onde caem os restos da combustão, uma grade e uma câmara superior (ou de fogo), onde a combustão ocorre e sobre a qual são colocadas panelas, caçoilas, ou até mesmo o alimento, de forma a assá-lo à brasa. Pode também ser utilizado para aquecimento, assumindo a função de braseiro (Gómez Martínez 2000, p. 422). No conjunto da cultura material estudado foi identificado um fragmento de fogareiro, correspondente à secção da grade (anexos, p. 72). Estes

objetos surgiram em alguns contextos do *Gharb al-Andalus*: em Mértola, onde podemos traçar o paralelo com o exemplar CR/CF/0032, com grade convexa, de período almóada (Gómez Martínez 2000, p. 422); e em Alcácer do Sal, com o fogareiro recolhido do interior de uma habitação do mesmo período (Leitão 2016, p. 35).

8. OBJETOS CERÂMICOS – PRODUÇÕES

O estudo das produções foi realizado a partir de uma observação macroscópica com recurso a lupa manual, à qual se seguiu uma observação microscópica, de forma a ter uma perceção mais clara dos elementos não plásticos que os constituem.

A classificação das pastas foi realizada com base nos critérios de textura, dureza, tato, depuração, tonalidade e proveniência.

Relativamente à textura, esta teve por base as normas presentes no estudo Elementos para a análise e descrição de produções cerâmicas, de Artur Martins e Carlos Ramos (Martins e Ramos 1992). Segundo o artigo, são definidos os seguintes critérios para classificação das pastas: grosseiras, quando esta possui grande variedade de elementos plásticos e não plásticos, em resultado de uma fraca depuração da argila; homogénea, nas situações em que a pasta apresenta poucos elementos plásticos e não plásticos, de tamanho semelhante entre si; densa, quando os elementos são mínimos ou inexistentes, em resultado de uma depuração mais elevada da pasta. Além destas classificações, as pastas foram ainda distinguidas segundo a forma de composição de camadas: compacta, quando não existem camadas de estratificação; estratificada, quando são visíveis finas camadas sobrepostas (Martins e Ramos 1992, p. 99).

A classificação da dureza e tato recorreu aos termos apresentados no livro *La Cerámica en Arqueologia* (Orton, Tyers e Vince 1997). Segundo este, a dureza é considerada suave quando a pasta é arranhável com a unha, dura quando não arranhável com a unha e muito dura quando a pasta não é arranhável à faca. Quanto ao tato, ele é considerado áspero se abrasivo ao dedo, grosseiro quando as irregularidades da pasta são sentidas e suave quando não se identificam quaisquer irregularidades (Orten, Tyers e Vince 1997, p. 266). Este livro foi também utilizado como recurso para a descrição da dimensão e distribuição dos elementos não plásticos.

Por fim, a tonalidade da fratura foi determinada a partir do *Munsell Soil Color Charts* (Munsell 1994), à qual se seguiu uma classificação de base empírica.

8.1. Produções não vidradas

O fabrico F1 corresponde ao fabrico mais presente no conjunto, tendo sido identificado na maioria dos indivíduos não vidrados (763 indivíduos, 80,9%). Apresenta

uma textura homogénea, compacta, dura e tato grosseiro. A tonalidade da fratura varia, geralmente, entre as cores laranja e castanho-claro, tendo sido comum a atribuição das cores MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “*reddish yellow*”, MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “*pink*” e MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “*reddish yellow*” aos indivíduos deste fabrico. Relativamente aos elementos não plásticos, o fabrico F1 caracteriza-se pela presença frequente de mica prateada (moscovite) de pequena a grande dimensão, elementos quartzosos (quatrzo translúcido e hialino) de pequena a grande dimensão (geralmente frequentes) e elementos de cerâmica moída pouco frequentes. É comum a pasta apresentar alguns alvéolos, fissuras e até cavernas. Os ENP apresentam uma dimensão entre 0,5 e 3 milímetros e uma percentagem de 20 a 30%. Dada a elevada presença de mica e quartzo, conclui-se que este fabrico é de origem local/regional.

O fabrico F2, presente em 1,4% dos indivíduos sem revestimento vidrado, possui uma textura compacta, homogénea, dura e tato grosseiro. A tonalidade da fratura é geralmente de cor creme, podendo variar entre um tom mais esbranquiçado (MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “*very pale brown*”) ou rosado (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”). Apresenta elementos quartzosos de pequena e média dimensão em baixa frequência, mica prateada frequente, elementos ferromagnesianos raros e de pequena dimensão, assim como elementos negros. Em alguns indivíduos verificou-se ainda a presença (rara) de calcite. A frequência de ENP é de 10 a 20%, e os mesmos apresentam uma dimensão entre os 0,5 e os milímetros. Embora possua alguma frequência de mica, a presença de elementos ferromagnesianos e elementos negros leva-me a atribuir-lhe uma origem exógena.

O fabrico F3 encontra-se em 0,7% dos indivíduos. Possui uma textura densa (muito calibrada) e homogénea, dura e de tato suave. A tonalidade da fratura é bege rosado claro (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”). Relativamente aos elementos não plásticos, este fabrico apresenta uma baixa frequência de mica prateada, alguns elementos quartzosos de pequena a grande dimensão, presença pouco frequente de elementos negros e alguns alvéolos de pequena e média dimensão. A percentagem de ENP é de 10 a 20% e a sua dimensão varia entre os 0,5 e os 2 milímetros. Tal como sucede com o fabrico F2, a ocorrência de elementos negros sugere que se trata de um fabrico importado.

O fabrico F4 apresenta-se em 0,4% dos indivíduos, exclusivamente em formas de mesa. Possui uma textura compacta e homogénea, dureza suave e tato suaves. A pasta apresenta uma cor bege (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/3 – “*pink*”). Ao nível dos elementos

não plásticos, podemos encontrar alguns elementos ferromagnesianos de pequena a média dimensão e mica prateada de pequena dimensão. Verifica-se também a presença ocasional de alvéolos. A dimensão dos ENP é de 0,5 a 2 milímetros e a sua percentagem é de 20%. Corresponde a uma produção de origem exógena.

O fabrico F5 encontra-se presente em 0,8% dos indivíduos não vidrados, nas formas de jarra/jarro/jarrita, tigela e taça. A sua pasta, geralmente de cor creme (MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “*pink*”), apresenta uma textura compacta e homogénea, tato grosseiro e dureza suave. Possui uma baixa frequência de mica prateada, alguns elementos quartzosos de pequena a grande dimensão, e presença pouco frequente de elementos negros e ferromagnesianos. Os ENP apresentam entre 0,5 e 3 milímetros e uma percentagem de 10%. Trata-se de um fabrico de produção exógena, possivelmente da região de Málaga, dada a presença frequente de matéria ígnea.

O fabrico F6 corresponde ao segundo fabrico mais comum entre as peças não vidradas, estando presente em 7,7% dos indivíduos, numa grande variedade de formas e tipologias. Apresenta uma textura compacta e homogénea, um tato grosseiro e um elevado grau de dureza. A tonalidade da fratura varia entre o bege (MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/3 – “*pink*” e MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”) e o creme (MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/4 – “*pink*” e MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “*pink*”). A análise microscópica revelou a presença frequente de mica prateada, baixa ocorrência de elementos quartzosos, cerâmica moída de pequena a grande dimensão (pouco frequentes), raros alvéolos de pequena dimensão e presença igualmente rara de calcite de pequena a grande dimensão. Os elementos não plásticos apresentam um tamanho entre os 0,5 e os 3 milímetros e uma percentagem de 20%. Trata-se de uma produção de origem local/regional.

O fabrico F7 encontra-se em 7 indivíduos (0,7%), dentro das formas de jarra/jarro/jarrita, tigela e indeterminados. A sua pasta apresenta uma textura homogénea e estratificada, o seu tato é um pouco grosseiro e a sua dureza é baixa (suave). A fratura apresenta uma tonalidade creme escuro (MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “*pink*”). Ao nível dos elementos não plásticos, verifica-se a presença frequente de mica dourada e prateada, de elementos quartzosos e elementos negros de pequena dimensão. É possível também observar alguns pequenos alvéolos e cerâmica moída de pequena a grande dimensão. O tamanho dos ENP é de 0,5 a 3 milímetros, surgindo numa percentagem de 10 a 20%. A presença de elementos negros indica que se trata de uma produção exógena.

O fabrico F8 encontra-se exclusivamente nas formas de jarra/jarro/jarrita (8 indivíduos, 0,8%), em exemplares com pintura a preto ou vermelho. Apresenta uma textura compacta e homogénea, dureza e tato ambos suaves. Ao nível da tonalidade da fratura, esta é geralmente de cor creme (MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “*pink*” ou MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “*pink*”), por vezes bege (MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “*pinkish white*”). A análise da pasta permitiu identificar a presença de alguns elementos ferromagnesianos de pequena dimensão, rara ocorrência de elementos negros de pequena dimensão, baixa frequência de elementos quartzosos de pequena dimensão e também alguns alvéolos. A presença de mica prateada, embora pouco frequente e de pequena dimensão, verificou-se em alguns dos exemplares analisados. A dimensão do ENP situa-se entre os 0,5 e 2 milímetros e a percentagem é de apenas 10%. As características anteriores sugerem que este fabrico se trata de uma produção exógena.

O fabrico F9 é também bastante comum entre as peças não vidradas, encontrando-se numa grande variedade de formas (52 indivíduos, 5,5%). É muito semelhante ao fabrico F6, com a diferença de que este apresenta uma textura mais densa e um tato mais suave. Relativamente aos elementos não plásticos, o fabrico F9 possui uma pasta rica em mica prateada, e com baixa ocorrência de elementos quartzosos e alvéolos, ambos de pequena e média dimensão. Os ENP apresentam um tamanho de 0,5 a 2 milímetros e uma percentagem de 10%. Trata-se de um fabrico de origem local/regional.

O fabrico 10 possui como único exemplar o bordo de alguidar PF.00/1555-239. Apresenta uma textura densa e compacta, tato ligeiramente grosseiro e dureza muito elevada. A tonalidade da fratura é bege rosado (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”). A análise microscópica revelou a presença pouco frequente de mica prateada, raros elementos quartzosos de pequena dimensão, frequentes alvéolos de pequena a grande dimensão e muitas cavernas. Os elementos não plásticos apresentam um tamanho entre os 0,5 e os 3 milímetros, surgindo numa frequência de 10%. Parece corresponder um fabrico de origem local/regional.

O fabrico F11 foi identificado em três indivíduos de jarra/jarro/jarrita. Desses, o exemplar PF.00/7507-77 (anexos, p. 46 e 144) apresenta pintura a vermelho e o PF.00/7178-501 (anexos, p. 139) a preto. Possui uma textura homogénea e compacta, dureza elevada e um tato grosseiro. A tonalidade da fratura é creme amarelada (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*” e MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “*pale yellow*”). A sua pasta apresenta elevada frequência de mica prateada e elementos quartzosos, baixa

frequência de elementos negros e também alguns alvéolos e elementos de cerâmica moída. A dimensão dos elementos não plásticos é de 0,5 a 3 milímetros e a sua percentagem corresponde a 20%. Trata-se de uma produção com origem exógena.

O fabrico F12 encontra-se num fragmento de jarra/jarro/jarrita e dois fragmentos de forma indeterminada. Possui uma textura homogénea e compacta, tato grosseiro e dureza elevada. A tonalidade da fratura é creme amarelada (MUNSELL – Hue 7.5 YR R8/4 – “pink”). A pasta apresenta uma baixa frequência de mica prateada e elementos quartzosos de pequena dimensão, alguns elementos ferromagnesianos e elementos negros frequentes. Os ENP apresentam uma dimensão entre os 0,5 e 1 mm, surgindo numa frequência de 20%. A elevada presença de matéria ígnea comprova a sua origem exógena.

O fabrico F13 foi elaborado a partir do bojo de jarra/jarro/jarrita com pintura a vermelho PF.00/1545-503 (anexos, p. 117). A pasta apresenta uma textura densa e compacta, dureza elevada e tato ligeiramente grosseiro. A tonalidade da fratura é bege rosado (MUNSELL – Hue 5 YR 84 – “pink”). A análise microscópica revelou a presença pouco frequente de mica prateada e elementos quartzosos, rara ocorrência de grog e alvéolos. A dimensão dos elementos não plásticos é de 0,5 a 1 mm e a sua percentagem é de 10%. Revela-se muito semelhante ao fabrico F1, com a diferença de os seus elementos não plásticos se encontrarem mais calibrados, conferindo uma textura mais densa à pasta. Desta forma, corresponde a um fabrico de produção local/regional.

8.2. Produções vidradas

O fabrico V1 é o mais comum entre as peças vidradas, estando presente em 53 indivíduos (35,8%). Apresenta uma textura densa e homogénea, tato grosseiro e dureza elevada. A fratura apresenta geralmente tons pálidos, variando entre o alaranjado (MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow”, MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/8 – “reddish yellow” e 2.5 YR 8/4 – pink) e amarelado ou creme (MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white”, MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “very pale brown” e MUNSELL – Hue 10R 8/3 – “very pale brown”). Ao nível dos elementos não plásticos, a pasta possui mica prateada, elementos quartzosos de pequena dimensão, alvéolos e cerâmica moída de pequena dimensão, todos eles em pouca quantidade, apresentando uma frequência de 10% e um tamanho entre os 0,5 e 1 mm. Trata-se de uma produção local/regional.

O fabrico V2 é o segundo mais representado do conjunto, encontrando-se em 34 indivíduos (23%). Possui uma textura compacta e homogénea, tato ligeiramente grosseiro

e dureza elevada. A fratura apresenta uma tonalidade que varia entre o laranja-claro (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”) e o bege rosado (MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “*pink*” e 2.5 YR 7/6 – “*reddish yellow*”). A pasta apresenta alguma mica prateada, elementos quartzosos de pequena e média dimensão frequentes, ocasionais alvéolos e raras cavernas. Estes elementos apresentam um tamanho entre 0,5 e 2 milímetros e uma percentagem de 10 a 20%. A presença frequente de mica prateada e elementos quartzosos, assim como a tonalidade alaranjada, confirmam a sua origem local/regional.

O fabrico V3 encontra-se em 19 indivíduos (12,8%). A fratura apresenta uma tonalidade laranja acastanhada (MUNSELL – Hue 10 R 6/6 – “*light red*”, MUNSELL – Hue 2.5 YR 6/6 – “*light red*” e MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “*reddish brown*”), por vezes escura (MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “*reddish yellow*”). Relativamente aos elementos não plásticos, o fabrico V3 é muito semelhante ao V1, distinguindo-se pela tonalidade mais alaranjada e escura da primeira. A percentagem de ENP é de 10% e a sua dimensão varia entre os 0,5 e os 2 milímetros. Assim como nos fabricos anteriores, o V3 corresponde a uma produção de origem local/regional.

O fabrico V4 foi estabelecido a partir de pastas claras, de textura densa e homogénea, tato suave e dureza variável (dura ou suave), que apresenta uma frequência média de elementos negros e ferromagnesianos. Foram criadas duas subdivisões dentro deste fabrico: o V4A, muito denso e calibrado, com tonalidade bege (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “*pink*”) ou creme (MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “*pale yellow*”), presente em dois fundos de tigela com decoração a verde e manganês; e o V4B, presente em 14 fragmentos, é menos denso, podendo apresentar raros elementos de mica prateada de pequena dimensão. A dimensão dos elementos não plásticos é de 0,5 a 1 mm, surgindo numa frequência entre os 0,5% (no caso do fabrico V4A) e os 10%. Trata-se de uma produção exógena.

O fabrico V5 foi identificado em 17 indivíduos (11,5%), sobretudo em formas fechadas de mesa (jarras/jarros/jarritas e bilhas) com decoração de corda seca parcial, bem delimitadas por traços negros. A fratura apresenta uma tonalidade bege amarelado (2.5 YR 8/4 – “*pink*”) ou creme (MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “*reddish yellow*”, MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “*pinkish white*” e MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “*pink*”). A pasta tem uma textura compacta e homogénea, tato grosseiro e dureza elevada. A análise microscópica revelou a baixa presença de mica prateada, rara calcite e igualmente raros elementos negros e ferromagnesianos, geralmente de pequena dimensão. A

percentagem de ENP é de 20% e a sua dimensão varia entre os 0,5 e os 2 mm. A presença de elementos ígneos indica que o fabrico tem uma origem exógena.

O fabrico V6 encontra-se em 4 indivíduos (2,7%), nas formas de jarra/jarro/jarrita e púcaro. A sua textura é compacta e homogénea, o tato ligeiramente grosseiro, a dureza elevada e a fratura possui uma tonalidade bege amarelado (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink”). Apresenta frequente mica prateada e elementos quartzosos de pequena dimensão, baixa frequência de elementos negros e ferromagnesianos e alguns alvéolos. Os elementos não plásticos possuem entre 0,5 e 1 mm e a sua percentagem é de 20%. Apesar da presença frequente de mica e quartzo, a identificação de elementos negros e ferromagnesianos sugere que se trata de uma produção exógena.

O fabrico V7 foi identificado em apenas 3 fragmentos de tigela, dois deles com decoração de corda seca (total e parcial, respetivamente). A pasta tem uma textura densa e compacta, tato grosseiro, dureza elevada e a fratura apresenta uma tonalidade bege (MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” e MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “very pale brown”). A análise macroscópica revelou a presença rara de mica e elementos quartzosos de pequena dimensão, alguns pequenos alvéolos e elementos negros, e frequentes elementos ferromagnesianos. Os elementos não plásticos possuem uma dimensão de 0,5 a 1 mm e a sua percentagem é de 10%. A elevada frequência de matéria ígnea comprova a origem exógena deste fabrico.

9. OBJETOS CERÂMICOS – COZEDURA

O processo de cozadura “é aquele que dá ao barro a dureza que caracteriza a cerâmica”, eliminando a água da constituição da argila, responsável pela propriedade plástica da mesma (Gómez Martínez 2004, p. 510). Para alcançar tal dureza, o barro necessita de estar exposto a uma temperatura de 600°, sendo comum a exposição aos 1100° e 1200°. O número de cozaduras varia consoante a peça pretendida: as peças não vidradas apenas realizam uma cozadura; as peças vidradas recebem uma cozadura extra; enquanto a “loiça dourada” é alvo de três cozaduras (Gómez Martínez 2004, p. 510).

Antes de se iniciar este processo, é necessário proceder à secagem do barro, primeiro à sombra, passando depois para um local ao sol (Gómez Martínez 2004, p. 510).

A cozadura pode ser realizada segundo o método oxidante ou redutor. A cozadura oxidante ocorre em fornos ao ar livre, que permitem a entrada de oxigénio na câmara de cozadura, oxidando os elementos metálicos do barro, conferindo-lhes uma tonalidade rosada ou alaranjada. Geralmente, esta cozadura implica uma maior temperatura do forno, visto que a circulação de ar aviva o fogo (Gómez Martínez 2004, p. 511). No conjunto estudado verifica-se que a maioria das cerâmicas (72%) sofreu este método de cozadura.

A cozadura redutora dá-se em fornos fechados, onde não existe penetração de oxigénio, o que acaba por conferir à pasta uma tonalidade preta, cinzenta ou castanho-escuro (Gómez Martínez 2004, p. 511). Esta cozadura está presente em 2% (fragmentos) dos fragmentos do conjunto.

É no processo da pós-cozadura que ocorrem os fenómenos que mais afetam a coloração externa das peças. Nesta fase, segundo o critério do oleiro, há a manipulação das aberturas do forno, influenciando a circulação do ar (Gómez Martínez 2004, p. 511). Resultam desta fase as peças com cozadura redutora-oxidante – quando à cozadura em forno fechado (redutor) se segue um aumento de circulação de oxigénio – e oxidante-redutora – quando existe um primeiro arrefecimento durante o processo de cozadura e segundo arrefecimento anterior à pós-cozadura.

As peças com cozadura redutora-oxidante são as segundas mais frequentes do conjunto, com 26%, enquanto a cozadura oxidante-redutora representa menos de 1%.

10. OBJETOS CERÂMICOS – DECORAÇÃO

10.1. Cerâmica não vidrada

10.1.1. Pintura a branco

A pintura a branco corresponde à forma de decoração mais distintiva das cerâmicas islâmicas, sendo por isso comum a presença de peças com esta decoração na maioria dos sítios em meio urbano. Em período emiral esta cerâmica caracteriza-se pelo seu consumo reduzido e produção exógena, situação que parece mudar no período califal-taifas, onde passa a ter uma difusão mais alargada, em parte devido ao aparecimento de produções locais, como acontece na cidade de Lisboa, modelo que terá continuidade nos períodos seguintes, em contextos já sob domínio cristão, ficando este repertório decorativo a ser conhecido como “de tradição islâmica” (Cavaco et al. 2013, p. 372).

Quantificou-se um total de 319 fragmentos com vestígios de pintura a branco, podendo este motivo encontrar-se isolado, ou associado a outras formas de decoração, como engobe, caneluras, incisão e brunido interno.

Embora a maioria dos fragmentos com esta decoração a apresente muito desgastada, a pintura a branco foi utilizada para representar uma grande variedade de motivos.

No exemplar de tigela PF.00/7509-30a (anexos, p. 149), verifica-se a presença de conjuntos de três linhas verticais pintadas a branco, tanto na face superior do bordo, como na face interna da peça. Esta representação simboliza uma invocação a *Allah*, cujo nome é composto por três ou cinco traços verticais (Torres 2004, p. 56). Na mesma peça, verifica-se também um cordão da eternidade e aquilo que parece uma representação de um lótus sob a forma de casulo.

A tigela com perfil completo PF.00/1008-36 (anexos, pp. 54 e 103) ostenta, com pintura a branco, a representação do Paraíso, “sugerido pela orientação cardeal que remeteria para os rios que nele nasciam” (Liberato 2011, p. 89). Já a tigela PF.00/1008-3a (anexos, p. 102), idêntica à anterior em termos de tipologia e dimensões, parece também ter o mesmo tema central, representado de forma ligeiramente distinta. Apresenta ainda dois símbolos, que podem corresponder a motivos pseudo-epigráficos.

Outro motivo que se verificou nas peças do conjunto, principalmente nas formas de jarra/jarro/jarrita, é a representação de traços ondulados horizontais, visíveis no exemplar PF.00/15191-2 (anexos, p. 83). Parece corresponder a uma evocação à água, podendo a sua simbologia ser profilática – protegendo o seu conteúdo –, ou religiosa, evocando os rios do paraíso (Liberato 2011 p. 50).

Por fim, quero também destacar a presença de dois exemplares, cuja pintura a branco contrasta com a tonalidade escura das peças, resultante da cozedura redutora que sofreram. São eles o fragmento de jarra/jarro/jarrita PF.00/1008-45 (anexos, p. 100) e o fragmento de pote PF.00/1326-4 (anexos, p. 130).

10.1.2. Pintura a vermelho

A cerâmica pintada a vermelho é uma categoria técnica associada tanto a importações como produções regionais, ambas de consumo reduzido. Surge no *Gharb* em época Emiral, conhecendo-se a sua presença apenas no estuário do Sado, Mértola e Algarve, essencialmente em contexto urbano. A partir do século XI, a cerâmica pintada a vermelho surge com frequência nos contextos islâmicos, com destaque para Lisboa e vale do Tejo. No período almorávida observa-se uma regressão destas cerâmicas em parte do território do *Gharb*, situação que não se sucede em Lisboa, provavelmente devido à presença de centros produtores de cerâmica pintada a vermelho na cidade. A decoração é composta sobretudo por motivos geométricos (“reticulados, ondulados, pintas e círculos”) (Bugalhão, Gomes, Sousa 2007, p. 374).

No conjunto estudado, foram identificados 55 fragmentos com vestígios de pintura a vermelho, nas formas de jarra/jarro/jarrita, tigela, pote e um fragmento de forma indeterminada.

Além dos motivos já mencionados, como os conjuntos de três ou cinco linhas verticais, também ostentadas a vermelho, existe outro conjunto de representações ornamentais utilizados nesta pintura.

A tigela PF.00/2328-21 (anexos, p. 148) ostenta no seu bordo três traços verticais, e na face interna a representação do figo sagrado. O mesmo motivo parece encontrar-se no fundo de tigela PF.00/1576-504, sob a forma de reticulado (anexos, p. 127).

O bojo de jarra PF.00/15000-13 (anexos, p. 118) parece apresentar círculos concêntricos, sendo este elemento um símbolo solar, bem como da perfeição da criação divina (Torres 2004, p. 49).

O colo de jarra PF.00/1545-510 (anexos, p. 114) apresenta, além de faixas horizontais e em “zigzag”, a representação do figo sagrado.

Por fim, o fundo de tigela PF.00/1545-512 (anexos, p. 126) apresenta um motivo geométrico, tratando-se de um padrão quadriculado, bem como um possível motivo pseudo-epigráfico.

10.1.3. Pintura a preto

As peças pintadas a preto apresentam uma distribuição reduzida e consumo selecionado. Nos períodos Emiral e Califal, a presença de cerâmica pintada a preto apenas surge no Alentejo e Algarve, só chegando a Lisboa no período Almorávida (1094-1143/1145), cidade a partir da qual será distribuída para outros pontos do Tejo (Cavaco et al. 2013, p. 374).

Foram identificados 13 fragmentos de cerâmica com pintura a negro, maioritariamente nas formas de jarra/jarro/jarrita e, apenas representada por um indivíduo, na forma de tigela.

No conjunto estudado, a pintura a preto foi utilizada para representar motivos mais simples, como traços (verticais e horizontais) e motivos geométricos variados.

10.1.4. Engobe

O engobe corresponde a uma solução aquosa de argila aplicada através de pincel ou submersão da peça antes de esta ser cozida (Cruz e Correia 2007, pp. 27 e 28). Encontra-se presente em 13,8% dos fragmentos, maioritariamente combinado com pintura a branco.

10.1.5. Brunido

O brunido consiste no polimento da superfície cerâmica através da fricção da mesma com um objeto macio e duro (como um seixo ou osso), quando a pasta se encontra já seca, antes da cozedura (Cruz e Correia 2007, p. 35). Foram identificados 32 fragmentos com brunido interno, nas formas de caçoila, tigela e alguidar, assim como dois fragmentos de jarra/jarro/jarrinha e bilha com brunido na face externa. Em alguns casos, verificou-se a combinação de brunido com outras técnicas decorativas, como pintura a branco, aguada, engobe e pintura a vermelho.

10.1.6. Decoração incisa

A cerâmica com decoração incisa surge no *Gharb* durante o período emiral e o seu consumo torna-se mais alargado no período califal-taifa, registando um recuo em época almorávida e almóada, principalmente em meio rural (Cavaco et al. 2013, p. 371).

No conjunto estudado, a decoração incisa encontra-se em 5 fragmentos de talha e num fragmento de suporte de talha.

No fragmento PF.00/7509-101 (anexos, p. 155), a decoração incisa encontra-se na face superior do bordo, representando motivos ondulados, bem como ao longo do bojo, sob a temática do cordão da eternidade. Este símbolo era “colocado em volta do objeto que se pretendia preservar de perigos e malefícios, como se assim ele ficasse isolado dentro de um círculo mágico” (Torres 2004, p. 44).

10.1.7. Decoração excisa

A excisão é uma técnica decorativa que consiste na remoção de pasta, enquanto ainda mole, criando uma gravura em baixo-relevo ou abertura na parede da peça (Cruz e Correia 2007, p. 45). Esta decoração encontra-se presente num fragmento de talha e num fragmento de pote.

10.1.8. Aplicações plásticas

A cerâmica com aplicações plásticas surge no *Gharb* associada a produções locais e regionais, com mediana expressão em todas as fases, à exceção do período almóada, onde regista um crescimento (Cavaco et al. 2013, p. 371). Apenas se verificou a presença de cordão plástico na forma de talha, em dois indivíduos distintos (PF.00/7509-101 e PF.00/1008-201, ambos ostentando cordão plástico no seu colo) (anexos, pp. 68 e 155).

10.2. Decoração vidrada

A decoração vidrada é utilizada desde 3000 bce na região do próximo oriente, embora de uma maneira muito restrita. No século III bce, no Egito ptolemaico, inicia-se o fabrico de peças com vidrado plumbífero, mas temos de esperar até ao século IX para que se dê a produção com vidrado de estanho, na Mesopotâmia, Persa e Egito (Gómez Martínez 2004, p. 570). Consiste na aplicação de “uma capa de vidro sobre um objeto de cerâmica” (Gómez Martínez 2004, p. 570). Para o caso do vidrado plumbífero, a técnica mais comum em período islâmico, obtinha-se “aplicando uma solução em água de chumbo, areia e sal comum, fundidos e bem moídos. Este fundente era aplicado por

submersão ou vertimento sobre a peça sem cozer, que podia estar previamente ornamentada ou engobada” (Gómez Martínez 2004, p. 572).

No conjunto estudado, foram identificados 135 fragmentos com decoração vidrada, nas formas de jarra/jarro/jarrita, Tigela, púcaro, pote, bilha, candil e indeterminado. A classificação da decoração vidrada é determinada pelo número de cores que intervêm na peça, podendo esta ser de uma cor (monocroma), duas cores (bícroma) ou com três ou mais cores (polícroma).

10.2.1. Decoração monocroma

O vidro monocromo é a técnica mais simples e comum de vidro, e consiste na aplicação exterior e/ou interior de uma capa vítrea semitransparente, que pode apresentar diversas tonalidades de cor, consoante o óxido aplicado, como o melado, que corresponde à cor mais presente no conjunto estudado, o verde, o castanho, branco e cinza.

O vidro melado era obtido através de “uma solução de óxidos de ferro ou cobre que, segundo a sua percentagem, podia apresentar uma variada gama de matrizes de cor, desde o alaranjado, quase vermelho, até ao verde, se na mistura utilizada se encontrasse uma percentagem alta de cobre ou elevadas temperaturas de cozedura” (Gómez Martínez 2004, p. 572). Todas estas variações se encontram bem presentes no conjunto.

A cor melada (quer numa tonalidade mais neutra, clara e escura) está presente em 43,14% dos fragmentos com decoração monocroma. A sua utilização prende-se pela sua relação ao ouro e ao âmbar (Gómez Martínez 2004, p. 574).

O verde (neutro, claro ou escuro) representado em 15,7% das peças vidradas monocromas, encontra-se associado ao profeta, pelas suas vestes verdes e negras, bem como ao mundo vegetal e ao paraíso (Gómez Martínez 2004, p. 574).

O vidro branco, também denominado por esmalte, encontra-se representado apenas por um fragmento de tigela. Esta técnica, com origem na China, chegou ao mundo islâmico no século IX, tendo a sua produção na península ibérica sido iniciada na centúria seguinte (Gómez Martínez 2004, p. 573). Embora seja muitas vezes utilizada como cor de fundo em vidrados bícromos ou polícromos, o branco encontra-se associado à família omíada, bem como à pureza, elegância, *Allah* e luz (Gómez Martínez 2004, p. 574).

Existem ainda fragmentos cuja tonalidade do vidrado não é uniforme, apresentando manchas esverdeadas ou amareladas. Esta técnica é intencional e surge quando os diferentes óxidos de uma solução se encontram mal dissolvidos (Gómez Martínez 2004, p. 572). Este tipo de revestimento encontra-se em 13,73% dos fragmentos.

10.2.2. Vidrado bícromo

As peças com vidrado bícromo compõem 21% do conjunto de peças vidradas. O termo vidrado bícromo é aplicado às peças cujo vidrado combina duas cores, geralmente a do fundo e do motivo ornamental (Gómez Martínez 2004, p. 575). Foram também incluídas neste conjunto as peças que apresentavam duas cores distintas de vidrado nas faces opostas.

A combinação cromática mais comum corresponde ao melado com motivos ornamentais a manganês. Algumas destas peças apresentam linhas toscas e imprecisas, procurando representar um esquema radial de quatro folhas de lótus de forma triangular (anexos, p. 135). Oriunda da China, a flor de lótus chegou à cultura muçulmana através da Rota da seda, tendo rapidamente alcançado uma simbologia associada aos jardins prometidos após a morte (Torres 2004, p. 38). Esta técnica decorativa, assim como a temática, são comuns em contextos posteriores ao século X (Gómez Martínez 2004, p. 575).

10.2.3. Vidrado polícromo

Existem também peças vidradas que combinam três ou mais cores distintas, técnica denominada de vidrado polícromo. Dentro das cinco peças com vidrado polícromo presentes no conjunto, destacam-se os três fragmentos com decoração a verde e manganês. Esta técnica decorativa surge no século VII, na China, sendo depois transmitida para o médio oriente e restante mundo islâmico. Chega à península ibérica no século X, mais concretamente à cidade palatina de *Madinat al-Zahara*, onde passam a ser produzidas. Sabe-se que a sua produção se alarga a várias olarias de *Madinat al-Zahara*, bem como a outros pontos do *al-Andalus*, que continuaram a produzir estas cerâmicas até ao período almóada (Gómez Martínez 2004, pp. 589). Os fragmentos PF.00/1551-707 (anexos, p. 127) e PF.00/08.86-102 (anexos, p. 128) apresentam motivos fitomórficos, podendo, em ambos os casos, representar a árvore da vida – a árvore da imortalidade que cresce no paraíso (Torres 2004, p. 31).

10.2.4. Corda seca parcial

Os antecedentes da corda seca correspondem a experiências orientais com pingos vidrados e combinações de bicromia e policromia. Contudo, a técnica de corda seca do *al-Andalus* parece corresponder a uma inovação tecnológica, podendo não ter sido influenciada por essas experiências. A sua origem corresponde ao apogeu do califado, período em que se verifica um enorme desenvolvimento urbano com fundação de cidades e incremento das redes de comunicação, facilitando o escoamento das mercadorias para outras regiões do *al-Andalus*, incluindo o *Gharb* (Fernandes et al. 2012, p. 649).

Durante os reinos taifas a cerâmica de corda seca parcial apresenta uma grande difusão pelo território do *Gharb*, sobretudo nos centros urbanos e cidades próximas do mar, rios ou principais vias de comunicação terrestre. É também o período em que estas peças começam a ser produzidas em Lisboa, o que pode indicar um contacto anterior com estas cerâmicas. São frequentes as jarrinhas de corpo globular, colo cilíndrico e fundo em pé de anel, bem como os candis de corpo bitroncocónico, bico comprido ovalado, facetado e decorações fitomórficas, cujas pastas claras indiciam importações. Para estas últimas peças, é comum em Lisboa e Santarém a presença de imitações locais/regionais, correspondentes a candis ornamentados com motivos fitomórficos, geométricos e pingos de vidrado (Fernandes et al. 2012, p. 651).

Foram identificados 34 fragmentos com corda parcial, sob a forma de jarro (24), tigela (8) e bilha (2).

Na maioria dos casos, os motivos a corda seca apresentam um elevado grau de desgaste, tornando impossível qualquer análise do ponto de vista ornamental. Existem, no entanto, algumas exceções: o exemplar PF.00/7507-01 (anexos, p. 147) parece apresentar um motivo geométrico ou fitomórfico; a peça PF.00/1326-61 (anexos, p. 117) possui traços de corda seca parcial em tons esverdeados ao longo da sua asa; por fim, o fragmento PF.00/1576-507 (anexos, p. 118) ostenta pequenos elementos arredondados, podendo estes representar pérolas – símbolos de perfeição da juventude (Torres 2004, p. 54), decoração esta que também se encontra nos fragmentos PF.00/1551-703 (anexos, p. 114), PF.00/1572-104 (anexos, p. 146 e 113) e PF.00/3026-752 (anexos, p. 90).

10.2.5. Corda seca total:

No período das Taifas desenvolve-se a corda seca total, cuja difusão no *Gharb* seria pouco frequente e dispersa. Era produzida em Toledo, Badajoz, Saragoça e Múrcia,

sendo que no final do século XI esta cerâmica já se encontra produzida em Lisboa. Nesta fase, as cerâmicas de corda seca total mais frequentes correspondem a formas abertas (Fernandes et al. 2012, p. 658).

Foram identificados apenas dois fragmentos de tigela com decoração a corda seca total – PF.00/1572-107 (anexos, p. 93) e PF.00/1534-53 (anexos, pp. 57 e 124) –, nos quais as dimensões dos fragmentos não permitem reconhecer o motivo representado.

11. OUTROS OBJETOS

O estudo da cultura material contemplou também a análise de um pequeno conjunto de objetos não cerâmicos, que nos remetem para outras atividades quotidianas.

Foram identificadas 8 peça de jogo (anexos, pp. 73 e 74), em forma de disco, que poderiam ser utilizadas no jogo do alquerque, moinho, galo, entre outros. Estas peças são comuns em contextos arqueológicos de época islâmica e eram obtidas a partir do recorte e alisamento de cerâmicas descartadas. Foram identificadas peças de jogos noutros locais como: Lisboa – Igreja de São Domingos (Rodrigues 2018, p. 58); Mértola (Gómez Martínez, Rafael e Macias 2010, p. 180); *Ribat* da Arrifana (Gomes 2007, pp. 107 e 108); e Évora (Gomes, Casimiro e Silva 2022, p. 262). Apesar de o Islão proibir os jogos de azar, pelo facto de estes possuírem um carácter ligado a práticas pagãs e pelo ato de benefício económico ilícito sem esforço, os jogos de tabuleiro teriam um importante papel social, nomeadamente para crianças, como forma de desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, lógicas e sociais, preparando-as para aspetos da vida adulta (Gómez Martínez, Rafael e Macias 2010, p. 180).

Relacionados com a tecelagem, atesta-se a presença de um peso de tear e uma fusaiola em barro cozido (anexos, p. 75). Este cossoiro apresenta uma forma lenticular com 4 cm de diâmetro, 1,5 cm de espessura e um orifício com 1 cm de diâmetro. Estas peças são comuns tanto em contexto urbano, como rural, atestando que o lar possuía uma função produtiva. O bairro da alcáçova de Mértola é, talvez, o melhor exemplo que temos desta dinâmica. Das dezasseis casas que compõem este bairro, apenas em duas delas não se verifica a presença de objetos relacionados com a produção têxtil (Moreno Narganes 2020, p. 39).

Identificaram-se objetos utilizados na moagem de cereais ou outros produtos. Na cozinha da habitação 6 recolheu-se uma mó de grandes dimensões, assim como um elemento movente (anexos, p. 78); no salão da mesma habitação foram identificadas três grandes mós, associadas à fase de abandono do bairro (anexos, figura 14, p. 9); e foi ainda recolhido um elemento dormente de cariz portátil (anexos, p. 79). A presença destes objetos, além de sugerir o consumo de cereais e produtos dele derivados, pode ainda

levantar a hipótese de existir uma ligação entre o bairro e uma produção agrícola/cerealífera nas imediações.

Ainda relacionados com a confeção de alimentos, recolheram-se dois seixos, com marcas de uso na parte proximal, sugerindo que os mesmos foram utilizados como pilão e percutor (anexos, pp. 78 e 79).

Dá-se também conta da presença de cinco pederneiras e dois núcleos de sílex (anexos, pp. 76 e 77), que seriam utilizados na produção de fogo.

Apesar de apenas se encontrar preservado no registo escrito, importa referir a presença de um *tannur*, proveniente do espaço de cozinha da habitação 6. Foi identificado no momento de escavação das unidades [2233] e [2236] (contexto de uso), quando já se encontrava reduzido a uma massa informe de barro cozido. Um *tannur* corresponde a uma forma mais simples de forno, com “*corpo troncocónico ou cilíndrico, aberto tanto na parte superior como na inferior, isto é, sem fundo (...), apenas contém uma abertura frontal na parte inferior, normalmente semicircular*” (Gómez Martínez 2000, p. 422). Uma das principais funções deste objeto consistia em cozer pão nas suas paredes interiores.

Foram recolhidos fragmentos de duas pontas de lança em ferro, uma delas encontrando-se bastante fragmentada. A lança em melhor estado de conservação – o indivíduo PF.00/6438-01 (anexos, pp. 80 e 159) – apresenta uma altura de 18 centímetros, 1,8 centímetros de largura, e um orifício na parte distal com 0,75 centímetros, onde encaixaria o cabo. Poderiam ser utilizadas para obtenção de alimento (caça grossa), bem como para fins bélicos, fator a ter em conta devido à instabilidade regional sentida ao longo de todo o século XII. Lembrar, a título de exemplo, o ataque desencadeado em 1109 pelo rei norueguês *Sigurdr*, que segundo o poema *Útfarardrápa*, se terá desenrolado algures em espaço extramuros da cidade (Pires 2017, pp. 173-177); assim como o fossado de 1140, o próprio cerco cristão de 1147 ou a investida almóada que atinge Almada no final do século. Importa também referir que, durante a ocupação islâmica, cristãos e judeus não teriam acesso a porte de arma, o que poderá, uma vez mais, esclarecer a origem islâmica dos habitantes do bairro (Matos 2015, p. 3).

Por fim, foi identificada uma fivela em cobre (anexos, pp. 81 e 137), de forma semiesférica, que pertenceria a uma peça de vestuário. O objeto apresenta 3,5 centímetros

de altura e 3,2 centímetros de largura. A existência de uma peça fabricada num metal precioso pode sugerir uma elevada capacidade aquisitiva por parte do seu utilizador.

12. INTERPRETAÇÃO DAS FASES OCUPACIONAIS DAS HABITAÇÕES 1 E 6

12.1. Fase 1 – Construção

A fase de terraplanagem e construção contribuiu com um total 53 indivíduos, apresentando uma baixa variedade de formas e tipologias. Os materiais desta fase são provenientes das unidades de nivelamento [1527], [3040], [3043], [3046], [3047], bem como associados às estruturas [1503/1514] e [1511].

O grupo funcional com maior presença no conjunto corresponde à cerâmica de armazenamento, com 21 indivíduos (39,6%); o segundo corresponde à loiça de mesa, com 20 indivíduos (37,7%); por fim, temos a loiça de cozinha, composta por 12 indivíduos (22,7%). A percentagem de peças vidradas é de 11,3% (6 peças).

Foram identificadas caçoilas do tipo 6; painéis do tipo 3; potes do tipo 1; cântaros do tipo 1 e 2; talhas do tipo 1; tigelas do tipo 4, 5 e 6; jarras/jarros/jarritas do tipo 1, 4, 5 e 8.

No depósito de nivelamento [1527], foram recolhidos apenas 5 objetos cerâmicos. A pasta da maioria dos fragmentos possui as características das produções locais/regionais, à exceção de um bojo de jarra/jarro/jarrita, correspondente ao fabrico F11, de origem exógena.

Dentro do conjunto, destaca-se o exemplar PF.00/1527-901 (anexos, p. 87), correspondente a uma talha com bordo vertical e lábio retangular (tipo 1), uma morfologia bem enquadrável no período taifa-almorávida (Liberato et alii 2016, p. 43).

No depósito [3043], identificado sob o pavimento empedrado da habitação 6, quantificaram-se 9 indivíduos. O estudo arqueométrico permitiu atribuir origem exógena a apenas um exemplar. Corresponde ao PF.00/5502-1 (anexos, p. 85), um colo de bilha com corda seca parcial, bem delimitada por traços de pintura a preto, cujo motivo ostentado parece corresponder a uma representação do figo sagrado. Dá-se também conta da presença de uma caçoila com bordo introvertido e lábio arredondado – o indivíduo PF.00/5502-10 (anexos, p. 82) –, morfologia que apresenta um consumo alargado, maioritariamente enquadrável nos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339).

Os depósitos [3040], [3046] e [3047] contribuíram, no total, com 23 indivíduos, maioritariamente associados a produções locais/regionais (95,7%). Nele, encontra-se a peça PF.00/5500-911 (anexos, p. 69), correspondente a uma tigela de bordo vertical com lábio em aba (tipologia 5). Apresenta uma carena média acentuada, característica de tigelas do século XII (Pires 2020, p. 86). Possui cobertura vidrada em ambas as faces, de cor melado esbranquiçado, denunciando deficiências na sua aplicação.

Destaque ainda para o fragmento PF.00/5500-913 (anexos, p. 83), relativo a um colo de jarra com pintura a preto, é talvez um dos melhores indicadores para averiguar a cronologia desta fase. Sabe-se que as peças com pintura a preto apresentam uma reduzida distribuição, só chegando a Lisboa no período almorávida (Cavaco et alii. 2013, p. 374). Além disso, a análise da pasta permite concluir que peça se trata de uma produção local/regional, comprovando que o objeto surge numa altura em que a pintura a preto já se encontra perfeitamente estabelecida em *al-Ushbuna*.

Associadas à estrutura [1511], foram identificados 10 fragmentos cerâmicos, bem como dois objetos que refletem interessantes vivências antropológicas no espaço periurbano de *al-Ushbuna*. Primeiro, o seixo PF.00/1511-603 (anexos, p. 88), de forma alongada, parece corresponder um pilão, aspeto reforçado pela presença de marcas de desgaste na sua parte proximal. Por fim, o exemplar PF.00/1511-601 (anexos, p. 88), correspondente a um fragmento de peso de tear em cerâmica, utilizado na tecelagem, atividade que se desenvolvia, por norma, no espaço doméstico. No entanto, tendo em conta a proveniência desta peça, em contexto de construção, esta associação não pode ser estabelecida.

Foram ainda recolhidos 11 fragmentos associados à estrutura [1511/1514]. Os fragmentos correspondem a peças de origem local/regional e são, na sua maioria, não vidrados, com exceção do colo de jarra PF.00/1503-701 (anexos, p. 83), que apresenta decoração a corda seca parcial, delimitada por traços a vermelho.

De uma maneira geral, as tipologias de cerâmica identificadas nesta fase parecem remeter a uma cronologia inserível entre os séculos X e inícios do século XII. Outros trabalhos académicos desenvolvidos a partir de contextos do bairro, apontam para uma cronologia mais precisa, fixada no período em que *al-Ushbuna* se encontrava sob domínio almorávida.

12.2. Fase 2 – Reformulações

A fase de reformulações é composta, do ponto de vista da cultura material, por 148 indivíduos cerâmicos. Os materiais da fase são provenientes das unidades [1531], [1572/1574], [1577], [1598], [3011], [3013], [3019] e [3026].

A cerâmica de cozinha corresponde ao grupo funcional com maior representatividade, com 54 indivíduos (36,5%); ligeiramente menor é a frequência de loiça de mesa, com 52 indivíduos (35,1%); a cerâmica de armazenamento compreende 39 indivíduos (26,4%); por fim, a cerâmica multifuncional é a menos representada no conjunto, com 3 exemplares (2%). A decoração vidrada encontra-se em apenas 8,8% dos indivíduos (13 exemplares).

Verifica-se maior variedade de formas e tipologias comparativamente com a fase anterior. Contabilizaram-se exemplares de caçoila do tipo 1, 2, 3, 6 e 8; panelas do tipo 1, 2, 3 e 7; potes do tipo 1 e 2; cântaros do tipo 1; talhas do tipo 1; tigelas do tipo 1,5, 6, 7 e 8; taças do tipo 1; jarras/jarros/jarritas do tipo 1, 3 e 5; e alguidares do tipo 1 e 2. Esta diversidade pode ser reflexo da dinâmica de vivência do bairro, que resultou num incremento do número de materialidades descartadas, envoltos nos depósitos e materiais de construção utilizados.

Nas camadas [1598] e [3011], utilizadas no nivelamento do pavimento [1572/1574], quantificaram-se 16 fragmentos, todos produzidos localmente, apenas um deles vidrado. Os materiais destas unidades apresentam continuidade em relação aos da fase anterior, encontrando-se tipologias enquadráveis nos séculos XI e XII, como ilustra o pote com bordo vertical e lábio tendencialmente retangular PF.00/15006-1 (anexos, p. 78). Surge, no entanto, um exemplar de alguidar – PF.00/3011-872 (anexos, p. 94) – cujos paralelos parecem remeter para uma cronologia mais tardia. Em Lisboa, esta morfologia surge num contexto da segunda metade do século XII/primeira metade do século XIII (Pires 2020, anexos p. 136), e em Mértola, encontra-se em contextos almóadas (Gómez Martínez 2004, p. 933).

O pavimento [1572/1574] continha muito material associado, tendo sido recolhidos 65 indivíduos. A percentagem de peças vidradas corresponde a 13,9% e apenas 6,15% dos fabricos totais denunciam uma produção exógena. Identificaram-se também dois núcleos em sílex, uma pederneira e um seixo com marcas de uso possivelmente utilizado como percutor (anexos, p. 96).

Do conjunto de peças importadas, destaca-se o exemplar PF.00/1572-104 (anexos, p. 90), relativo a uma jarrita de bordo vertical e lábio arredondado com decoração a corda seca parcial. Dá-se a conhecer ainda o PF.00/1572-107 (anexos, p. 96), correspondente a um bojo de tigela com corda seca total na face interna. Embora a reduzida dimensão do fragmento não permita identificar o seu motivo, este tipo de decoração surge em *al-Ushbuna* nos finais do século XI, onde já era produzida, aspeto evidenciado por este exemplar, cuja origem é local/regional.

Temos ainda a presença de uma fusaiola em cerâmica, o exemplar PF.00/15001-43 (anexos, p. 81), objeto utilizado na atividade têxtil (fiação).

O pavimento de terra batida [3013] – presente nas áreas de pátio e salão da habitação 1, bem como de adarve a norte desta – era também composto ele por 13 materiais cerâmicos, um deles vidrado. A percentagem de peças de produção exógena corresponde a 15,4%, presentes na forma de jarra/jarro/jarrita não vidrado.

No reforço [1577] da estrutura [1503/1514], foram utilizados 13 exemplares cerâmicos, apenas um com revestimento vidrado. A percentagem de peças importadas é de 15,4%, destacando-se a peça PF.00/15001-39 (anexos, p. 90), relativo a um colo de jarra, com motivos ondulados pintados a vermelho. Neste conjunto, repete-se a ocorrência de uma peça – PF.00/15001-196 (anexos, p. 93) – de produção local/regional com aplicação de aguada sob pintura a vermelho. Por fim, verifica-se ainda a presença de uma peça de jogo – PF.00/15001-43 (anexos, p. 96) – de pequenas dimensões, apresentando apenas 2,8 centímetros de diâmetro.

Nas unidades [3019] e [3026], utilizadas no enchimento da vala situada na ligação entre o pátio e salão da habitação 1, foram quantificados 26 indivíduos cerâmicos, apenas 3,8% com decoração vidrada. A percentagem de fabricos exógenos corresponde a 11,5%, destacando-se a presença da peça PF.00/3026-752 (anexos, p. 90), correspondente a um colo de jarrita, ostentando decoração a corda seca parcial ao longo do bojo. Os motivos representados parecem corresponder a pérolas.

O pavimento [1531], construído sobre o derrube que se encontrava próximo da base de talha [1508], era também ele composto por 15 indivíduos de cerâmica, nenhum apresentando revestimento vidrado. Foi identificado apenas uma peça com produção importada – a asa de jarra/jarro PF.00/1531-201 (anexos, p. 91) –, com 3 traços horizontais pintados a vermelho.

Nesta unidade, verifica-se novamente a presença de uma panela com bordo vertical e lábio tendencialmente retangular (anexos, p 89), com cronologia inserível nos séculos XI e XII; o fragmento de jarra/jarro com bordo extrovertido e lábio arredondado – PF.00/1531-120 (anexos, p. 90) –, com paralelos em Lisboa (Rodrigues 2018, p. 43; Pires 2020, p. 74), Setúbal (Duarte 2018, p. 223) e Santarém (Liberato 2011, anexo 3), em contextos dos séculos XI e XII, bem como em Mértola, na fase almóada (Gómez Martínez 2004, p. 821).

No entanto, dá-se também a ocorrência de duas peças que podem apresentar cronologias mais recuadas. É o caso da tigela PF.00/1531-205 (anexos, p. 92), de bordo vertical e lábio semicircular, com carena média acentuada, que encontra paralelo em Mértola, num contexto dos séculos X e XI (Gómez Martínez 2004, p. 935). Por fim, a caçoila PF.00/1531-101 (anexos, p. 89), com as mesmas características de bordo e lábio que a peça anteriormente referida, é semelhante ao exemplar nº 3240 do NARC (Lisboa), de contexto atribuível ao século XI (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 57).

Os exemplos anteriores demonstram que a segunda fase de ocupação do bairro, correspondente a um conjunto de reformulações e reparações ocorridas nas habitações 1 e 6, terá ocorrido, seguramente, no século XII. A presença de alguns materiais com cronologias mais tardias (segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII), parece sugerir que as mesmas tiveram lugar várias décadas após a construção do bairro, o que, por sua vez, também explicaria o nível de desgaste associado a alguns pavimentos e estruturas.

12.3. Fase 3 – Uso

A fase de uso é composta por 62 indivíduos cerâmicos. O número mais reduzido de materiais cerâmicos, comparativamente com as restantes fases, deve-se a serem provenientes de apenas 4 unidades estratigráficas, as únicas onde o interface de uso se mostrava mais claro.

O grupo funcional com maior expressão corresponde à cerâmica de mesa, composto por 34 exemplares (54,8%), seguido da cerâmica de cozinha – com 15 indivíduos (24,2%) – e cerâmica de armazenamento, com 13 exemplares (21%).

A cerâmica com decoração vidrada encontra-se em 22,6% dos indivíduos (14 exemplares), apenas em formas de mesa.

Foram identificados exemplares de panela do tipo 1, 2, 6 e 7; caçoilas do tipo 2, 4 e 6; cântaros do tipo 1 e 2; potes do tipo 1; talhas do tipo 2; tigelas do tipo 3B, 4, 6 e 10; jarras/jarros/jarritas do tipo 1, 2, 3, 5 e 6; e um púcaro do tipo 1.

De maneira geral, realça-se a presença de várias tipologias do século XII, mostrando uma continuidade lógica em relação à fase anterior.

12.3.1. As unidades [2233] e [2236] – contexto de uso da cozinha

Pertencentes ao tipo 4 de tigela, temos os indivíduos PF.00/1008-3a (anexos, p. 102) e PF.00/1008-36 (anexos, p. 103), que apresentam bordo introvertido e lábio arredondado. São duas grandes tigelas (com diâmetros de 26 e 27 cm, respetivamente), morfologicamente idênticas entre si, possuindo vários motivos geométricos pintados a branco. A análise das pastas sugere uma origem local/regional, encontrando paralelos estreitos no exemplar PF.00/1196-23 identificado na via F da Praça da Figueira (Pires, 2020, p. 55), com a caçoila 3112 do tipo 3J de Palmela (Araújo, 2014, p. 43), e com as sertãs 31 e 32 provenientes da escavação da encosta de Sant'Ana, atribuíveis ao século XII (Calado e Leitão, 2005, pp.459-470).

O exemplar de tigela PF.00/1008-2e (anexos, p. 58) caracteriza-se por um bordo introvertido e lábio em aba plana. Possui um diâmetro de 34 cm e apresenta caneluras e decoração vidrada a melado claro na face externa e vidrado melado escuro na face interna. O seu paralelo mais próximo diz respeito à taça carenada do tipo A proveniente da Igreja de São Lourenço, que apresenta vidrado de cor amarelada (Rodrigues, 2019, p. 38).

A talha PF.00/1008-201 (anexos, p. 106), de bordo ligeiramente extrovertido e lábio em aba arredondado, com aplicação de cordão plástico na ligação entre o bojo e colo, encontra um paralelo em Lisboa, correspondente à talha de período almorávida identificada no NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007, p. 39).

Neste conjunto, temos também a ocorrência de três exemplares que remetem para uma cronologia mais tardia.

O jarro PF.00/1008-3 (anexos, p. 49), decorado com engobe, apresenta paralelos em Lisboa com o exemplar MC/111 identificado no Mandarim Chinês, com cronologia atribuída ao século XII (Bugalhão e Folgado, 2001, p. 143), e com um outro recolhido no Castelo de São Jorge, este do século XIII (Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge, s.d., p. 51).

O púcaro PF.00/1008-202 (anexos, p. 104), de bordo ligeiramente introvertido com lábio arredondado, corpo troncocónico invertido e fundo em pé de anel baixo, encontra paralelos em Mértola com a jarrita de tipo 4E, da segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII (Gómez-Martínez 2004, p. 823).

O indivíduo PF.00/1008-1 (anexos, p. 98), correspondente a uma panela com bordo introvertido, lábio em aba e perfil bitroncocónico com asa de secção oval a arrancar diretamente do colo, diz respeito a uma tipologia de panela com uma cronologia mais avançada, cujo melhor exemplo bem datado equivale a um paralelo de Almada, correspondente a uma panela com pintura a branco, de lábio aplanado e asa a arrancar do colo, encontrada associada a dinheiros de D. Sancho I, isto é, encerrando uma cronologia necessariamente posterior a 1185-1211 (Liberato et alii 2020, p.6).

12.3.2. As unidades [1578] e [1579]

A fase de uso do espaço angular do pátio da habitação 1, composto pelas unidades [1578] e [1579], corresponde a um pequeno contexto com apenas 7 indivíduos cerâmicos. Verifica-se a presença exclusiva de produções locais/regionais não vidradas, nas formas de panela, jarra/jarro/jarrita, pote e cântaro.

Na forma de panela, a peça PF.00/1578-101 (anexos, p. 107) apresenta bordo vertical com lábio de tendência retangular (tipologia 1), com asa vertical fitiforme. Corresponde a uma tipologia exaustivamente referida neste estudo, presente em contextos dos séculos IX a XIII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, pp. 338 e 339; Pires 2020, p. 60; Duarte 2018, p. 222; Araújo 2013, estampas 4, 9, 16, 20, 21, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 50, 57, 58 e 61; Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 699).

Dá-se conta de um indivíduo de cântaro com grandes dimensões, o exemplar PF.00/1578-102 (anexos, p. 108). Apresenta fundo plano, corpo relativamente ovoide, colo cilíndrico reto e asa vertical de secção fitiforme com duas nervuras. Ao nível da decoração, possui aplicação de engobe, caneluras e pintura a branco, ostentando motivos geométricos e representações onduladas digitadas. Para esta forma funcional, temos também o fragmento PF.00/1578-103 (anexos, p. 107), com bordo vertical, lábio em aba e presença de canelura na ligação entre o colo e o bordo.

Os fragmentos de pote e jarra/jarro/jarrita correspondem à secção da parede, não nos proporcionando mais dados relevantes além dos já mencionados

12.4. Fase 4 – Abandono

12.4.1. Abandono inicial

A amostra de materiais provenientes do contexto de abandono inicial revelou-se a mais extensa e aquela que contribuiu com uma maior variedade de formas e tipologias.

A forma de mesa corresponde ao grupo funcional com maior representatividade no conjunto, com 198 indivíduos. Em segundo lugar, encontra-se a cerâmica de cozinha, composta por 117 indivíduos, seguida da cerâmica de armazenamento, com 101 exemplares. Por fim, realça-se ainda a presença de 5 peças de jogo, 3 fragmentos de candil e 10 exemplares com outra funcionalidade (testos e fogareiro).

O grupo formal com maior representatividade corresponde à cerâmica de mesa, composta por 198 indivíduos (45,6%); em segundo lugar, temos a cerâmica de cozinha, com 117 indivíduos (27%); as peças de armazenamento correspondem a 101 indivíduos (23,3%). Destaca-se ainda a presença de 5 objetos lúdicos (1,2%), 3 objetos de iluminação (0,7%) e 10 exemplares com outra funcionalidade.

Relativamente às tipologias, foram identificados exemplares de panela do tipo 1, 2, 3 e 4; caçoilas do tipo 1, 2, 6, 7 e 8; potes do tipo 1, 2, 3, 5, 6 e 7; talhas do tipo 1; cântaros do tipo 1 e 2; tigelas do tipo 1, 2, 3A, 3B, 3C, 4, 5, 6, 7, 8 e 9; jarra/jarros/jarritas do tipo 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8; taças do tipo 1, 3 e 4; testos do tipo 1, 2, 3 e 4; bules do tipo 1; e alguidares do tipo 1 e 2.

A percentagem de peças vidradas é de 15% (65 peças).

Começando pela habitação 1, o depósito de abandono [1516/1583] apresentava apenas 4 indivíduos, nas formas de panela, cântaro e tigela (esta com decoração vidrada). A totalidade dos indivíduos corresponde a produções locais/regionais.

Sobre esta unidade encontrava-se o derrube [1545], que apresentava muito material cerâmico – 50 indivíduos. A percentagem de peças vidradas corresponde a 8%. Neste conjunto, destaca-se o objeto PF.00/1545-511 (anexos, p. 135), uma asa de candil com vidro melado esverdeado, de produção local/regional.

A análise arqueométrica permitiu a identificação – nesta unidade – de 8 fragmentos de produção exógena, correspondente a 16% do conjunto. Pertence a este grupo, entre outros objetos, a tigela PF.00/1545-507 (anexos, p. 124), de bordo extrovertido e lábio semicircular, morfologia que encontra paralelo em peças atribuídas

ao século XI, em Lisboa – NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, pp. 338 e 339). Ao nível da decoração, a tigela ostenta corda seca parcial na face interna e vidrado melado claro na face externa, sendo visível a presença de “gatos”. Este dado pode suportar a hipótese de que a peça apresenta uma cronologia mais recuada, cuja vida útil foi prolongada com essa reparação.

Realço também a presença do único exemplar de bule em todo o conjunto estudado. A peça PF.00/1545-501 (anexos, p. 115) possui bordo extrovertido com lábio semicircular, morfologia que encontra paralelos na área urbana de silves, em contexto dos séculos XI e XII (Gonçalves et alii 2017, p. 1425).

Sobre o piso de circulação da casa 1, os depósitos [1523] e [1526] eram compostos, no total, por 46 indivíduos, 5 deles correspondendo a peças vidradas (10,9%). Nestas unidades, verificou-se uma baixa frequência de peças exógenas, tendo sido identificados apenas 3 indivíduos importados (6,5%).

Conta com a presença de morfologias com grande difusão nos séculos XI-XII, como é o caso da panela do tipo 1, as caçoilas do tipo 9 e tipo 6, assim como peças com cronologias mais recuadas, como a tipologia 8 de tigela, representada pela peça PF.00/5501-157 (anexos, p. 125).

O candil PF.00/08.86-79 (anexos, p. 134), recolhido na unidade [1523], apresenta uma cozedura redutora, e na sua superfície externa são visíveis vestígios de engobe. Quanto à sua morfologia, possui depósito globular com carena suave, base circular plana e bico alongado, características que encontram paralelos com outros exemplares recolhidos em Lisboa (NARC/Mandarim Chinês), atribuídos aos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 338).

Verifica-se ainda um fragmento a verde e manganês – o bojo de tigela PF.08.86-102 (anexos, p. 128), ostentando motivos vegetalistas na face interna. No entanto, a análise arqueométrica conclui que a mesma possui uma origem local/regional (fabrico V3), apresentando uma pasta avermelhada com alguma frequência de mica prateada e elementos quartzosos. Este dado vem reforçar a hipótese de existir produção de cerâmica a verde e manganês em *al-Ushbuna*, ideia que ainda não foi comprovada pela descoberta desta cerâmica em centros de produção.

Encostado ao depósito [1526], o derrube [1565] apresentava 12 indivíduos, 2 deles vidrados (16,7%). Ao nível do fabrico, todos os objetos correspondiam a produções de

origem local/regional. Deste conjunto, destaco as duas tigelas de tipo 5 – os exemplares PF.00/1565-502 (anexos, p. 122) e PF.00/1565-504 (anexos, p. 124), com paralelos em Lisboa – NARC, Igreja de São Lourenço e Praça da Figueira (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339; Rodrigues 2018, p. 38; Mira 2019, p. 46) –, e Santarém (Liberato 2011, anexo 3), em contextos dos séculos XI e XII, e em Mértola (Gómez Martínez 2004, p. 1019), com os atafiores do tipo 4D, do século XII.

Na habitação 6, o abandono do espaço de salão-adarve é formado pelas unidades [1517], [1518], [1571], [1575], [1576], [1587] e [1597], sobre as quais se deposita o derrube [1542]. No total, este conjunto compreende 107 indivíduos, cuja percentagem de peças vidradas é de 9,3% (10 fragmentos).

Dá-se conta da presença de morfologias com circulação maioritariamente nos séculos XI e XII, como é o caso das já referidas caçoilas de tipo 6 e tigelas do tipo 5 – o exemplar vidrado PF.00/15000-101 (anexos, p. 121). Surge, no entanto, um fragmento de tigela – PF.00/15000-32 (anexos, p. 122) – com bordo extrovertido/oblíquo e lábio arredondado (tipologia 1), com paralelos em Mértola em contextos do século XII e primeira metade do XIII (Gómez Martínez 2004, pp. 1028 e 3410), isto é, mais tardios. Também o exemplar de panela PF.00/1587-101 (anexos, p. 109), com bordo vertical e lábio triangular (tipo 5), está associado a cronologias posteriores, encontrando paralelo – em Lisboa – na fase de abandono da via F do bairro islâmico da Praça da Figueira, em contexto da segunda metade do século XII (Pires 2020, anexos p. 99).

O candil PF.00/10030-01 (anexos, p. 134) apresenta a mesma morfologia que a peça identificada no depósito [1523], com paralelos atribuídos a contextos dos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 338). O objeto apresenta vestígios de vidrado a verde, e a análise da pasta permite atribuir-lhe uma origem local/regional.

Ao nível dos fabricos, a análise arqueométrica dos níveis de abandono do salão e adarve da habitação 6 permitiu concluir que as produções exógenas correspondem a 10,3% (11 indivíduos). Nesta amostra, destaco o exemplar PF.00/15000-49 (anexos, p. 130), um fragmento de bilha com corda parcial e traços pintados a negros.

Por fim, verifica-se ainda a presença de três objetos que remetem para outros quotidianos: PF.00/1517-301 (anexos, p. 137) corresponde a uma peça de jogo; PF.00/1597-901 (anexos, p. 137) a uma pederneira, utilizada na produção de fogo; e

PF.00/1542-910 (anexos, idem), uma fivela, utilizada como acessório no vestuário. O seu material – bronze – sugere elevada capacidade aquisitiva por parte do utilizador.

A última área que resta abordar diz respeito ao exterior noroeste da habitação 1. Sobre a calçada [1531], formaram-se os depósitos de abandono [1505] e [1506]. Estas unidades contribuíram com um total de 109 indivíduos, 19,6% relativo a peças vidradas (21 fragmentos).

Pertencem a este conjunto os exemplares de panela e pote com bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com aba arredondada (tipologias 4 e 2, respetivamente), morfologia com utilização durante os últimos séculos da presença islâmica, estendendo-se para o primeiro século do domínio cristão (Liberato 2011, anexo 3). Ainda na forma de potes, tenciono destacar dois indivíduos: o exemplar PF.00/1576-503 (anexos, p. 131), com bordo vertical e lábio plano (tipo 6), que encontra paralelos em contextos do século XI, em Santarém (Liberato 2011, anexo 3), bem como em Mértola, em fase almóada (Gómez Martínez 2004, p. 917); e o pote PF.00/1326-4 (anexos, p. 130), com bordo vertical e lábio em aba retangular (tipo 7), que apresenta utilização no século XIII, em Santarém (Liberato 2011, anexo 5).

Foram identificados 2 fragmentos com decoração a verde e manganês de produções exógenas (V4A): o exemplar PF.00/1551-707 (anexos, p. 127), correspondente a um fundo de tigela com pé baixo anelar, ostentando motivos fitomórficos na face interna; e o bojo de tigela PF.00/1326-51 (anexos, p. 126), que apresenta revestimento vidrado na face externa e decoração a verde e manganês na face interna, cujo motivo não se encontra perceptível.

Neste contexto, também a pintura a vermelho – tanto de produção local/regional, como de importação – apresenta uma grande expressão (9 fragmentos, 8,3%). Relativo à primeira produção enunciada, destaca-se o exemplar PF.00/1576-504 (anexos, p. 127), correspondendo a um fundo plano de tigela com motivos reticulados (ou figo místico) representados na face interna, sobre cobertura de aguada. Essa aplicação pode ter sido realizada com a intenção de aclarar a tonalidade da superfície, de forma a torná-la semelhante às pastas das cerâmicas importadas do sul de Espanha, que se caracterizam pela tonalidade bege ou creme. Por sua vez, com origem exógena (fabrico F3), temos o exemplar PF.00/1326-904 (anexos, p. 113), uma jarra com bordo vertical e lábio arredondado, ostentando motivos ondulados, com traço muito bem executado. Esta

tipologia apresenta distribuição em Lisboa – via F da Praça da Figueira e Igreja de São Lourenço (Pires 2020, anexos p. 89; Rodrigues 2018, p. 40) – durante a segunda metade do século XI e a primeira do século XII, bem como uma utilização mais prolongada em Santarém (Liberato 2011, anexos 3 e 5), atingindo o século XIII.

12.4.2. Abandono tardio

A fase final do abandono identifica-se pela maior fragmentação dos objetos e materiais de construção dos edificadoss – consequência do revolvimento dos níveis de destruição –, bem como pela grande acumulação de sedimentos. Contudo, é de realçar a presença de uma peça em bom estado de conservação, a garrafa PF.00/10014-01 (anexos, p. 124).

O conjunto é composto por apenas 15 indivíduos. Relativamente aos grupos funcionais, a cerâmica de mesa corresponde ao grupo com maior representação – 66,7% (10 indivíduos) –, seguido da cerâmica de cozinha – com 20% (3 indivíduos) – e armazenamento – 13,3% (2 indivíduos).

A percentagem de loiça vidrada é de 13,3%, encontrando-se este revestimento num fragmento de tigela e noutro de jarro.

As tipologias presentes são o tipo 1 de panela; o tipo 6 de caçoila; o tipo 5 de jarra/jarro/jarrita; e a tipologia 6 de tigela.

Na fase de abandono tardio, surge uma morfologia que se revelou muito discreta ao longo do contexto estudado – a garrafa. Apenas tinham surgido dois exemplares na fase de abandono inicial, um deles relativo a um fragmento de bordo. Na [1520], dá-se conta de uma garrafa de perfil quase completo (anexos, p. 138), apresentando corpo globular, colo troncocónico reto, muito estreito, e fundo em pé anelar suave, quase plano.

O fragmento de tigela PF.00/7178-502 (anexos, p. 139), com bordo vertical e lábio quadrangular (tipologia 6), encontra paralelos em Lisboa, com uma cronologia enquadrável nos séculos XI e XII (Pires 2020, p. 68). A única morfologia de bordo de caçoila recolhida corresponde à tipo 6, já referida nas fases anteriores, com uma circulação nos séculos XI e XII, podendo esta recuar até ao século X.

A peça PF.00/7178-01A (anexos, p. 138) corresponde a uma panela de fundo plano, corpo globular e asa de perfil triangular (embora a fratura não permita uma leitura clara). Ao nível da decoração, apresenta vestígios de engobe.

Quanto à proveniência dos objetos, a maioria (66,7%) apresenta fabricos de origem local/regional, enquanto dois indivíduos possuem pastas de origem exógenas (F11 e V4B). O fragmento PF.00/7178-501 corresponde a um fragmento de jarra com pintura a preto; por fim, o exemplar PF.00/7178-503 consiste num fragmento de bojo de jarra/jarro/jarrita, revestido a vidro a verde.

Os materiais da última fase de ocupação do bairro demonstram, uma vez mais, a presença de materiais com um consumo e utilização maioritariamente enquadrados nos finais do século XI e totalidade do século XII. No entanto, o exemplar de garrafa PF.00/10014-01 (anexos, p. 138) poderá corresponder a uma peça com cronologia mais recente.

13. MATERIAIS SEM REFERÊNCIA CONTEXTUAL

Os materiais das unidades sem referência contextual compõem um conjunto de 296 indivíduos cerâmicos.

De uma maneira geral, à semelhança do sucedido nos contextos analisados em estratigrafia, a amostra é composta por uma esmagadora maioria de materiais de produção local ou regional (92,57%), num leque de formas e cronologias maioritariamente atribuíveis aos séculos XI e XII.

Na cerâmica de mesa encontramos o conjunto mais numeroso de materiais cerâmicos, composto por 114 indivíduos (38,51%), 38 deles apresentando decoração vidrada.

Para a morfologia de jarra/jarro/jarrita, encontram-se as tipologias de bordo 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Neste conjunto, destaca-se o exemplar PF.00/1549-303 (anexos, p. 130), correspondente a uma asa de jarra, ostentando pintura a preto. A análise da pasta permitiu atribuir-lhe a produção F2, tratando-se de uma peça com origem exógena.

Nas formas de tigela, estão presentes as tipologias 1, 2, 3A, 3C, 4, 5, 7, 8 e 9.

Em relação a esta forma cerâmica, o primeiro destaque vai para o exemplar PF.00/2328-21 (anexos, p. 147), uma tigela carenada com bordo vertical espessado externamente. Apresenta como decoração uma base de pintura a branco na face interna, sobre a qual assentam motivos (muito bem executados) a vermelho, representando um figo sagrado. No topo do bordo apresenta um conjunto de três linhas horizontais, igualmente pintadas a vermelho.

A tigela PF.00/7509-30a (anexos, p. 148), de bordo introvertido e lábio arredondado (espessado), ostenta pintura a branco, através da qual são representados conjuntos de três traços verticais, um cordão da eternidade e um bolbo de lótus.

Relativamente às tigelas vidradas, começo por referir a presença do indivíduo PF.00/7507-04 (anexos, p. 149), correspondente a uma tigela de bordo extrovertido com lábio arredondado, que apresenta decoração vidrada em tons melados com motivos em manganês. Os motivos representados parecem corresponder a uma composição radial de flores de lótus, algo tosca, cuja temática encontra paralelos noutras peças deste conjunto,

bem como noutras partes do *al-Andalus*. Importa também realçar a presença de 8 pequenos orifícios – gatos – destinados a restaurar a peça fragmentada. Este gesto pode sugerir que a peça em questão tenha possuído importância simbólica/sentimental para o utilizador, que procurou recuperá-la.

Para fechar o tópico relativo a esta morfologia, quero ainda mencionar o indivíduo PF.00/1481-802 (anexos, p. 150), uma tigela de carena alta acusada, com bordo vertical e lábio em aba, tipologia que surge em vários contextos do *Gharb*, com cronologias atribuíveis aos séculos XI e, maioritariamente, XII (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007, p. 339; Rodrigues 2018, p. 38; Mira 2019, p. 46; Liberato 2011, anexo 3; Araújo 2013, p. 48 e estampa 42; (Gómez Martínez 2004, p. 1019). No caso desta peça, nota-se cozedura mal-executada, que resultou num vidrado melado com textura e cor irregulares, muito manchado. Ainda assim, a sua presença neste contexto – relativamente afastado dos centros de produção de cerâmica conhecidos arqueologicamente em *al-Ushbuna* – pode sugerir que a mesma foi efetivamente comercializada e, conseqüentemente, adquirida, ao invés de descartada na olaria.

Nas taças, temos a presença de indivíduos da tipologia 1 e 2, tendo esta última sido elaborada a partir do exemplar PF.00/1549-307 (anexos, p. 151), correspondente a uma pequena taça de bordo tendencialmente vertical e lábio semicircular, com paralelos em Palmela, de contexto inserível nos séculos VIII/IX (Araújo 2013, estampa 2).

A cerâmica de armazenamento correspondeu ao segundo grupo funcional com maior presença, com 89 indivíduos (30,7%). Neste conjunto, foram identificadas as tipologias 1, 2, 3 e 4 de pote, assim como exemplares de todas as morfologias de cântaro e talha.

Para a forma de pote, o exemplar PF.00/7509-34 (anexos, p. 152) corresponde ao único bordo de tipo 4 do estudo. Esta morfologia encontra paralelos em Santarém no exemplar S.5OUT.2-8.07 (508) – 4694, inserível em contexto dos finais do século XI – primeira metade do século XII (Liberato 2011, anexo 3).

Relativamente à forma de talha, começo por destacar o exemplar PF.00/2528-26 (anexos, p. 154), correspondente ao único indivíduo da tipologia 1B, caracterizado pela presença de bordo ligeiramente extrovertido e lábio retangular espessado externamente. Apresenta decoração incisa ao longo do bordo, representando motivos ondulados.

Já a talha PF.00/7509-101 (anexos, p. 154), de bordo vertical e lábio retangular sem espessamento (tipologia 1), apresenta uma combinação de aplicações plásticas (cordão plástico na ligação entre o bojo e o colo) e decoração incisa, ostentando motivos geométricos (rosáceas), cuja composição forma o cordão da eternidade.

Os motivos decorativos destas duas peças ilustram, uma vez mais, a importância que a água teria para estas sociedades, aspeto que motiva a sua proteção através de símbolos com caráter profilático.

As formas de cozinha correspondem a um conjunto composto por 86 indivíduos (29,05%). Relativamente às morfologias presentes, esta amostra possui painéis do tipo 1, 2, 3, 4 e 7, assim como caçoilas de todas as tipologias, à exceção da 4. O indivíduo PF.00/2245-60 (anexos, p. 141), com carena média e bordo ligeiramente introvertido, com lábio arredondado espessado na face interna, corresponde ao único exemplar do tipo 5 de caçoila, encontrando paralelos no castelo de Palmela, em contexto dos séculos X e XI (Araújo 2013, p. 51 e estampa 43).

A cerâmica multifuncional encontra-se representada por apenas um indivíduo, o exemplar PF.00/10018-201 (anexos, p. 155), um grande alguidar com bordo extrovertido e lábio em aba pendente, com revestimento polido na face interna. Encontra paralelos em contextos do século XI (Araújo 2013, p. 76 e estampa 48), assim como para os séculos XII e princípios do XIII (Gonçalves, Pires e Mendonça 2008, p. 704; Pires 2020, p. 63). Apresenta um orifício no bojo, que permite que o mesmo seja pendurado verticalmente numa parede, de forma a facilitar o seu armazenamento. Esta solução deve remeter-nos, enquanto arqueólogos que procuram compreender os espaços habitacionais e as vivências domésticas, à existência de contextos onde os objetos são armazenados em altura, muitas vezes suspensos, com recurso a cordéis ou grampos, a partir das asas, colos e orifícios.

Na cerâmica de iluminação, os indivíduos PF.00/10018-01 (anexos, p. 155) e PF.00/3001-310 (anexos, idem) – relativos a um fragmento de bico e de depósito, respetivamente – apresentam as mesmas características anteriormente visíveis no exemplar PF.00/10030-01 (anexos, p. 69), o candil mais completo do conjunto, que possui depósito globular com carena suave, base circular plana e bico alongado.

Relativamente à cerâmica de uso auxiliar, foram identificados apenas dois fragmentos de teste. O indivíduo PF.00/2703-1058 (anexos, p. 156), de perfil completo, apresenta fundo plano e bordo extrovertido com lábio plano. O fragmento PF.00/1549-

304 (anexos, p. 156) apresenta uma pega em forma de mamilo, sendo o único exemplar de testo com esta característica.

Dá-se também conta de um pequeno conjunto de objetos lúdicos: as duas peças de jogo PF.00/3021-27 (anexos, p 156) e PF.00/2620-4 (anexos, idem). A última peça tem a particularidade de apresentar vestígios de pintura a branco, seguramente utilizado com o propósito de distinguir as peças entre jogadores/adversários.

Foi ainda identificado um elemento dormente de mó, de cariz portátil (anexos, p. 157)

Por fim, pertencem a este conjunto de objetos as duas pontas de lança – em ferro – mencionadas no capítulo 11 (anexos, p. 158).

14. CONCLUSÃO

Os resultados aqui produzidos pretenderam contribuir com novos dados e materiais para a compreensão das vivências quotidianas que tiveram lugar no bairro islâmico da Praça da Figueira.

Através da associação entre os vestígios recolhidos e os espaços da casa – nos casos em que tal exercício lógico era exequível –, foi possível dar uma leitura das atividades quotidianas que terão sido desenvolvidas nas suas diversas áreas, com destaque para a cozinha, na qual foi estudado o seu contexto de uso. Nesta divisão da habitação 6, embora se verifique a presença de uma razoável diversidade de formas e tipologias, maioritariamente enquadráveis entre finais do século XI e inícios do século XIII, dá-se também nota da ausência de determinados objetos, como é o caso das taças e tigelas de menor dimensão, que à luz destes contextos pode sugerir que existe, à refeição, uma cultura de consumo familiar a partir de uma grande tigela comum.

O estudo arqueométrico demonstra uma prevalência das peças de produção local/regional, cuja frequência foi sempre superior a 80% nos contextos estratigraficamente seguros, revelando a existência de uma atividade produtiva capaz de satisfazer as necessidades dos habitantes da cidade. A origem destas peças pode corresponder às olarias identificadas nos arrabaldes ocidental – NARC e Mandarim Chinês (Bugalhão, Gomes e Sousa 2007) – e oriental – Largo das Alcaçarias (Bugalhão 2009) e Largo do Chafariz de Dentro (Silva 2007).

Ainda assim, verificou-se a presença de algumas peças importadas, maioritariamente nas formas de tigela e jarra/jarro/jarrita, com decoração a preto, vermelho, revestimento a vidro monócromo, bícromo e polícromo. Embora alguns fragmentos não apresentassem indícios de decoração, não podemos excluir a hipótese de que os motivos ornamentados se encontravam noutra parte da peça. A existência destes elementos nos contextos habitacionais sugere também que os residentes do bairro teriam capacidade económica para adquirir cerâmicas de luxo.

O estudo revelou também a existência de uma tigela a verde e manganês de produção local, facto que ajuda a suportar a hipótese de que existe uma produção regional de imitação destas cerâmicas. Comprovou-se que peças com pintura a vermelho, negro e

a corda seca parcial eram também produzidas na cidade de Lisboa. A única forma de decoração que, neste estudo, se apresentou exclusivamente exógena foi a corda seca total.

Relativamente à análise das arquiteturas, um dos aspetos que salta imediatamente à vista é a reduzida dimensão das habitações do bairro. Com uma média de 48,2 m², as casas do bairro apresentam áreas menores que aquelas que encontramos noutras cidades do *Gharb* como na medina de Mértola, cujas habitações possuem, na sua maioria, mais de 60 m² de área (Gómez Martínez, Rafael e Macias 2010, p. 180).

A maior dimensão da habitação 1, com um comprimento em mais de duas vezes superior às restantes unidades do bairro, assim como a presença de piso lajeado no pátio da habitação 6, poderão sugerir um maior estatuto económico das famílias que nelas habitavam, comparativamente à restante comunidade da parcela escavada.

Pretendeu-se ainda suportar as propostas de cronologia apresentadas em trabalhos anteriores (Pires 2020 e Mira 2018). As mesmas defendem que o bairro foi instalado no início do século XII, num momento em que *al-Ushbuna* já se encontrava sob domínio almorávida. A presença de peças marcadamente deste período – seja pela sua tipologia, seja por elementos decorativos – na primeira fase de ocupação das habitações 1 e 6, vai de encontro a essa conjectura cronológica.

A construção do bairro prende-se com o propósito de o mesmo acolher populações refugiadas, deslocadas de norte e dos campos da região, devido ao avanço da expansão cristã, como acontece noutras cidades do *al-Andalus* durante o período da “Reconquista”. Esta mobilização de pessoas afigura-se como particularmente lógica no contexto histórico em que se desenrolou, tal como sugerem as fontes históricas. Citando *Ibn Jobair*, um muçulmano andaluz que visitou a Palestina cerca de um ano após a conquista franca, “não há, para um muçulmano, qualquer desculpa à face de Deus de permanecer numa cidade de indevoção” (Maalouf 1983, pp. 11 e 12).

Apesar da difícil tarefa de identificar a origem dos moradores do bairro, considera-se que a arquitetura das habitações fornece uma pista a esse respeito. O facto de as habitações do bairro não possuírem átrio cego, à exceção de uma só, poderá indiciar uma origem rural por parte destes refugiados, tendo em conta que o saguão é um elemento arquitetónico próprio e canónico da habitação islâmica em meio urbano, cuja função seria garantir a privacidade do lar face aos olhares exteriores, mas que pode encontrar-se ausente no meio rural, dado que a menor densidade populacional deste âmbito não exige

uma entrada cega para a casa. Este aspeto já tinha sido referido por Rodrigo Banha da Silva (2012), bem como por Duarte Mira (2018), aquando do estudo das materialidades da habitação P/Q 9-11, desenvolvido no âmbito da sua dissertação de mestrado.

Ao nível da data para o seu abandono, os contextos das habitações 1 e 6 indicam que estas terão tido ocupação mesmo após a conquista cristã de Lisboa, indo de encontro à ideia de progressivo abandono do bairro. As duas reformulações profundas de que foi alvo o muro meeiro de ambas, da mesma forma que a substituição do empedrado da habitação 1 por um pavimento em terra batida, reforçam a leitura de uma mais longa ocupação no tempo.

À etapa final da dinâmica do local equivalerá o contexto fechado da cozinha, onde marcam presença objetos que encerram datações bem fixadas nos finais do séc. XII-inícios do séc. XIII. Serão, de igual modo, significantes as dinâmicas familiares do lugar que, nesta etapa final, justificaram o estabelecimento de uma ligação entre as duas unidades habitacionais, representando deste modo um fenómeno de provável emparcelamento na última fase de uso.

É também interessante o processo de apropriação de um espaço público – a via A, uma via de circulação para habitantes do bairro – pelo privado, sugerido pelo prolongamento do pavimento [3013] para essa área. Tal ocorrência pode sugerir que no quarteirão a norte – acerca do qual não temos muita informação, por se encontrar fora da zona de escavação– se fizesse já sentir um certo abandono, o que justificaria esta apropriação. Por sua vez, a substituição do pavimento empedrado [3027] por um em terra batida, parece sugerir que o primeiro já se encontrava com um certo grau de desgaste. A escolha da terra batida pode ainda demonstrar que o proprietário da habitação já não teria o poder aquisitivo necessário para utilizar o material anterior (a pedra), tendo optado por uma solução mais económica.

Devemos também ter em conta as observações do fenómeno de emparcelamento/ abandono e a cronologia que lhe foi aferida arqueologicamente com o conhecimento disponível para a dinâmica histórica da própria zona da cidade onde se inscrevem: ali se desenvolverá a fixação de extensas propriedades dos principais poderes da cidade e do reino a partir da segunda metade do séc. XII e até finais do século XIII, casos do próprio rei, São Vicente de Fora, Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, os Dominicanos ou os Hospitalários, como bem próximo se dará, no século XII, a criação da albergaria (e futuro

morgado) de D. Paio Delgado na zona de São Mateus/Borratém (Gonçalves 2011), mas também a data do próprio foral dos mouros forros (1170), elementos que poderão ter tido impacte nos processos urbanísticos ligados à consolidação de uma comuna muçulmana em Lisboa e à formação da Mouraria como entidade urbana lisboeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, Jorge de. 1994. “Ainda Sobre a Conciliação das Arqueologias”. In *O Arqueólogo Português*. pp. 211-221. Série IV, 11/12.
- Alkhateeb, Firas. 2023. *Uma Nova História do Islão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Araújo João Gonçalves. 2014. “A Cerâmica Islâmica do Castelo de Palmela: Análise Tipológica e Crono-estratigráfica dos Materiais da Galeria 5”. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Azevedo, Ana Isabel. 2012. “As Representações das Conquistas Cristãs: Lisboa (1147) e Silves (1189)”. Dissertação de mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- Barros, Maria Filomena de. 2014. “Mourarias e Cidade: Discursos e Espaços”. In *Evolução da Paisagem Urbana – Cidade e Periferia*. pp. 271-284. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Boone, James. 1993. “The Third Season of Excavations at Alcaria Longa”. In *Arqueologia Medieval*, pp. 111-152, Volume 2. Porto: Edições Afrontamento.
- Bugalhão, Jacinta; Folgado, Deolinda. 2001. “O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: Urbanismo e Produção Oleira”. In *Arqueologia Medieval*. nº 7. pp. 111-145. Porto: Edições Afrontamento.
- Bugalhão, Jacinta. 2009. “Lisboa Islâmica: Uma Realidade em Construção”. In *Xelb 9*, pp. 379-393. Silves: Xelb.
- Bugalhão, Jacinta; Catarino, Helena; Cavaco, Sandra; Covaneiro, Jaquelina; Fernandes, Isabel; Gomes, Ana; Martínez, Susana; Gonçalves, Maria; Grangé, Mathieu; et al. 2009. “CIGA: Projeto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb *al-Andalus*”. In *Xelb 10*.
- Bugalhão, Jacinta; Martínez, Susana Gómez. 2003. “Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico”. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, pp. 238-262. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.
- Bugalhão, Jacinta; Gomes, Sofia; Sousa, Maria; Folgado, Deolinda; Tinturé, Antónia; Moreno-Garcia, Marta; Dias, Maria; Prudêncio, Maria. 2008. *Produção e Consumo de Cerâmica Islâmica em Lisboa – Conclusões de um Projeto de Investigação*. n.p.
- Caessa, Ana; Nozes, Cristina; Mota, Nuno. 2018. “Uma Mesquita no Arrabalde Ocidental de al-Usbuna”. In *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.

Calado, Marco; Leitão, Vasco. 2005. “A Ocupação Islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa)”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, pp. 459-470. Volume 8. Nº 2.

Câmara Municipal de Lisboa (s.d.) – Disponível em: <https://informacoeseeservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/centro-de-arqueologia-de-lisboa> (consultado a 12 de janeiro de 2021).

Cruz, Maria das Dores; Correia, Virgílio. 2007. *Cerâmica Utilitária. Normas de Inventário*. 1ª Edição. Instituto dos Museus e da Conservação.

Cavaco, Sandra; Covaneiro, Jaquelina; Fernandes, Isabel; Gómez, Susana; Gonçalves, Maria; Grangé, Mathieu; Inácio, Isabel; et alii. 2013. “Cerâmica Islâmica do *Garb al-Andalus*. Contextos Sócio-territoriais de Distribuição”. In *O Arqueólogo Português*, pp. 349-380. Série V. Volume 3. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. n.p.

Dias, Maria; Prudêncio, Maria; Bugalhão, Jacinta; Gomes, Sofia; Sousa, Maria; Folgado, Deolinda. 2004. “A Produção de Cerâmicas no Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica. Primeiros Resultados Arqueométricos”. In *A Ocupação Islâmica da Península Ibérica*, pp. 157-167. Faro: Universidade do Algarve.

Duarte, Susana. 2018. “Ocupação do Período Islâmico”. In *Setúbal Arqueológica*. pp. 207-228. Volume 17. Setúbal.

Fernandes, Isabel; Macias, Santiago. 2011. “Islamic and Christian Medieval Archaeology”. In *The Historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010*, pp. 152-177. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.

Fernandes, Isabel; Déléry, Claire; Martínez, Susana; Gonçalves, Maria; Inácio, Isabel; Santos, Constância dos; Coelho, Catarina; et al. 2012. “O Comércio da Corda Seca no Gharb al-Andalus”. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. pp. 649-666. Silves: Câmara Municipal de Silves.

Filipe, Vanessa. 2012. “Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura”. Estudo do Espólio Exumado nas Intervenções Arqueológicas do Museu Municipal de Évora”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Filipe, Victor; Calado, Marco; Guerra, Sandra; Valongo, António; Leónidas, João; Ramos, Romão; Rocha, Margarida; Costa, Jacinta. 2012. “A Cerâmica de Importação no Arrabalde Ocidental de Luxbuna (Lisboa). Dados Preliminares da Intervenção Realizada no Hotel de Santa Justa”. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, pp. 711-718. Silves: Câmara Municipal de Silves.

Gaspar, Alexandra; Lemos, Francisco; Delgado, Manuela. 1986. “O salvamento de Bracara Augusta, reflexões”. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Coleção *Trabalhos de Arqueologia 1*, pp. 27-42. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

GEO – Gabinete de Estudos Olisiponenses. S.d. “A Cerca de Al-Usbuna”. Disponível em: http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/GEO/Cerca_Moura_site/Cerca_moura_visita.pdf. (Acedida a 05/01/2021).

Gomes, Ana; Gaspar, Alexandra; Guerra, S.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. 2003. “Castelo de São Jorge – Balanço e Perspectivas dos Trabalhos Arqueológicos”. In *Património Estudos*, pp. 214-223. Lisboa: Ministério da Cultura.

Gomes, Rosa Varela. 2002a. “O Século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal”. In *Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Volume nº 54. Pp. 203-220. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Gomes, Rosa Varela. 2002b. “Silves (Xelb), Uma Cidade do *Gharb al-Andalus*: Território e Cultura”. In *Trabalhos de Arqueologia*. nº 23. Lisboa: IPA.

Gomes, Rosa Varela. 2006. “Silves (Xelb), Uma Cidade do *Gharb al-Andalus*: O Núcleo Urbano”. In *Trabalhos de Arqueologia*. nº 44. Lisboa: IPA.

Gomes, Rosa Varela. 2007. Ribat da Arrifana. Cultura material e espiritualidade. Aljezur: Associação de defesa do património histórico e arqueológico de Aljezur/Município de Aljezur.

Gomes, Rosa Varela. 2011. “Silves (Xelb), Uma Cidade do *Gharb al-Andalus*: A Zona da Arrochela, Espaço e Quotidianos. In *Trabalhos de Arqueologia*. nº 53. Lisboa: IPA.

Gómez Martínez, Susana. 2000. “Contenedores de fuego en el Garb al-Andalus”. In *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, pp. 421-434.

Gómez Martínez, Susana. 2005. *Relatório da Intervenção Arqueológica na Mesquita/Igreja Matriz de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Gómez Martínez, Susana. 2006. “A Cerâmica Islâmica no *Gharb al-Andalus*”. In *A Produção de Cerâmica em Portugal: Histórias com Futuro*, pp. 95-116. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Gómez Martínez, Susana; Macias, Santiago; Torres, Cláudio. 2007. “Las Ciudades del Garb al-Ándalus”. In *Al-Ándalus – País de Ciudades*, pp. 115-132. Toledo.

Gómez Martínez, Susana; Torres, Cláudio; Lopes, Virgílio; Palma, Maria; Macias, Santiago. 2009. “Mértola Islâmica. A Madina e o Arrabalde”. In *6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, pp. 407-429. Silves: Xelb.

Gómez Martínez, Susana; Rafael, Lígia; Macias, Santiago. 2010. “Habitat e Utensílio na Mértola Almóada”. In *Cuadernos de Madinat al-Zahra*. Nº 7. pp. 175-195. Andalucía: Ministério da Cultura.

Gómez Martínez, Susana; Gonçalves, Maria; Inácio, Isabel; Santos, Catarina; Coelho, Catarina; Liberato, Marco; Gomes, Ana; et al. 2012. “A Cidade e o seu Território no *Gharb al-Andalus* Através da Cerâmica”. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, pp. 19-50. Silves: Câmara Municipal de Silves.

Gómez Martínez, Susana; Bugalhão, Jacinta; Catarino, Helena; Cavaco, Sandra; Coelho, Catarina; Covaneiro, Jaquelina; Fernandes, Isabel; et al. 2015. “El Verde y Morado en el Extremo Occidental de *al-Andalus* (Siglos X al XII)”. In *Xth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings*, pp. 21-30. Antalya: Association Internationale pour l'Etude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée.

Gonçalves, Alexandre. 2019. *Escavação Arqueológica do Alto da Vigia (Colares-Sintra): Relatório da Intervenção Realizada em 2017*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Gonçalves, Luís Ribeiro. 2011. “Sistemas de povoamento e organização territorial: dois vales na periferia de Lisboa: séculos IX-XIV”. Dissertação de Mestrado em História Medieval. Lisboa: FLUL – Faculdade de Letras.

Gonçalves, Maria José. 2008. “Silves Islâmica: A Muralha do Arrabalde Oriental e a Dinâmica de Ocupação do Espaço Adjacente”. Dissertação de Mestrado em Teorias e Métodos da Arqueologia. Universidade de Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Gonçalves, Maria José; Gómez Martínez, Susana; Covaneiro, Jaquelina; Fernandes, Isabel Cristina; Gomes, Ana; Inácio, Isabel; Liberato, Marco et al. 2017. “Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*”. In *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Inácio, Isabel; Santos, Constança dos; Coelho, Catarina; Liberato, Marco; Gomes, Ana; Bugalhão, Jacinta; Catarino, Helena et alii. 2014. *A Propósito da Investigação sobre Cerâmica Islâmica em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Kemnitz, Eva-Maria. 1993-1994. “Candis da coleção do Museu Nacional de Arqueologia”. In *O Arqueólogo Português*, Série IV, 11/12, pp 427-472. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Leitão, Marta. 2016. “Estudo de espólio cerâmico proveniente de uma habitação almóada da alcáçova de Alcácer do Sal (Portugal)”. In *Arqueología y Territorio Medieval* 23, pp. 23-39.

Liberato, Marco; Bugalhão, Jacinta; Catarino, Helena; Cavaco, Sandra; Covaneiro, Jaquelina; Fernandes, Isabel; Martínez, Susana; et al. 2006. “Em Torno das Cerâmicas de Armazenamento – As Talhas (*al-hawâbi*) no *Gharb al-Andalus*”. In *al-Madan*. Nº 2. Série 20. pp. 41-52. Almada: Centro de Arqueologia de Almada.

- Liberato, Marco et alii. 2020. “Cerâmica de Tradição Islâmica em Contexto Português. Séculos XII-XIV”. In *Medievalista*, nº 30, p. 6.
- Lima, Luís. 2007. “O Desenho Como Substituto do Objecto. Descrição Científica nas Imagens do Desenho de Materiais Arqueológicos”. Dissertação para obtenção do grau de mestre em “Práticas e Teorias do Desenho”. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
- Lourinho, Inês. 2020. *Fronteira do Gharb al-Andalus: Terreno de Confronto entre Almorávidas e Cristãos (1093-1147)*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Maalouf, Amin. 1983. *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, pp. 11-12. Lisboa: Difel.
- Macias, Santiago. 1992. “Resenha dos Factos Políticos”. In *História de Portugal*, Volume I. Mattoso, José (Dir.). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Macias, Santiago. 1998. “Casas Urbanas e Quotidiano no Gharb al-Ándalus”. In *Portugal Islâmica – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Marques, João. 2016. “O Povoamento Rural no Troço Médio do Vale do Guadiana Entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média”. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Arqueologia, Universidade de Évora.
- Martínez, Susana; Lopes, Virgílio; Torres, Cláudio; Palma, Maria; Macias, Santiago. 2009. “Mértola Islâmica. A Madina e o Arrabalde”. In *Xelb* 9. pp. 407-429. Silves: *Xelb*.
- Martins, Artur; Ramos, Carlos. 1992. “Elementos para a análise e descrição de produções cerâmicas”. In *VIPASCA: Arqueologia e história*, Volume 1, pp. 91-101. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.
- Martins, Soraia. 2013. “Estudo Arqueofaunístico do Castelo de Salir (Loulé): Contribuição Para o Conhecimento da Dieta Alimentar Islâmica”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Matos, José Luís de. 2015. *Lisboa na Civilização Islâmica*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Melro, Samuel; Gonçalves, Alexandre; Clélia, Sandra. 2004. “Intervenção Arqueológica nos Alcariais dos Guerreiros de Cima (Almodôvar): Resultados Preliminares”. In *Era* 6, pp. 63-81. S.l.
- Miquel, André. 1971. *O Islame e a sua civilização. Séculos VII-XX*. Lisboa: Edição Cosmos.
- Mira, Duarte. 2019. “A Arqueologia de uma Casa Islâmica do Extremo Ocidental do Gharb al-Andalus: A Unidade Habitacional P/Q – 9/11 da Praça da Figueira (Lisboa)”.

Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Morales. Camilo. 2009. “La Sociedad de al-Andalus y la Sexualidad”. In *Conocer al-Andalus*. pp. 43-73. Granada: Escuela de Estudios Árabes.

Moreno Narganes. 2020. “Tejiendo en casa: actividades textiles y espacios domésticos en al-Andalus (ss. XII-XIII)”. In *Incipit 9*. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2020, pp. 29-44. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Mota, Nuno; Carvalhinhos, Marina; Miranda, Pedro. 2018. “A “Cerca Velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: Novas Leituras a Partir das Fontes Arqueológicas”. In *Espaços e Poderes na Europa Urbana e Medieval*, pp. 495-520. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais.

Munsell, Albert. 1994. *MUNSELL Soil Color Chart*. Nova Iorque: New Windsor.

Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge. S.d. Castelo de São Jorge. s.l.

Oliveira, José Augusto. 1936. *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)*. Lisboa: CML.

Orton, Clive. 1980. *Mathematics in archaeology*. London: Collins.

Orton, Clive; Tyers, Paul; Vince, Alan. 1993. *Pottery in Archaeology*. Cambridge University Press.

Pereira, Vera. 2011. “Estudo Zooarqueológico de Comunidades Islâmicas do Algarve”. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Pires, Hélio. 2017. *Os Vikings em Portugal e na Galiza*. As incursões nórdicas medievais no ocidente ibérico. Lisboa: Zéfiro.

Pires, Inês. 2020. “Contributo para o Estudo das Cerâmicas Islâmicas Provenientes da Praça da Figueira (Lisboa)”. Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Portal do Arqueólogo. s.d. “Pesquisa de Sítios Arqueológicos”. Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/> (Acedido a 12 de novembro de 2020).

Quaresma, José. 2017. “O Estudo de Contextos em Arqueologia do Mundo Romano e da Antiguidade Tardia no Século XXI: A Lenta Construção de um E pluribus unum”. In *Ex Officina Hispana*. Nº 8. Sociedade de Estudios de La Cerámica Antigua en Hispania.

Rei, António. 1998. *Pesos e Medidas de Origem Islâmica em Portugal*. Évora: Casa da Balança.

Renfrew, Colin; Bahn, Paul. 2005. *Archaeology. The Key Concepts*. London and New York: Routledge.

Rodrigues, Andreia. 2018. “Nos Arrabaldes de al-Uxbuna: a Ocupação Islâmica no Sítio Arqueológico da Igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa). Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Salomé, Rita; Calado, Marco 2012. “Um Pequeno Conjunto Cerâmico de Época Medieval da rua de São Mamede (Lisboa)”. *Al-Madan*, II Série, Tomo 1, pp. 23-30. Almada.

Santos, Filipe. 2006. “O Povoado Islâmico dos Alcariais de Odeleite. Uma Qarya no Algarve Oriental. Primeiros Resultados Arqueológicos”. In *Promontoria*, Ano 4, Número 4, pp. 161-266. Faro: Universidade do Algarve.

Seta, Cesare de. 1989. “Objeto”. In *Enclopédia Einaudi*. Volume 3. pp. 91-113. Lisboa.

Silva, Rodrigo Banha da. 2007. “O contexto [913] da I.A.U do Largo do Chafariz de Dentro: um contributo para o conhecimento da actividade oleira na área de Alfama (Lisboa) durante o período islâmico”. Trabalho de seminário de mestrado elaborado para a cadeira de Arqueologia Medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Silva, Rodrigo Banha da. 2012. “A Ocupação do Período da Dominação Islâmica na Praça da Figueira (Lisboa)”. In *Afonso Henriques e a sua época*, pp. 136-147. Lisboa: Associação Amigos de Lisboa.

Silva, Rodrigo Banha da; Gomes, Rosa Varela; Gomes, Mário Varela. 2011. “O Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Lisboa)”. In *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular – Encontros e Desencontros*, pp. 17-25. Aljezur.

Silva, Manuel Fialho. 2017. “Mutação Urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis”. Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História Medieval. Lisboa: Faculdade de Letras.

Tente, Catarina. 2018. “Os últimos 30 anos da Arqueologia Medieval Portuguesa (1987-2017)”. In *Treinta Años de Arqueología Medieval en Espa a*, pp. 49-94. Oxford: Archaeopress Publishing LTD.

Torres, Cláudio. 1995. “Lisboa Muçulmana. Um Espaço Urbano e o seu Território”. In *1  Congresso de Arqueologia Peninsular*. Volume 35. N  3, pp. 427-434. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Torres, Cláudio; Gómez Martínez, Susana; Ferreira, Manuela Barros. 2004. “Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos”. In “*Actas das 3  Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*”, pp. 125-134. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.

Zizek, Slavoj. 2019. *Sexo e o Absoluto Falhado*. Lisboa: Edições 70.

ANEXOS

1. O sítio arqueológico



Figura 1: Localização do bairro islâmico da Praça da Figueira em relação ao espaço amuralhado de *al-Ushbuna* (Pires 2020, anexos p. 44).

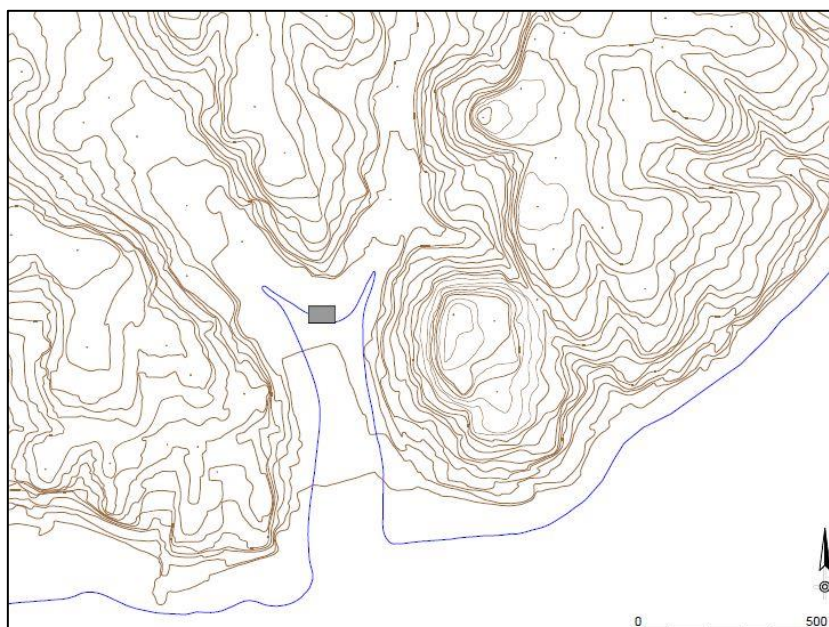


Figura 2: Localização do bairro islâmico da Praça da Figueira (a cinzento) e representação do esteiro do Tejo existente em época medieval islâmica. Mapa realizado pelo Professor Rodrigo Banha da Silva (Pires 2020, anexos p. 44).



Figura 3: Planta do bairro Islâmico da Praça da Figueira, elaborado pelo Professor Rodrigo Banha da Silva, com destaque das habitações 1 (rosa) e 6 (azul) (Silva 2012, p.144).



Figura 4: Plano geral, de orientação norte/sul, com localização das habitações 1 (à esquerda) e 6 (à direita).



Figura 5: Plano de pormenor, de orientação sudoeste/nordeste, da estrutura [1503/1514].



Figura 6: Plano de pormenor, de orientação noroeste/sudeste, da conexão arquitetónica entre as estruturas [1503/1514] e [1509].



Figura 7: Alçado sul da estrutura [1511].



Figura 8: Plano de pormenor, com orientação nordeste/sudoeste, do contexto de cozinha [2223] e [2226] da habitação 6.



Figura 9: Plano de pormenor, com orientação sul/norte, da unidade estratigráfica [1542], correspondente a um nível de abandono inicial.



Figura 10: Plano de pormenor, com orientação sul/norte, do nível de abandono tardio [1520].

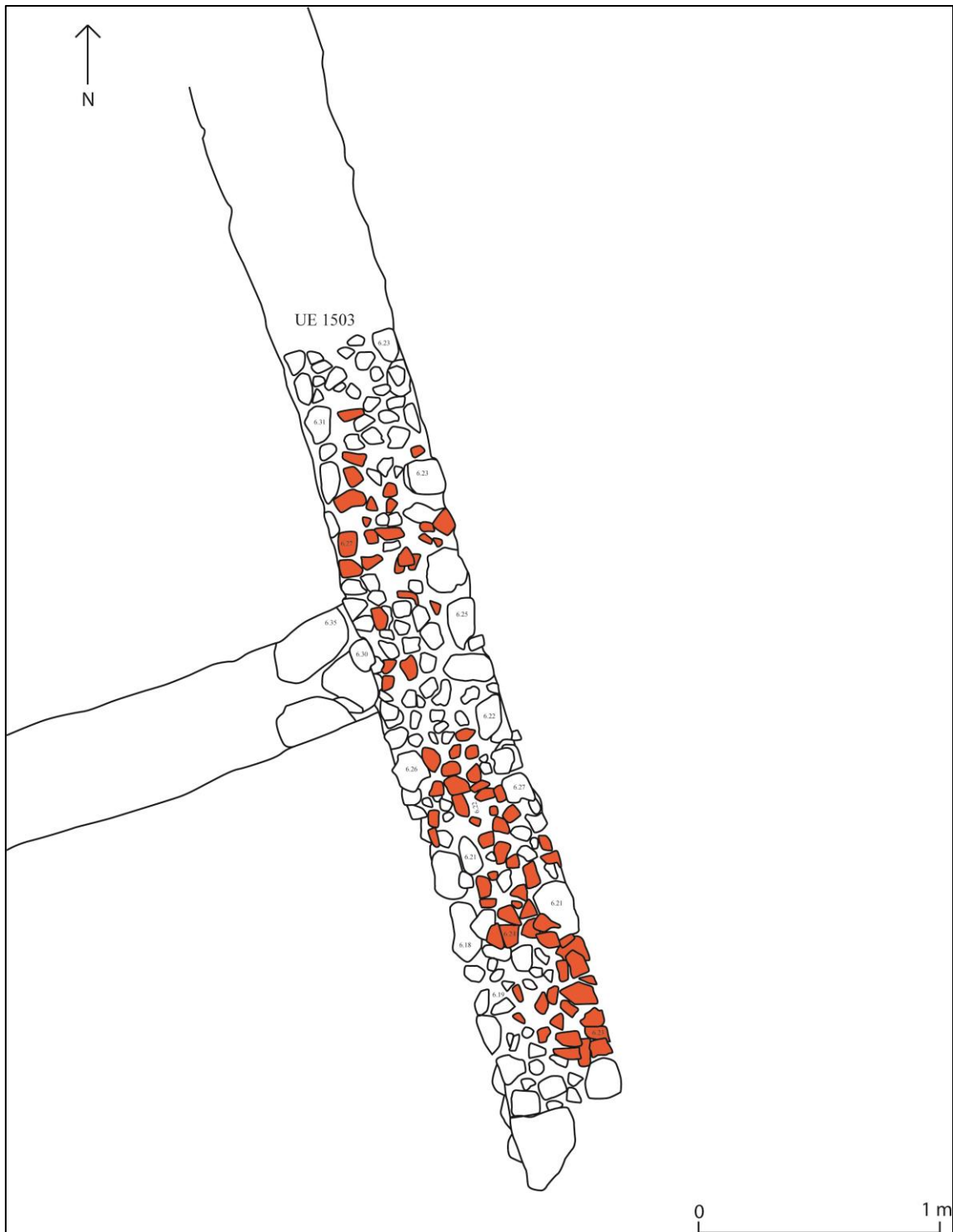


Figura 11: Plano de pormenor da fase 2 da estrutura [1503/1514].

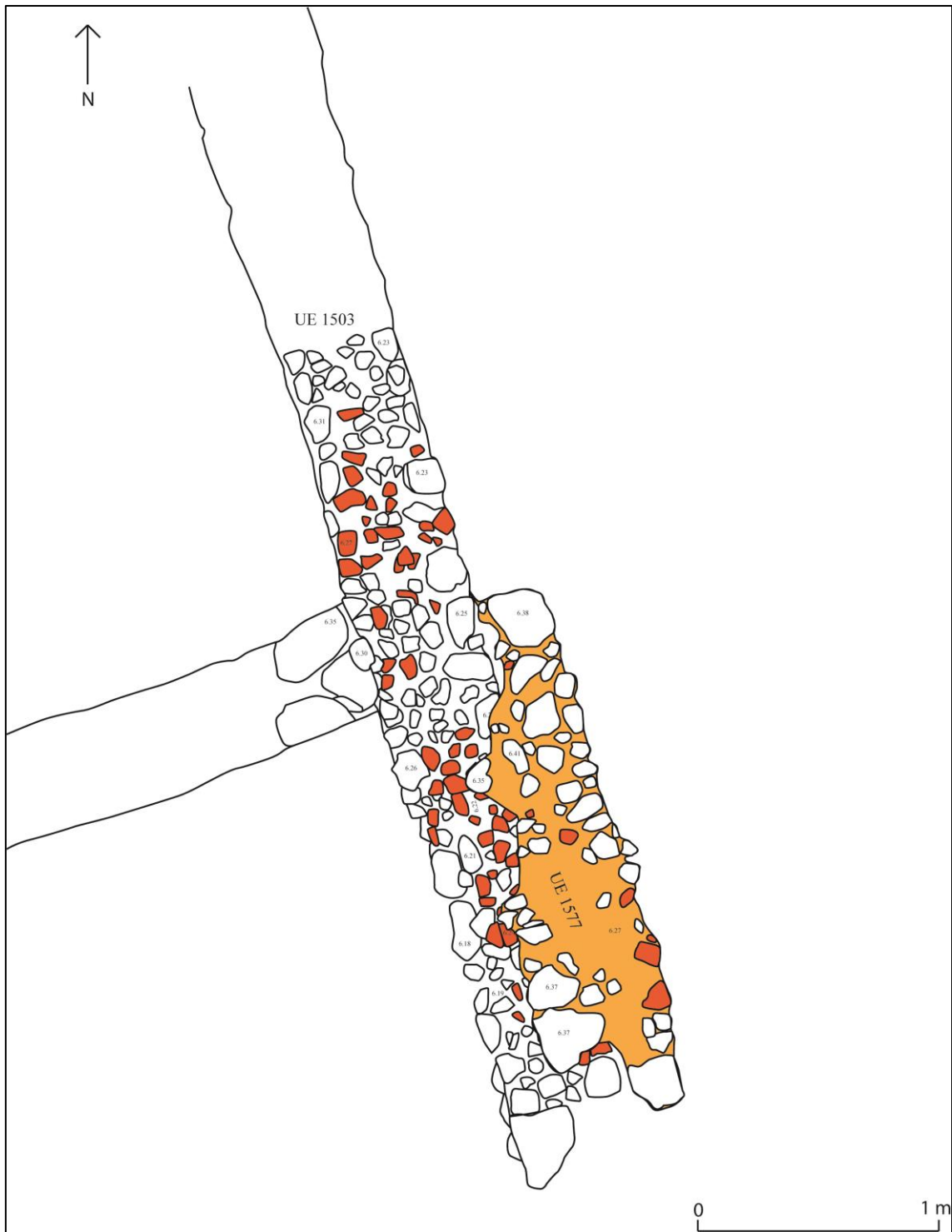


Figura 12: Plano de pormenor da fase 3 da estrutura [1503/1514].

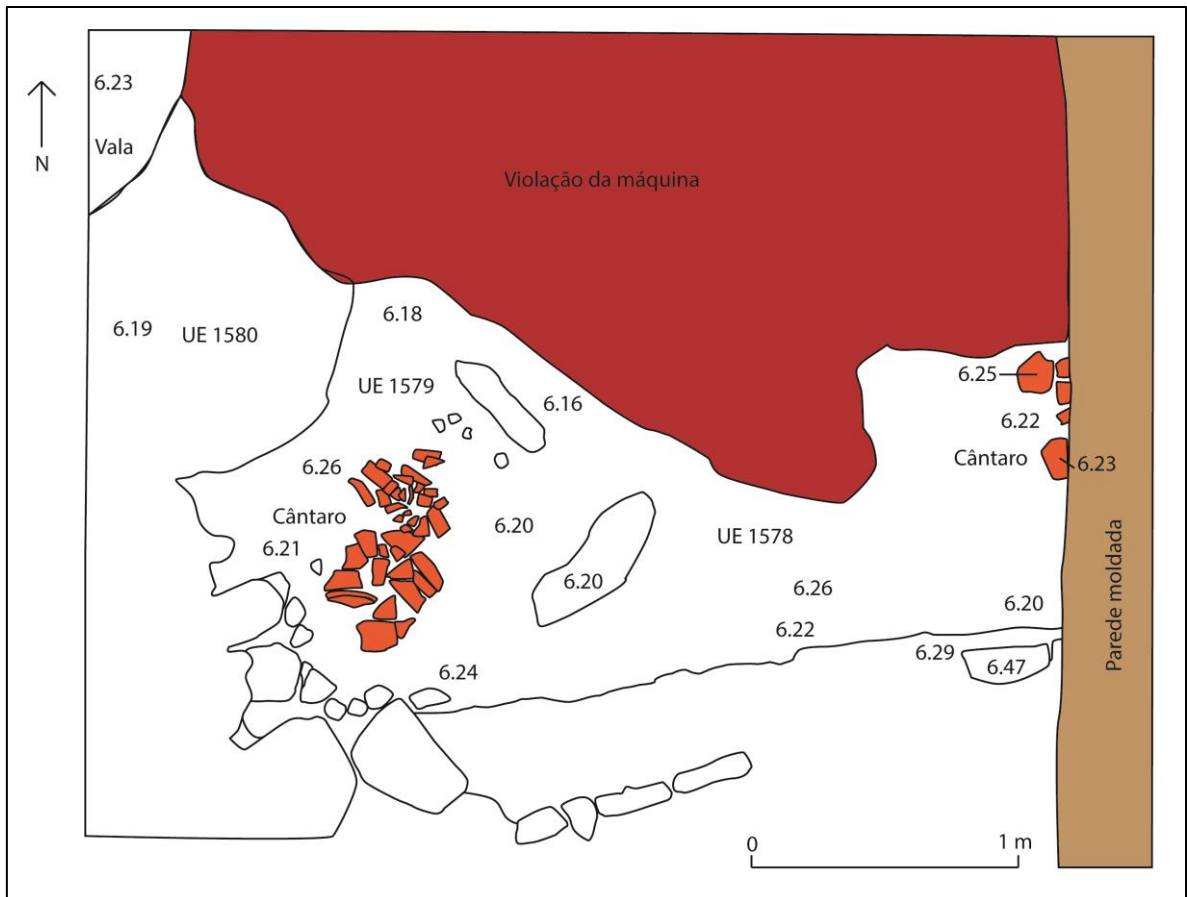


Figura 13: Plano de pormenor do contexto de uso [1578] e [1579].

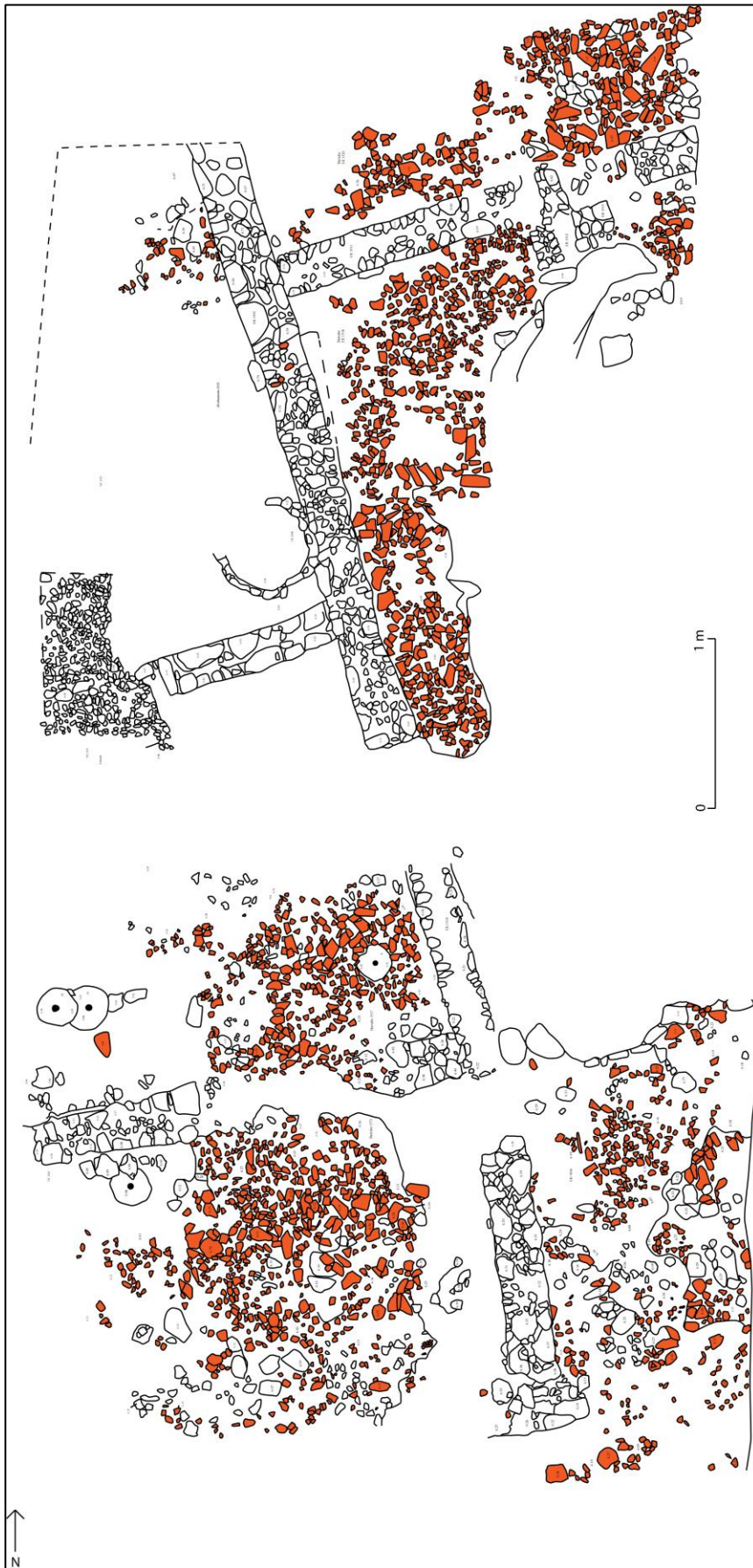


Figura 14: Planta geral da fase de abandono das habitações 1 e 6.

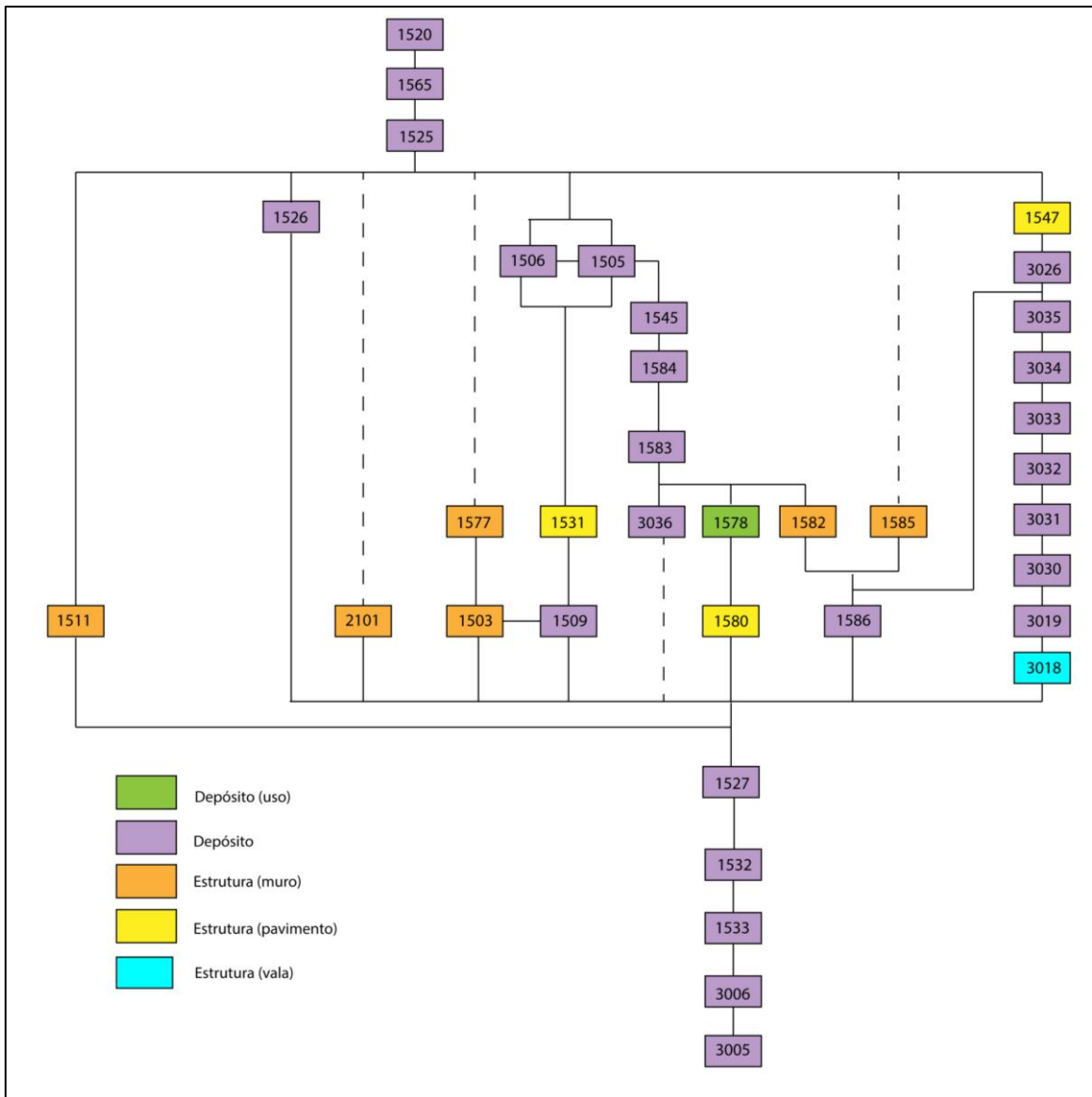


Figura 15: Matriz de *Harris* (simplificada) das unidades estratigráficas da habitação 1.

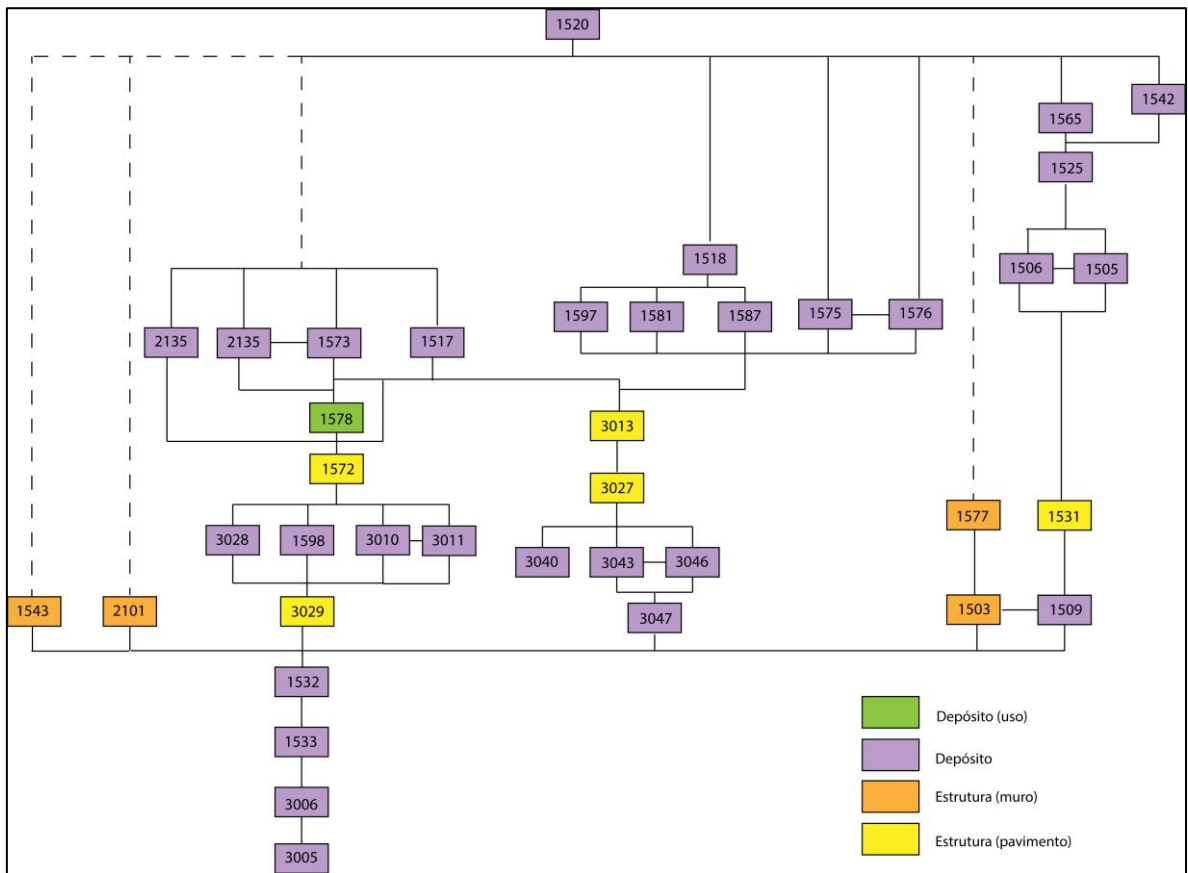


Figura 16: Matriz de *Harris* (simplificada) das unidades estratigráficas da habitação 6.

2. Metodologias

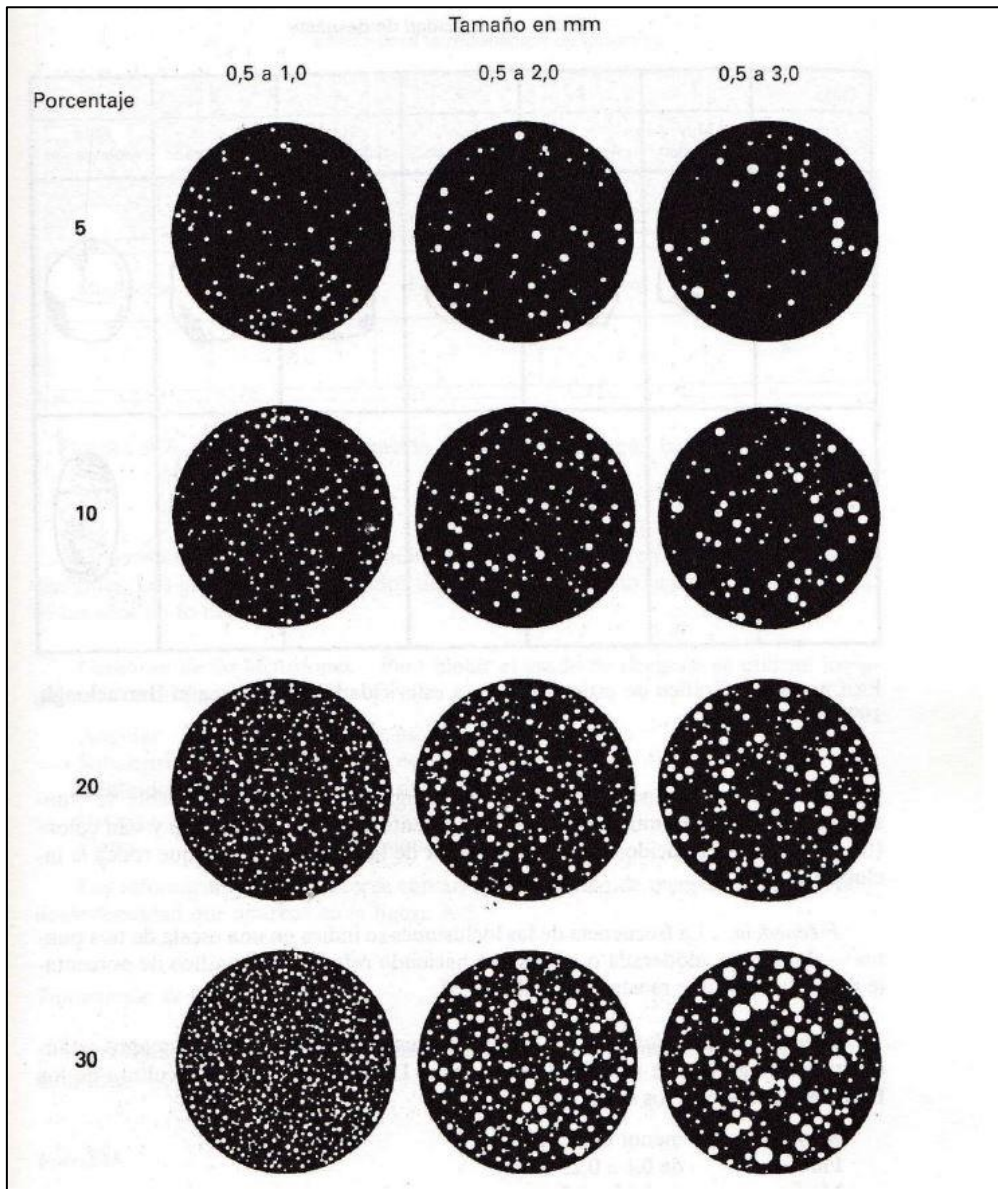


Figura 17: Esquema utilizado na determinação da percentagem e tamanho dos elementos não plásticos das pastas cerâmicas (Orton, Tyers e Vince 1993, p.267).

3. Quantificação dos materiais das fases de ocupação

3.1. Fase 1: Construção

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela			17	1	2		3	23	2
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita					1			1	1
Armazenamento	Pote			8	1				9	3
	Cântaro			2					2	2
Indeterminada	Indeterminado			4	1	1			6	1
Total		0	1	31	3	4	0	3	42	10

Tabela 1: Cerâmica não vidrada da U.E. [1503/1514].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	5	1				7	1
Mesa	Tigela			1					1	1
Armazenamento	Pote			11	1				12	3
	Cântaro			1	3			3	7	3
	Talha			2					2	2
Indeterminada	Indeterminado			2					2	
Totais		0	1	22	5	0	0	3	31	10

Tabela 2: Cerâmica não vidrada da U.E. [1511].

Categorias	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1				2	3	3
Armazenamento	Cântaro							1	1	1
	Talha		1						1	1
Total		0	1	1	0	0	0	3	5	5

Tabela 3: Cerâmica não vidrada da U.E. [1527].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	67	1			1	70	1
	Caçoila		1		1				2	2
Mesa	Tigela		2	2	1				5	4
	Jarra/jarro/jarrita		3	5	2	2	1	3	16	4
Armazenamento	Pote		2	17	2	1		2	24	2
	Cântaro		2	13	2	1		4	22	2
Indeterminado	Indeterminada			22	9				31	4
Totais		0	11	126	18	4	1	10	170	19

Tabela 4: Cerâmica não vidrada das U.E. [3040], [3046] e [3047].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1	1	1				3	3
	Jarra/jarro/jarrita							1	1	1
Indeterminado	Indeterminada			1					1	1
Totais		0	1	2	1	0	0	1	5	5

Tabela 5: Cerâmica vidrada das U.E. [3040], [3046] e [3047].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
	Panela			1	1	1			3	2
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita					1		1	2	1
Armazenamento	Cântaro			2					2	1
	Talha		1						1	1
Indeterminada	Indeterminado		2		1			1	4	1
Total		0	4	3	2	2	0	2	13	7

Tabela 6: Cerâmica não vidrada da U.E. [3043].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Bilha					1			1	1
	Jarra/jarro/jarrita					1			1	1
Total		0	0	0	0	2	0	0	2	2

Tabela 7: Cerâmica vidrada da U.E. [3043].

.2. Fase 2: Reformulações:

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	15	4			2	22	4
	Caçoila		1		1				2	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita						1	2	3	3
	Tigela		1	2					3	3
Armazenamento	Pote			2	1			1	4	1
	Cântaro			3				4	7	2
Multifuncional	Alguidar		1						1	1
Indeterminado	Indeterminado			3	1				4	
Total		0	4	25	7	0	1	9	46	15

Tabela 8: Cerâmica não vidrada da U.E. [1531].

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		4	214	14		1	4	237	13
	Caçoila		7	1	4				12	10
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		3	4	2			3	12	10
	Tigela	1	2	1	1				5	4
	Bilha							1	1	1
Armazenamento	Pote		5	171	7		1		184	7
	Cântaro		3	17	3	6		10	39	8
	Talha			1		1			2	2
Multifuncional	Alguidar		1	2					3	1
Indeterminado	Indeterminada			41	7		1		49	
Total		1	25	452	38	7	3	18	544	56

Tabela 9: Cerâmica não vidrada da U.E. [1572/1574].

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1	4	1				6	6
	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
	Púcaro				1				1	1
Iluminação	Candil								1	1
Total		0	1	5	2	0	0	0	9	9

Tabela 10: Cerâmica vidrada da U.E. [1572/1574].

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	14				1	16	2
Mesa	Tigela			1	1				2	2
	Jarra/jarro/jarrita		1	1		1		1	4	2
Armazenamento	Pote		1	23	2	2			28	2
	Cântaro		1	2				1	4	2
	Talha			1					1	1
Indeterminado	Indeterminado			7	1				8	
Lúdico	Peça de jogo	1							1	1
Total		1	4	49	4	3	0	3	64	12

Tabela 11: Cerâmica não vidrada da U.E. [1577].

Categoria	Formas	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
Total		0	0	1	0	0	0	0	1	1

Tabela 12: Cerâmica vidrada da U.E. [1577].

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1		1				2	1
Armazenamento	Pote		1	1					2	1
	Talha		1	1					2	1
	Cântaro			3				1	4	1
	Indeterminado			2	1	1			4	1
Total		0	3	7	2	1	0	1	14	5

Tabela 13: Cerâmica não vidrada da U.E. [1598].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	20				2	24	2
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		1						1	1
	Tigela			1	1				2	2
Armazenamento	Cântaro			1				1	2	1
	Bilha							1	1	1
	Pote			7		1			8	2
Multifuncional	Alguidar		1						1	1
Indeterminado	Indeterminado			1	3				4	
Total		0	5	30	4	1	0	4	44	11

Tabela 14: Cerâmica não vidrada da U.E. [3011].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela			1					1	1
Total		0	0	1	0	0	0	0	1	1

Tabela 15: Cerâmica vidrada da U.E. [3011].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1						1	1
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		2	3			1	3	9	6
Armazenamento	Pote		2	14	3				19	3
	Talha			1					1	1
Indeterminado	Indeterminado			1	1				2	
Total		0	6	19	4	0	1	3	33	12

Tabela 16: Cerâmica não vidrada da U.E. [3013].

Categoria	Formas	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela			1					1	1
Total		0	0	1	0	0	0	0	1	1

Tabela 17: Cerâmica vidrada da U.E. [3013].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	15	4	1		1	22	4
	Caçoila		1	1					2	1
Mesa	Tigela			1	1				2	2
	Taça		1						1	1
	Jarra/jarro/jarrita			4				1	5	4
Armazenamento	Cântaro		2	1				1	4	2
	Pote			4					4	2
Indeterminada	Indeterminado			1				1	2	
Total		0	5	27	5	1	0	4	42	16

Tabela 18: Cerâmica não vidrada da U.E. [3019].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	1					2	1
	Caçoila		1	1					2	2
Mesa	Tigela		1						1	1
	Jarra/jarro/jarrita					1		1	2	2
Armazenamento	Cântaro		1						1	1
	Pote			2					2	2
Indeterminado	Indeterminado			7	1			1	9	
Total		0	4	11	1	1	0	2	19	9

Tabela 19: Cerâmica não vidrada da U.E. [3026].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita					1			1	1
Total		0	0	0	0	1	0	0	1	1

Tabela 20: Cerâmica vidrada da U.E. [3026].

3.3. Fase 3: Uso

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita					2			2	2
Armazenamento	Cântaro		2	2				1	5	2
	Pote			2	1				3	2
Total		0	3	4	1	2	0	0	11	7

Tabela 21: Cerâmica não vidrada das U.E. [1578] e [1579].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela	1	6	81	5	3		4	100	6
	Caçoila	1	7		4				12	8
Mesa	Jarra/jarro/jarrita	1	4	2		1		3	11	10
	Tigela	2	1		2		1		6	6
	Bilha/garrafa					1			1	1
	Púcaro	1							1	1
Armazenamento	Pote		2	20	3	1		1	27	4
	Cântaro		1	5				4	10	3
	Talha		1						1	1
Indeterminado	Indeterminado			12	2			1	15	
Total		6	22	120	16	6	1	13	184	40

Tabela 22: Cerâmica não vidrada das U.E. [2233] e [2236].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1	1	2		2	6	6
	Tigela		2	5	2				9	8
Total		0	2	6	3	2	0	2	15	14

Tabela 23: Cerâmica vidrada das U.E. [2233] e [2236].

Fase 3.4.: Abandono

3.4.1. Abandono inicial

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		4	217	22	6	1	16	266	22
	Caçoila		14		9				23	14
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		14	4	5	6	2	14	45	16
	Bilha					1			1	1
	Taça		1						1	1
	Tigela		6	2	5				13	9
	Púcaro				1				1	1
	Garrafa		1	1					2	2
Armazenamento	Cântaro		6	42	9	2		18	77	9
	Pote		6	188	7	3		5	209	6
	Talha		1	1					2	1
Outro	Testo	2							2	2
Indeterminado	Indeterminado		1	60	8				69	4
Lúdico	Peça de jogo	4							4	4
Total		6	54	515	66	18	3	53	715	92

Tabela 24: Cerâmica não vidrada das U.E. [1505] e [1506].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela			1	3				4	5
	Taça		1						1	1
	Jarra/jarro/jarrita		1	5	1	1		5	13	13
	Púcaro			1					1	1
Armazenamento	Pote		1						1	1
Indeterminada	Indeterminada			1					1	
Total		0	3	8	4	1	0	5	21	21

Tabela 25: Cerâmica vidrada das U.E. [1505] e [1506].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		3	7	1			1	12	3
	Caçoila		2						2	2
Mesa	Tigela		3	1					4	4
	Jarra/jarro/jarrita			1		1		4	6	5
Armazenamento	Pote		1	11	2			1	15	4
	Cântaro		1		1	1		3	6	4
	Talha			1					1	1
Indeterminado	Indeterminado			1	1				2	
Lúdico	Peça de jogo	1							1	1
Total		1	10	22	5	2	0	9	49	24

Tabela 26: Cerâmica não vidrada da U.E. [1517/1571].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Bilha					1			1	1
	Tigela	1		1					2	2
Total		1	0	1	0	1	0	0	3	3

Tabela 27: Cerâmica vidrada da U.E. [1517/1571].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela				1				1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
	Tigela				2				2	2
Armazenamento	Cântaro				1	2		1	4	2
	Talha					1			1	1
Indeterminada	Indeterminado			1					1	
Total		0	0	2	4	3	0	1	10	7

Tabela 28: Cerâmica não vidrada da U.E. [1518].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela			3					3	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			3	1	1		2	7	5
Armazenamento	Pote		1	3	1			1	6	1
	Cântaro			3				2	5	1
Iluminação	Candil				1				1	1
Total		0	1	12	3	1	0	5	22	9

Tabela 29: Cerâmica não vidrada da U.E. [1523].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela			2	1				3	3
	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
Indeterminada	Indeterminado				1				1	1
Total		0	0	3	2	0	0	0	5	5

Tabela 30: Cerâmica vidrada da U.E. [1523].

Categoria	Formas	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	82	6	6		2	98	6
	Caçoila		2		1				3	2
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		5	2	3	2		4	16	10
	Tigela		3						3	3
Armazenamento	Pote		2	26	4			2	34	4
	Cântaro		1	2		1		5	9	2
Outro	Testo		2						2	2
Total		0	17	112	14	9	0	13	165	29

Tabela 31: Cerâmica não vidrada da U.E. [1525/1675].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
	Tigela		1		1				2	2
Total		0	1	1	1	0	0	0	3	3

Tabela 32: Cerâmica vidrada da U.E. [1525/1675].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	44	7			1	54	7
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		2	1		2		1	6	4
	Tigela	1	1	1					3	3
Armazenamento	Pote		1	23	2	3			29	2
	Cântaro		1					1	2	1
Indeterminada	Indeterminada			8					8	
Total		1	8	77	9	5	0	3	103	18

Tabela 33: Cerâmica não vidrada da U.E. [1542].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1						1	1
Total		0	1	0	0	0	0	0	1	1

Tabela 34: Cerâmica vidrada da U.E. [1542].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		3	121	8			7	139	7
	Caçoila		8		2				10	8
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		8	5		5	1	10	29	13
	Bilha		1						1	1
	Tigela		2		3		1		6	5
	Taça		1						1	1
Armazenamento	Pote		3	67	4	5			79	5
	Cântaro		5	14	4	1		7	31	5
	Talha		1						1	1
Indeterminada	Indeterminada			25	1				26	
Total		0	32	232	22	11	2	24	323	46

Tabela 35: Cerâmica não vidrada da U.E. [1545].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		2	2					4	3
Iluminação	Candil							1	1	1
Total		0	2	2	0	0	0	1	5	4

Tabela 36: Cerâmica vidrada da U.E. [1545].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	41	3			3	49	3
	Caçoila		1		1				2	2
Mesa	Tigela		3						3	3
	Jarra/jarro/jarrita				1				1	1
Armazenamento	Pote		3	16		3		1	23	3
	Cântaro			2				3	5	2
	Talha		1						1	1
Indeterminada	Indeterminada			8	1			1	10	
Total		0	10	67	6	3	0	8	94	15

Tabela 37: Cerâmica não vidrada da U.E. [1551].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1	1	1				3	3
	Jarra/jarro/jarrita					2			2	2
Total		0	1	1	1	2	0	0	5	5

Tabela 38: Cerâmica vidrada da U.E. [1551].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	8	1		1	2	13	3
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		1	1		1		1	4	3
	Tigela		1						1	1
Armazenamento	Pote			1					1	1
	Cântaro							1	1	1
Indeterminado	Indeterminado				1				1	
Total		0	4	10	2	1	1	4	22	10

Tabela 39: Cerâmica não vidrada da U.E. [1565].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
	Tigela		1						1	1
Total		0	1	1	0	0	0	0	2	2

Tabela 40: Cerâmica vidrada da U.E. [1565].

Categoria	Forma	Pc	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	162	9			4	176	8
	Caçoila			5	1	2			8	8
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		1	2				2	5	5
	Tigela		1	1					1	1
Armazenamento	Cântaro		1	8	3	3		7	22	4
	Pote		2	129	4				135	4
	Talha					1			1	1
Indeterminada	Indeterminada			8	4				12	
Total		0	6	315	21	6	0	13	360	31

Tabela 41: Cerâmica não vidrada da U.E [1573].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	31	4	1		2	40	4
	Caçoila		2						2	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		4	2		1		5	12	5
Armazenamento	Pote		2	22	2	1			27	2
	Cântaro			3				4	7	3
Indeterminada	Indeterminada			4					4	2
Total		0	10	62	6	3	0	11	92	17

Tabela 42: Cerâmica não vidrada da U.E. [1575].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela						1		1	1
Total		0	0	0	0	0	1	0	1	1

Tabela 43: Cerâmica vidrada da U.E. [1575].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	8	1			2	12	2
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		1						1	1
Armazenamento	Pote			4				1	5	1
	Cântaro			2				1	3	2
Multifuncional	Alguidar		2						2	2
Total		0	4	14	1	0	0	4	23	8

Tabela 44: Cerâmica não vidrada da U.E. [1576].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita				1				1	1
Total		0	0	0	1	0	0	0	1	1

Tabela 45: Cerâmica vidrada da U.E. [1576].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela				1				1	1
Armazenamento	Cântaro			1	2				3	2
Total		0	0	1	3	0	0	0	4	3

Tabela 46: Cerâmica não vidrada da U.E. [1583/1516].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela			1					1	1
Total		0	0	1	0	0	0	0	1	1

Tabela 47: Cerâmica vidrada da U.E. [1583/1516].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		4	101	8			4	117	8
	Caçoila		2						2	2
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		3	4	1	2		6	16	5
	Taça		1						1	1
	Tigela		1	1					2	2
Armazenamento	Cântaro		3	6	3			12	24	9
	Pote		1	58	4	5		3	71	5
Multifuncional	Alguidar		1						1	1
Indeterminada	Indeterminada			12	3				15	
Total		0	16	182	19	7	0	25	249	33

Tabela 48: Cerâmica não vidrada da U.E. [1584/2001].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		3						3	3
	Jarra/jarro/jarrita							1	1	1
Total		0	3	0	0	0	0	1	4	4

Tabela 49: Cerâmica vidrada da U.E. [1584/2001].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	31	2			3	37	2
	Caçoila		2						2	2
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			2	2		2		6	3
	Tigela		2						2	2
Armazenamento	Talha			3	1				4	2
	Pote		1	26	1			1	29	2
	Cântaro		1	3	2	1		1	8	2
Indeterminada	Indeterminada			5	1				6	1
Total		0	7	70	9	1	2	5	94	16

Tabela 50: Cerâmica não vidrada da U.E. [1587].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1						1	1
Total		0	1	0	0	0	0	0	1	1

Tabela 51: Cerâmica vidrada da U.E. [1587].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	46	2				49	2
	Caçoila			1	1				2	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita			4		3	1	2	10	4
Armazenamento	Cântaro		1		1	1		2	5	2
	Pote			26		3			29	2
Indeterminada	Indeterminada			2	3				5	
Total		0	2	79	7	7	1	4	100	11

Tabela 52: Cerâmica não vidrada da U.E. [1597].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Jarra/jarro/jarrita					1			1	1
	Tigela			1					1	1
Total		0	0	1	0	1	0	0	2	2

Tabela 53: Cerâmica vidrada da U.E. [1597].

Categoria	Forma	PC	Bord o	Boj o	Fund o	Col o	Car ena	As a	NR	NMI
Cozinha	Panela		2	110	3	2		4	121	3
	Caçoila		6	1	1				8	6
Mesa	Tigela		4	3	2				9	5
	Jarra/jarro/jarrita		9	3	5	3		6	26	10
	Bilha							3	3	2
Armazenament o	Pote		5	71	1	3			80	5
	Cântaro		1	11	1			5	18	3
Multifuncional	Alguidar		1						1	1
Outro	Testo	1							1	1
Contentor de fogo	Fogareiro				1				1	1
Indeterminada	Indeterminado			27	15	1		1	44	4
Total		1	28	226	29	9	0	19	312	41

Tabela 54: Cerâmica não vidrada da U.E. [2135].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		4	2	1				7	7
	Jarra/jarro/jarrita			3					3	3
	Bilha					1			1	1
Total		0	4	5	1	1	0	0	11	11

Tabela 55: Cerâmica vidrada da U.E. [2135].

3.4.2. Abandono tardio

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Cozinha	Panela		1	24	1			1	27	2
	Caçoila		1						1	1
Mesa	Jarra/jarro/jarrita		1	2	1			1	5	5
	Bilha				1				1	1
	Garrafa				1				1	1
Armazenamento	Talha			1					1	1
	Pote			1				1	2	1
	Cântaro			1					1	1
Indeterminada	Indeterminada			1	1				2	
Total		0	3	30	5	0	0	3	41	13

Tabela 56: Cerâmica não vidrada da U.E. [1520].

Categoria	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Carena	Asa	NR	NMI
Mesa	Tigela		1						1	1
	Jarra/jarro/jarrita			1					1	1
Total		0	1	1	0	0	0	0	2	2

Tabela 57: Cerâmica vidrada da U.E. [1520].

4. Quantificação tipológica das formas cerâmicas

4.1. Panelas

Panelas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	1	5	4	16	1	10	37
Tipo 2	0	2	1	2	0	4	9
Tipo 3	1	5	0	2	0	4	12
Tipo 4	0	0	0	4	0	1	5
Tipo 5	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 6	0	0	1	0	0	0	1
Tipo 7	0	1	1	0	0	1	3
Totais	2	13	7	25	1	20	68

Tabela 58: Quantificação tipológica dos bordos de panela.

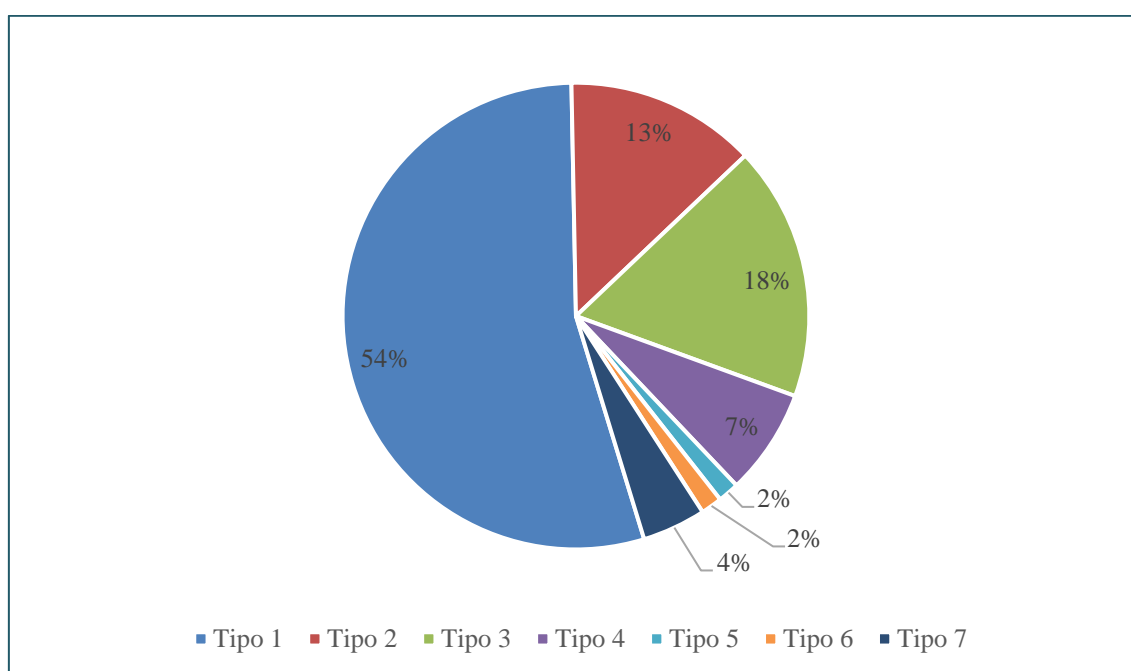


Gráfico 1: Quantificação tipológica (em porcentagem) dos bordos de panela.

4.2. Caçoilas

Caçoilas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	3	0	13	1	8	25
Tipo 2	0	1	1	5	0	1	8
Tipo 3	0	0	0	1	0	1	2
Tipo 4	0	1	1	0	0	0	2
Tipo 5	0	0	0	0	0	1	1
Tipo 6	3	5	7	23	0	14	52
Tipo 7	0	0	0	2	0	1	3
Tipo 8	0	3	0	0	0	1	4
Totais	3	13	9	44	1	27	97

Tabela 59: Quantificação tipológica dos bordos de caçoila.

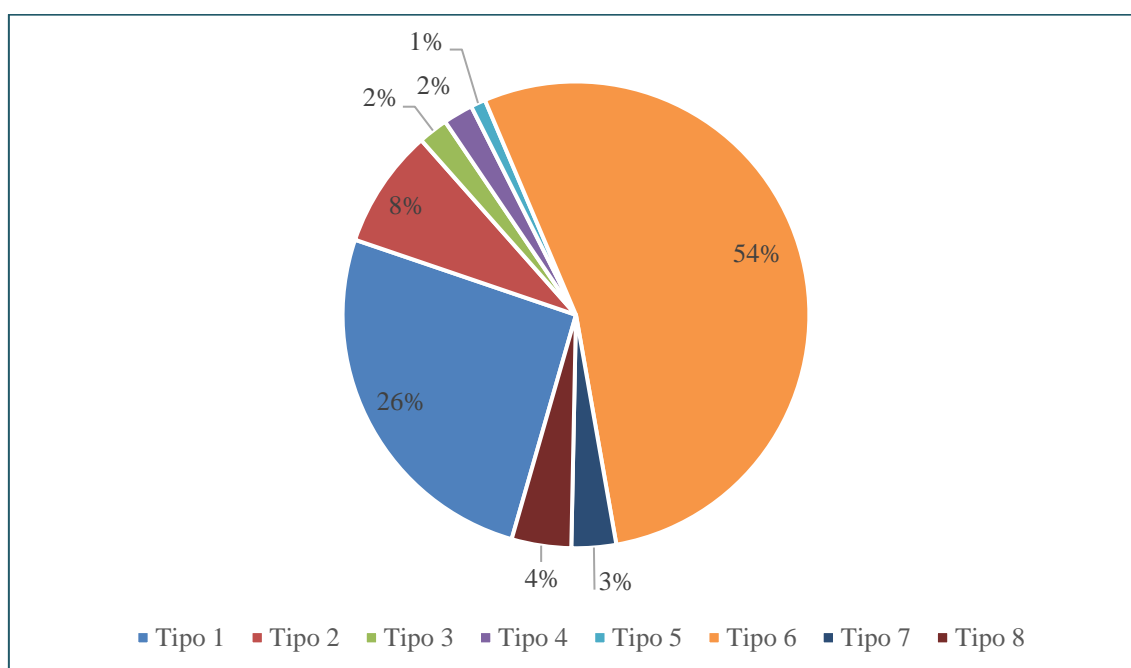


Gráfico 2: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de caçoila.

4.3. Jarras/jarros/jarritas

Jarras./jarros/jarritas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	1	1	1	4	0	7	14
Tipo 2	0	0	1	4	0	3	8
Tipo 3	0	3	1	10	0	8	22
Tipo 4	1	0	0	10	0	5	16
Tipo 5	1	2	1	17	1	6	28
Tipo 6	0	0	1	3	0	1	5
Tipo 7	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 8	1	0	0	0	0	0	1
Totais	4	6	5	49	1	30	95

Tabela 60: Quantificação tipológica dos bordos de jarra/jarro/jarrita.

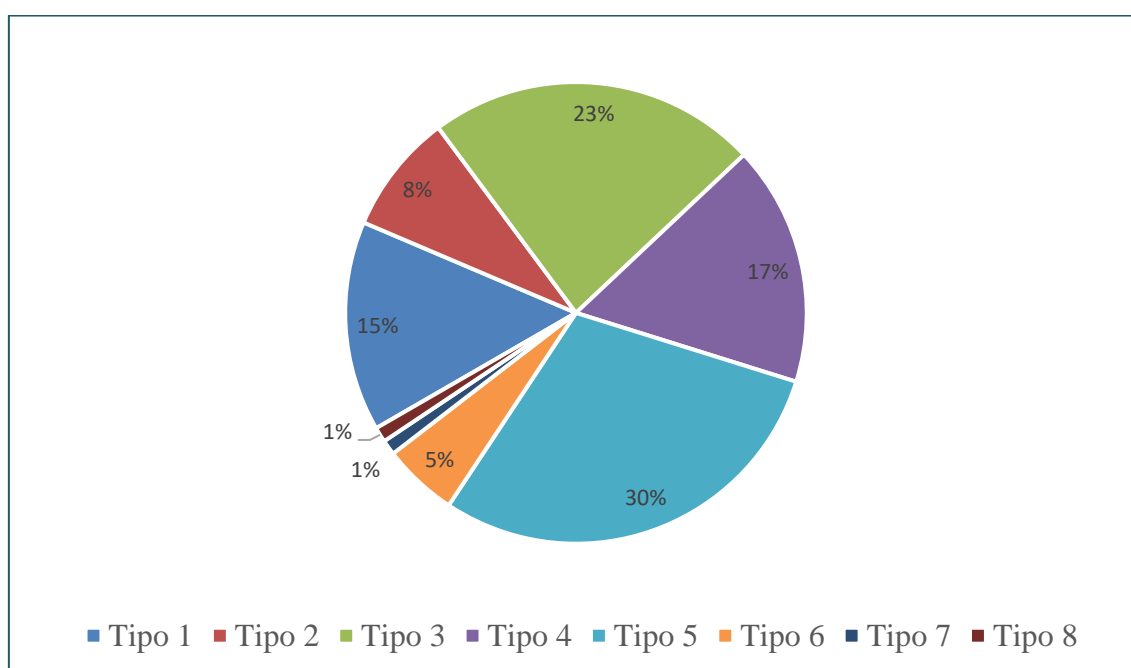


Gráfico 3: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de jarra/jarro/jarrita.

4.4. Tigelas

Tigelas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	1	0	5	0	1	7
Tipo 2	0	0	0	1	0	1	2
Tipo 3A	0	0	0	4	0	2	6
Tipo 3B	0	0	1	2	0		3
Tipo 3C	0	0	0	3	0	2	5
Tipo 4	1	0	2	4	0	2	9
Tipo 5	1	1	0	9	1	2	14
Tipo 6	1	1	1	6	0		9
Tipo 7	0	1	0	2	0	2	5
Tipo 8	0	2	0	4	0	3	9
Tipo 9	0	0	0	4	0	1	5
Tipo 10	0	0	1	0	0		1
Totais	3	6	5	44	1	16	75

Tabela 61: Quantificação tipológica dos bordos de tigela.

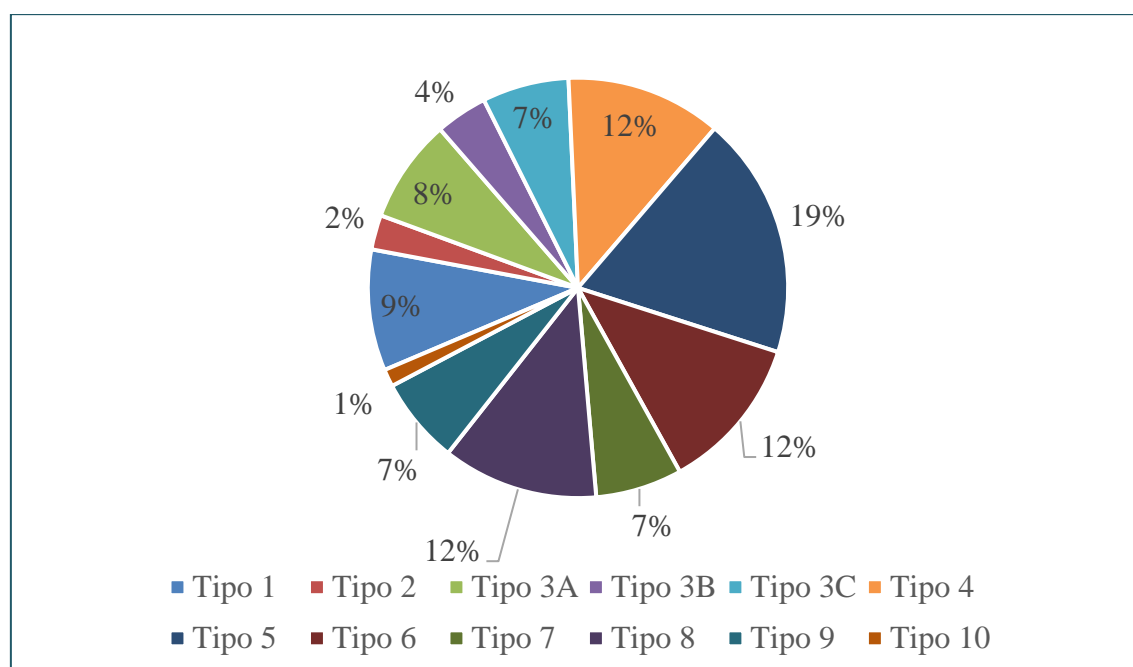


Gráfico 4: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de tigela.

4.5. Taças

Taças	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	1		1	0	2	4
Tipo 2	0	0	0	0	0	1	1
Tipo 3	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 4	0	0	0	2	0	0	2
Totais	0	1	0	4	0	3	8

Tabela 62: Quantificação tipológica dos bordos de taça.

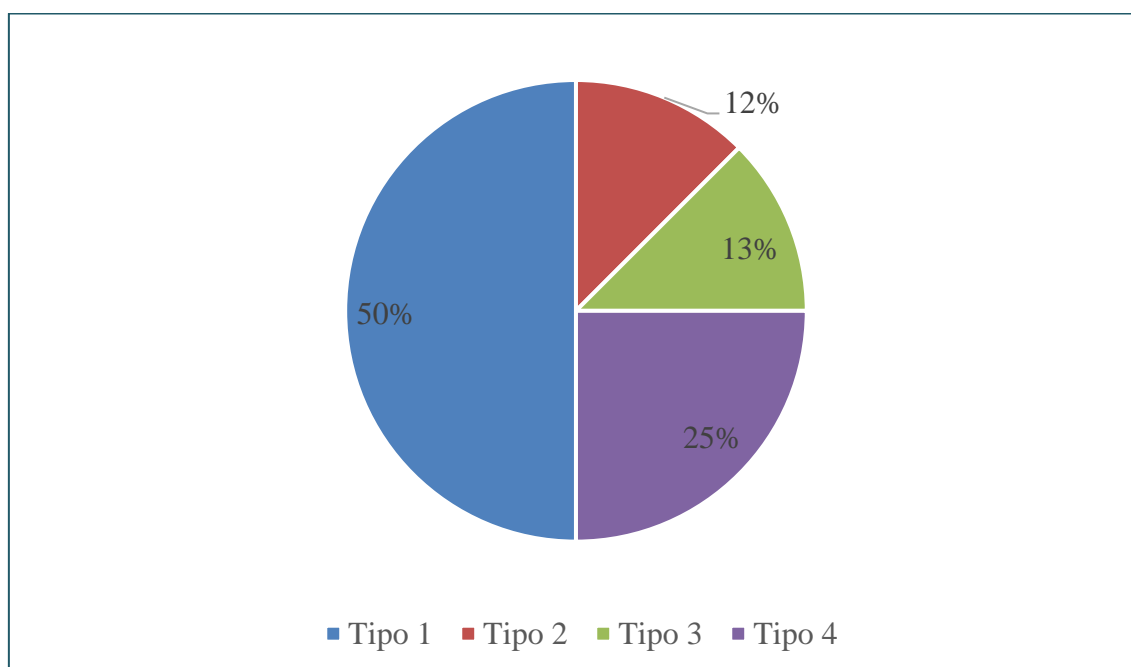


Gráfico 5: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de taça.

4.6. Púcaros

Púcaros	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	0	1	0	0	1	2
Totais	0	0	1	0	0	1	2

Tabela 63: Quantificação tipológica dos bordos de púcaro.

4.7. Garrafas

Garrafas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1				1			1
Totais	0	0	0	1	0	0	1

Tabela 64: Quantificação tipológica dos bordos de garrafa.

4.8. Bules

Bules	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	0	0	1	0	0	1
Totais	0	0	0	1	0	0	1

Tabela 65: Quantificação tipológica dos bordos de bule.

4.9. Potes

Potes	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	2	7	2	20	0	15	46
Tipo 2	0	1	0	10	0	5	16
Tipo 3	0	0	0	1	0	1	2
Tipo 4	0	0	0	0	0	2	2
Tipo 5	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 6	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 7	0	0	0	1	0	0	1
Totais	2	8	2	34	0	23	69

Tabela 66: Quantificação tipológica dos bordos de pote.

4.10. Cântaros

Cântaros	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	5	7	2	16	0	11	41
Tipo 2	2	0	1	5	0	1	9
Totais	7	7	3	21	0	12	50

Tabela 67: Quantificação tipológica dos bordos de cântaro.

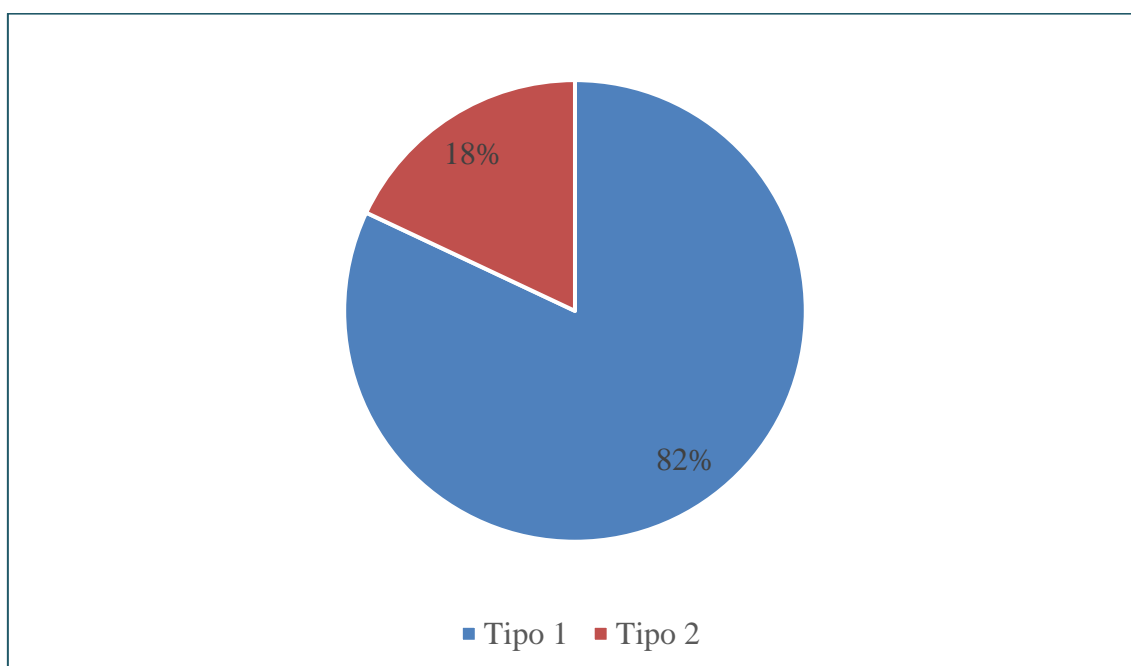


Gráfico 6: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de cântaro.

4.11. Talhas

Talhas	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1A	2	1	0	3	0	2	8
Tipo 1B	0	0	0	0	0	1	1
Tipo 2	0	0	1	0	0	1	2
Totais	2	1	1	3	0	4	11

Tabela 68: Quantificação tipológica dos bordos de talha.

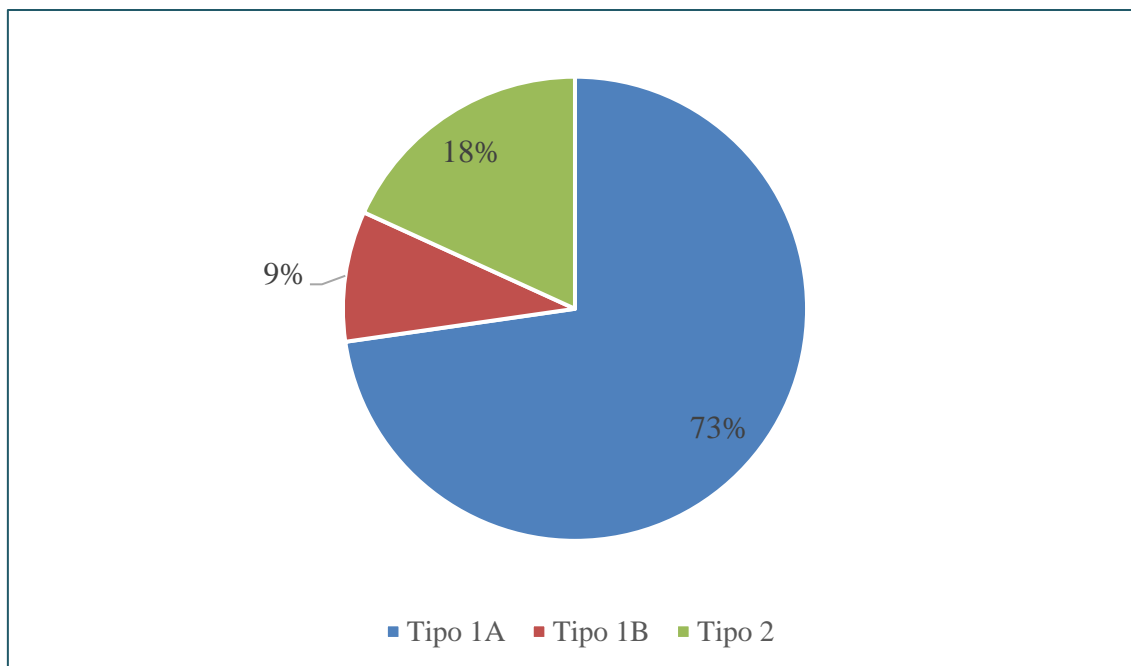


Gráfico 7: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de talha.

4.12. Alguidares

Alguidares	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	1	0	2	0	1	4
Tipo 2	0	2	0	2	0	0	4
Totais	0	3	0	4	0	1	8

Tabela 69: Quantificação tipológica dos bordos de alguidar.

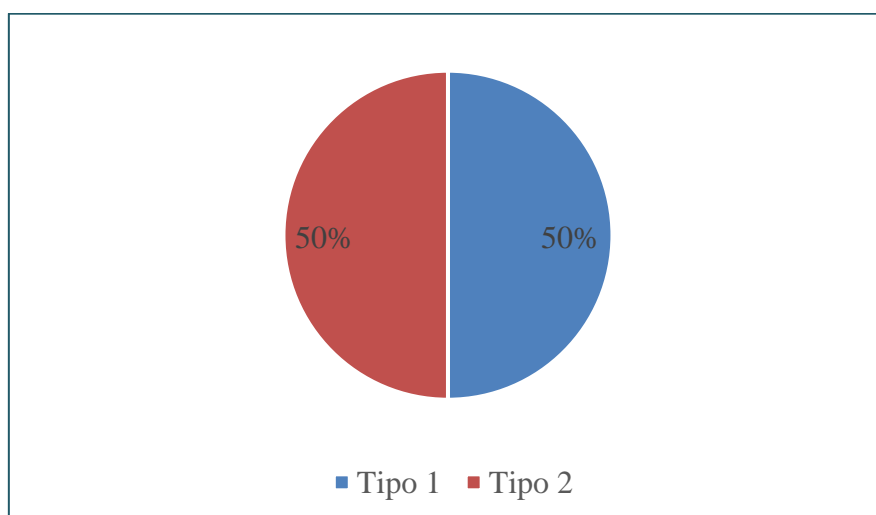


Gráfico 8: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de alguidar.

4.13. Testos

Testos	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	0	0	0	1	0	1	2
Tipo 2	0	0	0	2	0	0	2
Tipo 3	0	0	0	1	0	0	1
Tipo 4	0	0	0	1	0	1	2
Totais	0	0	0	5	0	2	7

Tabela 70: Quantificação tipológica dos bordos de teste.

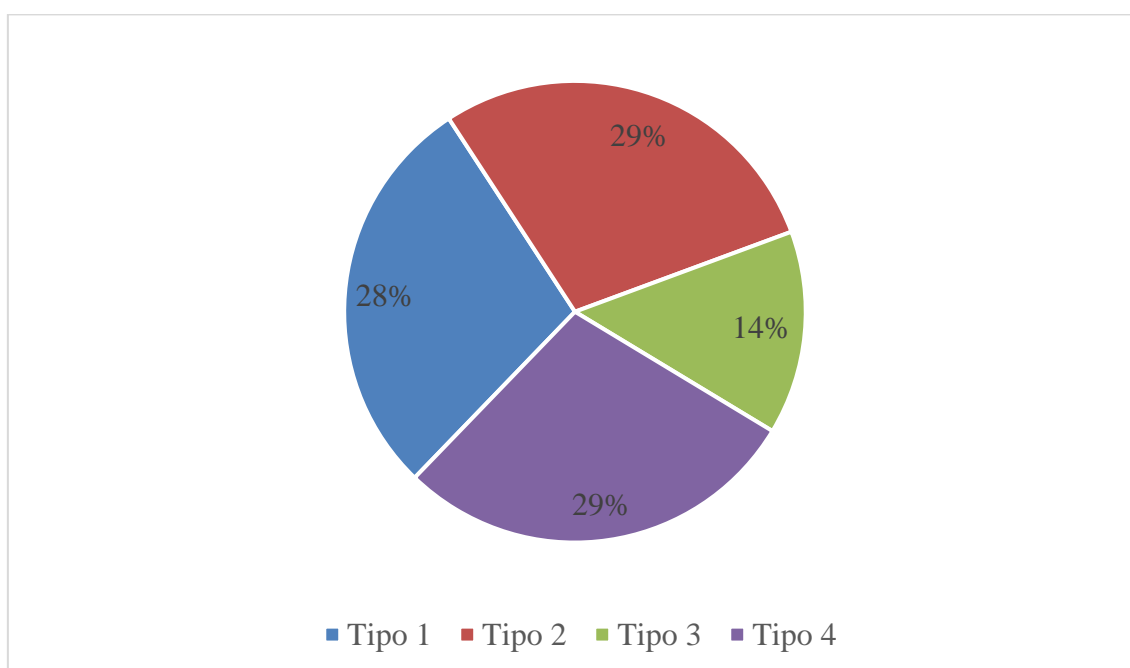


Gráfico 9: Quantificação tipológica (em percentagem) dos bordos de teste.

4.14. Suportes de talha

Suporte de talha	Fase 1 - Construção/instalação	Fase 2 - Reformulações	Fase 3 - Uso	Fase 4.1 - Abandono inicial	Fase 4.2 - Abandono final	Sem referência contextual	Totais
Tipo 1	1	0	0	0	0	0	1
Totais	1	0	0	0	0	0	1

Tabela 71: Quantificação tipológica dos bordos de teste.

Panelas	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3							
Tipo 4							
Tipo 5							
Tipo 6							
Tipo 7							

Tabela 72: Tipologias de bordo de panela com base nos paralelos identificados.

Caçoilas	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3							
Tipo 4							
Tipo 5							
Tipo 6							
Tipo 7							
Tipo 8							

Tabela 73: Tipologias de bordo de caçoila com base nos paralelos identificados.

Jarras/jarros/jarritas	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3							
Tipo 4							
Tipo 5							
Tipo 6							
Tipo 7						?	?
Tipo 8					?	?	

Tabela 74: Tipologias de bordo de jarra/jarro/jarrita com base nos paralelos identificados.

Tigelas	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3a							
Tipo 3B							
Tipo 3C							
Tipo 4							
Tipo 5							
Tipo 6							
Tipo 7							
Tipo 8							
Tipo 9							
Tipo 10							

Tabela 75: Tipologias de bordo de tigela com base nos paralelos identificados.

Taças	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3					?	?	?
Tipo 4					?	?	?

Tabela 76: Tipologias de bordo de taça com base nos paralelos identificados.

Púcaros	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							

Tabela 77: Tipologias de bordo de púcaro com base nos paralelos identificados.

Bules	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							

Tabela 78: Tipologias de bordo de bule com base nos paralelos identificados.

Potes	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3							
Tipo 4							
Tipo 5							
Tipo 6							
Tipo 7							

Tabela 79: Tipologias de bordo de pote com base nos paralelos identificados.

Cântaros	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							

Tabela 80: Tipologias de bordo de cântaro com base nos paralelos identificados.

Talhas	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1a							
Tipo 1b							
Tipo 2							

Tabela 81: Tipologias de bordo de talha com base nos paralelos identificados.

Alguidares	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							

Tabela 82: Tipologias de bordo de alguidar com base nos paralelos identificados.

Testos	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1							
Tipo 2							
Tipo 3							
Tipo 4							

Tabela 83: Tipologias de bordo de testo com base nos paralelos identificados.

Suporte de talha	Século VIII	Século IX	Século X	Século XI	1ª metade do Século XII	2ª metade do Século XII	1ª metade do Século XIII
Tipo 1					?	?	

Tabela 84: Tipologias de bordo de suporte de talha com base nos paralelos identificados.

5. CATÁLOGO DE TIPOLOGIAS

5.1. Cerâmica de cozinha

5.1.1. Panela

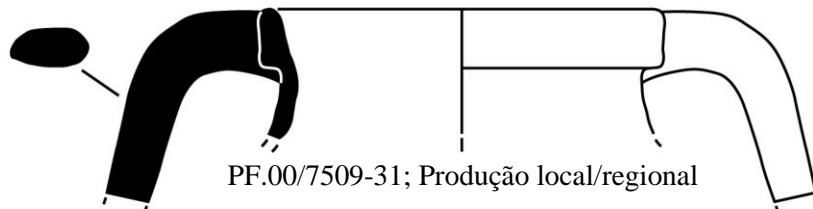
Tipologia 1: Bordo vertical com lábio de tendência retangular



PF.00/1356-72; Produção local/regional



PF.00/1555-21; Produção local/regional

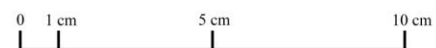


PF.00/7509-31; Produção local/regional



PF.00/1008-42; Produção local/regional

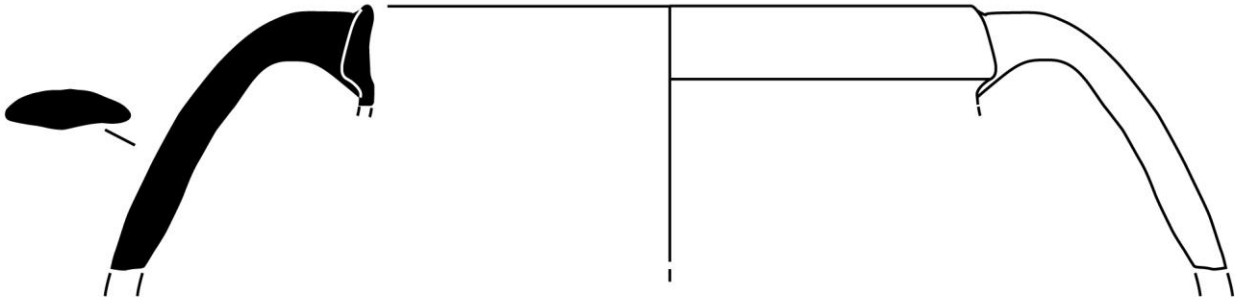
Escala 1:2



5.1. Cerâmica de cozinha

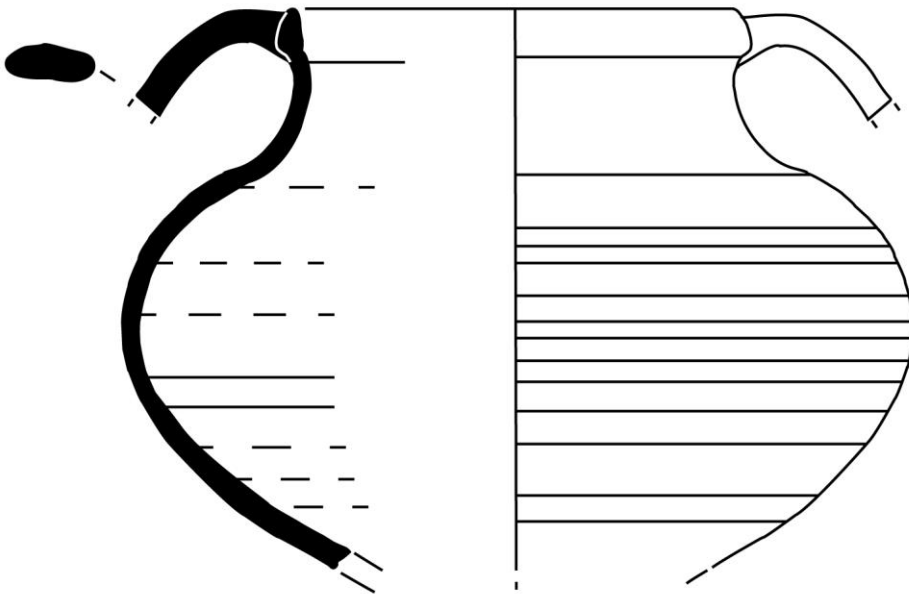
5.1.1. Panelas

Tipologia 2: Bordo vertical com lábio arredondado espessado no exterior



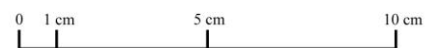
PF.00/7509-36; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com lábio semicircular



PF.00/7507-520; Produção local/regional

Escala 1:2



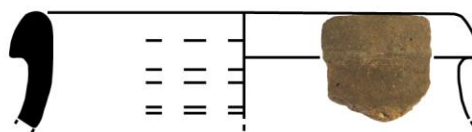
5.1. Cerâmica de cozinha

5.1.1. Panelas

Tipologia 4: Bordo vertical com lábio em aba arredondada



PF.00/1511-602; Produção local/regional

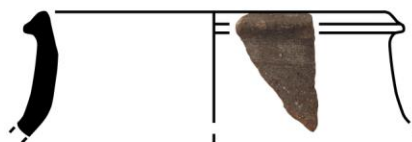


PF.00/1326-513; Produção local/regional



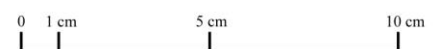
PF.00/7506-112; Produção local/regional

Tipologia 5: Bordo introvertido com lábio triangular



PF.00/1587-101; Produção local/regional

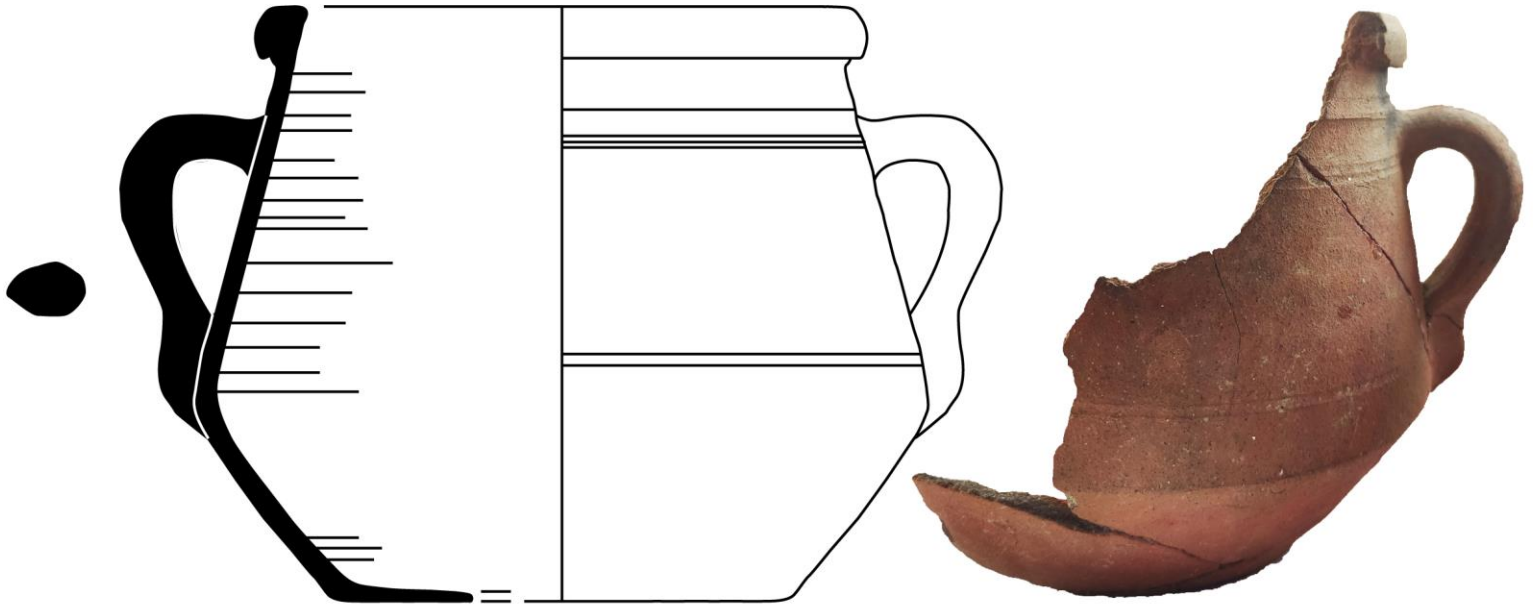
Escala 1:2



5.1. Cerâmica de cozinha

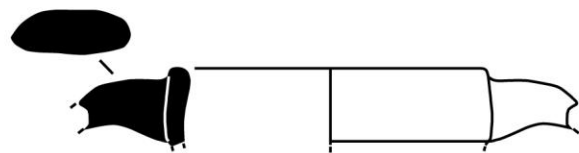
5.1.1. Panelas

Tipologia 6: Bordo vertical com lábio em aba pendente

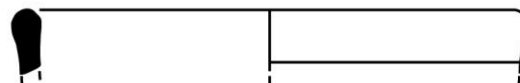


PF.00/1008-1; Produção local/regional

Tipologia 7: Bordo vertical com lábio arredondado



PF.00/1008-64; Produção local/regional



PF.00/3021-950; Produção local/regional

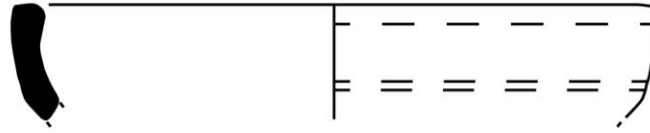
Escala 1:2



5.1. Cerâmica de cozinha

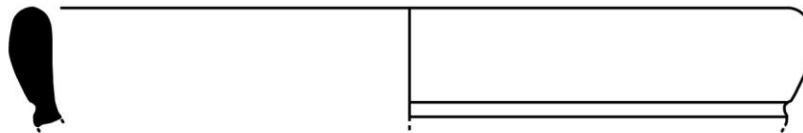
5.1.2. Caçoilas

Tipologia 1: Bordo vertical ou ligeiramente introvertido com lábio arredondado



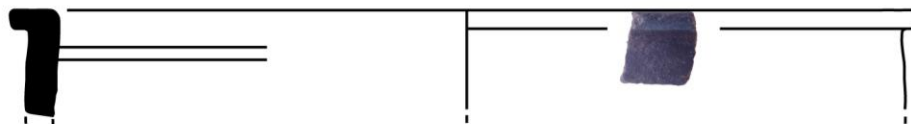
PF.00/1549-309; Produção local/regional

Tipologia 2: Bordo vertical com lábio de tendência semicircular



PF.00/1008-410; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo vertical com lábio retangular

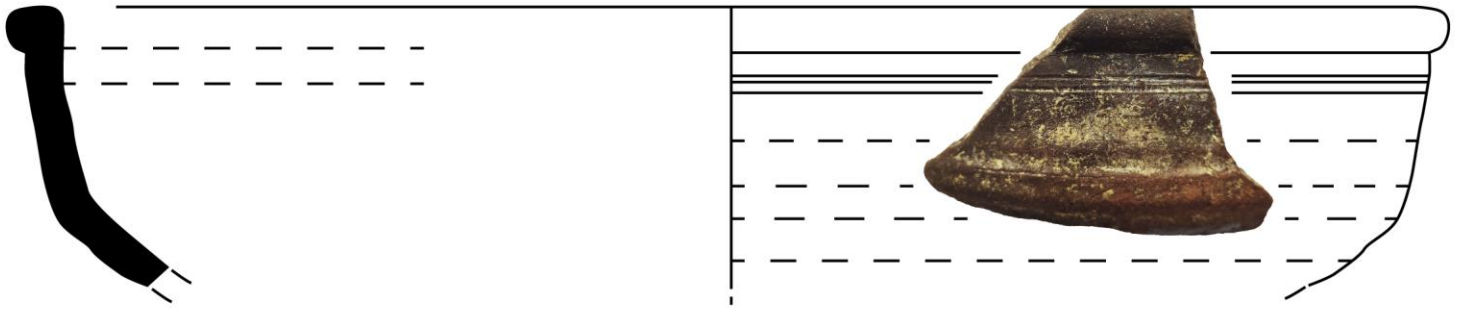


PF.00/2360-17; Produção local/regional

5.1. Cerâmica de cozinha

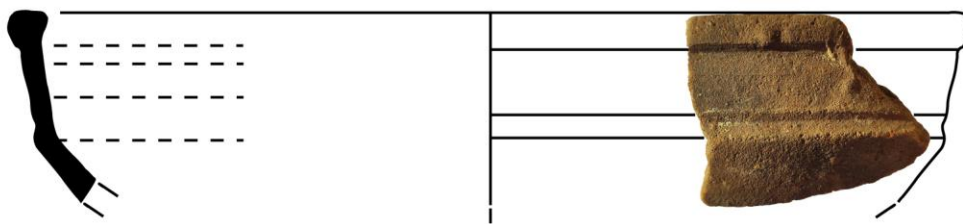
5.1.2. Caçoilas

Tipologia 4: Bordo vertical com lábio quadrangular



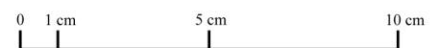
PF.00/1008-65; Produção local/regional

Tipologia 5: Bordo ligeiramente introvertido com lábio arredondado espessado na face interna



PF.00/2245-60; Produção local/regional

Escala 1:2



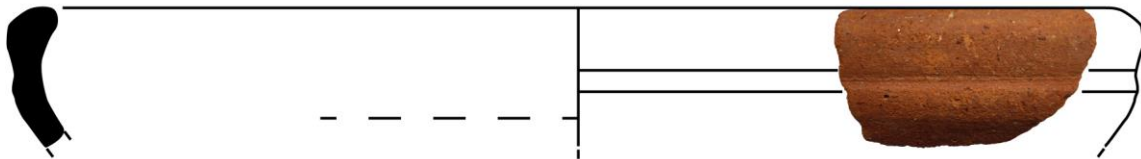
5.1. Cerâmica de cozinha

5.1.2. Caçoilas

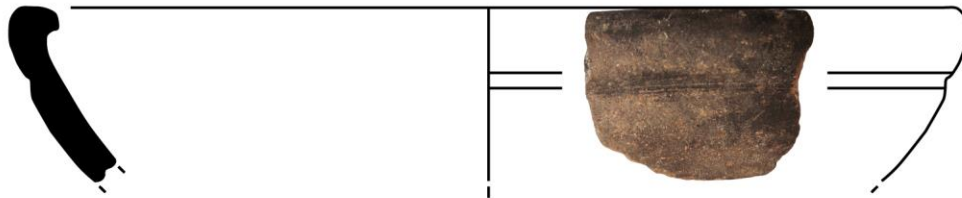
Tipologia 6: Bordo introvertido com lábio arredondado



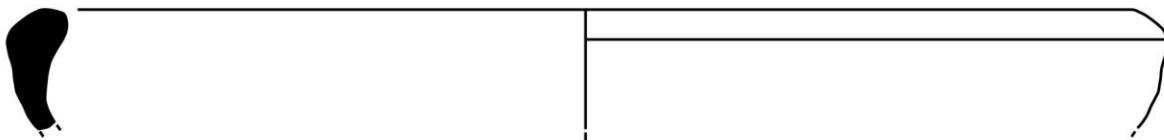
PF.00/1555-237; Produção local/regional



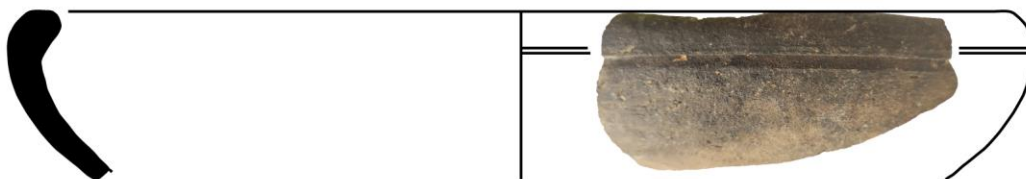
PF.00/1555-238; Produção local/regional



PF.00/1365-15; Produção local/regional

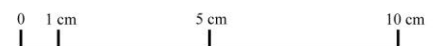


PF.00/3507-104; Produção local/regional



PF.00/5502-10; Produção local/regional

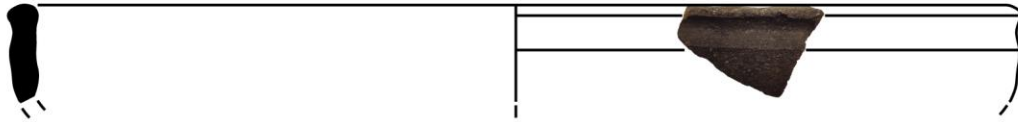
Escala 1:2



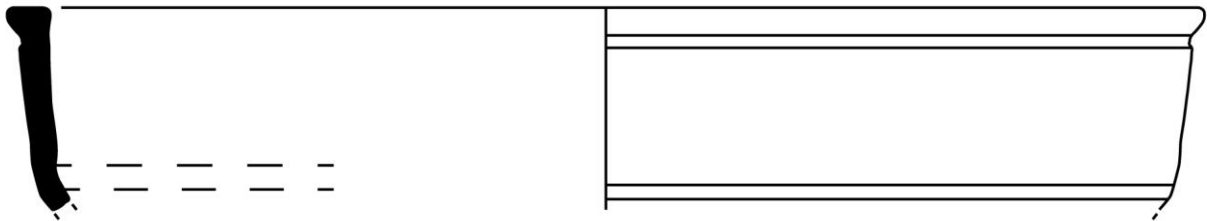
5.1. Cerâmica de cozinha

5.1.2. Caçoilas

Tipologia 7: Bordo vertical com lábio arredondado espessado no exterior

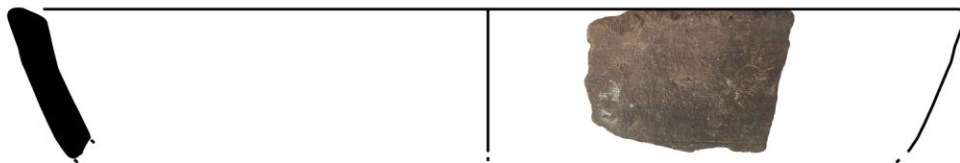


PF.00/2327-4; Produção local/regional



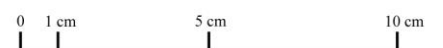
PF.00/1525-584; Produção local/regional

Tipologia 8: Bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com lábio oblíquo



PF.00/3001-301; Produção local/regional

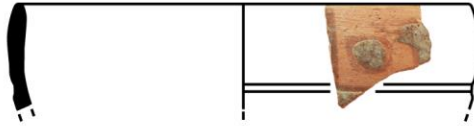
Escala 1:2



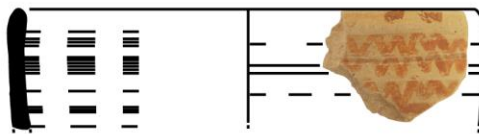
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.1. Jarras/jarros/jarritas

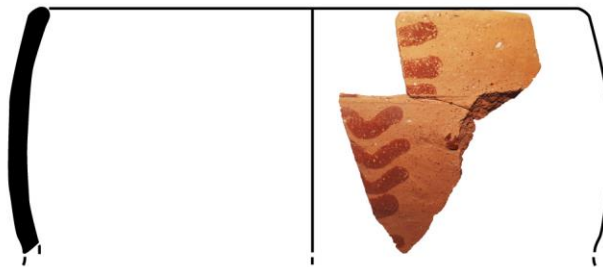
Tipologia 1: Bordo ligeiramente introvertido com lábio arredondado



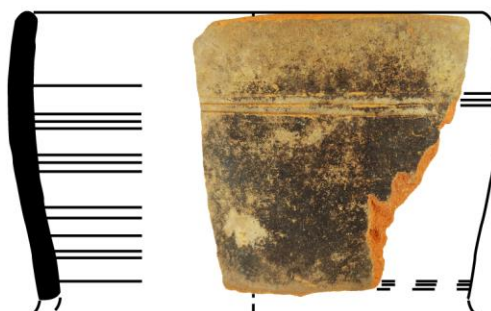
PF.00/1572-104; Produção exógena



PF.00/1326-904; Produção exógena



PF.00/7507-77; Produção exógena



PF:00/2770-29; Produção local/regional

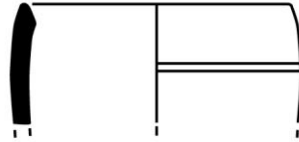
Escala 1:2



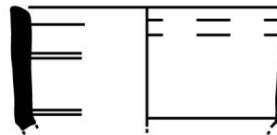
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.1. Jarras/jarros/jarrita

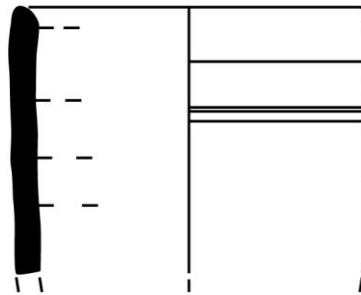
Tipologia 2: Bordo vertical com lábio biselado



PF.00/1356-46; Produção local/regional

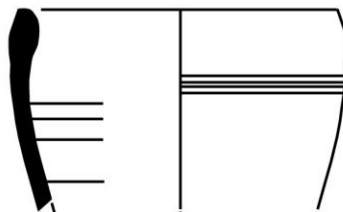


PF.00/1326-104; Produção local/regional

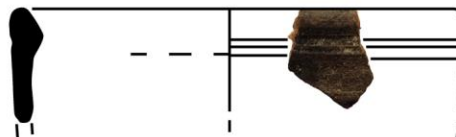


PF.00/1008-301; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo vertical com lábio arredondado espessado no interior

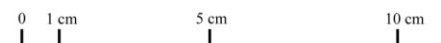


PF.00/1572-103; Produção local/regional



PF.00/1555-22; Produção local/regional

Escala 1:2



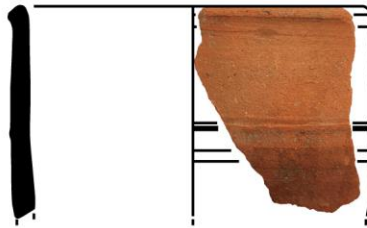
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.1. Jarras/jarros/jarritas

Tipologia 4: Bordo vertical com lábio arredondado espessado no exterior



PF.00/1906-901; Produção exógena



PF.00/1565-501; Produção local/regional

Tipologia 5: Bordo ligeiramente extrovertido com lábio arredondado



PF.00/1356-99; Produção local/regional



PF.00/1356-41; Produção local/regional



PF.00/2354-61; Produção local/regional

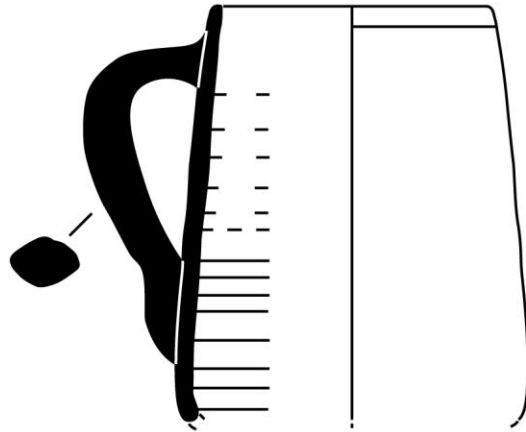
Escala 1:2



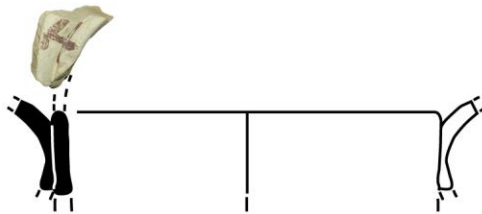
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.1. Jarras/jarros/jarritas

Tipologia 6: Bordo vertical com lábio arredondado

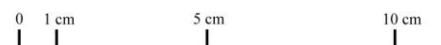


PF.00/1008-3; Produção local/regional



PF.00/3021-203; Produção exógena

Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

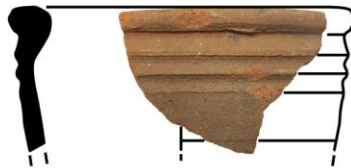
5.2.1. Jarras/jarros/jarritas

Tipologia 7: Bordo vertical com lábio de tendência retangular



PF.00/1326-502; Produção local/regional

Tipologia 8: Bordo vertical com lábio semicircular espessado

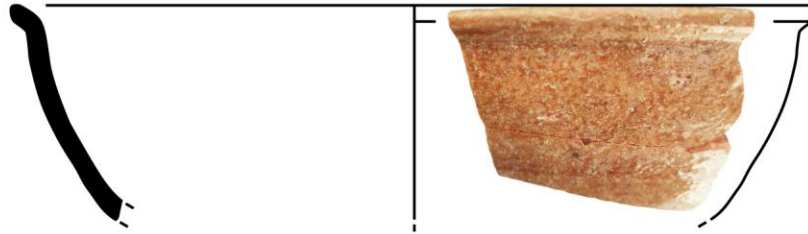


PF.00/5500-47; Produção local/regional

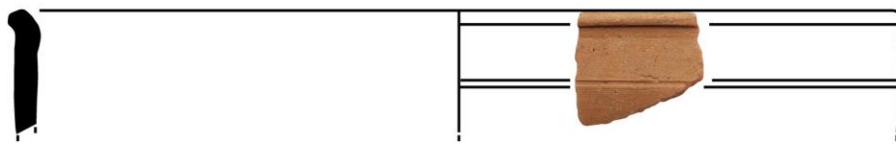
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

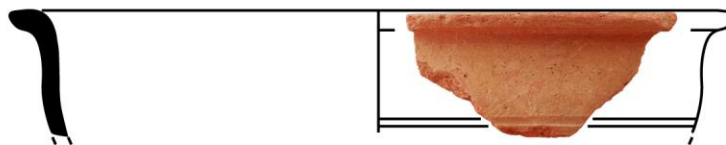
Tipologia 1: Bordo extrovertido com lábio arredondado ou em pequena aba



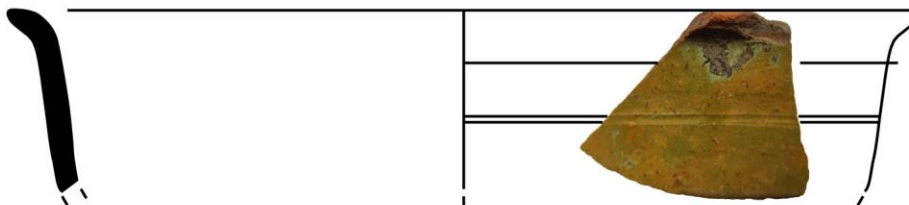
PF.00/1572-108; Produção local/regional



PF.00/1551-702; Produção local/regional



PF.00/15000-32; Produção local/regional



PF.00/1555-11; Produção local/regional



PF.00/1555-16; Produção local/regional

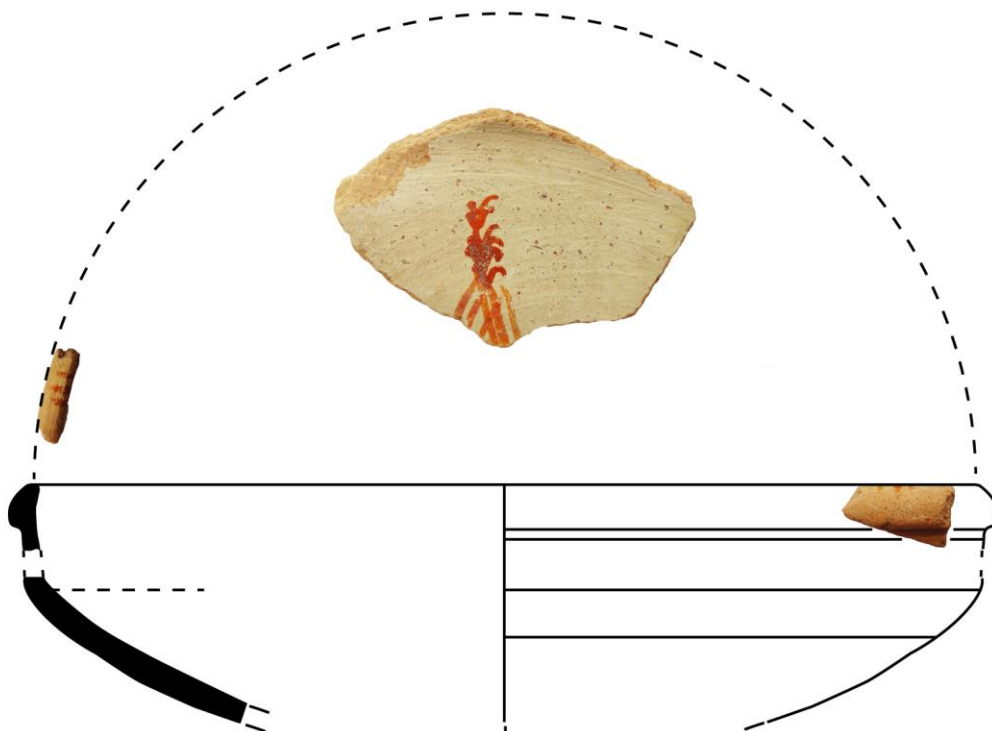
Escala 1:2



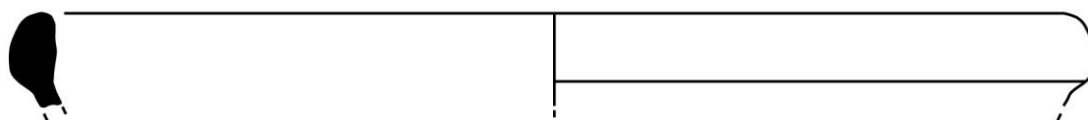
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

Tipologia 2: Bordo vertical com lábio arredondado espessado exteriormente

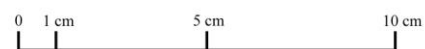


PF.00/2328-21; Produção local/regional



PF.00/1551-705; Produção local/regional

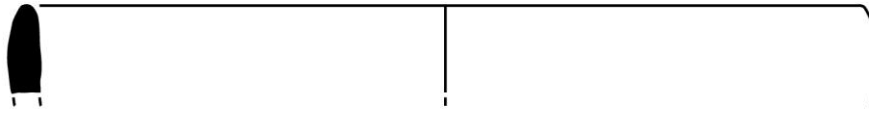
Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

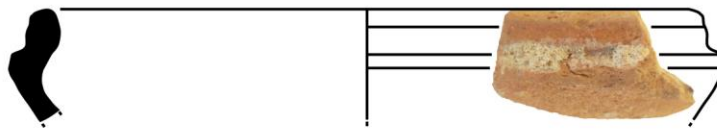
5.2.2. Tigelas

Tipologia 3A: Bordo vertical com lábio arredondado



PF.00/2354-43; Produção local/regional

Tipologia 3B: Bordo vertical com lábio arredondado e carena alta suave

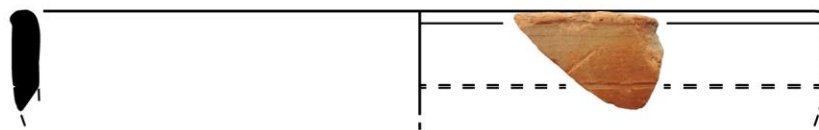


PF.00/1326-509; Produção local/regional

Tipologia 3C: Bordo vertical com lábio arredondado ligeiramente espessado no exterior



PF.00/1481-801; Produção local/regional

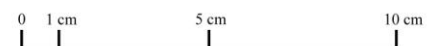


PF.00/2528-41; Produção local/regional



PF.00/1545-506; Produção local/regional

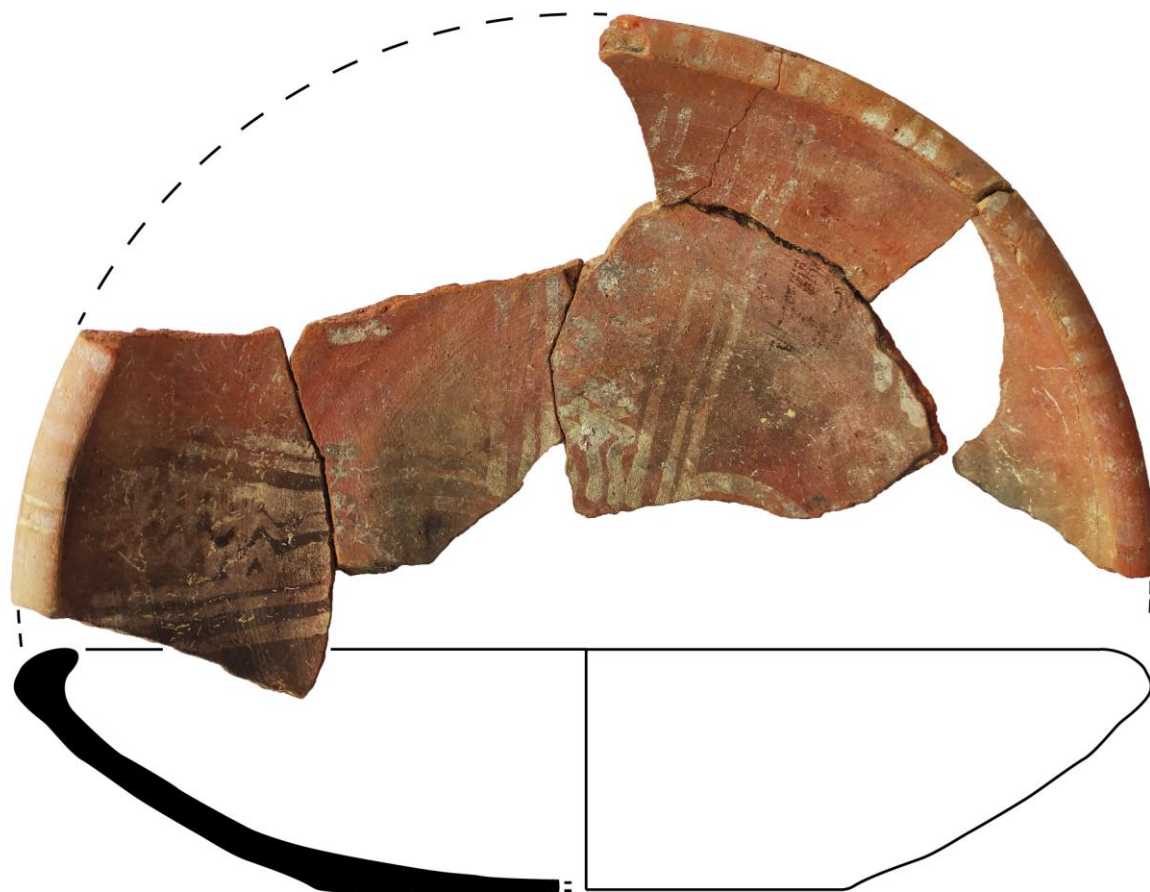
Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

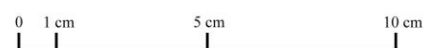
5.2.2. Tigelas

Tipologia 4: Bordo introvertido com lábio arredondado



PF.00/1008-36; Produção local/regional

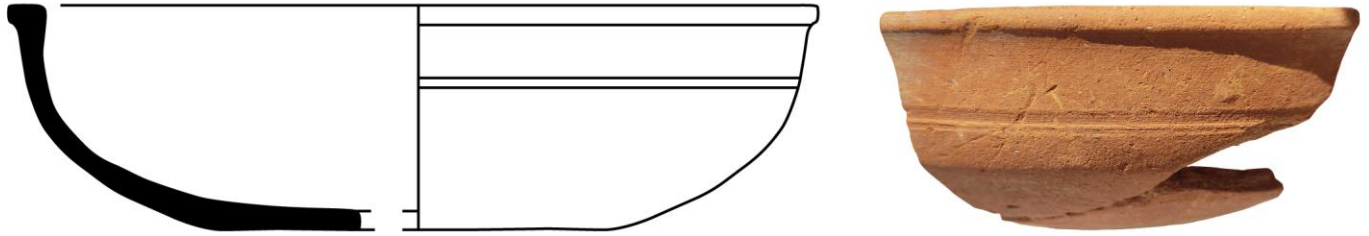
Escala 1:2



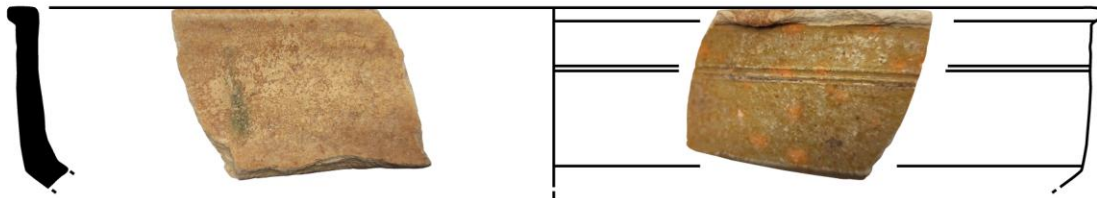
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

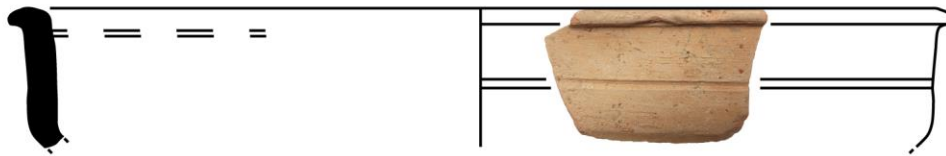
Tipologia 5: Bordo vertical com lábio em aba plana



PF.00/1572-102; Produção local/regional

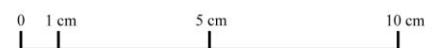


PF.00/1542-901; Produção local/regional



PF.00/1542-902; Produção local/regional

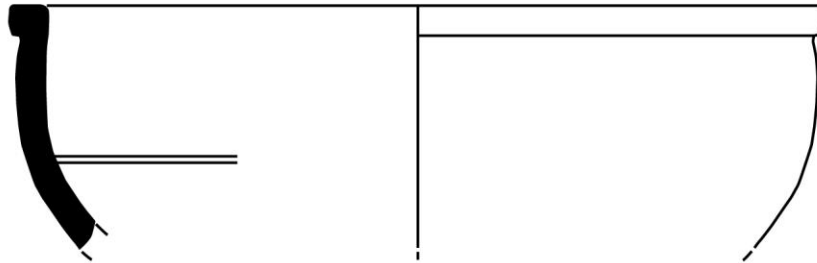
Escala 1:2



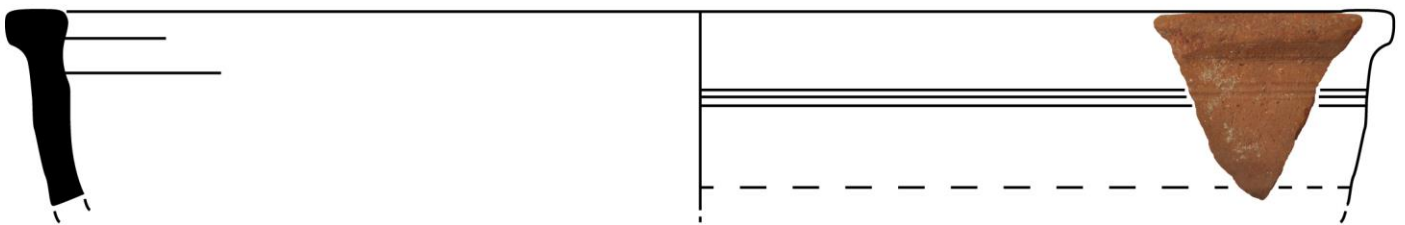
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

Tipologia 6: Bordo vertical com lábio quadrangular

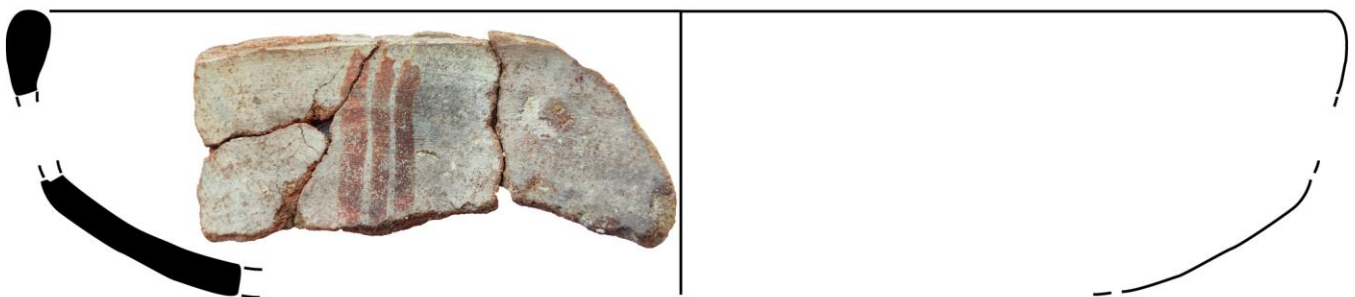


PF.00/5500-912; Produção local/regional



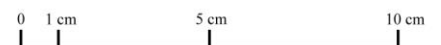
PF.00/7188-07; Produção local/regional

Tipologia 7: Bordo vertical com lábio de tendência semicircular



PF.00/1531-953; Produção local/regional

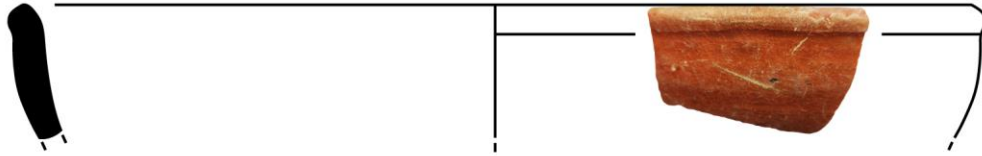
Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

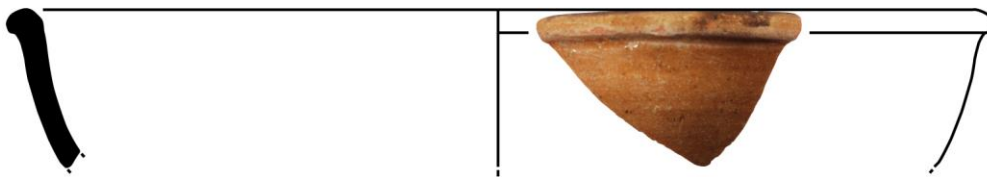
Tipologia 8: Bordo ligeiramente extrovertido com lábio semicircular



PF.00/1356-107; Produção local/regional



PF.00/1545-507; Produção exógena

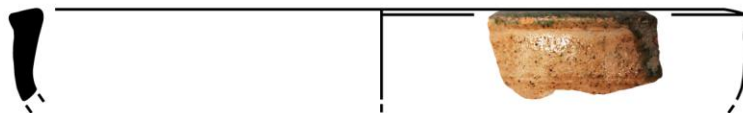


PF.00/5501-157; Produção local/regional

Tipologia 9: Bordo vertical com lábio triangular

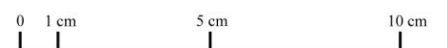


PF.00/1534-50; Produção exógena



PF.00/1534-53; Produção exógena

Escala 1:2



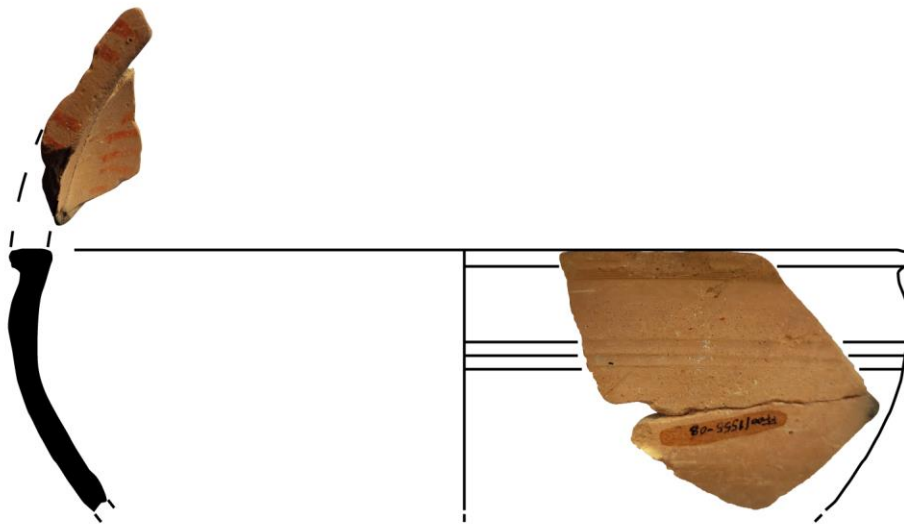
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.2. Tigelas

Tipologia 10: Bordo extrovertido com lábio em aba plana

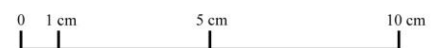


PF.00/1008-2E; Produção local/regional



PF.00/1555-08; Produção local/regional

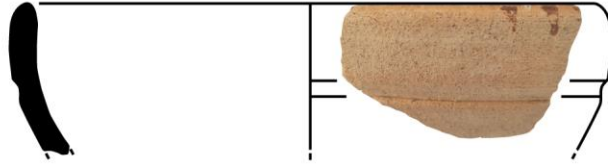
Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

5.2.3. Taças

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio arredondado



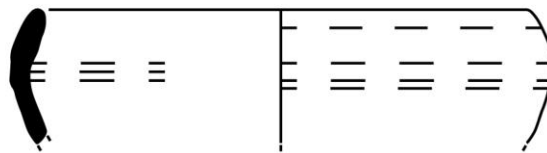
PF.00/1545-505; Produção exógena

Tipologia 2: Bordo vertical com lábio semicircular



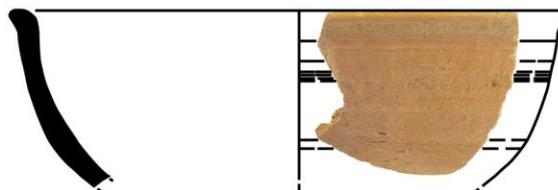
PF.00/1549-302; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo introvertido com lábio arredondado



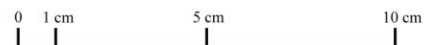
PF.00/1365-9; Produção local/regional

Tipologia 4: Bordo ligeiramente extrovertido com lábio arredondado



PF.00/1326-10; Produção local/regional

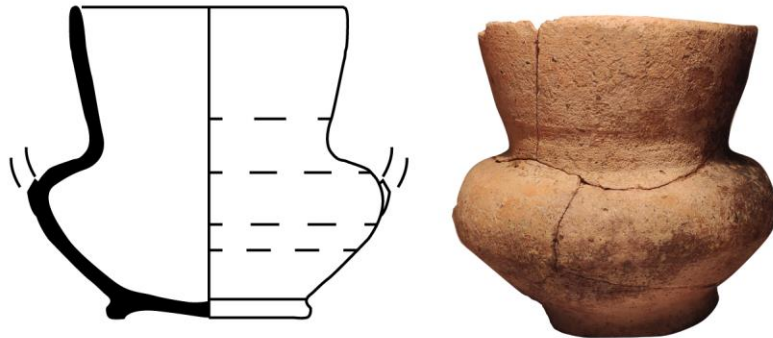
Escala 1:2



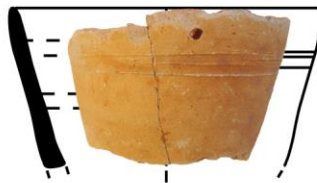
5.2. Cerâmica de mesa

5.2.4. Púcaros

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio arredondado



PF.00/1008-202; Produção local/regional



PF.00/7507-116; Produção local/regional

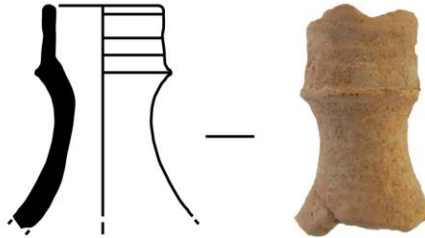
Escala 1:2



5.2. Cerâmica de mesa

5.2.5. Garrafas

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio arredondado



PF.00/1326-517; Produção local/regional;

5.2.6. Bules

Tipologia 1: Bordo extrovertido com lábio arredondado



PF.00/1545-501; Produção local/regional

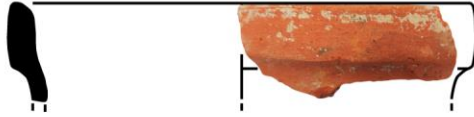
Escala 1:2



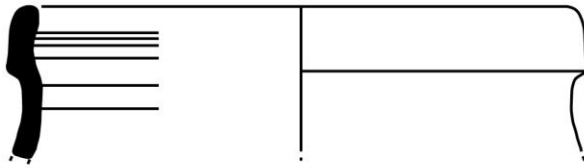
5.3. Cerâmica de armazenamento

5.3.1. Potes

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio de tendência retangular



PF.00/1551-706; Produção local/regional



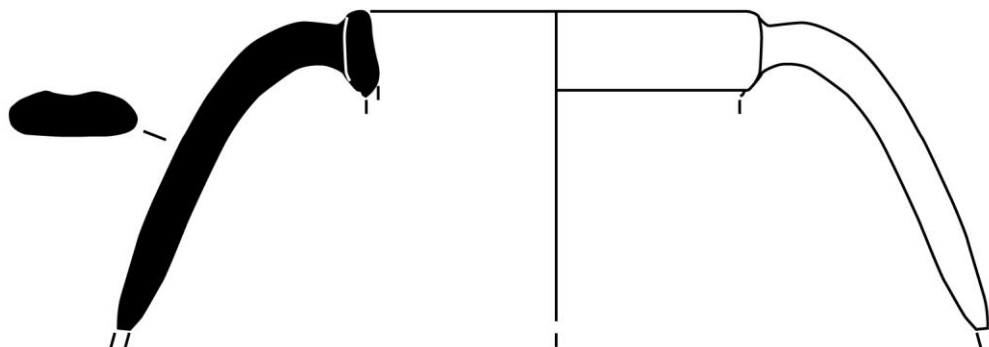
PF.00/1326-531; Produção local/regional



PF.00/15006-1; Produção local/regional

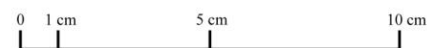


PF.00/7507-34; Produção local/regional



PF.00/2327-98; Produção local/regional

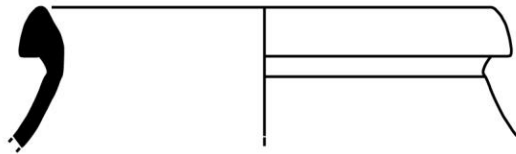
Escala 1:2



5.3. Cerâmica de armazenamento

5.3.1. Potes

Tipologia 2: Bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com lábio em aba semicircular

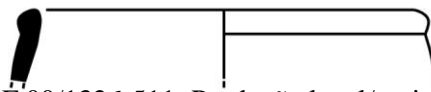


PF.00/1326-514; Produção local/regional



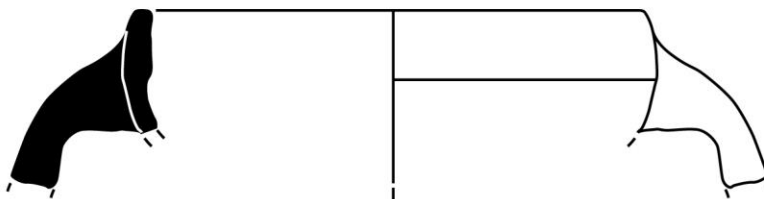
PF.00/3021-204; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo vertical com lábio semicircular espessado na face externa



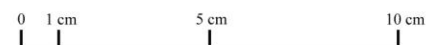
PF.00/1326-511; Produção local/regional

Tipologia 4: Bordo vertical com lábio plano espessado na face interna



PF.00/7509-34; Produção local/regional

Escala 1:2



5.3. Cerâmica de armazenamento

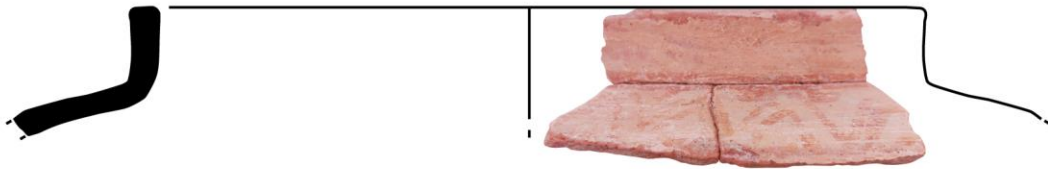
5.3.1. Potes

Tipologia 5: Bordo vertical com lábio arredondado e ligeiro espessamento externo



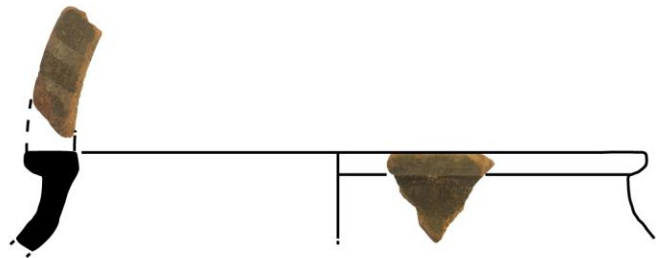
PF.00/1326-522; Produção local/regional

Tipologia 6: Bordo vertical com lábio plano



PF.00/1576-503; Produção local/regional

Tipologia 7: Bordo vertical com lábio em aba plana



PF.00/1326-4; Produção local/regional

Escala 1:2



5.3. Cerâmica de armazenamento

5.3.2. Cântaros

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio em aba



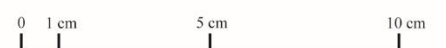
PF.00/5500-916; Produção local/regional

Tipologia 2: Bordo extrovertido com lábio arredondado/em aba



PF.00/1555-234; Produção local/regional

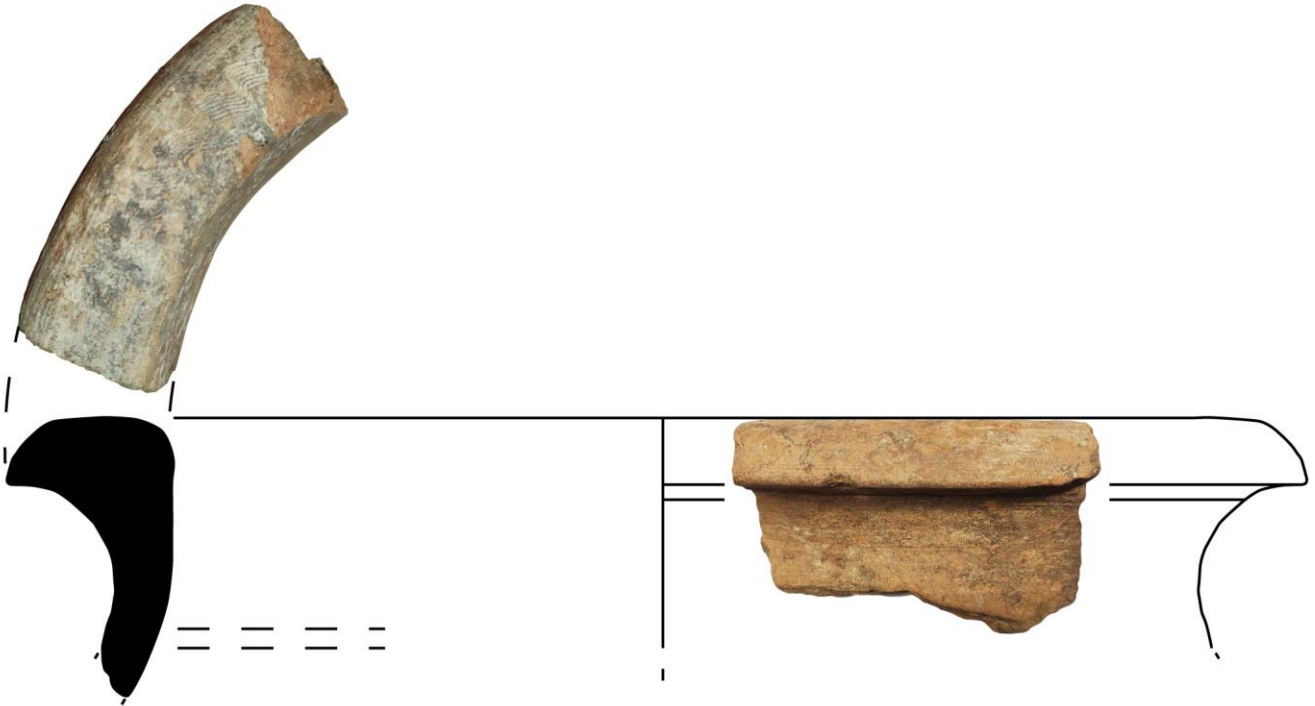
Escala 1:2



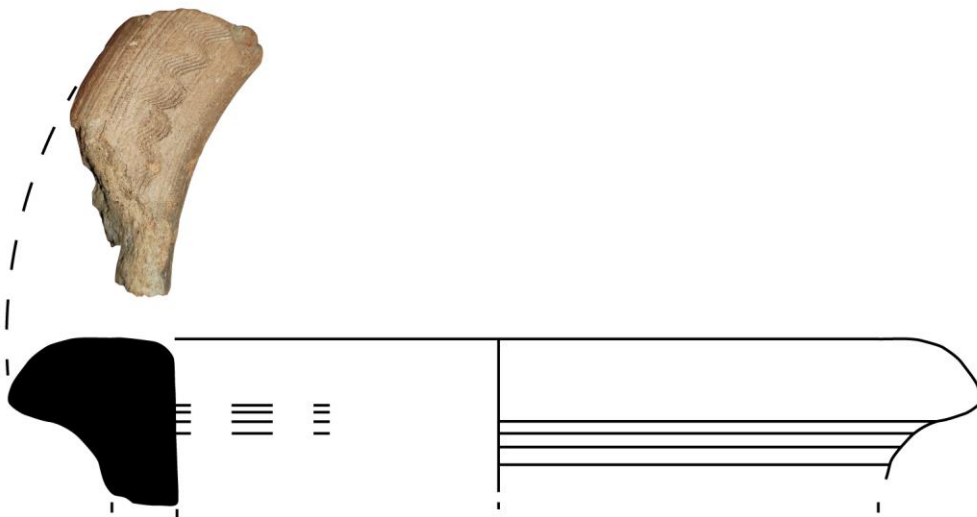
5.3. Cerâmica de armazenamento

5.3.3. Talhas

Tipologia 1A: Bordo vertical com lábio retangular

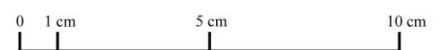


PF.00/1551-701; Produção local/regional



PF.00/1527-901; Produção local/regional

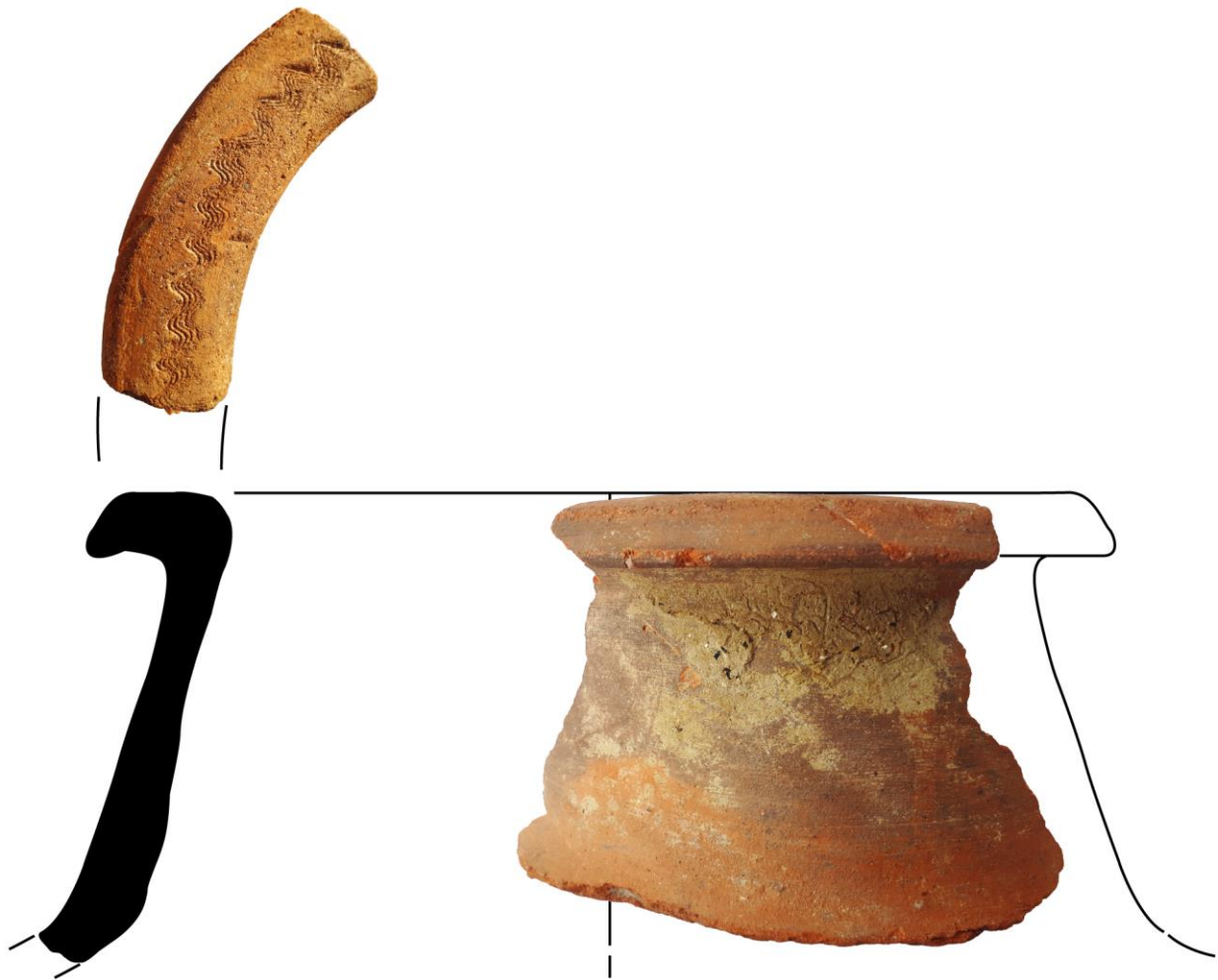
Escala 1:2



5.3. Cerâmica de armazenamento

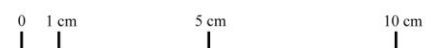
5.3.3. Talhas

Tipologia 1B: Bordo vertical com lábio retangular espessado no exterior



PF.00/2528-26; Produção local/regional

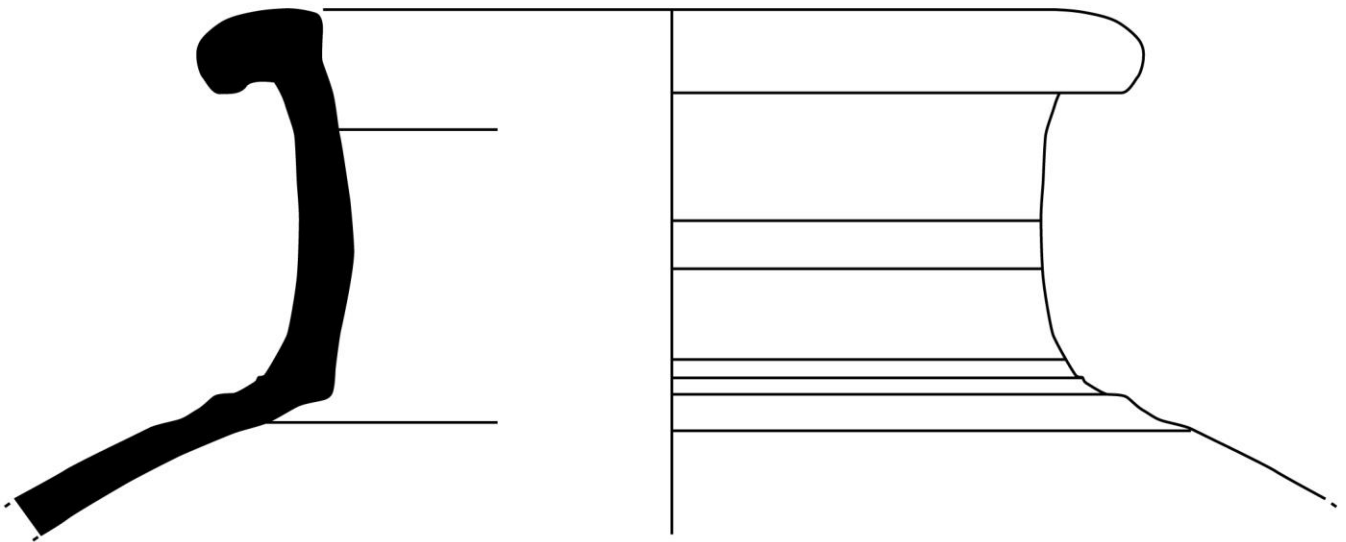
Escala 1:2



5.3. Cerâmica de armazenamento

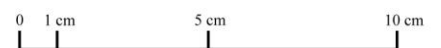
5.3.3. Talhas

Tipologia 2: Bordo extrovertido com lábio retangular de arestas arredondadas



PF.00/1008-201; Produção local/regional

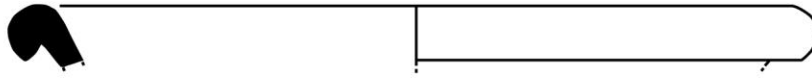
Escala 1:2



5.4. Cerâmica multifuncional

5.4.1. Alguidares

Tipologia 1: Bordo extrovertido com lábio em aba pendente

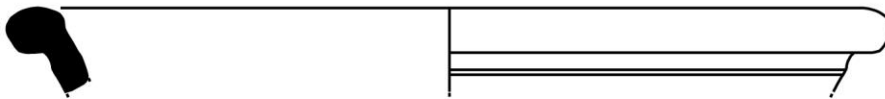


PF.00/1576-401; Produção local/regional



PF.00/1555-239; Produção local/regional

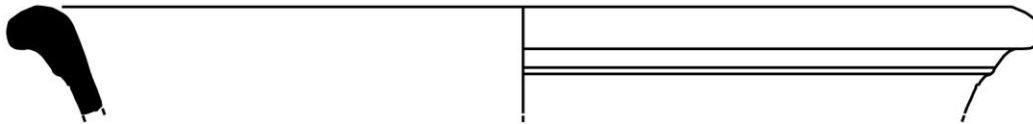
Tipologia 2: Bordo vertical ou ligeiramente extrovertido com lábio em aba semicircular



PF.00/1576-402; Produção local/regional

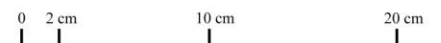


PF.00/1356-34; Produção local/regional



PF.00/3011-872; Produção local/regional

Escala 1:4



5.5. Cerâmica de iluminação

5.5.1. Candis



PF.00/10030-01; Produção local/regional

Asa:



PF.00/1545-511; Produção local/regional

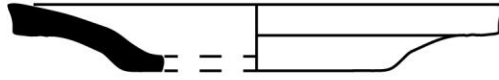
Escala 1:2



5.6. Cerâmica de uso auxiliar

5.6.1. Testos

Tipologia 1: Bordo extrovertido com lábio plano



PF.00/2703-1058; Produção local/regional



PF.00/5501-902; Produção local/regional

Tipologia 2: Bordo vertical com lábio arredondado



PF.00/1326-700; Produção local/regional

Tipologia 3: Bordo vertical com lábio em barbeta



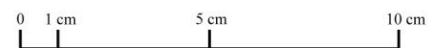
PF.00/4246-43; Produção local/regional

Tipologia 4: Bordo extrovertido com lábio arredondado



PF.00/5501-47; Produção local/regional

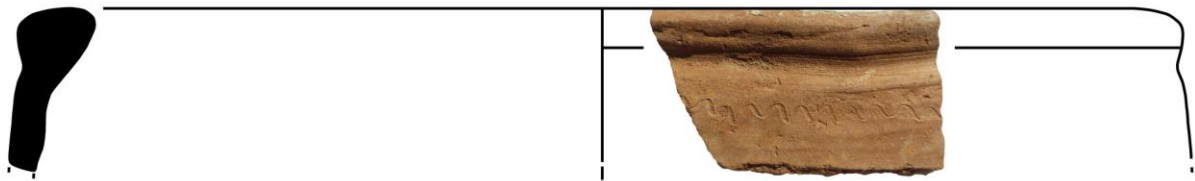
Escala 1:2



5.6. Cerâmica de uso auxiliar

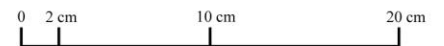
5.6.1. Suporte de talha

Tipologia 1: Bordo vertical com lábio arredondado espessado na face interna



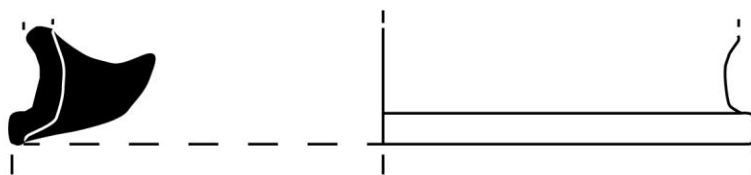
PF.00/506-1C – Bordo de suporte de talha

Escala 1:4



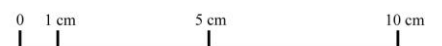
5.6.2. Fogareiro

Grade



PF.00/1555-240; Produção local/regional

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

5.7.1. Objetos lúdicos

Peças de jogo



PF.00/2620-4; Produção local/regional



PF.00/1517-301; Produção local/regional



PF.00/1326-42; Produção local/regional

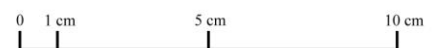


PF.00/1506-961; Produção local/regional



PF.00/15001-43; Produção local/regional

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

5.7.1. Objetos lúdicos

Peças de jogo



PF.00/1576-509; Produção local/regional

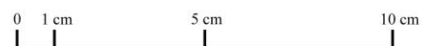


PF.00/1576-510; Produção local/regional



PF.00/1326-85; Produção local/regional

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

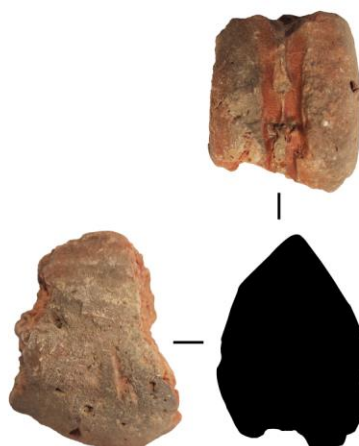
5.7.2. Objetos para tecelagem

Fusaiola



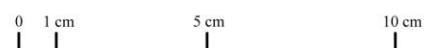
PF.00/15001-43; Produção local/regional

Peso de tear



PF.00/1511-601

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

5.7.3. Objetos para produção de fogo

Pederneiras (sílex)



PF.00/1906-902



PF.00/3021-583

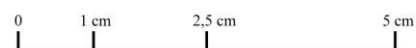


PF.00/1597-901



PF.00/1597-902

Escala 1:1



5.7. Outros objetos

5.7.3. Objetos para produção de fogo

Pederneiras (sílex)



PF.00/1572-301

Núcleos (sílex)

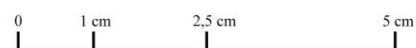


PF.00/1572-300



PF.00/1572-301

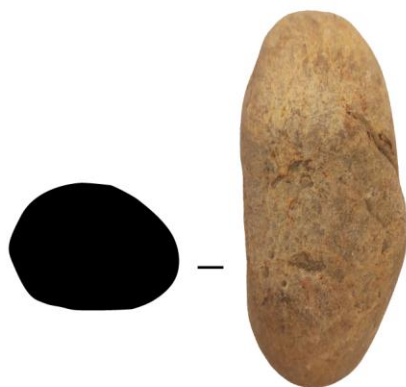
Escala 1:1



5.7. Outros objetos

5.7.4. Objetos para auxílio na culinária e noutras atividades

Pilão



PF.00/1511-603

Percutor



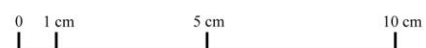
PF.00/1572-303

Elemento movente de mó



PF.00/1008-729

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

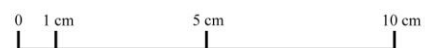
5.7.4. Objetos para auxílio na culinária e noutras atividades

Elemento dormente de mó



PF.00/1481-804

Escala 1:2



5.7. Outros objetos

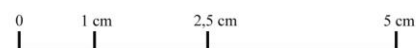
5.7.5. Objetos bélicos

Ponta de lança (ferro)



PF.00/6438-01

Escala 1:1



5.7. Outros objetos

5.7.6. Acessório de vestuário

Fivela (bronze)



PF.00/1542-910

Escala 1:1



6. CULTURA MATERIAL POR FASEAMENTO

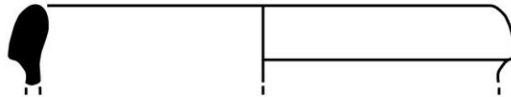
6.1. Fase 1 - Construção

6.1.1. Cerâmica de cozinha

Panelas (bordos)

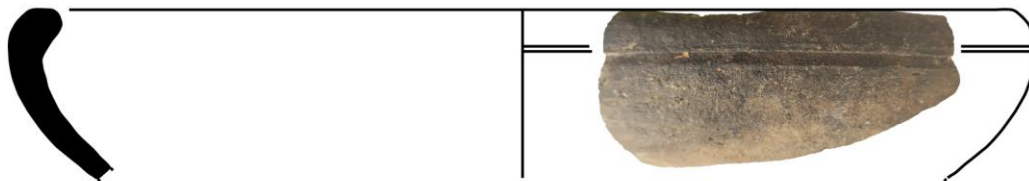


PF.00/1511-602; Produção local/regional

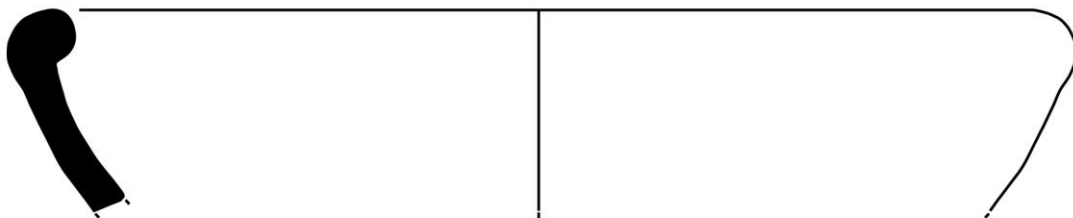


PF.00/5500-901; Produção local/regional

Caçoilas (bordos)

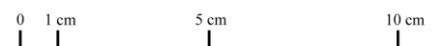


PF.00/5502-10; Produção local/regional



PF.00/1503-702; Produção local/regional

Escala 1:2



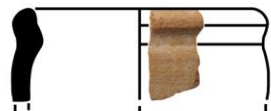
6.1. Fase 1 - Construção

6.1.2. Cerâmica de mesa

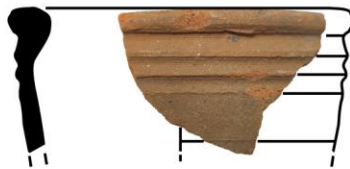
Jarras, jarros, jarritas (bordos)



PF.00/15191-2; Produção local/regional



PF.00/5500-43; Produção local/regional



PF.00/5500-47; Produção local/regional

Jarras, jarros, jarritas (colos)



PF.00/5500-913; Produção local/regional



PF.00/1503-701; Produção local/regional

Escala 1:2



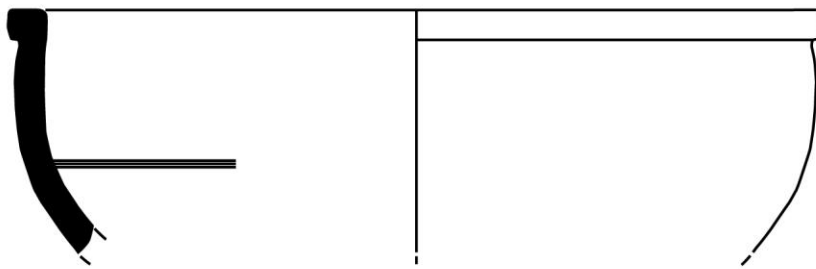
6.1. Fase 1 - Construção

6.1.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (bordos)

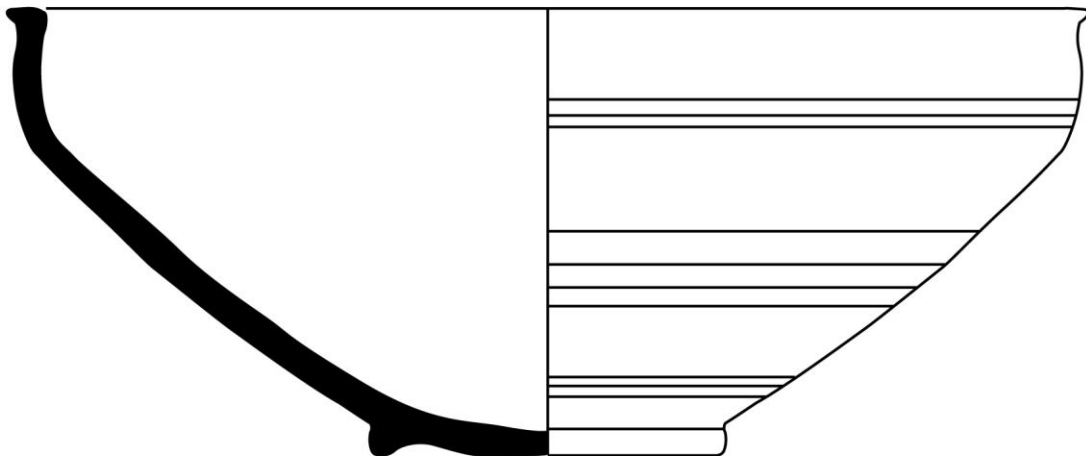


PF.00/5500-911; Produção local/regional



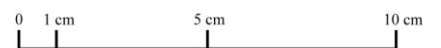
PF.00/5500-912; Produção local/regional

Tigelas (perfil completo)



PF.00/2251-1; Produção local/regional

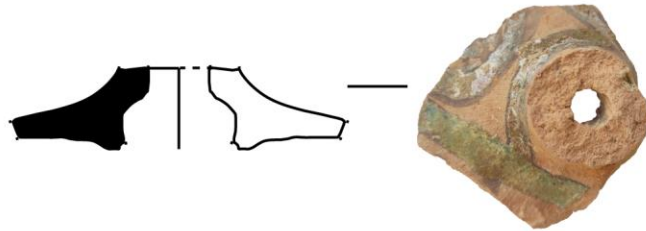
Escala 1:2



6.1. Fase 1 - Construção

6.1.2. Cerâmica de mesa

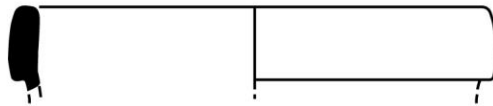
Bilhas (colos)



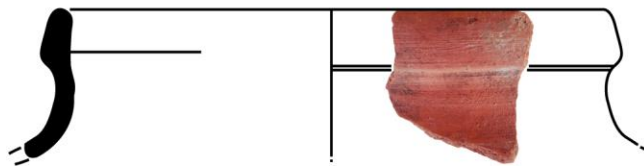
PF.00/5502-1; Produção exógena

6.1.3. Cerâmica de armazenamento

Potes (bordos)



PF.00/5500-914; Produção local/regional



PF.00/7506-111; Produção local/regional

6.1. Fase 1 - Construção

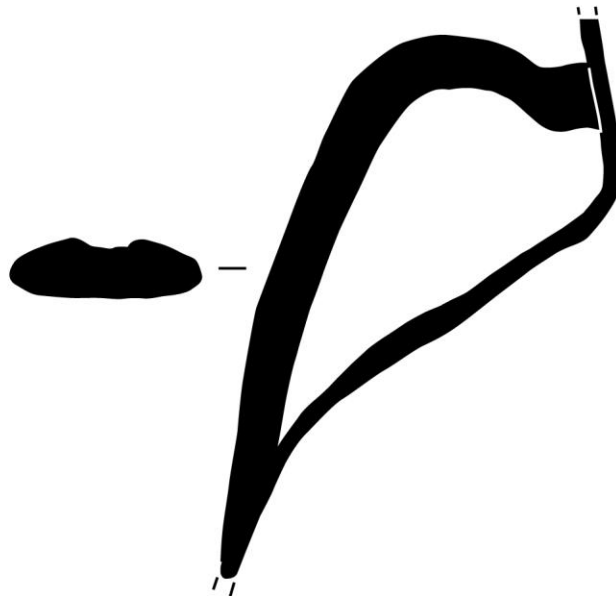
6.1.3. Cerâmica de armazenamento

Cântaros (bordos)



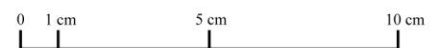
PF.00/5500-916; Produção local/regional

Cântaros (asas)



PF.00/5500-950; Produção local/regional

Escala 1:2



6.1. Fase 1 - Construção

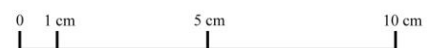
6.1.3. Cerâmica de armazenamento

Talhas (bordos)



PF.00/1527-901; Produção local/regional

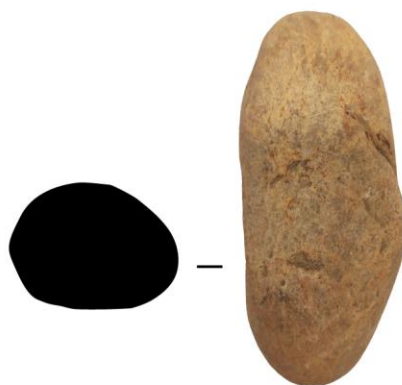
Escala 1:2



6.1. Fase 1 - Construção

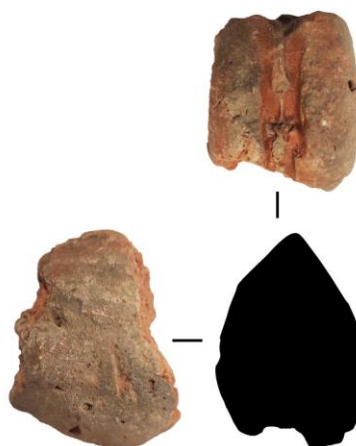
6.1.4. Outros objetos

Pilão



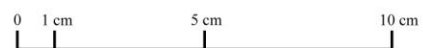
PF.00/1511-603

Peso de tear



PF.00/1511-601

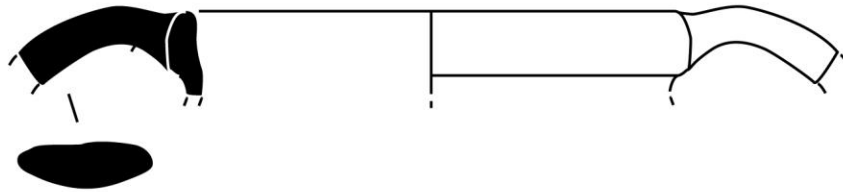
Escala 1:2



6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.1. Cerâmica de cozinha

Panelas (bordos)

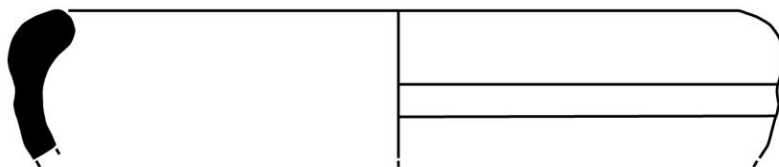


PF.00/1531-301; Produção local/regional

Caçoilas (bordos)



PF.00/1531-101; Produção local/regional



PF.00/1598-890; Produção local/regional

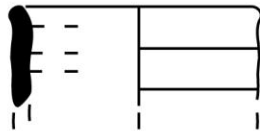
Escala 1:2



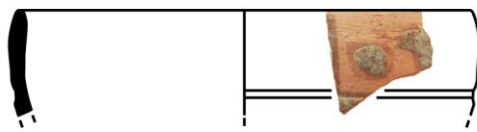
6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.2. Cerâmica de mesa

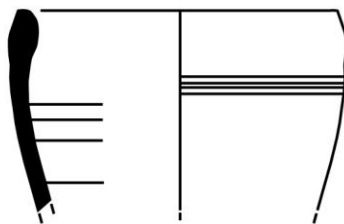
Jarras, jarros e jarritas (bordos)



PF.00/ 1531-120; Produção local/regional



PF.00/ 1572-104; Produção exógena



PF.00/1572-103; Produção local/regional

Jarras, jarros e jarritas (colos)



PF.00/15001-39; Produção exógena



PF.00/3026-752; Produção exógena

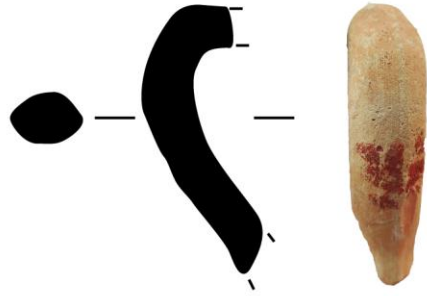
Escala 1:2



6.2. Fase 2 - Reformulações

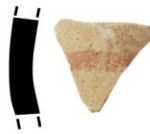
6.2.2. Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas (asas)



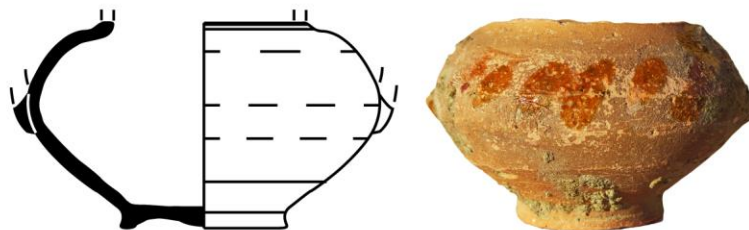
PF.00/1531-201; Produção exógena

Jarras, jarros e jarritas (bojos)



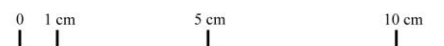
PF.00/1572-106; Produção local/regional

Púcaro (fundo)



PF.00/1572-201; Produção local/regional

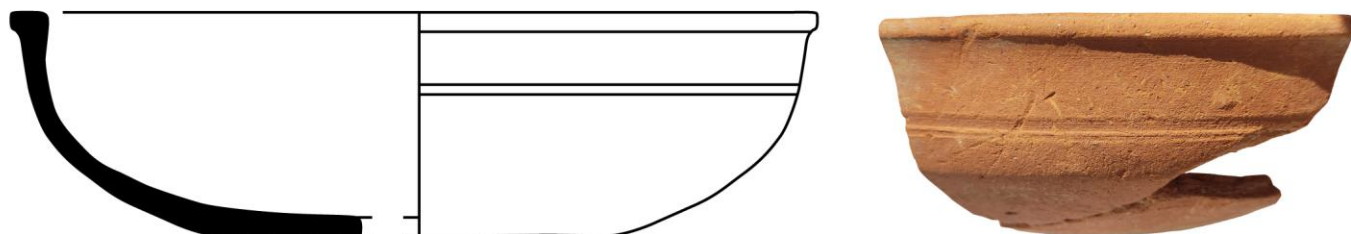
Escala 1:2



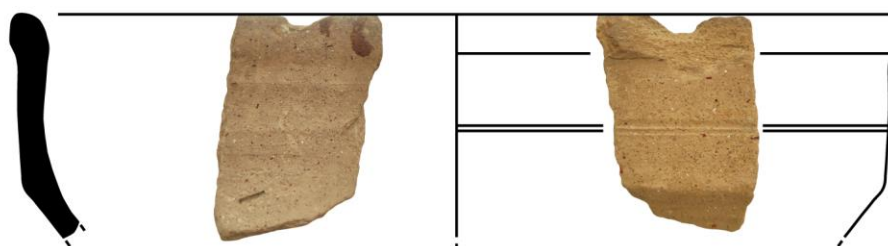
6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (bordos)



PF.00/1572-102; Produção local/regional

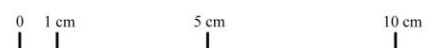


PF.00/3026-751; Produção exógena



PF.00/1531-205; Produção local/regional

Escala 1:2



6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.2. Cerâmica de mesa

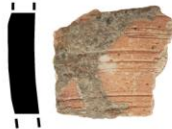
Tigela (bojo)



PF.00/3011-871; Produção exógena



PF.00/15001-196; Produção exógena



PF.00/1572-105; Produção exógena



PF.00/1572-107; Produção exógena

6.2.3. Cerâmica de armazenamento

Potes (bordos)



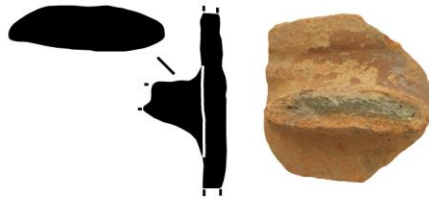
PF.00/15006-1; Produção local/regional

Escala 1:2



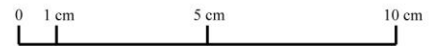
6.2. Fase 2 - Reformulações
6.2.3. Cerâmica de armazenamento

Cântaros (asas)



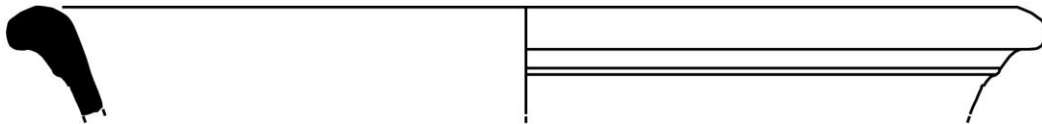
PF.00/3011-961; Produção local/regional

Escala 1:2



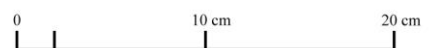
6.2.4. Cerâmica multifuncional

Alguidar (bordo)



PF.00/3011-872; Produção local/regional

Escala 1:4



6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.5. Objetos não cerâmicos

Núcleos de sílex



PF.00/1572-300



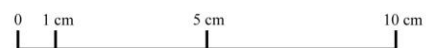
PF.00/1572-301

Pederneira



PF.00/1572-302

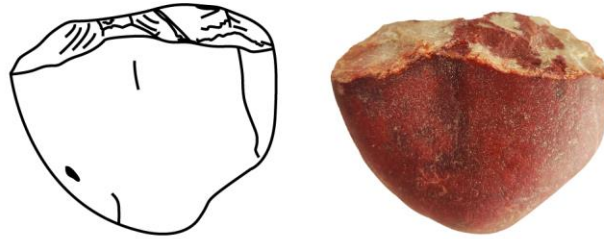
Escala 1:2



6.2. Fase 2 - Reformulações

6.2.5. Objetos não cerâmicos

Percutor



PF.00/1572-303

6.2.6. Objetos lúdicos

Peça de jogo



PF.00/15001-43; Produção local/regional

6.2.7. Objetos para tecelagem

Fusaiola



PF.00/1572-101; Produção local/regional

Escala 1:2



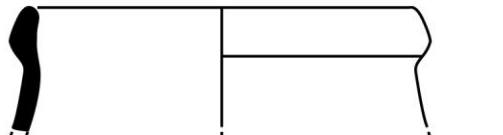
6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.1. Cerâmica de cozinha

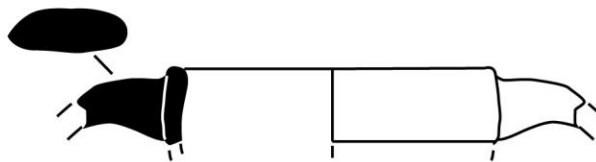
Panelas (bordos)



PF.00/1008-42; Produção local/regional



PF.00/1008-111; Produção local/regional

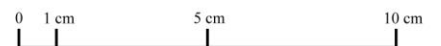


PF.00/1008-64; Produção local/regional



PF.00/1008-80; Produção local/regional

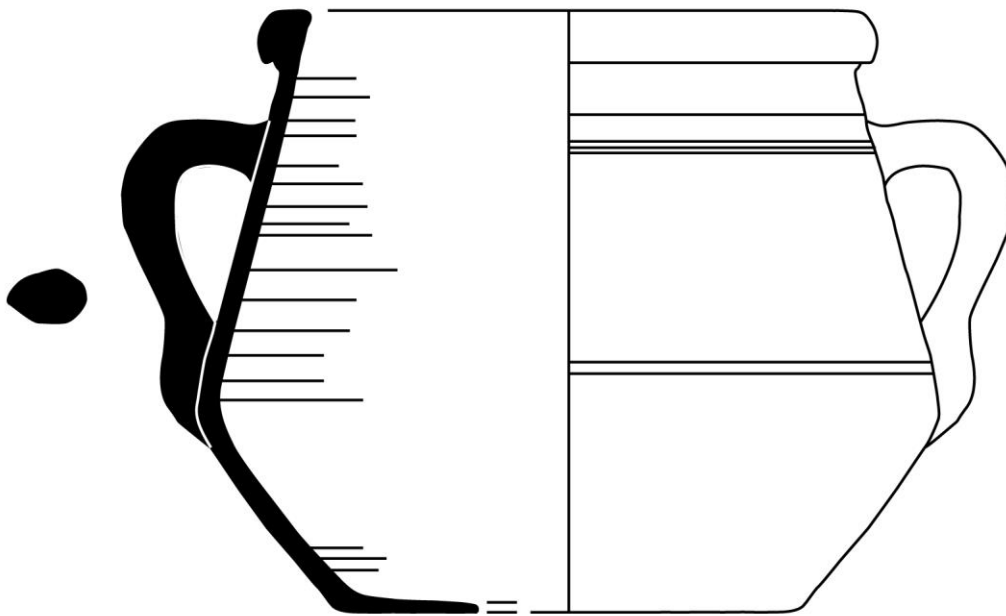
Escala 1:2



5.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

5.3A.1. Cerâmica de cozinha

Panelas (bordos)



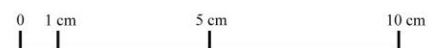
PF.00/1008-1; Produção local/regional

Panelas (fundos)



PF.00/1008-305; Produção local/regional

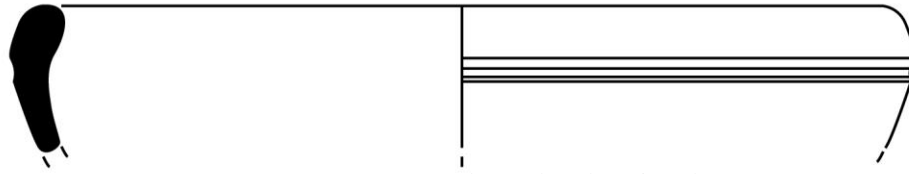
Escala 1:2



6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.1. Cerâmica de cozinha

Caçoilas (bordos)



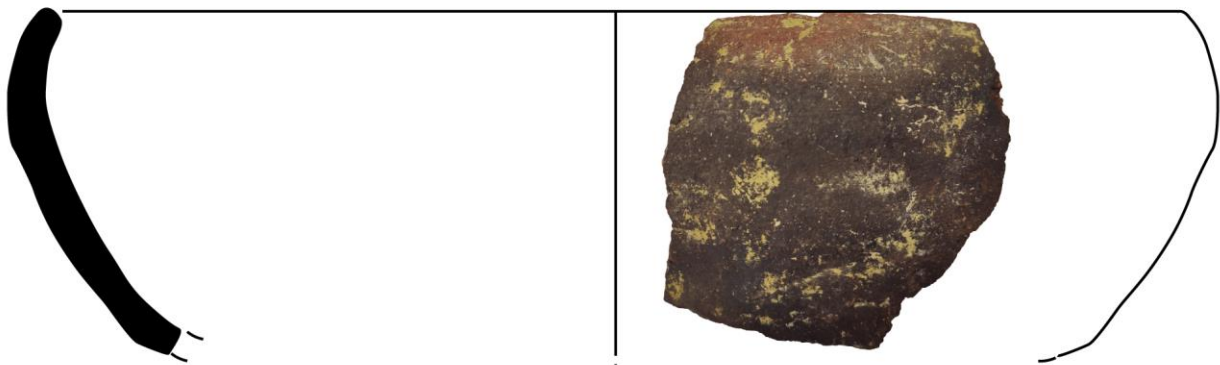
PF.00/1008-67; Produção local/regional



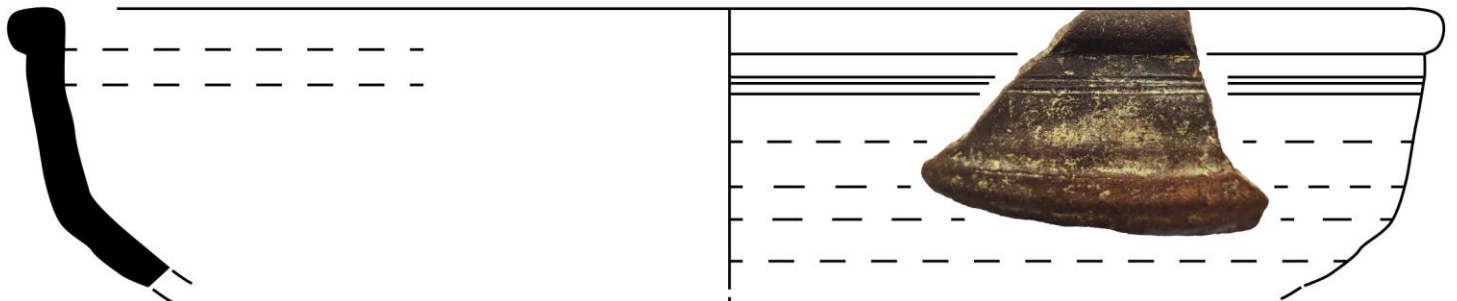
PF.00/1008-410; Produção local/regional



PF.00/7188-14; Produção local/regional

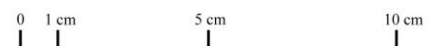


PF.00/7188-101; Produção local/regional



PF.00/1008-65; Produção local/regional

Escala 1:2



6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (perfil completo)

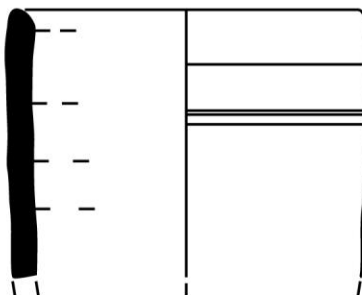


PF.00/7188-102; Produção local/regional

Jarras/jarros/jarritas (bordos)

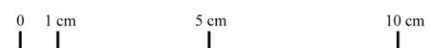


PF.00/1008-45; Produção local/regional



PF.00/1008-210; Produção local/regional

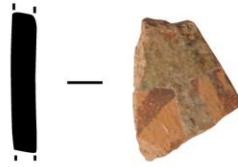
Escala 1:2



6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (colo vidrado)



PF.00/1008-304; Produção local/regional



Escala 1:1

Jarras/jarros/jarritas (fundo vidrado)



PF.00/7188-18; Produção local/regional

Tigelas (bordo)



PF.00/7188-07; Produção local/regional



Escala 1:2

6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

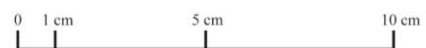
6.3A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (Bordo)



PF.00/1008-3a; Produção local/regional

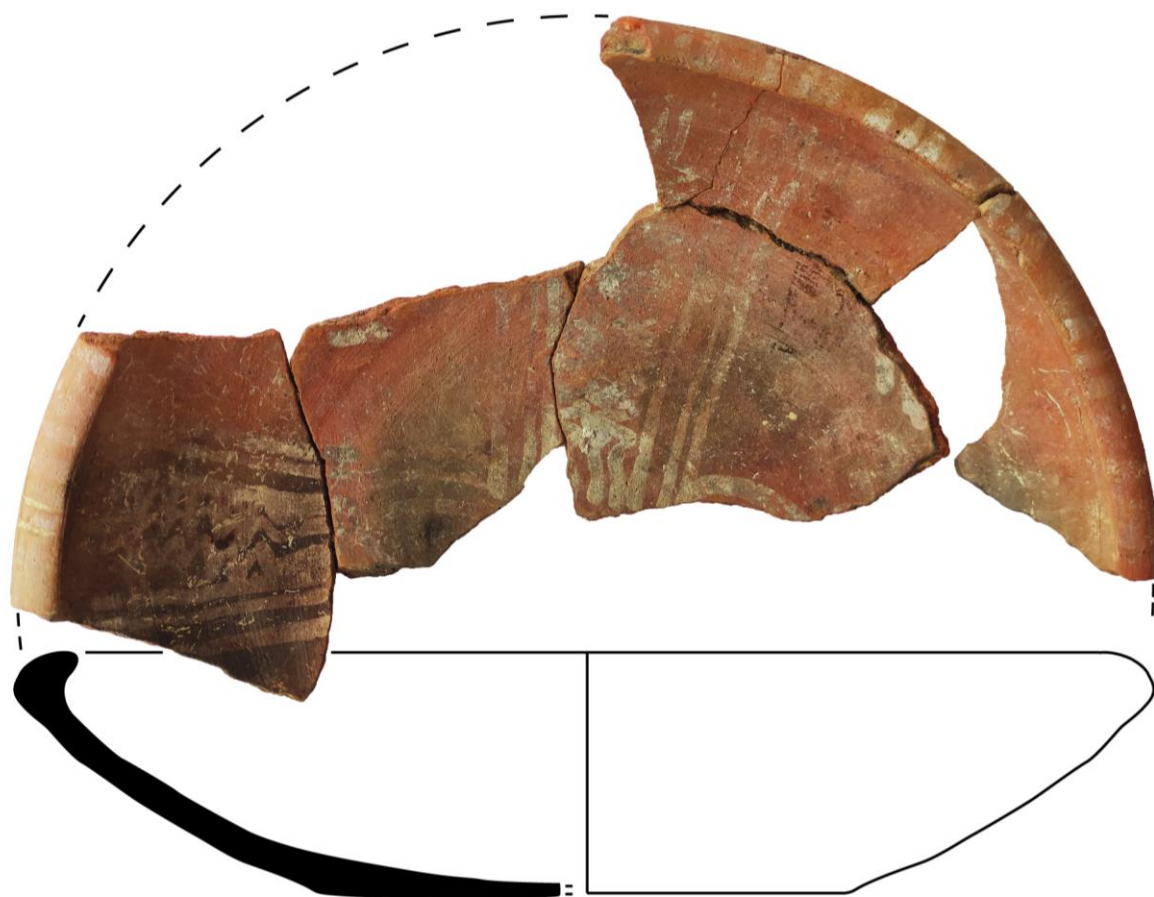
Escala 1:2



6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

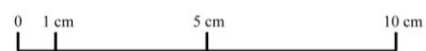
6.3A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (Perfil completo)



PF.00/1008-36; Produção local/regional

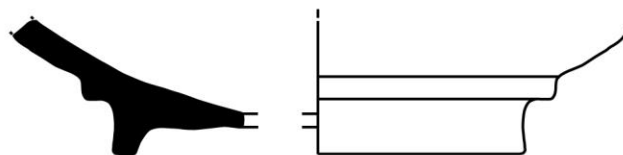
Escala 1:2



6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (fundos)

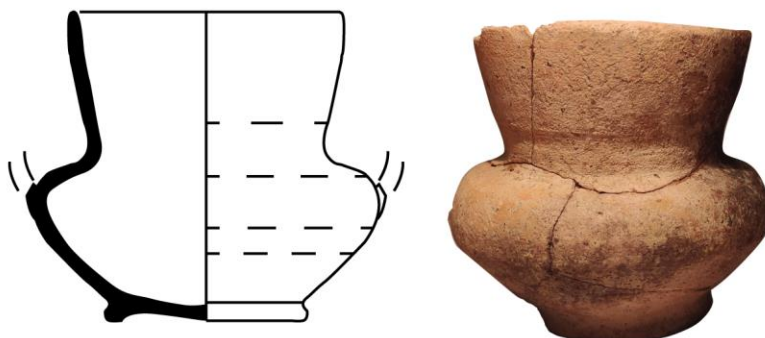


PF.00/1008-306; Produção local/regional



PF.00/1008-302; Produção local/regional

Púcaros (perfil completo)

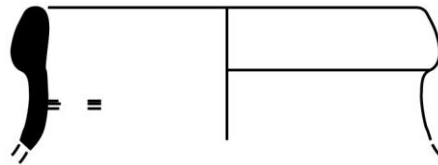


PF.00/1008-202; Produção local/regional

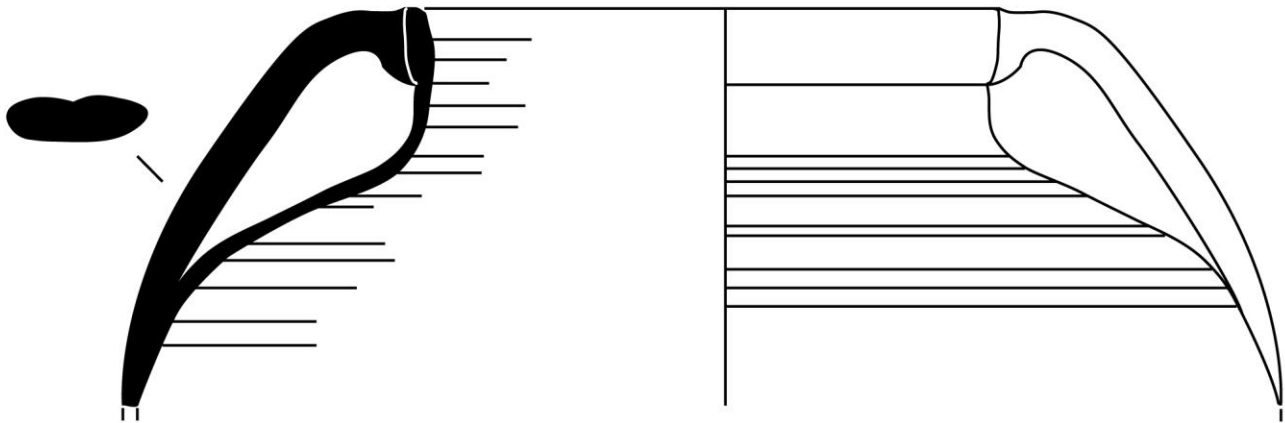
6,3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.3. Cerâmica de armazenamento

Potes (bordos)

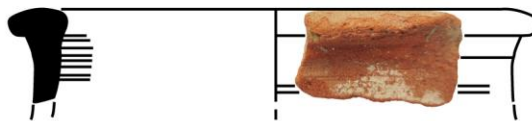


PF.00/1008-39a; Produção local/regional



PF.00/1008-2a; Produção local/regional

Cântaros (bordos)

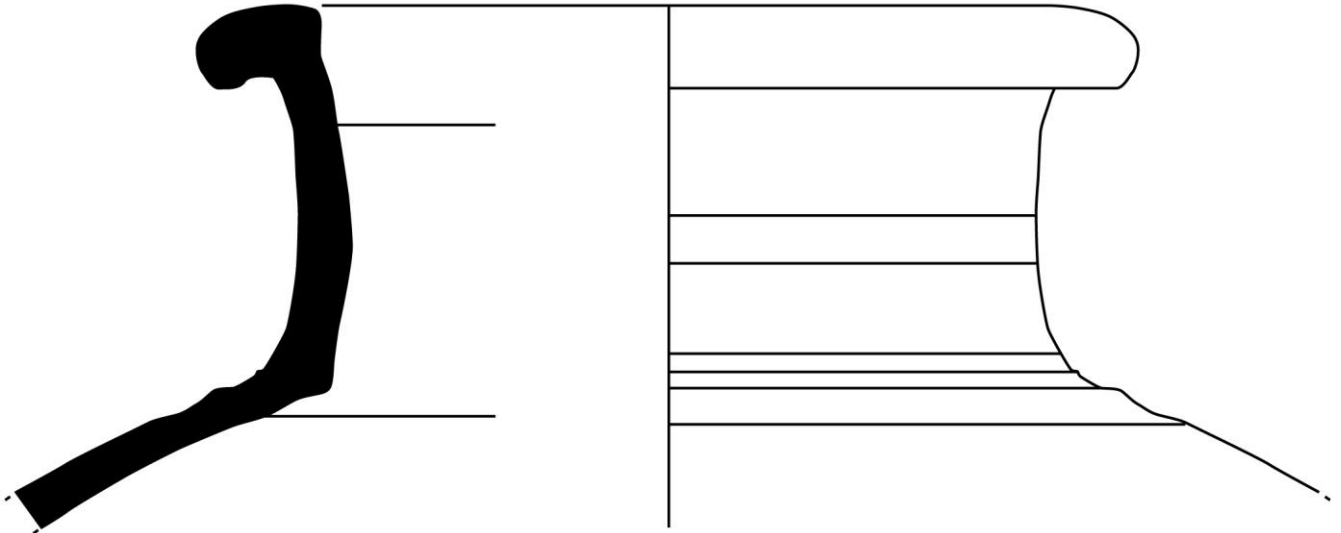


PF.00/1008-85; Produção local/regional

6.3A. Fase 3 – Fase de uso (Cozinha)

6.3A.3. Cerâmica de armazenamento

Talhas (Bordos)



PF.00/1008-201; Produção local/regional

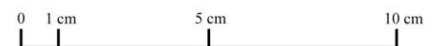
6.3A.4. Outros objetos

Elemento movente de mó



PF.00/1008-729

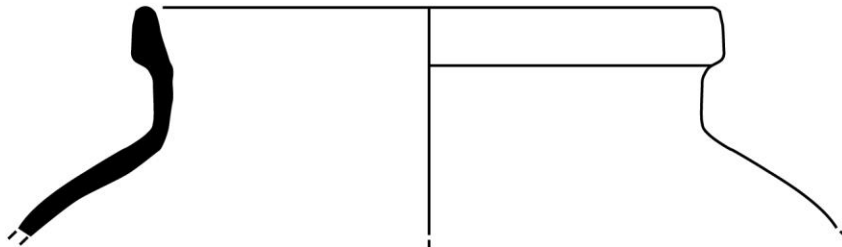
Escala 1:2



6.3B. Fase 3 – Fase de uso ([1578] e [1579])

6.3B.1. Cerâmica de cozinha

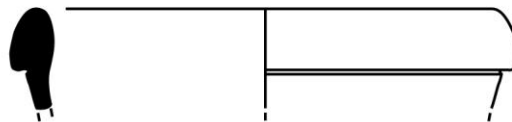
Panelas (bordos)



PF.00/1578-101; Produção local/regional

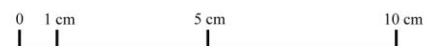
6.3B.2. Cerâmica de armazenamento

Cântaros (bordos)



PF.00/1578-103; Produção local/regional

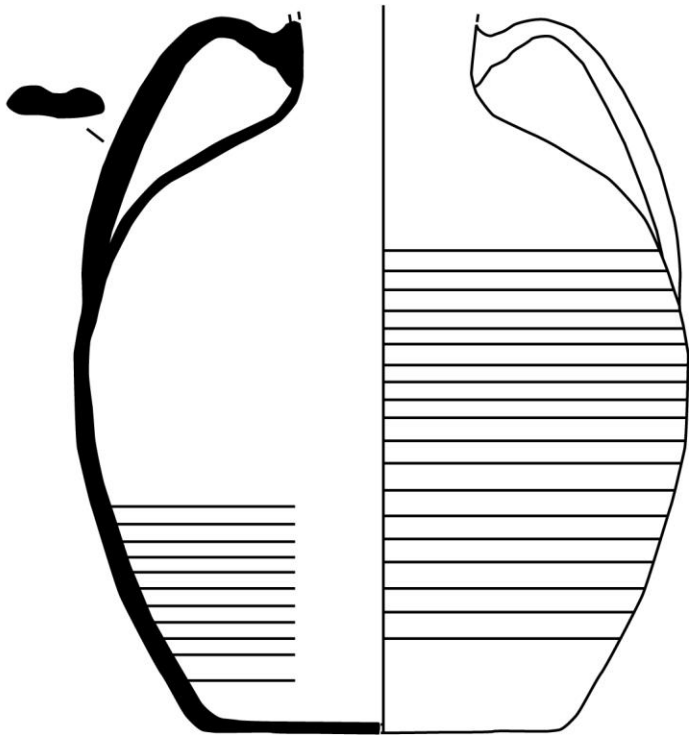
Escala 1:2



6.3B. Fase 3 – Fase de uso ([1578] e [1579])

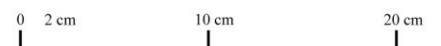
6.3B.2. Cerâmica de armazenamento

Cântaros (fundos)



PF.00/1578-102; Produção local/regional

Escala 1:4



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.1. Cerâmica de cozinha

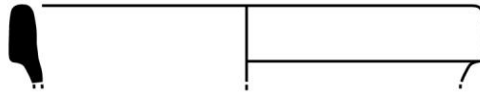
Panelas (bordos)



PF.00/1356-72; Produção local/regional



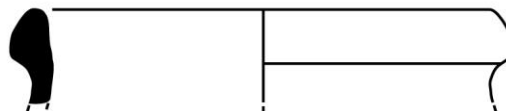
PF.00/1326-513; Produção local/regional



PF.00/5501-129; Produção local/regional



PF.00/1555-21; Produção local/regional

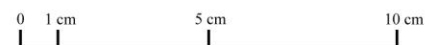


PF.00/1551-708; Produção local/regional



PF.00/1587-101; Produção local/regional

Escala 1:2



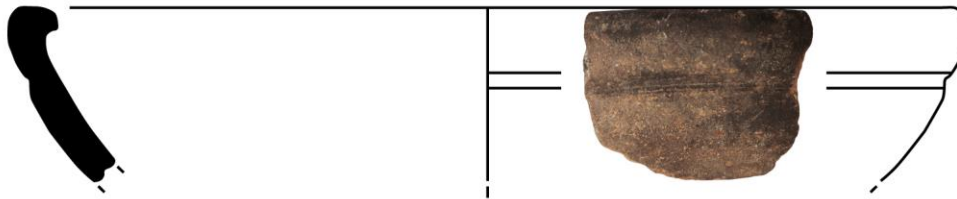
6,4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.1. Cerâmica de cozinha

Caçoilas (bordos)



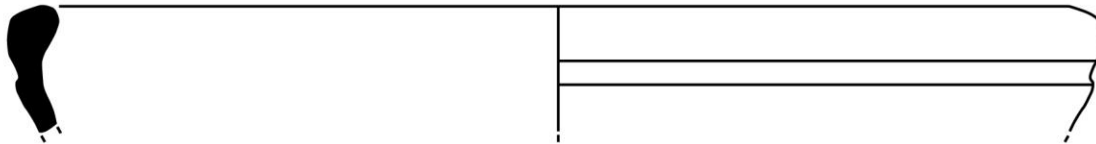
PF.00/1356-68; Produção local/regional



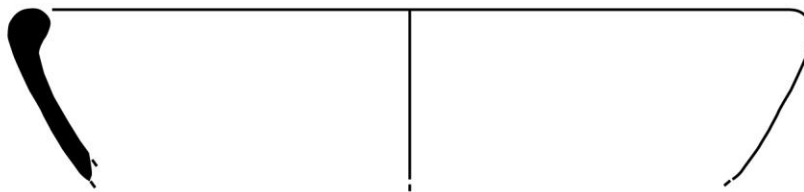
PF.00/1365-15; Produção local/regional



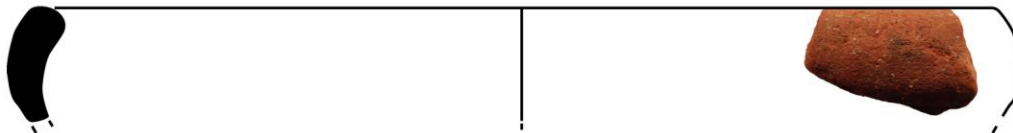
PF.00/1326-500; Produção local/regional



PF.00/1326-530; Produção local/regional



PF.00/1576-505; Produção local/regional



PF.00/1555-237; Produção local/regional

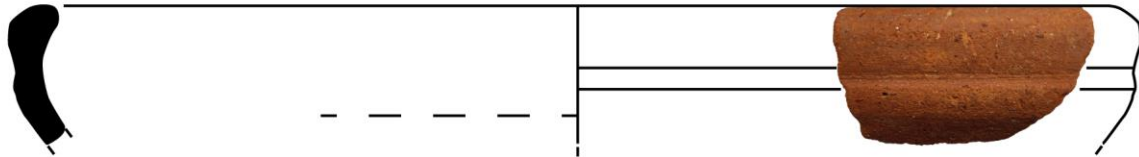
Escala 1:2



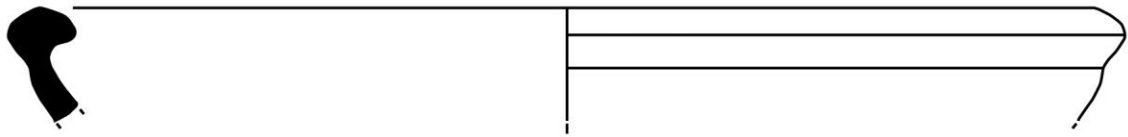
6.4A. Fase 4 – Fase de abandono inicial

6.4A.1. Cerâmica de cozinha

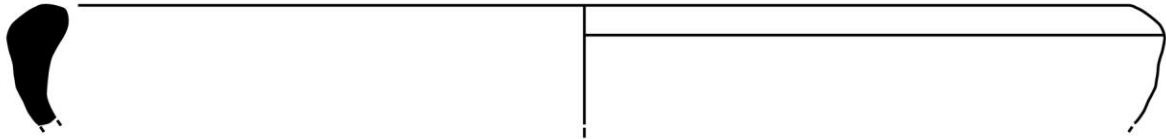
Caçoilas (bordos)



PF.00/1555-238; Produção local/regional



PF.00/3507-103; Produção local/regional



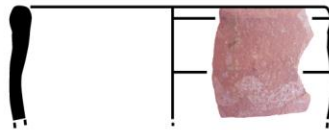
PF.00/3507-104; Produção local/regional

6.4A.2. Cerâmica de mesa

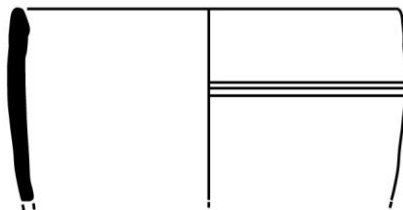
Jarras/jarros/jarritas (Bordos)



PF.00/1565-501; Produção local/regional

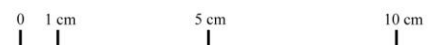


PF.00/1576-506; Produção local/regional



PF.00/1326-60; Produção local/regional

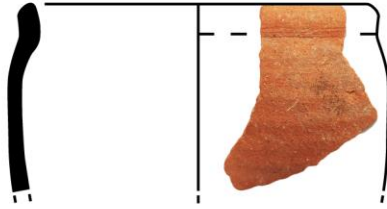
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

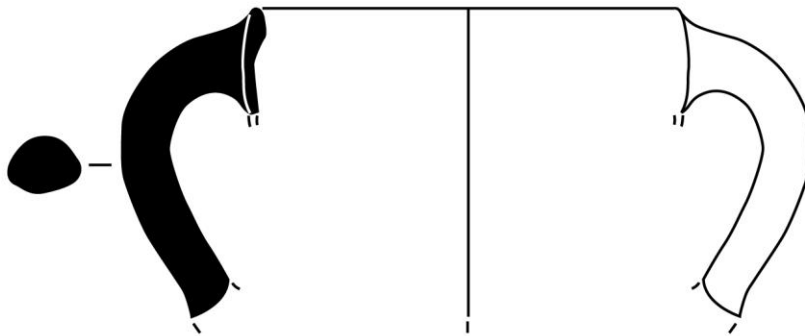
Jarras/jarros/jarritas (bordos)



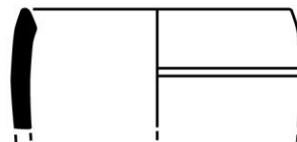
PF.00/1356-41/; Produção local/regional



PF.00/1542-904; Produção local/regional



PF.00/15000-29; Produção local/regional



PF.00/1356-46; Produção local/regional

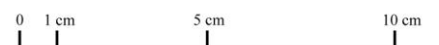


PF.00/1555-22; Produção local/regional



PF.00/1534-26; Produção local/regional

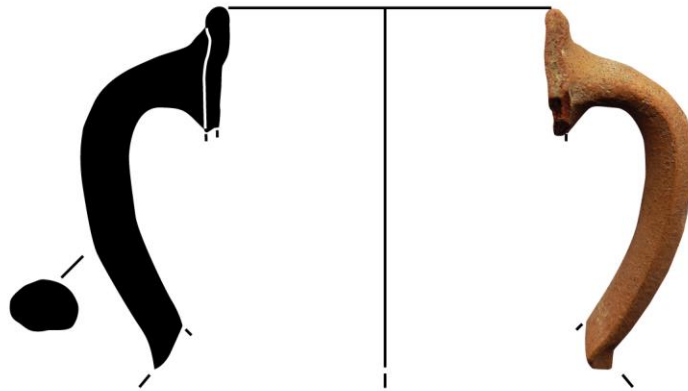
Escala 1:2



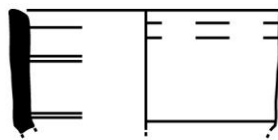
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (bordos)



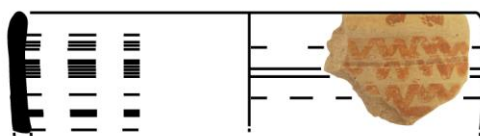
PF.00/1555-111; Produção local/regional



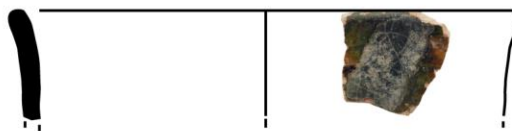
PF.00/1326-104; Produção local/regional



PF.00/1326-502; Produção local/regional



PF.00/1326-904; Produção exógena



PF.00/2354-61; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

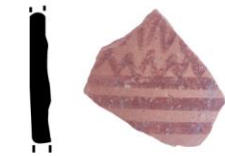
Jarras/jarros/jarritas (colos)



PF.00/1545-510; Produção local/regional



PF.00/5501-156; Produção local/regional



PF.00/1576-501; Produção local/regional



PF.00/1326-45; Produção local/regional



PF.00/1551-703; Produção exógena



PF.00/1551-704; Produção exógena

Escala 1:2



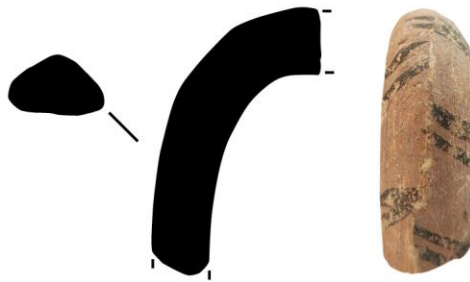
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

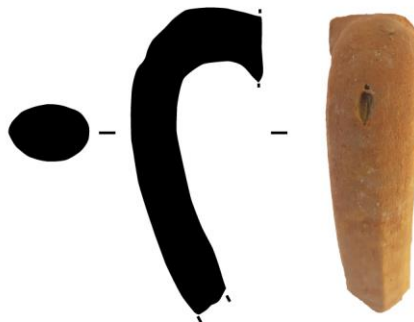
Jarras/jarros/jarritas (asas)



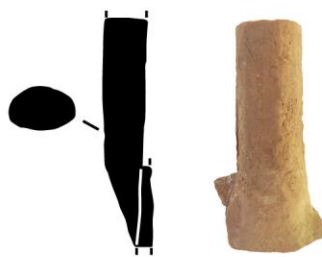
PF.00/1545-502; Produção local/regional



PF.00/1545-509; Produção exógena

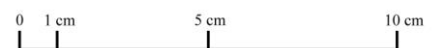


PF.00/1326-515; Produção local/regional



PF.00/1326-501; Produção local/regional

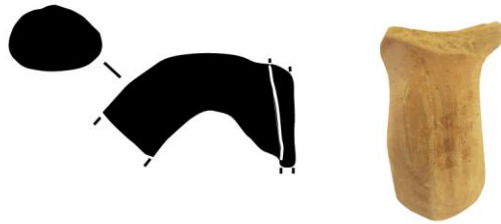
Escala 1:2



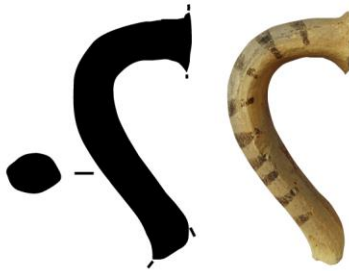
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (asas)



PF.00/1326-901; Produção local/regional



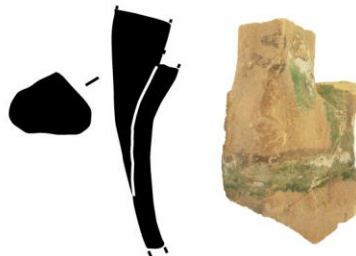
PF.00/1555-06; Produção exógena



PF.00/1326-971; Produção exógena

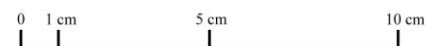


PF.00/1326-13; Produção exógena



PF.00/1326-508; Produção exógena

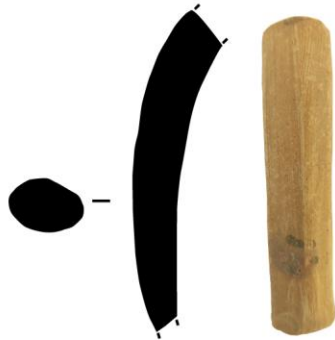
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas (Asas)



PF.00/1326-903; Produção exógena



PF.00/1326-61; Produção exógena

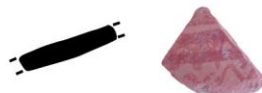
Jarras/jarros/jarritas (bojos)



PF.00/1545-503; Produção local/regional



PF.00/5501-901; Produção local/regional



PF.00/1576-502; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (bojos)



PF.00/15000-13; Produção local/regional



PF.00/1326-651; Produção local/regional



PF.00/1326-504; Produção local/regional



PF.00/1326-48; Produção exógena

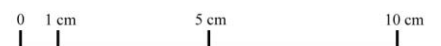


PF.00/1576-507; Produção exógena



PF.00/5501-161; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

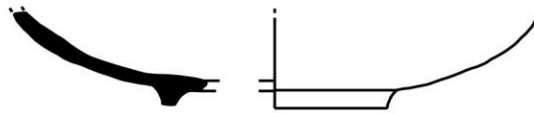
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas (Bojos)

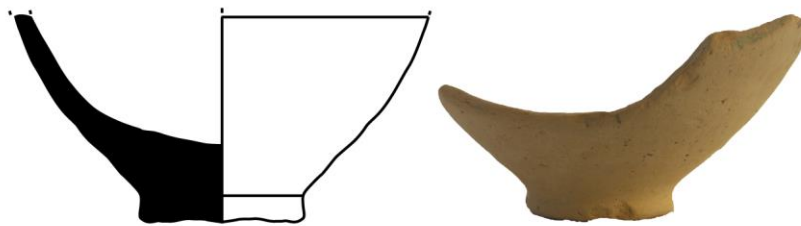


PF.00/1565-503; Produção local/regional

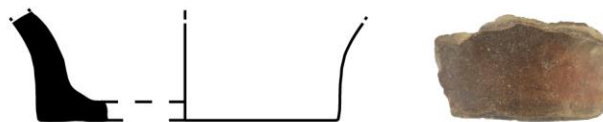
Jarras, jarros e jarritas (Fundos)



PF.00/1326-503; Produção exógena



PF.00/1326-17; Produção exógena



PF.00/1326-343; Produção local/regional

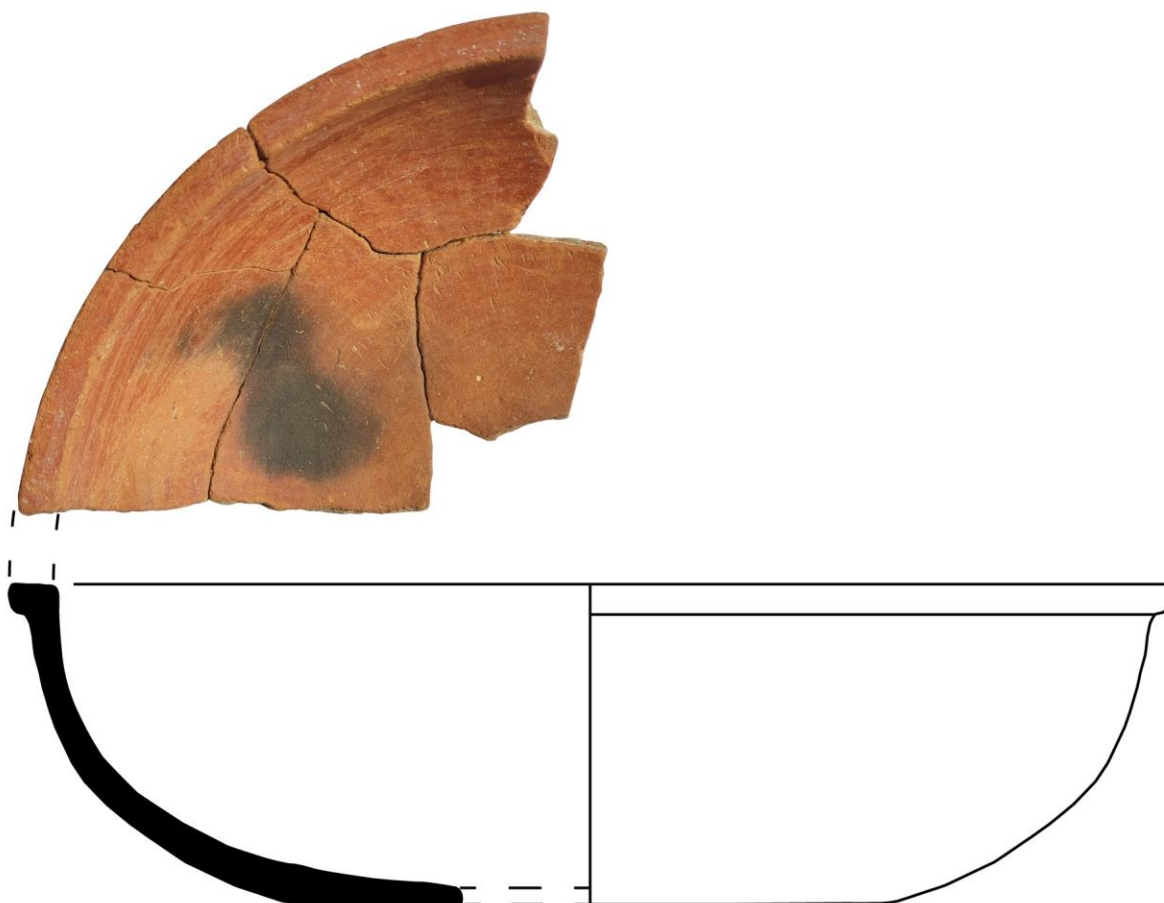
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

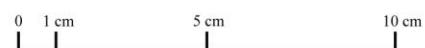
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (perfil completo)



PF.00/1542-477; Produção local/regional

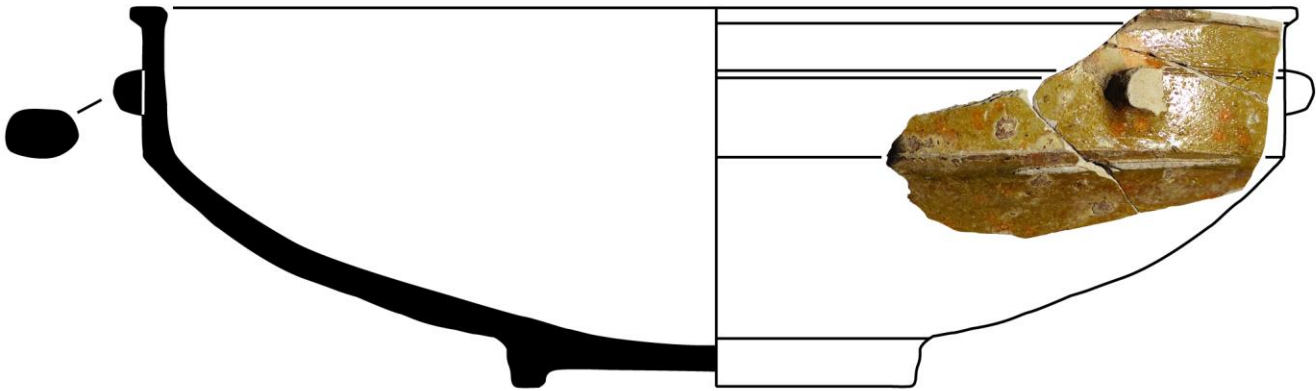
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

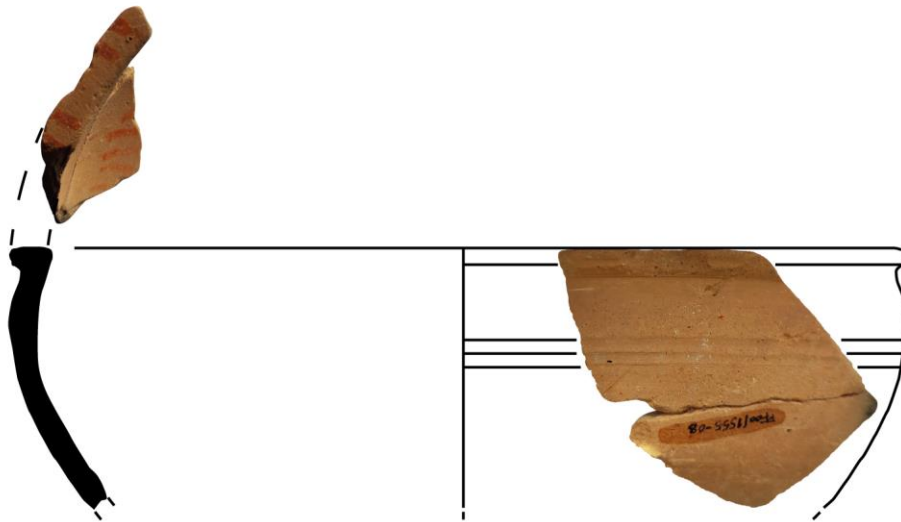
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (perfil completo)



PF.00/15000-101; Produção local/regional

Tigelas (bordo)



PF.00/1555-08; Produção local/regional

0

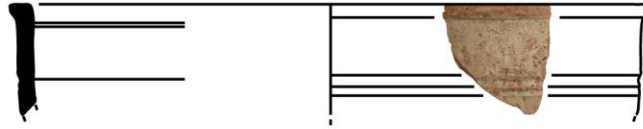
Escala 1:2



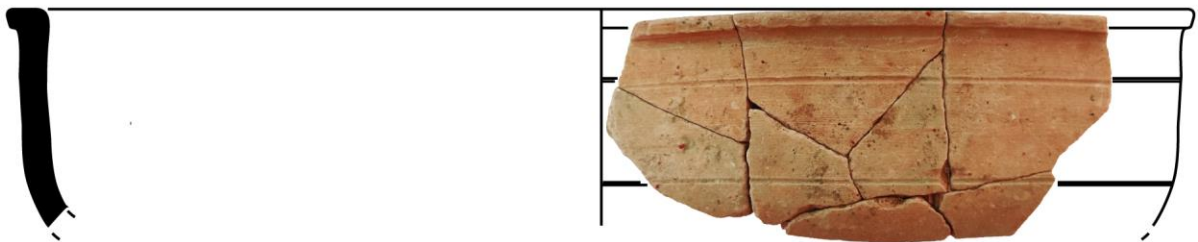
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

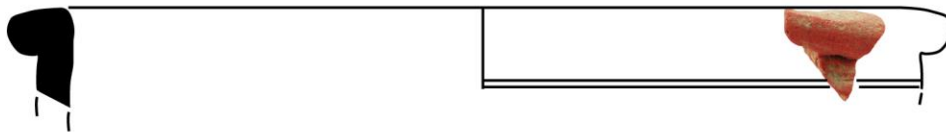
Tigelas (bordo)



PF.00/1565-502; Produção local/regional



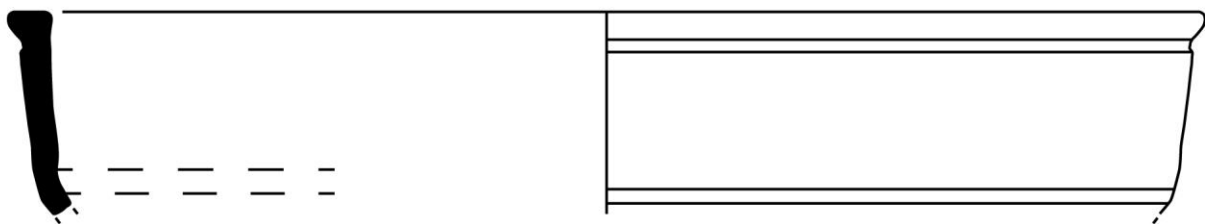
PF.00/15000-1; Produção local/regional



PF.00/15000-2; Produção local/regional



PF.00/15000-32; Produção local/regional



PF.00/1525-584; Produção local/regional

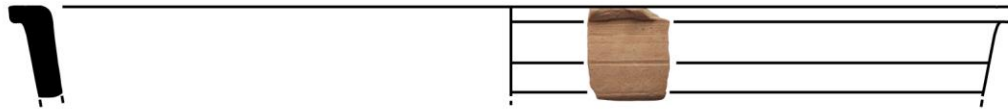
Escala 1:2



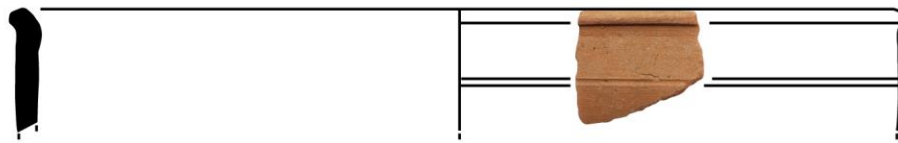
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

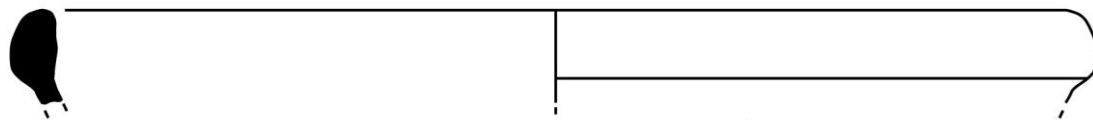
Tigelas (bordo)



PF.00/1326-909; Produção local/regional



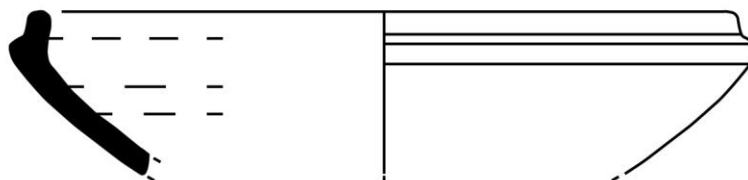
PF.00/1551-702; Produção local/regional



PF.00/1551-705; Produção local/regional



PF.00/1542-902; Produção local/regional



PF.00/1545-504; Produção local/regional



PF.00/1326-506; Produção exógena

Escala 1:2



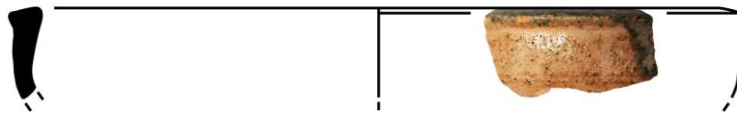
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

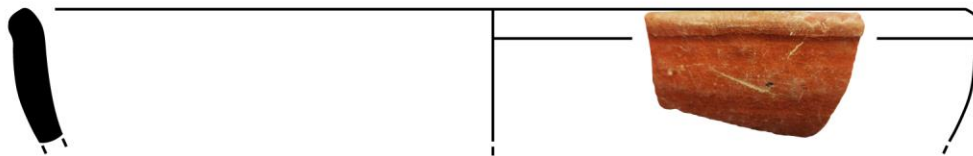
Tigelas (bordo)



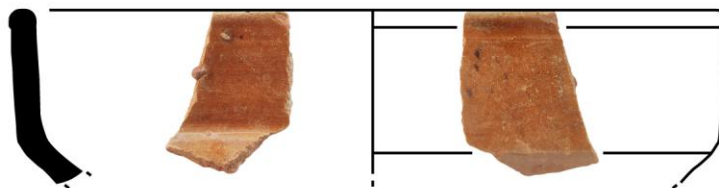
PF.00/1534-50; Produção exógena



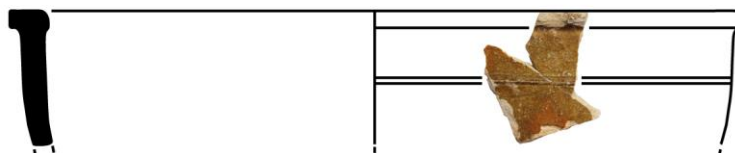
PF.00/1534-53; Produção exógena



PF.00/1356-107; Produção local/regional



PF.00/1545-506; Produção local/regional

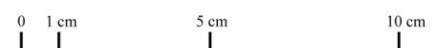


PF.00/1565-504; Produção local/regional



PF.00/1545-507; Produção exógena

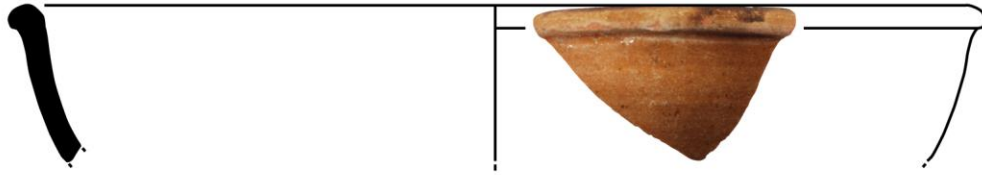
Escala 1:2



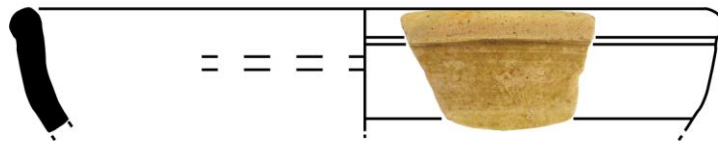
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (bordo)



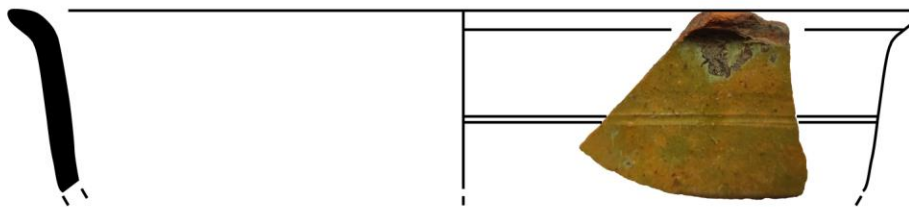
PF.00/5501-157; Produção local/regional



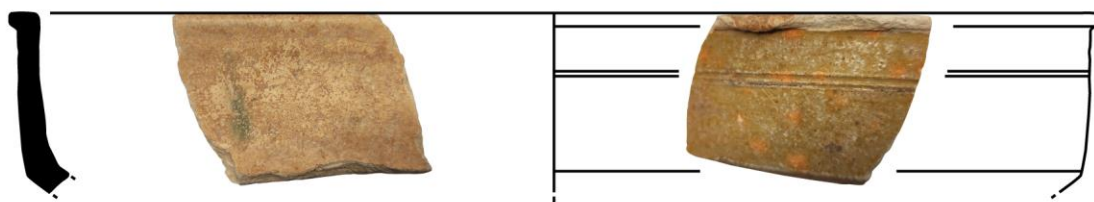
PF.00/1326-80; Produção exógena



PF.00/1555-16; Produção local/regional



PF.00/1555-11; Produção local/regional



PF.00/1542--901; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (bojos)



PF.00/1326-62; Produção local/regional



PF.00/1326-51; Produção exógena

Tigelas (fundos)

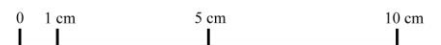


PF.00/1545-512; Produção exógena



PF.00/1326-69; Produção local/regional

Escala 1:2



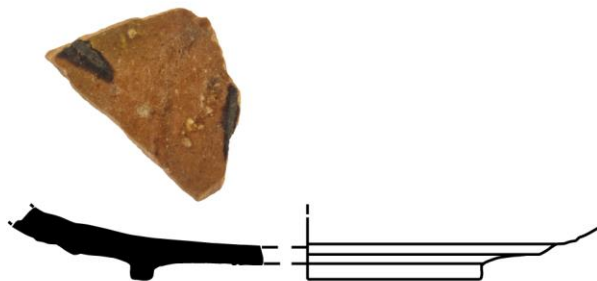
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (fundos)



PF.00/1576-504; Produção local/regional



PF.00/1326-516; Produção local/regional



PF.00/1326-73; Produção exógena



PF.00/1551-707; Produção exógena

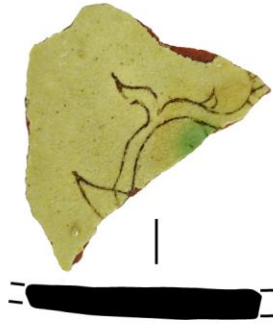
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

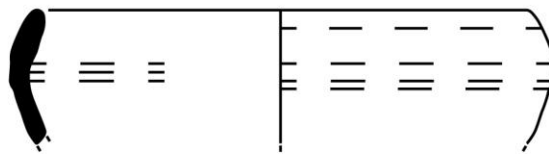
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Tigelas (fundos)



PF.00/08.86-102; Produção local/regional

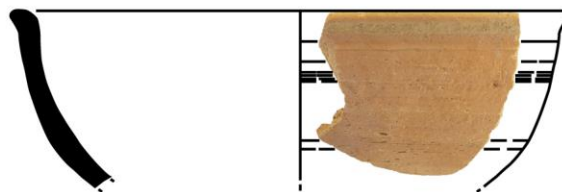
Taças (bordos)



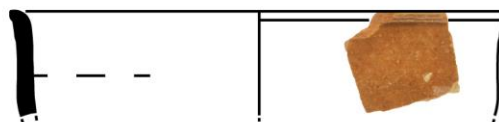
PF.00/1365-9; Produção local/regional



PF.00/1545-505; Produção exógena

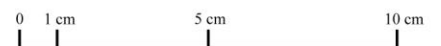


PF.00/1326-10; Produção local/regional



PF.00/1326-62; Produção local/regional

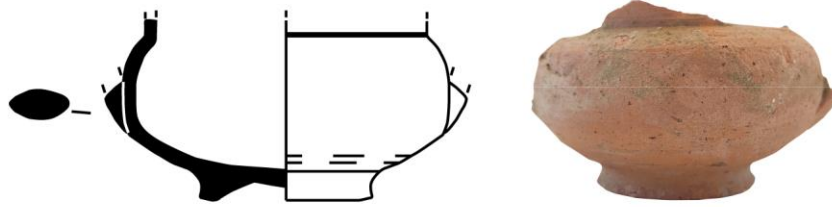
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

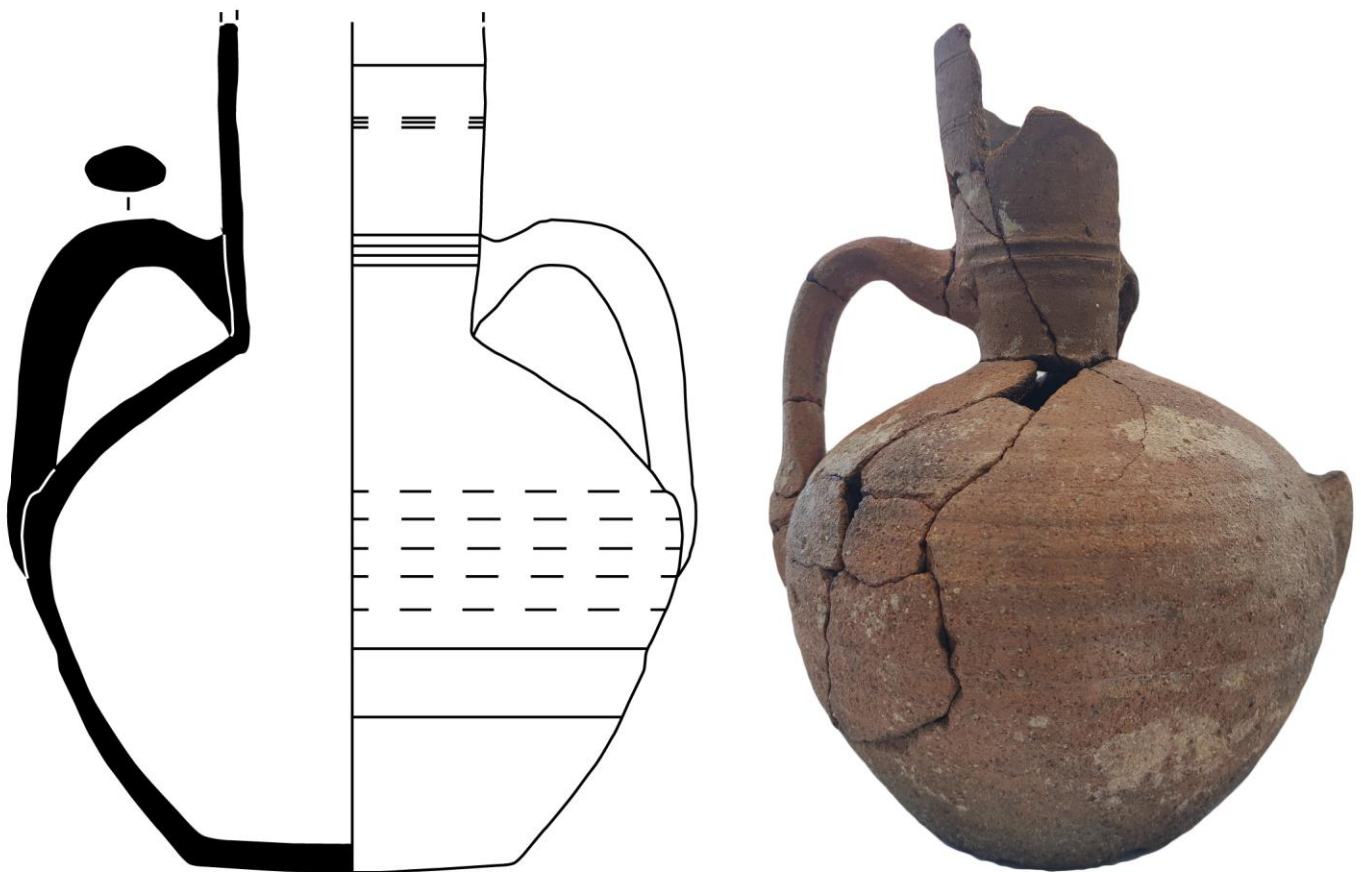
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Púcaros (fundos)



PF.00/1576-513; Produção local/regional

Bilha (fundos)



PF.00/10000-1; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

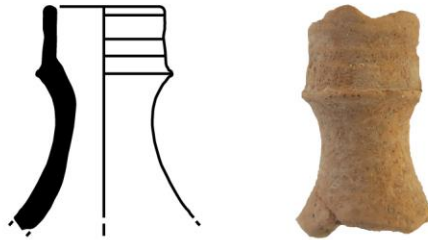
6.4A.2. Cerâmica de mesa

Bilha (colos)



PF.00/15000-49; Produção exógena

Garrafa (bordos)



PF.00/1326-517; Produção local/regional

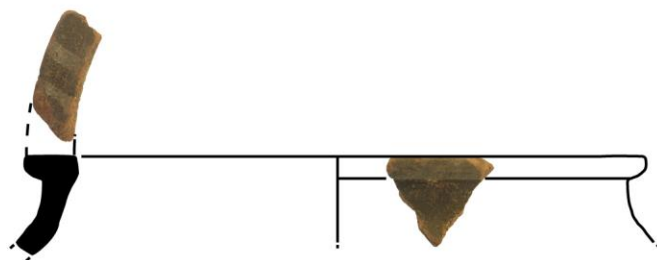
Bilha (bordos)



PF.00/1545-501; Produção local/regional

6.4A.3. Cerâmica de armazenamento

Potes (Bordos)

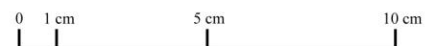


PF.00/1326-4; Produção local/regional



PF.00/1326-511; Produção local/regional

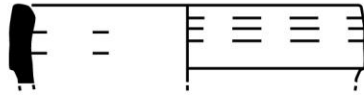
Escala 1:2



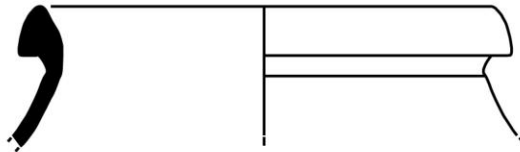
6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.3. Cerâmica de armazenamento

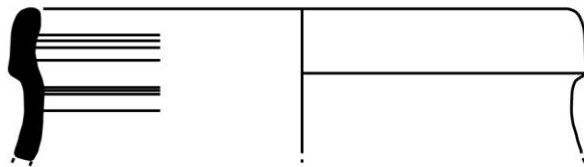
Potes (bordos)



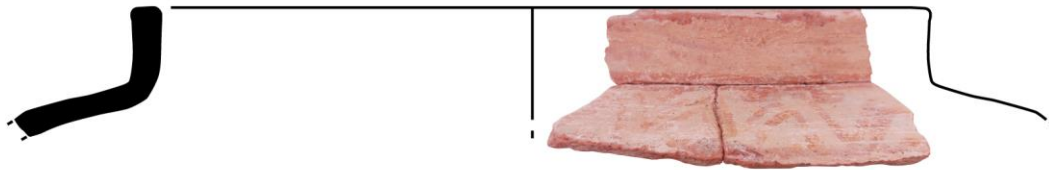
PF.00/1326-512; Produção local/regional



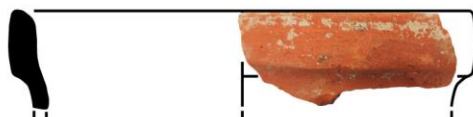
PF.00/1326-514; Produção local/regional



PF.00/1326-531; Produção local/regional



PF.00/1576-503; Produção local/regional

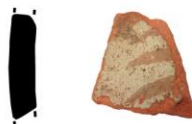


PF.00/1551-706; Produção local/regional



PF.00/1326-522; Produção local/regional

Potes (bojos)



PF.00/1542-903; Produção local/regional

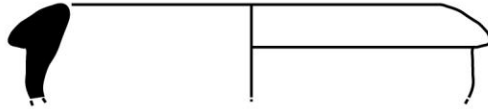
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Fase de abandono inicial

6.4A.3. Cerâmica de armazenamento

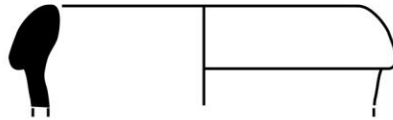
Cântaros (bordos)



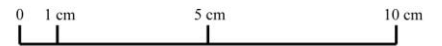
PF.00/1326-510; Produção local/regional



PF.00/555-234; Produção local/regional

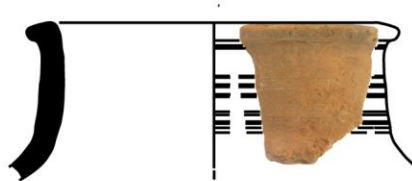


PF.00/15000-60; Produção local/regional

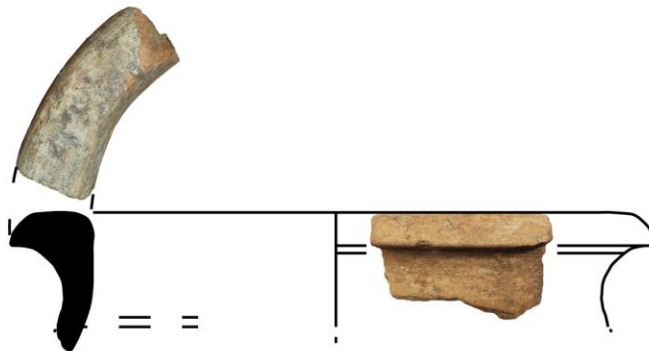


Escala 1:2

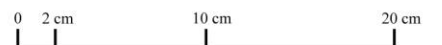
Talhas (bordos)



PF.00/1326-32; Produção local/regional



PF.00/1551-701; Produção local/regional

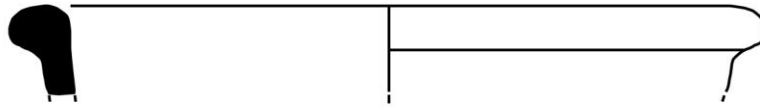


Escala 1:4

6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.4. Cerâmica multifuncional

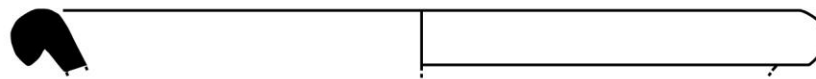
Alguidares (bordos)



PF.00/1356-34; Produção local/regional



PF.00/1555-239; Produção local/regional



PF.00/1576-401; Produção local/regional



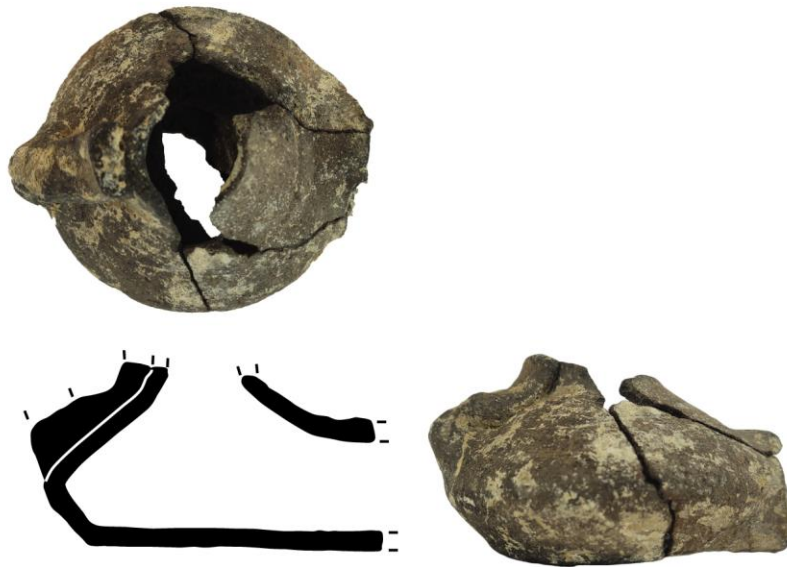
PF.00/1576-402; Produção local/regional

Escala 1:4



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial
6.4A.5. Cerâmica de iluminação

Candis



PF.00/08.86-79; Produção local/regional



PF.00/10030-01; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.5. Cerâmica de iluminação

Candis (asas)



PF.00/1545-511; Produção local/regional

6.4A.6. Cerâmica auxiliar

Testos (perfil completo)



PF.00/1326-700; Produção local/regional



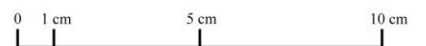
PF.00/5501-47; Produção local/regional

Testos (bordos)



PF.00/5501-902; Produção local/regional

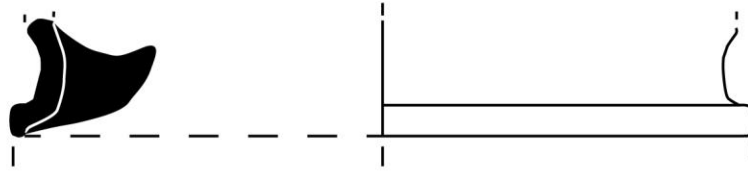
Escala 1:2



6.4A. Fase 4 – Abandono inicial

6.4A.7. Outros objetos

Fogareiro (Grade)



PF.00/1555-240; Produção local/regional

Peças de jogo



PF.00/1326-42; Produção local/regional



PF.00/1326-85; Produção local/regional

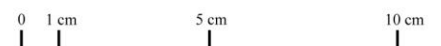


PF.00/1576-509; Produção local/regional



PF.00/1576-510; Produção local/regional

Escala 1:2



5.4A. Fase 4 – Abandono inicial

5.4A.7. Outros objetos

Peças de jogo



PF.00/1517-301; Produção local/regional



PF.00/1506-961; Produção local/regional

Pederneira (sílex)



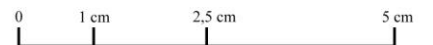
PF.00/1597-901

Fivela (bronze)



PF.00/1542-910

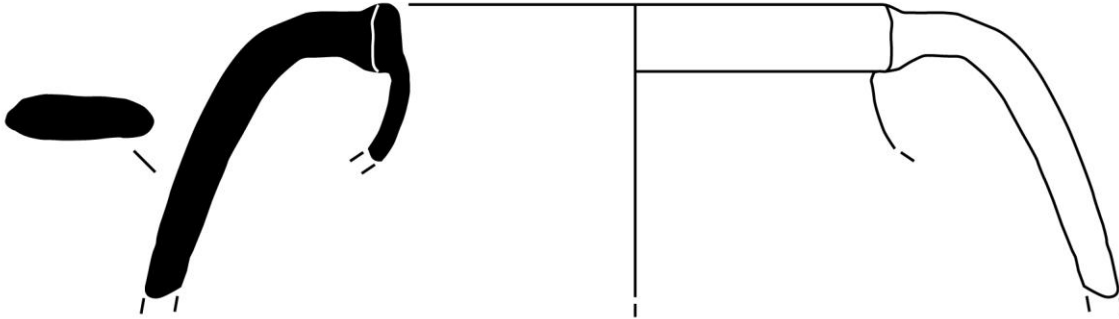
Escala 1:1



6.4B. Fase 4 – Abandono final

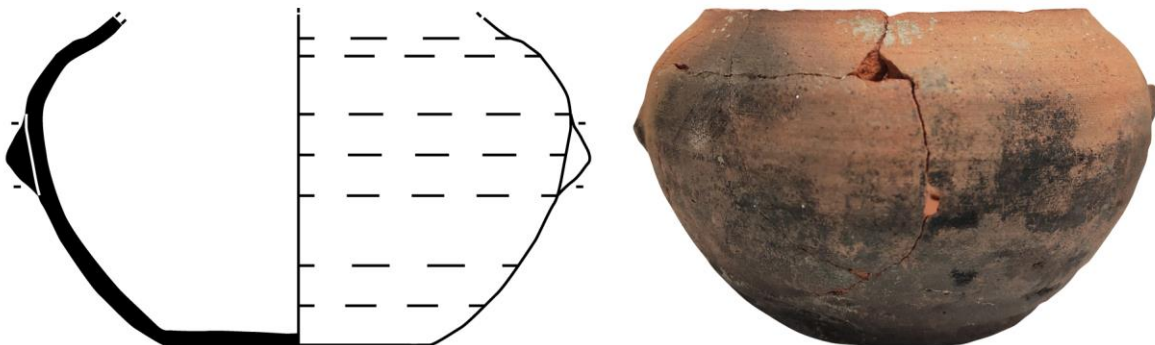
6.4B.1. Cerâmica de cozinha

Panelas (bordos)



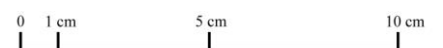
PF.00/7178-500; Produção local/regional

Panelas (bordos)



PF.00/7178-01A; Produção local/regional

Escala 1:2



6.4B. Fase 4 – Abandono final

6.4B.2. Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas (bojos)

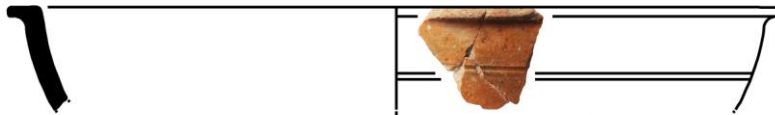


PF.00/7178-501; Produção exógena



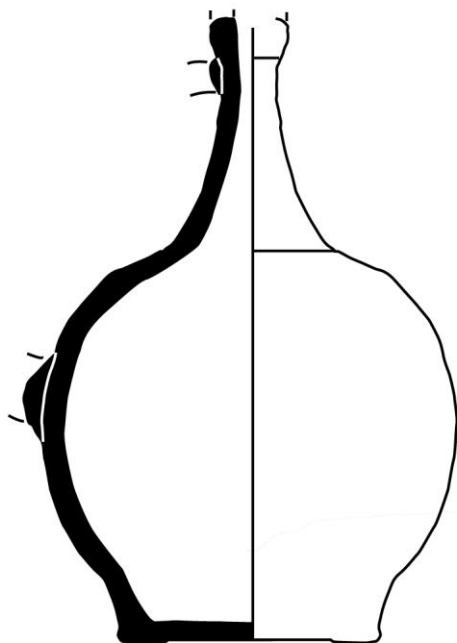
PF.00/7178-503; Produção exógena

Tigelas (bordos)



PF.00/7178-502;

Garrafas (fundos)



PF.00/10014-01; Produção local/regional

Escala 1:2

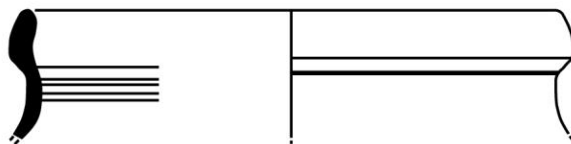


7. MATERIAIS SEM REFERÊNCIA CONTEXTUAL

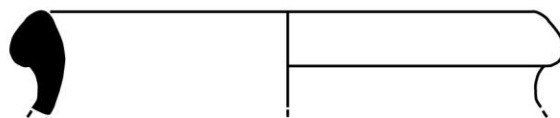
7.1. Cerâmica de cozinha

7.1.1. Panelas

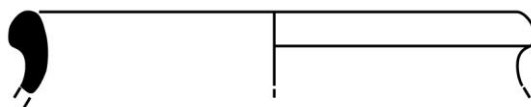
Bordos



PF.00/3021-900; Produção local/regional



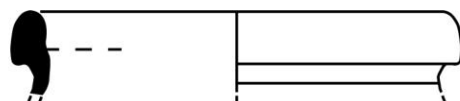
PF.00/3021-901; Produção local/regional



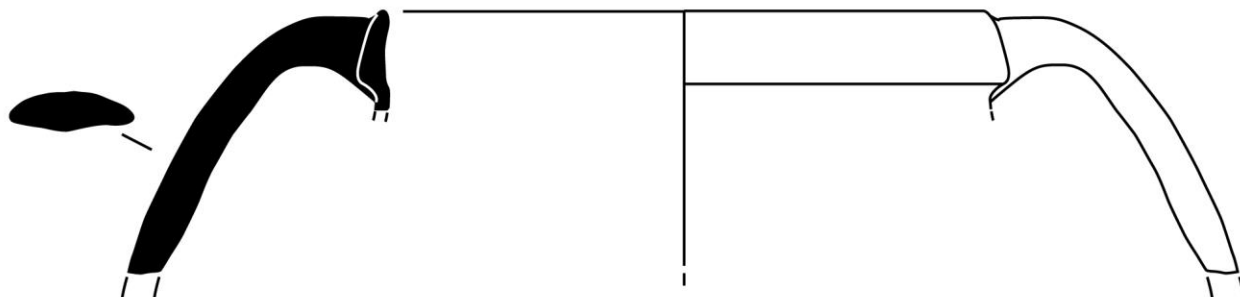
PF.00/2620-7; Produção local/regional



PF.00/7506-112; Produção local/regional



PF.00/2367-72; Produção local/regional



PF.00/7509-36; Produção local/regional

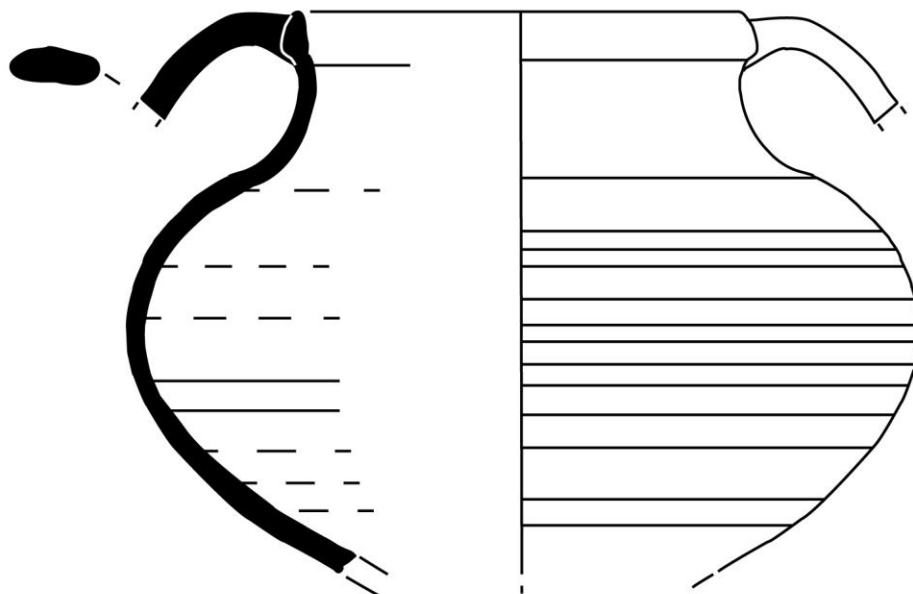
Escala 1:2



7.1. Cerâmica de cozinha

7.1.1. Panelas

Bordos



PF.00/7507-520; Produção local/regional

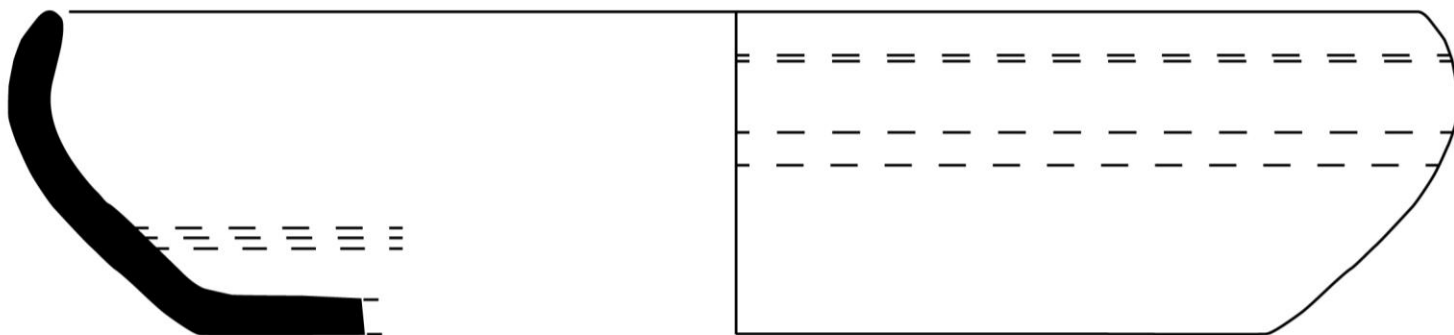
Escala 1:2



7.1. Cerâmica de cozinha

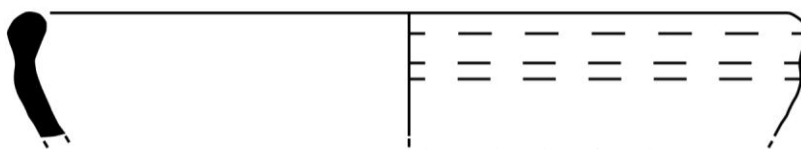
7.1.2. Caçoilas

Perfil completo

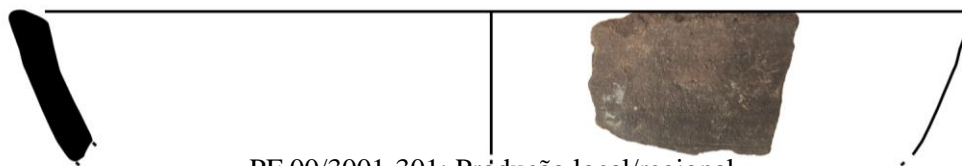


PF.00/2254-8d; Produção local/regional

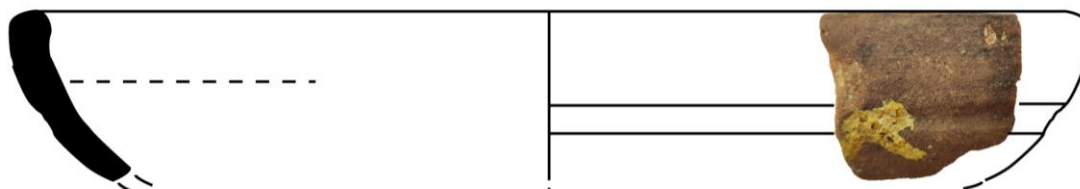
Bordos



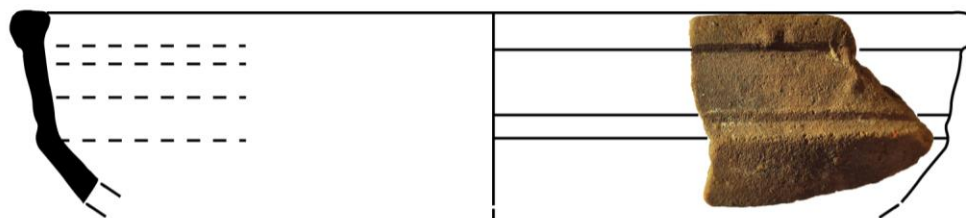
PF.00/1549-310; Produção local/regional



PF.00/3001-301; Produção local/regional

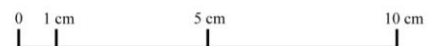


PF.00/2328-31; Produção local/regional



PF.00/2245-60; Produção local/regional

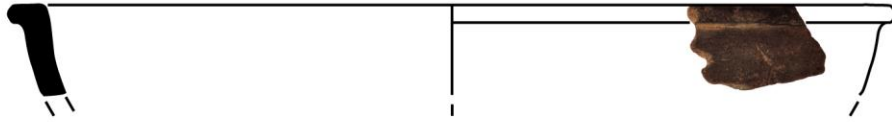
Escala 1:2



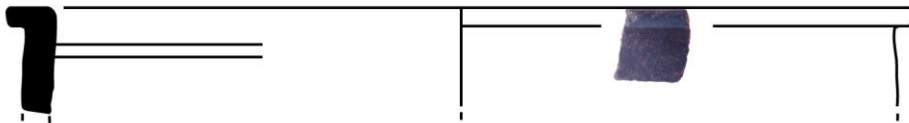
7.1. Cerâmica de cozinha

7.1.2. Caçoilas

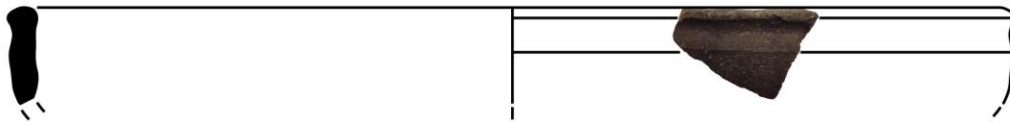
Bordos



PF.00/2354-32; Produção local/regional



PF.00/2360-17; Produção local/regional

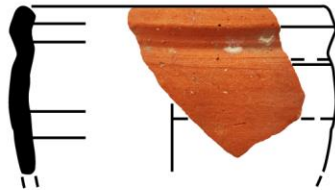


PF.00/2327-4; Produção local/regional

7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

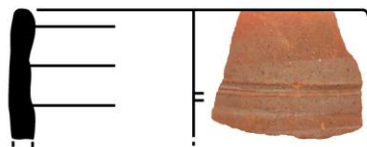
Bordos



PF.00/2367-9; Produção local/regional

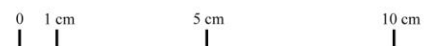


PF.00/3001-302; Produção local/regional



PF.00/10018-202; Produção local/regional

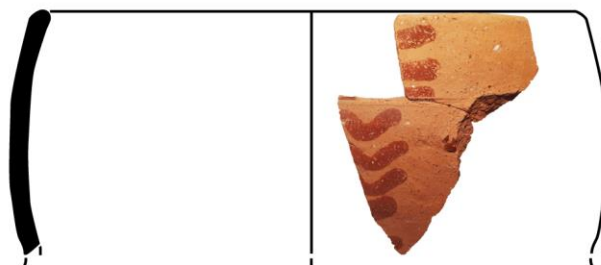
Escala 1:2



7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

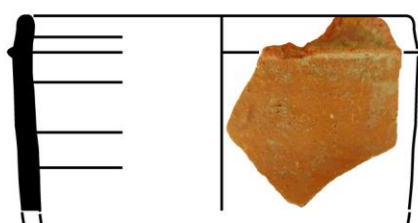
Bordos



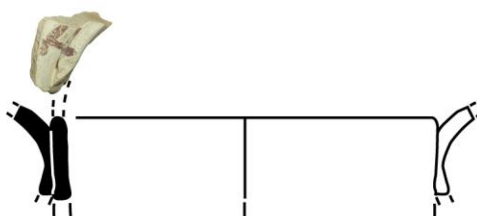
PF.00/7507-77; Produção exógena



PF.00/2770-29; Produção local/regional

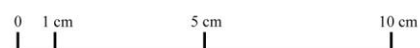


PF.00/ 2770-30; Produção local/regional



PF.00/3021-203; Produção exógena

Escala 1:2



7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

Bordos

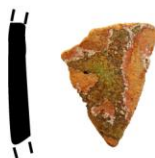


PF.00/1906-901; Produção exógena

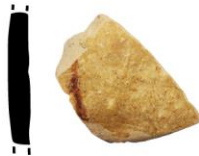
Colos



PF.00/1550-501; Produção local/regional

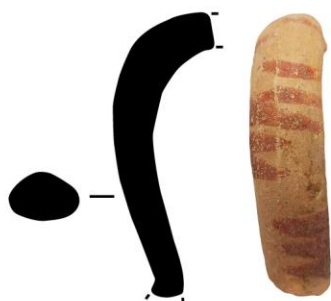


PF.00/2245-35; Produção local/regional



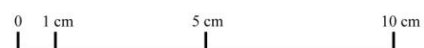
PF.00/1998-902; Produção exógena

Asas



PF.00/1998-901; Produção local/regional

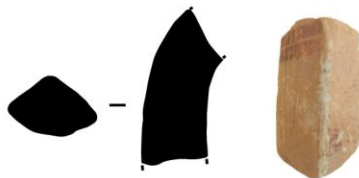
Escala 1:2



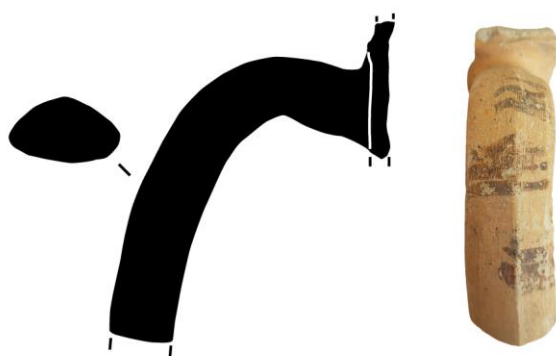
7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

Asas



PF.00/3001-303; Produção local/regional



PF.00/1549-303; Produção exógena



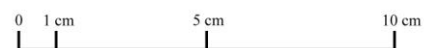
PF.00/7507-03b; Produção local/regional

Bojos



PF.00/1550-502; Produção local/regional

Escala 1:2



7.2. Cerâmica de mesa

7.2.1. Jarras, jarros e jarritas

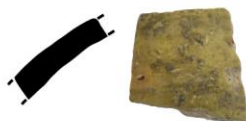
Bojos



PF.00/1549-308; Produção exógena



PF.00/1549-311; Produção exógena



PF.00/1549-306; Produção exógena



PF.00/7507-01; Produção exógena

Fundos



PF.00/3001-311; Produção exógena

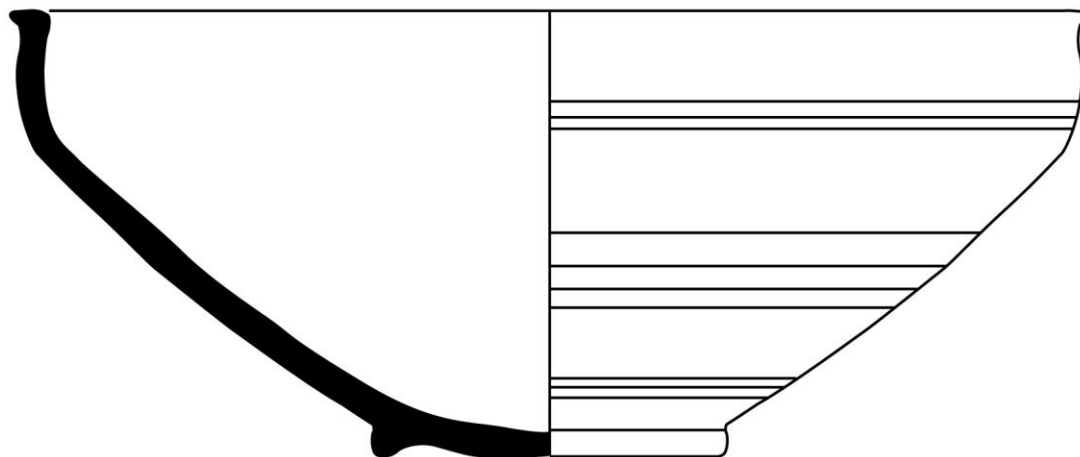
Escala 1:2



7.2. Cerâmica de mesa

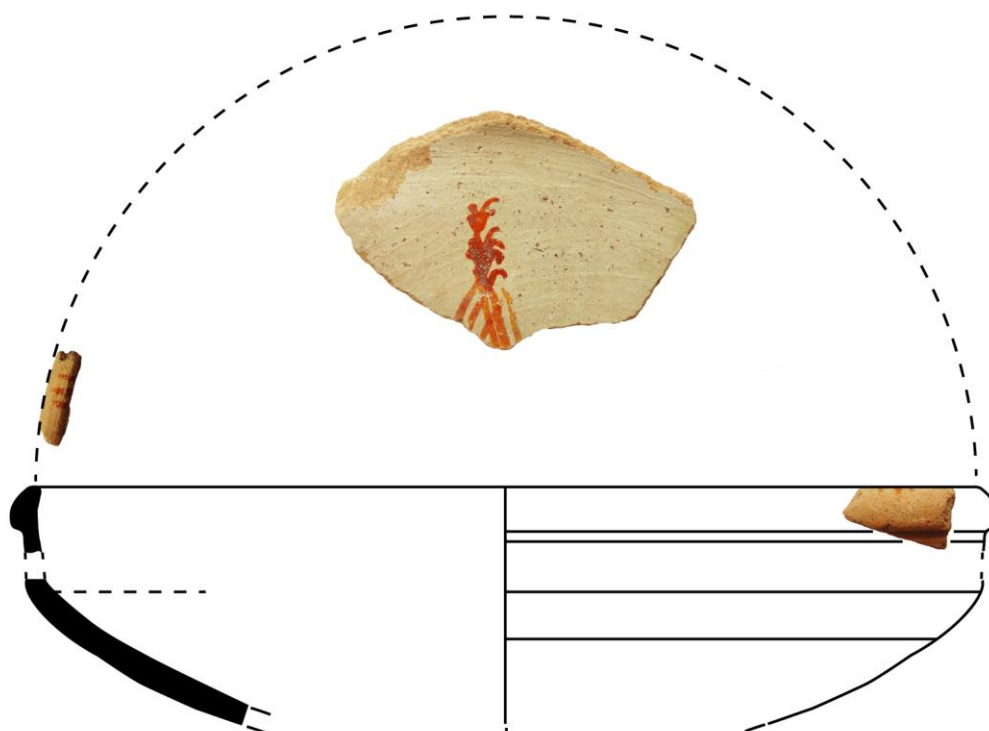
7.2.2. Tigelas

Perfis completos



PF.00/2251-1; Produção local/regional

Perfis completos



PF.00/2328-21; Produção local/regional

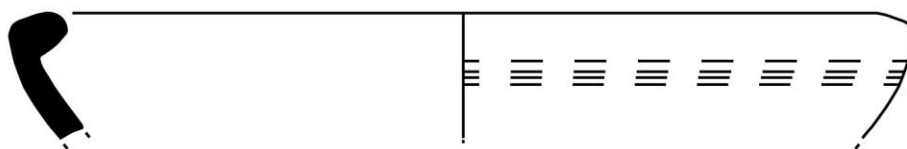
Escala 1:2



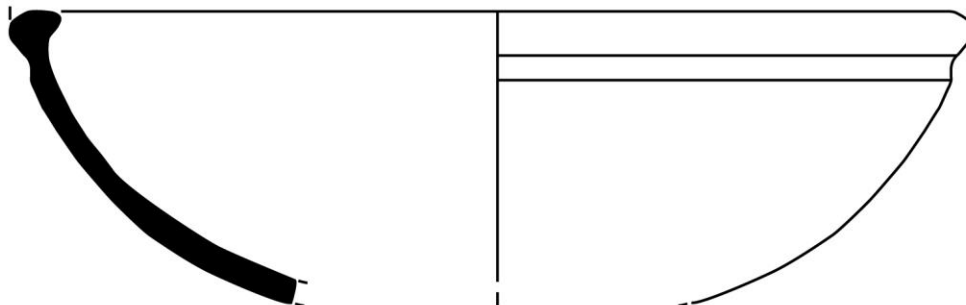
7.2. Cerâmica de mesa

7.2.2. Tigelas

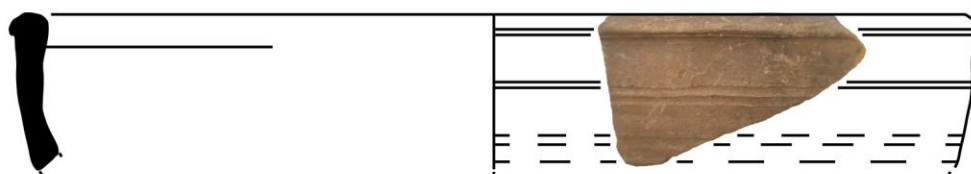
Bordos



PF.00/10018-203; Produção local/regional

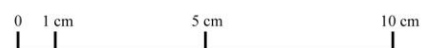


PF.00/7509-30a; Produção local/regional



PF.00/1481-801; Produção local/regional

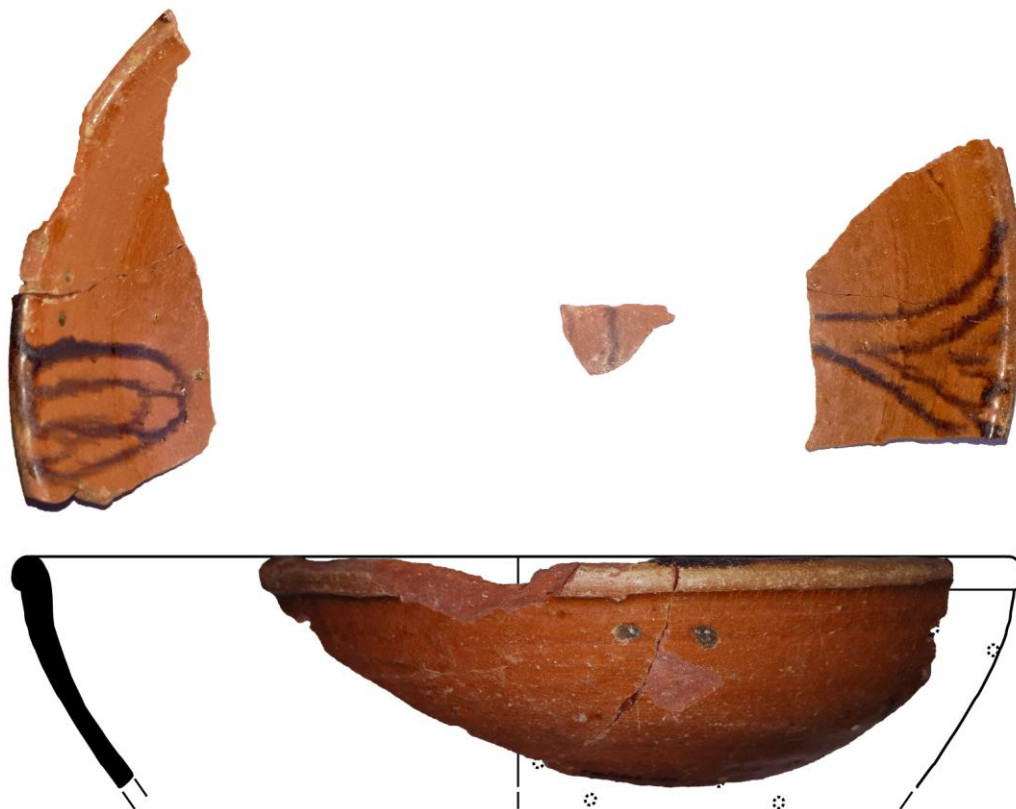
Escala 1:2



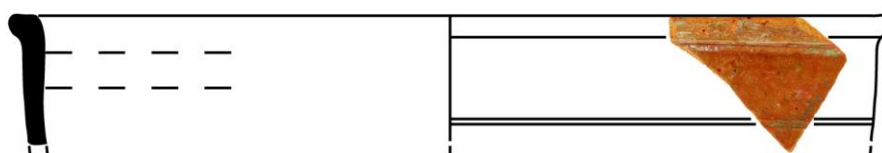
7.2. Cerâmica de mesa

7.2.2. Tigelas

Bordos



PF.00/7507-04; Produção local/regional



PF.00/2354-17; Produção local/regional



PF.00/1549-312; Produção exógena

Escala 1:2



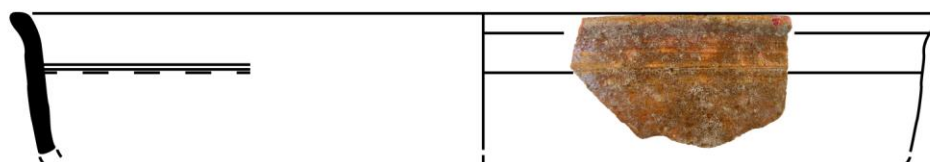
7.2. Cerâmica de mesa

7.2.2. Tigelas

Bordos



PF.00/1481-802; Produção local/regional



PF.00/2360-16; Produção local/regional



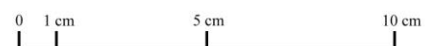
PF.00/2703-104; Produção local/regional

Bojos



PF.00/1550-505; Produção exógena

Escala 1:2



7.2. Cerâmica de mesa

7.2.2. Tigelas

Fundos



PF.00/1550-503; Produção exógena



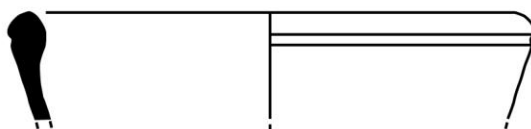
PF.00/1550-504; Produção local/regional



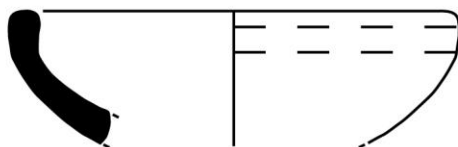
PF.00/1549-305; Produção exógena

7.2.3. Taças

Bordos

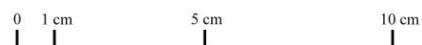


PF.00/1549-302; Produção local/regional



PF.00/1549-307; Produção local/regional

Escala 1:2



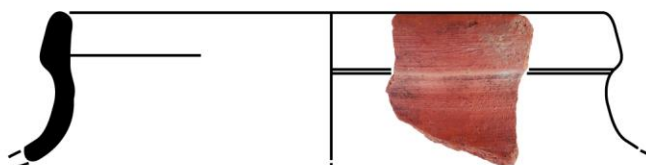
7.3. Cerâmica de armazenamento

7.3.1. Potes

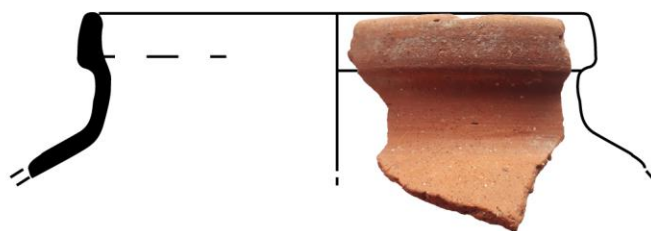
Bordos



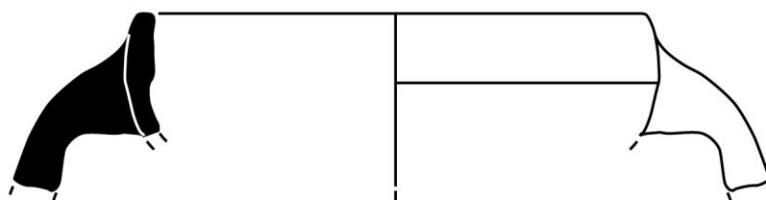
PF.00/3021-204; Produção local/regional



PF.00/7506-111; Produção local/regional



PF.00/7507-34; Produção local/regional



PF.00/7509-34; Produção local/regional

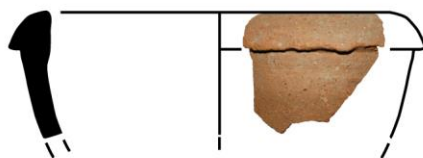
Escala 1:2



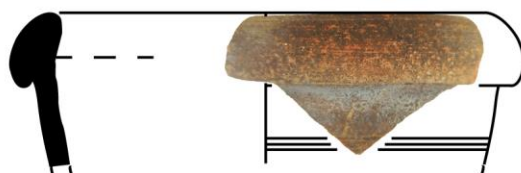
7.3. Cerâmica de armazenamento

7.3.1. Cântaros

Bordos

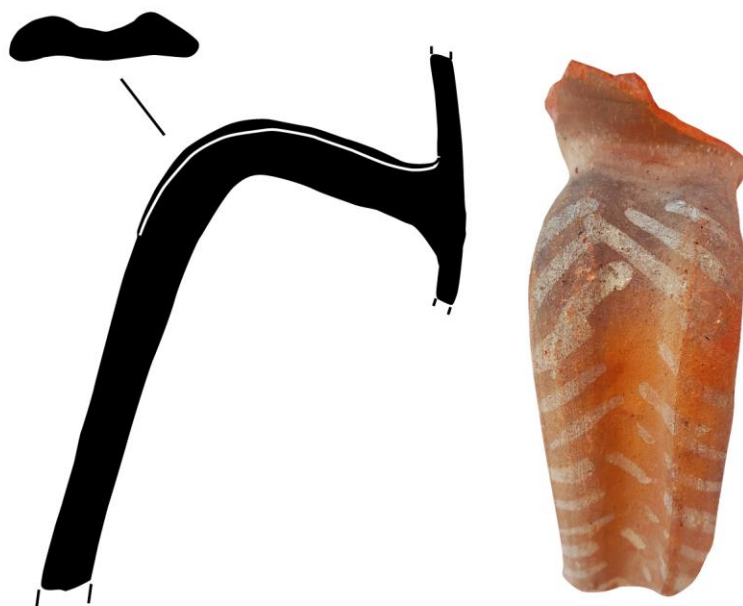


PF.00/3021-961; Produção local/regional



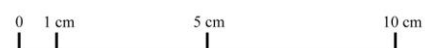
PF.00/7506-113; Produção local/regional

Asas



PF.00/2360-28; Produção local/regional

Escala 1:2



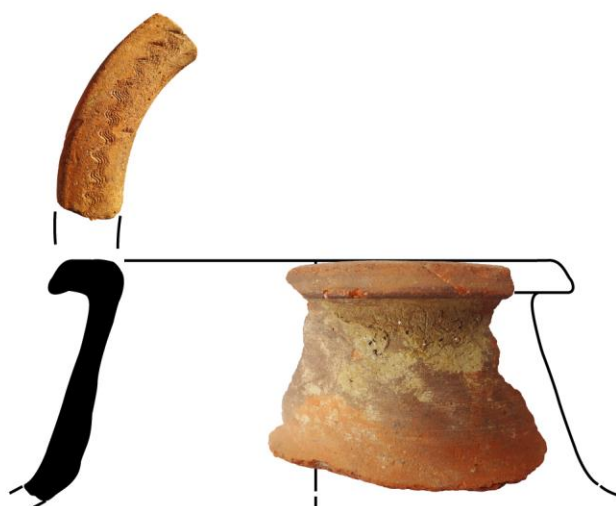
7.3. Cerâmica de armazenamento

7.3.1. Talhas

Bordos



PF.00/7509-101; Produção local/regional



PF.00/ 2528-26; Produção local/regional

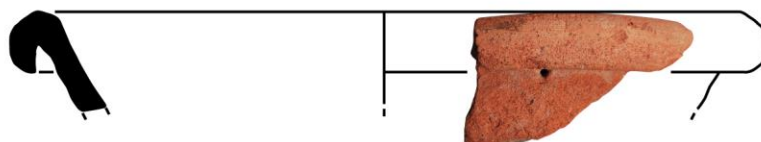
Escala 1:4



7.4. Cerâmica multifuncional

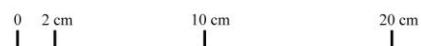
7.4.1. Alguidares

Bordos



PF.00/10018-201; Produção local/regional

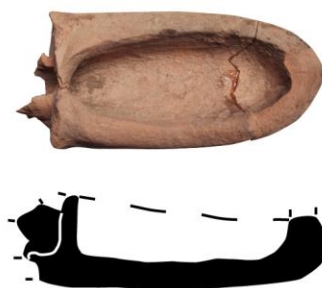
Escala 1:4



7.5. Cerâmica de iluminação

7.5.1. Candis

Bicos



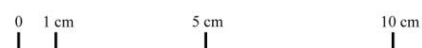
PF.00/10018-01; Produção exógena

Depósitos



PF.00/3001-310; Produção local/regional

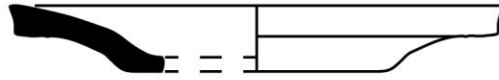
Escala 1:2



7.6. Cerâmica de uso auxiliar

7.6.1. Testos

Perfis completos



PF.00/2703-1058; Produção local/regional

Fundos



PF.00/1549-304; Produção local/regional

7.7. Outros objetos

7.7.1. Peças de jogo



PF.00/3021-27; Produção local/regional



PF.00/2620-4; Produção local/regional

Escala 1:2



7.7. Outros objetos

7.7.2. Pederneira (sílex)



PF.00/1906-902

Escala 1:1



7.7.3. Mó (elemento dormente)



PF.00/1481-804

Escala 1:2



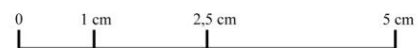
7.7. Outros objetos

7.7.4. Ponta de lança (ferro)



PF.00/6438-01

Escala 1:1



8. Inventário

8.1. Fase 1 – Fase de construção

U.E. [1503]

Cerâmica de cozinha

Caçoilas

PF.00/1503-702 – Bordo de caçoila

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 1,7 cm

Diâmetro do bordo: 26 cm

Espessura do bojo: 0,8 cm

Sem decoração

Tonalidade: MUNSELL - Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/1503-701 – Colo de jarra/jarro/jarrita

Colo cilíndrico curvo

Espessura do colo: 0,2 – 0,3 cm

Decoração: corda seca parcial com pintura a negro

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado claro

Fabrico: F9

Origem: local/regional

U.E. [1508]

Cerâmica de uso auxiliar

Suporte de talha

PF.00/506-1c – Bordo de suporte de talha

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio arredondado espessado internamente

Colo cilíndrico

Espessura do bordo: 3,75 cm

Diâmetro do bordo: 56 cm

Espessura do colo: 1,6 cm

Decoração: linhas onduladas incisadas e engobe na face superior do bordo
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

U.E. [1511]

Cerâmica de mesa

Panelas

PF.00/1511-602 – Bordo de panela
Bordo vertical
Lábio em aba arredondada
Colo troncocónico curvo
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 15 cm
Espessura do colo: 0,5-0,6 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado escuro
Origem: local/regional
Tipologia 4

Outros objetos

Pilão

PF.00/1511-603 – Pilão
Comprimento: 9,7 cm
Largura: 4,25 cm
Altura: 3,2 cm
Observações: apresenta marcas de usos nas extremidades

Peso de tear

PF.00/1511-601 – Peso de tear
Largura: 5,2 cm
altura: 3,9 cm

U.E. [1527]

Cerâmica de armazenamento

Talhas

PF.00/1527-901 – Bordo de talha

Bordo vertical

Lábio retangular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 4,4 cm

Diâmetro do bordo: 40 cm

Espessura do colo: 1,7 cm

Decoração: motivos ondulados incisos na face superior do bordo

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

U.E. [3013]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/15191-2 – Bordo de jarrita

Bordo vertical

Lábio arredondado com ligeiro espessamento interno

Colo cilíndrico curvo

Espessura do bordo: 0,45 cm

Diâmetro do bordo: 6 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: pintura a branco (linhas horizontais e onduladas)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

U.E. [3040], [3046] e [3047]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/5500-901 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio em aba arredondada

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: sem decoração

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 4

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/5500-43 – Bordo de jarrita

Bordo extrovertido

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 6 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF:00/5500-47 – Bordo de jarra

Bordo vertical

Lábio semicircular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 1,1 cm

Diâmetro do bordo: 8 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 8

PF.00/5500-913 – Colo de jarra
Colo cilíndrico reto
Espessura do colo: 0,6-0,7 cm
Decoração: pintura a preto (linhas horizontais e ziguezagues)
Cozedura: oxidante-redutora
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege escuro
Fabrico: F9
Origem: local/regional

Tigelas

PF.00/5500-911 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba
Corpo cilíndrico
Espessura do bordo: 1,1 cm
Diâmetro do bordo: 21 cm
Espessura do bojo: 0,45-0,6 cm
Decoração: vidrado melado esverdeado em ambas as faces
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado claro
Fabrico: V2
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/5500-912 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio quadrangular
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 20 cm
Espessura do bojo: 0,7 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/5500-914 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio tendencialmente retangular

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do bojo: 0,3 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cântaros

PF.00/5500-916 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba

Colo tendencialmente cilíndrico reto

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Asa vertical de perfil fitiforme com duas nervuras

Altura da asa: 1,2 cm

Largura da asa: 4,7 cm

Decoração: pintura a branco e caneluras ao longo do colo

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cântaros

PF.00/5500-916 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba

Colo tendencialmente cilíndrico reto

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Asa vertical de perfil fitiforme com duas nervuras

Altura da asa: 1,2 cm
Largura da asa: 4,7 cm
Decoração: pintura a branco e caneluras ao longo do colo
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/5500-950 – Asa de cântaro
Colo troncocónico invertido
Espessura do colo: 0,4 cm
Espessura do bojo: 0,4 – 0,7 cm
Asa vertical de secção fitiforme com duas nervuras
Altura da asa: 1,2 cm
Largura da asa: 5,1 cm
Decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

U.E. [3043]

Cerâmica de cozinha

Caçoilas

PF.00/5502-10 – Bordo de Caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bordo: 1,05 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: incisão ao longo do bojo
Cozedura: redutor-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “very pale brown” – castanho claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

Cerâmica de mesa

Bilha

PF.00/5502-1 – Colo de bilha

Colo cilíndrico reto

Diâmetro do colo: 2,5 cm

Espessura do colo: 0,7 cm

Espessura do bojo: 0,4-1,5 cm

Decoração: pintura a preto + corda seca parcial, sendo observada a representação de figo místico

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Origem: exógena

8.2. FASE 2 – FASE DE REFORMULAÇÕES

U.E. [1531]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF00/1531-301 – Bordo de panela

Bordo vertical com lábio de tendência retangular

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura colo: 0,35 cm

Espessura bordo: 0,7cm

Largura asa: 3,2cm

Altura asa: 1,15 cm

Asa vertical de secção fitiforme

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

Caçoilas:

PF.00/1531-101 – Bordo de caçoila

Bordo ligeiramente introvertido com lábio semicircular

Diâmetro: 17 cm

Espessura bojo: 0,4 cm

Espessura bordo: 1,1 cm

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

Cerâmica de mesa:

Jarras, jarros e jarritas:

PF.00/1531-120 – Bordo de jarrita

Bordo ligeiramente extrovertido com lábio arredondado

Diâmetro do bordo: 6 cm

Espessura do bordo: 0,5 cm

Espessura do colo: 0,4 cm
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/1531-201 – Asa de jarra/jarro/jarrita

Asa vertical de perfil oval

Largura asa: 1,8 cm

Altura: 1,3 cm

Decoração: Pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Fabrico: F8

Origem: Exógena

Tigelas

PF.00/1531-205 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio de tendência semicircular

Espessura do bojo: 0,6-0,8 cm

Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bordo: 1,2cm

Decoração: pintura a vermelho (3 linhas verticais) sobre pintura a branco

Fabrico: F1b

Origem: local/regional

Tipologia 7

U.E. [1572/1574]

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/1572-103 – bordo de jarra

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado, espessado internamente

Colo cilíndrico curvo

Diâmetro do bordo: 8 cm

Espessura do bordo: 0,7 cm

Espessura do colo: 0,35 cm

Decoração: pintura a branco (faixas horizontais) + canelura

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/1572-104 – Bordo de jarra/jarrita

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado

Colo cilíndrico curvo

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do bordo: 0,35 cm

Espessura do colo: 0,35 cm

Decoração: corda seca parcial + pintura a preto

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Origem: exógena

Tipologia 1

PF:00/1572-106 – Bojo de jarra

Espessura do bojo: 0,5 cm

Decoração: pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege

Fabrico: F6

Origem: local/regional

Tigelas

PF.00/1572-102 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba plana

Corpo em calote ovoide

Fundo plano

Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bordo: 0,9 cm

Espessura do bojo: 0,5-0,6 cm

Espessura do fundo: 0,5-0,7 cm

Decoração: linha incisa horizontal ao longo do bojo, na face externa

Cozedura: oxidante

Tonalidade: 2.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/1572-105 – Bojo de tigela

Espessura do bojo: 0,55-0,6 cm

Decoração: corda seca parcial externo + vidrado melado escuro interno

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: V5
Origem: exógena

PF.00/1572-107 – Bojo de tigela
Espessura do bojo: 0,55 – 0,6 cm
Decoração: vidrado melado externo + corda seca total na face interna, em tons melado e verde claro
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – rosa alaranjado claro
Fabrico: V5
Origem: exógena

PF.00/1572-108 – Bordo de tigela
Bordo ligeiramente extrovertido ou oblíquo com lábio arredondado em pequena aba
Diâmetro do bordo: 21 cm
Espessura do bordo: 0,45 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: vidrado melado externo + vidrado melado e manganês na face interna
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – rosa alaranjado
Fabrico: V2
Origem: local/regional
Tipologia 1

Púcaros

PF.00/1572-201 – Fundo de púcaro
Corpo globular
Fundo em pé de anel baixo vertical
Asa vertical (fragmentada)
Espessura do bojo: 0,3 cm
Diâmetro do fundo: 4,2 cm
Decoração: pinceladas de vidrado melado
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: V2
Origem: local/regional

Outros objetos

Núcleos de sílex

PF.00/1572-300 – Núcleo de sílex
Altura: 5,3 cm
Comprimento: 5 cm

PF.00/1572-301 – Núcleo de sílex
Altura: 6,3 cm
Comprimento: 4,2 cm

Pederneiras

PF.00/1572-302 – Pederneira
Altura: 3,2 cm
Comprimento: 2,8 cm

Percutor

PF.00/1572-303 – Percutor
Altura: 5,9 cm
Comprimento: 6,75 cm
Observações: apresenta marcas de uso na parte proximal

U.E. [1577]

Cerâmica de mesa:

Jarras, jarros e jarritas:

PF.00/15001-39 – Colo de jarra/jarro/jarrita
Colo cilíndrico reto
Espessura do colo: 0,3-0,35 cm
Decoração: pintura a negro (linhas horizontais onduladas)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme
Fabrico: F8
Origem: exógena

Tigelas

PF.00/15001-196 – Bojo de tigela
Espessura do bojo: 0,5-0,7 cm
Decoração: pintura a vermelho
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “very pale brown” – bege escuro
Fabrico: F12
Origem: exógena

Objetos lúdicos

Peças de jogo

PF.00/15001-43 – Peça de jogo
Altura: 0,5-0,6 cm

Diâmetro: 2,8 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 6/4 – light brown – castanho claro alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/15006-1 – Bordo de pote
Bordo vertical com lábio arredondado espessado externamente
Diâmetro do bordo: 10cm
Espessura do bordo: 0,85cm
Espessura do bojo: 0,3cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

U.E. [3011]

Cerâmica de mesa

Tigelas

PF.00/3011-871 – Bojo de tigela
Espessura do bojo: 0,5-0,6 cm
Decoração: aguada + pintura a velho (linhas diagonais)
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege rosado
Fabrico: F2
Origem: exógena

Cerâmica de armazenamento

Cântaros

PF.00/3011-961 – Asa de cântaro
Colo cilíndrico reto
Asa vertical de secção fitiforme
Espessura do colo: 0,4 cm
Altura da asa: 1,1 cm
Largura da asa: 4,2 cm
Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja rosado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Cerâmica multifuncional

Alguidares

PF.00/3011-872 – Bordo de alguidar

Bordo extrovertido

Lábio em aba semicircular

Espessura do bordo: 3,4 cm

Diâmetro do bordo: 52 cm

Espessura do bojo: 1,35-2 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

Objetos lúdicos

Peças de jogo

PF.00/1506-961 – Peça de jogo

Comprimento: 2,1 cm

Largura: 2,1 cm

Altura: 0,7 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora

Fabrico: F1

Origem: local/regional

U.E. [3026]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/3026-752 – Colo de jarrita

Espessura do colo: 0,5 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: Corda seca parcial

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 8/3 – “pink” – creme esbranquiçado

Fabrico: V4b
Origem: exógena

Tigelas

PF.00/3026-751 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio quadrangular

Corpo troncocónico invertido

Carena média marcada

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 23 cm

Espessura do bojo: 0,7 cm

Decoração: pintura a vermelho na face interna

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – creme acastanhado escuro

Fabrico: F7

Origem: exógena

Tipologia 6

8.3. FASE 3A – FASE DE USO

U.E. [2233] e [2236]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/1008-42 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,6 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/1008-80 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio arredondado espessado externamente

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do colo: 0,45 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

PF.00/1008-111 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do bojo: 0,35 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/1008-1 – Perfil completo de panela

Bordo introvertido

Lábio em aba

Corpo bitroncocónico

Asa vertical com secção tendencialmente oval a arrancar diretamente do colo

Fundo plano

Espessura do bordo: 1,25 cm

Diâmetro do bordo: 16 cm

Espessura do colo: 0,45 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Espessura do fundo: 0,3 cm

Diâmetro do fundo: 11,5 cm

Altura da asa: 1,3 cm

Largura da asa: 2 cm

Decoração: engobe+pintura a branco

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

PF.00/1008-64 – Bordo de panela

Bordo ligeiramente introvertido ou vertical

Lábio arredondado

asa vertical de secção tendencialmente oval

Diâmetro bordo: 8cm

Espessura bordo: 0,6cm

Espessura bojo: 0,4cm

Altura da asa: 1 cm

Largura da asa: 3,25cm

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 7

PF.00/1008-305 – Fundo de panela

Fundo plano

Corpo hemisférico

Espessura do bojo: 0,5 – 0,9 cm

Espessura do fundo: 0,5 – 0,9 cm
Diâmetro do fundo: 10 cm
Decoração: engobe + pintura a branco
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

Caçoilas

PF.00/1008-65 – Bordo de caçoila
Bordo vertical
Lábio quadrangular
Corpo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 1,4 cm
Diâmetro do bordo: 19 cm
Espessura do bojo: 0,9 cm
Decoração: brunido interno + pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

PF.00/1008-67 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 1,1 cm
Diâmetro do bordo: 22 cm
Espessura do bojo: 0,8 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: Local/regional
Tipologia 6

PF.00/1008-410 – Bordo de caçoila
Bordo vertical
Lábio semicircular
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 1,1 cm
Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm
Sem decoração
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: Local/regional
Tipologia 2

PF.00/7188-14 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Corpo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 0,85 cm
Diâmetro do bordo: 21 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: brunido interno + engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/7188-101 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 0,9 cm
Diâmetro do bordo: 30 cm
Espessura do bojo: 1 cm
Decoração: brunido interno + engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/7188-102 – Perfil completo de jarra
Bordo vertical
Lábio arredondado com espessamento interno
Colo cilíndrico curvo
Corpo ovoide

Fundo plano

Asa vertical de secção oval

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Espessura do fundo: 0,4 cm

Diâmetro do fundo: 8,5 cm

Altura da asa: 1,35 cm

Largura da asa: 1,7 cm

Decoração: pintura a branco + caneluras

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/1008-3 – Bordo de jarro

Bordo vertical

Lábio plano

Corpo piriforme

Espessura do bordo: 0,3 cm

Diâmetro do bordo: 7 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: engobe + pintura a branco

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

PF.00/1008-301 – Bordo de jarra

Bordo vertical

Lábio biselado

Colo cilíndrico reto

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

PF.00/1008-45 – Bordo de jarra, jarrita ou jarro

Bordo extrovertido

Lábio arredondado

Colo cilíndrico curvo

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: pintura a branco (ziguezagues)

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 6/4 – “light reddish brown” – castanho acinzentado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/1008-210 – Bordo de jarra

Bordo vertical

Lábio biselado

Colo cilíndrico reto

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

PF.00/1008-304 – Colo de jarra/jarro/jarrita

Colo cilíndrico

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: corda seca parcial + pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado claro

Fabrico: V2

Origem: local/regional

PF.00/7188-18 – Fundo de jarrita/jarrito

Fundo plano

Espessura do bojo: 0,55-0,8 cm

Espessura do fundo: 0,3 cm

Diâmetro do fundo: 4,5 cm

Decoração: vidrado verde claro na face externa

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white” – amarelo esbranquiçado
Fabrico: V1
Origem: local/regional

Tigelas

PF.00/1008-2e – Bordo de tigela

Bordo introvertido

Lábio em aba plana

Corpo em calote ovoide

Espessura do bordo: 1,2 cm

Diâmetro do bordo: 26 cm

Espessura do bojo: 0,6-0,8 cm

Decoração: vidrado melado claro na face externa + melado na face interna

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white” – bege amarelado claro

Fabrico: V1

Origem: local/regional

Tipologia 10

PF.00/1008-3a – Bordo de tigela

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Corpo em calote esférica

Espessura do bordo: 1,8 cm

Diâmetro do bordo: 27 cm

Espessura do bojo: 0,8-1 cm

Decoração: engobe + pintura a branco (zigzagues, linhas verticais – por vezes em conjuntos de três – e símbolos indeterminados)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 4

PF.00/1008-36 – Perfil completo de tigela

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Corpo em calote esférica

Fundo plano

Espessura do bordo: 1,8 cm

Diâmetro do bordo: 27 cm

Espessura do bojo: 0,8 cm

Espessura do fundo: 0,25-1 cm

Diâmetro do fundo: 14 cm

Decoração: engobe + pintura a branco (motivos radiais, ziguezagues, linhas verticais)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

PF.00/7188-07 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio quadrangular
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 1,45 cm
Diâmetro do bordo: 34 cm
Espessura do bojo: 1 cm
Decoração: brunido interno + engobe
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/1008-306 – Fundo de tigela
Fundo em pé anelar vertical e moldurado
Espessura do bojo: 0,7 cm
Espessura do fundo: 0,3-0,9 cm
Diâmetro do fundo: 11 cm
Espessura do pé: 0,65 cm
Altura do pé: 0,8 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/1008-302 – Fundo de tigela
Fundo em pé anelar plano
Espessura do fundo: 0,8 cm
Altura do pé: 0,33 cm
Comprimento do pé: 0,8 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado claro
Origem: local/regional
Fabrico: F1

Púcaros

PF.00/1008-202 – Perfil completo de púcaro

Bordo vertical

Lábio arredondado

Colo troncocónico invertido

Corpo ovoide

Fundo em pé anelar baixo e diagonal

asa vertical de secção indeterminada

Espessura do bordo: 0,38 cm

Diâmetro do bordo: 7,5 cm

Espessura do bojo: 0,38 cm

espessura do pé: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/3 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: F6

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/1008-39a -Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Colo troncocónico invertido

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do bordo: 0,85 cm

Espessura do colo: 0,35 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cântaros

PF.00/1008-85 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba plana

Colo cilíndrico reto

Espessura do bordo: 1,6 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

Talhas

PF.00/1008-201 – Bordo de talha

Bordo extrovertido

Lábio retangular de arestas arredondadas

Espessura do bordo: 3,3 cm

Diâmetro do bordo: 19 cm

Espessura do colo: 1,1 cm

Espessura do bojo: 0,8 cm

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

8.4. Fase 3B – Fase de uso

U.E. [1578] e [1579]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/1578-101 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio tendencialmente retangular

Asa vertical de secção fitiforme

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura do bordo: 0,7 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Altura da asa: 1,1 cm

Largura da asa: 3,8 cm

Sem decoração

cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Cântaros

PF.00/1578-102 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba pendente

Diâmetro do bordo: 12

Espessura do bordo: 1 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: engobe e canelura

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/1578-103 – Fundo de cântaro

Fundo plano

Perfil tendencialmente ovoide

Asa vertical de secção fitiforme com 2 nervuras

Diâmetro do fundo: 20 cm

Diâmetro do colo: 9 cm

Espessura do fundo: 0,6-1 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Largura da asa: 5 cm

Altura da asa: 1,5 cm

Decoração: engobe + pintura a branco (motivos geométricos e ondulados digitados) + caneluras

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

8.5. FASE 4 – ABANDONO

U.E. [1505] e [1506]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF00/1326-513 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio em aba

Colo troncocônico reto

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Sem decoração

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro

Fabrico: F1

Origem: Local/Regional

Tipologia 4

Caçoilas

PF.00/1326-530 – Bordo de caçoila

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Diâmetro do bordo: 27 cm

Espessura do bolo: 1,2 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Sem decoração

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia 6

PF00/1326-500 – Bordo de caçoila

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 23 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Cozedura: Redutor-Oxidante

Sem decoração

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro
Fabrico: F1
Origem: Local/regional;
Tipologia 6

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/1326-13 – Asa de Jarrita

Asa de secção triangular

Altura da asa: 1,2 cm

Largura da asa: 2,2 cm

Decoração: Vidrado melado claro e castanho

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “pale yellow” – creme.

Fabrico: V4b

Origem: Exógena

PF.00/1326-17 – Fundo de jarrita

Fundo em pé alto maciço

Corpo ovoide

Espessura do fundo: 2 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege claro

Fabrico: F4

Origem: Exógena

F.00/1326-60 – Bordo de jarra

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento interno

Colo cilíndrico reto

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do bordo: 0,5 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: Pintura a branco (linhas horizontais) + Linhas incisas horizontais

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia 3

PF.00/1326-104 – Bordo de jarrita

Bordo vertical

Lábio biselado
Colo cilíndrico reto
Diâmetro do bordo: 7 cm
Espessura do bordo: 0,5 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Decoração: Pintura a branco (“pintas” brancas e linhas horizontais) + incisão
Cozedura: Redutor-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro
Fabrico: F1
Origem: Local/regional
Tipologia 2

PF.00/1326-343 – Fundo de jarrita
Fundo plano
Diâmetro do fundo: 8 cm
Espessura do fundo: 0,6 cm
Espessura do bojo: 0,45 cm
Decoração: Vidrado melado na face externa e vidrado cinzento na face interna
Cozedura: Oxidante
Fabrico: V3
Origem: Local/regional

PF.00/1326-502 – Bordo de jarro
Bordo tendencialmente vertical;
Lábio de tendência retangular
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bordo: 0,6 cm
Diâmetro do bordo: 10 cm
Espessura do colo: 0,4 – 0,6 cm
Decoração: Pintura a branco
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/6 – “yellow” – bege
Fabrico: F6
Origem: Local/regional.
Tipologia 7

PF.00/1326-503 – Fundo de jarrita
Fundo com pé anelar baixo e diagonal
Espessura do fundo: 0,25 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Diâmetro do fundo: 6 cm
Decoração: Pintura a vermelho (linha vertical no bojo)
Cozedura: Oxidante
Origem: Exógena

PF.00/1576-506 – Bordo de jarra/jarro/jarrita

Bordo vertical

Lábio arredondado

Colo cilíndrico curvo

Espessura do bordo: 0,5 cm

Diâmetro do bordo: 8 cm

Espessura do colo: 0,2 – 0,35 cm

Decoração: pintura a branco (linha ondulada)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 4

PF.00/1326-61 – Asa de jarra

Asa vertical de secção triangular

Altura da asa: 1,6 cm

Comprimento da asa: 2,75 cm

Decoração: corda seca parcial

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/6 – “reddish yellow” – bege alaranjado

Fabrico: V5

Origem: Exógena

PF.00/1326-508 – Asa de jarra

Asa vertical de secção triangular

Altura da asa: 1,55 cm

Largura da asa: 2,2 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: Corda seca parcial + pintura a preto

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “pale yellow” – creme

Origem: Exógena

PF.00/1326-901 – Asa de jarra

Asa vertical de secção circular

Altura da asa: 1,7 cm

Comprimento da asa: 2,45 cm

Decoração: pintura a vermelho (traços horizontais)

Cozedura: oxidante

Fabrico: F6

Origem: local/regional

PF.00/1326-651 – Bojo de jarrita

Espessura do bojo: 0,45 – 0,5 cm

Decoração: pintura a negro sobre base de pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – rosa alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/1326-903 – Asa de jarra
Asa vertical de secção oval
Altura da asa:
Comprimento da asa:
Decoração: corda seca parcial + traços pintados a negro
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – pale yellow – creme
Fabrico: V5
Origem: exógena

PF.00/1326-904 – Bordo de jarra
Bordo tendencialmente vertical
Lábio arredondado
Espessura do bordo: 0,45 cm
Espessura do colo: 0,3 cm
Diâmetro do bordo: 9 cm
Decoração: Pintura a vermelho (Faixas com ziguezagues ao do colo)
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “very pale brown” – Creme
Fabrico: F3
Origem: Exógena
Tipologia 1

PF.00/1326-971 – Asa de jarra
Asa de secção triangular
Altura da asa: 1,95 cm
Comprimento da asa: 2,4 cm
Decoração: pintura a vermelho
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/6 – “yellow” – bege amarelado
Fabrico: F8
Origem: exógena

PF.00/1576-501 – Colo de jarra/jarro/jarrita
Colo cilíndrico reto
Espessura do colo: 0,3 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas horizontais e ziguezagues)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” - creme

Fabrico: F6

Origem: local/regional

PF.00/1326-45 – Colo de jarra

Possível colo em tronco bitroncocónico

Espessura do colo: 0,55cm

Espessura do bojo: 0,5cm

Decoração: Vidrado melado e verde na parte interna, com vidrado verde na parte externa

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “pale yellow” – creme amarelado

Fabrico: V1

Origem: local/regional

PF.00/1326-48 – Bojo de jarra

Colo cilíndrico curvo

Espessura do colo: 0,5 cm

Decoração: Corda seca parcial

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/4 – “pale yellow” – creme

Fabrico: V4b

Origem: Exógena

PF.00/1326-501 – Asa de Jarrita

Asa de secção circular

Altura da asa: 1,1 cm

Largura da asa: 1,65 cm

Sem decoração

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – rosa alaranjado

Fabrico: F6

Origem: local/regional

PF.00/1326-504 – Bojo de jarra

Corpo globular

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: Corda seca parcial

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: V2

Origem: local/regional

PF.00/1326-515 – Asa de jarra

Asa de perfil oval

altura da asa: 1,35 cm

Largura da asa; 1,9 cm

Decoração: pintura a branco (linhas horizontais ao longo da asa)

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – rosa alaranjado claro

Fabrico: F1

Origem: Local/Regional

PF.00/1576-502 – Bojo de jarra/jarro/jarrita

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: pintura a vermelho (linhas horizontais e ziguezagues)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

PF.00/1576-507 – Bojo de jarrita

Corpo ovoide

Espessura do bojo: 0,4 – 0,5 cm

Decoração: corda seca parcial

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: V6

Origem: exógena

Tigelas:

PF.00/1326-51 – Bojo de tigela

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: corda seca parcial na face interna, vidro melado claro na face externa

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/3 – “pink” – bege

Fabrico: V4b

Origem: exógena

PF.00/1326-62 – Bojo tigela

Espessura do bojo: 0,65 – 0,90 cm

Decoração: Pintura a vermelho na face interna

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 6/6 – “brownish yellow” – castanho alaranjado claro

Fabrico: F1b

Origem: local/regional

PF.00/1326-69 – Fundo de tigela

Fundo em pé baixo anelar

Espessura do fundo: 0,35 – 0,8 cm

Decoração: pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/6 – “redish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1b
Origem: local/regional

PF.00/1326-73 – Fundo de tigela
Fundo em pé de anel baixo e vertical
Espessura do fundo: 0,9 cm
Espessura do bojo: 0,75 cm
Decoração: Verde e manganês
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “pale yellow” – creme
Fabrico: V4a
Origem: Exógena

PF.00/1326-80 – Bordo de tigela
Bordo tendencialmente vertical
Lábio semicircular espessado
Diâmetro do bordo: 18 cm
Espessura do bordo: 0,9 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: Vidrado melado claro em ambas as faces
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “pale yellow” – creme
Fabrico: V4b
Origem: Exógena
Tipologia 8

PF.00/1326-506 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba
Espessura do bordo: 0,8 cm
Diâmetro do bordo: 19 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Decoração: Pintura a vermelho (pequenas linhas verticais no bordo)
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege rosado
Fabrico: F5
Origem: Exógena
Tipologia 5

PF.00/1326-509 – Bordo de tigela
Bordo tendencialmente vertical
Lábio arredondado
Carena alta suave
Espessura do bordo: 0,9 cm
Diâmetro do bordo: 17 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm

Decoração: Pintura a branco
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro
Origem: Local/regional
Fabrico: F1B
Tipologia 3B

PF.00/1326-516 – Fundo de tigela
Fundo em pé de anel baixo, vertical e moldurado
Espessura do fundo: 0,45 cm
Diâmetro do fundo: 9 cm
Espessura do bojo: 0,65 cm
Decoração: Vidrado melado interno e externo, com motivos a manganês na face interna
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho rosado claro
Fabrico: V2
Origem: Local/regional

PF.00/1326-909 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bordo: 1,1 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/1576-504 – Fundo de tigela
Fundo plano
Espessura do fundo: 0,8 – 0,85 cm
Decoração: engobe + pintura a vermelho (faixas horizontais + quadriculados)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” - bege
Fabrico: F6
Origem: local/regional

Taças

PF.00/1326-10 – Bordo de taça
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 14 cm

Espessura do bordo: 0,5 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: Pintura a vermelho
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege claro
Tamanho dos ENP’S: 0,5 a 3 mm
Fabrico: F6
Origem: Local/regional
Tipologia 4

PF.00/1326-63 – Bordo de taça
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 13 cm
Espessura do bordo: 0,45 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: Vidrado melado na face externa e vidrado melado esverdeado na face interna
Cozedura: Redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado
Fabrico: V2
Origem: Local/regional
Tipologia 4

Púcaros

PF.00/1576-513 – Fundo de púcaro
Corpo ovoide
Fundo em pé de anel baixo e diagonal
Asa vertical de secção oval
Espessura do colo: 0,35 cm
Espessura do bojo: 0,35 cm
Espessura do fundo: 0,35 cm
Diâmetro do fundo: 4,6 cm
Altura da asa: 0,65 cm
Largura da asa: 1,55 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – pink - bege
Fabrico: F6
Origem: local/regional

Garrafas

PF.00/1326-517 – Bordo de garrafa

Bordo vertical

Lábio arredondado

colo troncocônico reto

Diâmetro do bordo: 2,9 cm

Espessura do bordo: 0,3 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Sem decoração

Cozedura: Redutor-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1B

Origem: Local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/1326-4 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio em aba retangular

Colo troncocônico reto

Diâmetro do bordo: 14 cm

Espessura do bordo: 1,2 cm

Espessura do colo: 0,55 cm

Decoração: Pintura a branco (linhas verticais ao longo do bordo)

Cozedura: Oxidante-redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “very pale brown” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia 7

PF.00/1326-511 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio semicircular com ligeiro espessamento exterior

Colo troncocônico reto

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: Redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho rosado

Fabrico: F1
Origem: Local/regional
Tipologia 3

PF.00/1326-512 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do colo: 0,35 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia1

PF00/1326-514 – Bordo de pote

Bordo extrovertido

Lábio em aba

Colo troncocónico reto

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,45 cm

Sem decoração

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – reddish yellow – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia 6

PF.00/1326-522 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento exterior

Colo troncocónico reto

Espessura do bordo: 0,4 cm

Diâmetro do bordo: 8 cm

Espessura do colo: 0,3 cm

Decoração: Vidrado melado escuro na face interna

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho rosado

Fabrico: V3

Origem: Local/regional

Tipologia 5

PF.00/1326-531 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento exterior

Colo troncocónico reto

Diâmetro do bordo: 14 cm

Espessura do bordo: 0,7 cm

Espessura do colo: 0,7 cm

Sem decoração

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

Tipologia 1

PF.00/1576-503 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio plano

Espessura do bordo: 0,85 cm

Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bojo: 0,55 – 0,65 cm

Decoração: engobe + pintura a vermelho (ziguezagues)

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

Cântaros:

PF.00/1326-510 – Bojo de cântaro

Bordo vertical ou ligeiramente introvertido

Lábio em aba

Colo cilíndrico curvo

Espessura do bordo: 1,1 cm

Diâmetro do bordo: 10 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Cozedura: Oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/6 – “yellow” – bege alaranjado

Fabrico: F1

Tipologia 1

Talhas

PF.00/1326-32 – Bordo de talha

Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio retangular de arestas arredondadas
Colo troncocónico reto
Diâmetro do bordo: 19 cm
Espessura do bordo: 1,8 cm
Espessura do colo: 1 cm
Sem decoração
Cozedura: Redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho claro alaranjado
Fabrico: F1
Origem: Local/regional
Tipologia 2

Cerâmica de uso auxiliar

Testos

PF.00/1326-700 – Testo
Bordo vertical
Lábio arredondado
Fundo plano
Diâmetro do bordo: 14 cm
Diâmetro do fundo: 8 cm
Espessura do bordo: 0,55 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Espessura do fundo: 0,65 cm
Sem decoração
Cozedura: Oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho claro alaranjado
Fabrico: F6
Origem: Local/regional
Tipologia 2

Objetos lúdicos

Peças de jogo

PF.00/1576-509 – Peça de jogo
Comprimento: 3,4 cm
Largura: 3,4 cm
Altura: 0,6 cm
Decoração: restos de engobe
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/1576-510 – Peça de jogo

Comprimento: 4,5 cm

Largura: 4,1 cm

Altura: 0,65 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

PF.00/1326-42 – Peça de jogo

Diâmetro: 3,7 cm

Espessura: 0,95 cm

Cozedura: Oxidante

Sem decoração

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

PF.00/1326-42 – Peça de jogo

Diâmetro: 5 cm

Espessura: 1,5 – 1,8 cm

Cozedura: Oxidante

Sem decoração

Fabrico: F1

Origem: Local/regional

U.E. [1517/1571]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/15000-13 – Bojo de jarra/jarro/jarrita

Espessura do bojo: 0,35-0,40 cm

Decoração: pintura a vermelho (motivos geométricos)

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: F9

Origem: local/regional

PF.00/15000-29 – Bordo de jarra/jarro/jarrita

Bordo vertical

Lábio biselado no interior

Colo cilíndrico curvo

Asa vertical com secção de tendência circular
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 11 cm
Espessura do colo: 0,3 cm
Altura da asa: 1,35 cm
Largura da asa: 1,9 cm
Decoração: pintura a branco (linhas horizontais ao longo da asa)
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – laranja rosado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 2

Tigelas

PF.00/15000-1 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio quadrangular com espessamento exterior
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 30 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5YR 7/8 – “light red” – rosa alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/15000-32 – Bordo de tigela
Bordo oblíquo
Lábio em pequena aba
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 22 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege
Fabrico: F9
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/15000-101 – Perfil completo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba
Carena média suave

Fundo em pé de anel
Espessura do bordo: 0,9 cm
Diâmetro do bordo: 29,4 cm
Espessura do bojo: 0,4-0,6 cm
Decoração: vidrado verde na face externa + vidrado amarelado e verde na face interna
Cozedura: redutora
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white” – amarelo acinzentado
Fabrico: V1
Origem: local/regional
Tipologia 5

Bilhas

PF.00/15000-49 – Colo de bilha
Colo cilíndrico curvo
Espessura do colo: 0,6-0,8 cm
Decoração: corda seca parcial e motivos pintados a negro
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – creme acastanhado
Fabrico: V5
Origem: exógena

Cerâmica de armazenamento

Cântaros

PF.00/15000-60 – Bordo de cântaro
Bordo introvertido
Lábio em aba
Colo cilíndrico reto
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 8 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

Objetos lúdicos

Peças de jogo

PF.00/1517-301 – Peça de jogo
Altura: 0,4 cm

Comprimento: 3,6 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional

U.E. [1523]

Cerâmica de mesa

Tigelas

PF.00/08.86-102 – Bojo de tigela
Espessura do bojo: 0,6-0,8 cm
Decoração: vidrado verde-escuro na face externa e vidrado a verde e manganês na face interna (motivos vegetalistas)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 6/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: V3
Origem: local/regional

Cerâmica de iluminação

Candis

PF.00/08.86-79 – Depósito de candil
Depósito circular
Fundo plano
Espessura do depósito: 0,4 cm
Espessura do bico: 0,5-1,1 cm
Decoração: engobe
Cozedura: redutora
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 5/3 – “reddish brown” – cinzento acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

U.E. [1525/1675]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/5501-129 – Bordo de panela
Bordo tendencialmente vertical
Lábio de tendência retangular
Colo troncocónico invertido curvo

Espessura do bordo: 0,75 cm
Diâmetro do bordo: 12 cm
Espessura do colo: 0,3 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

Caçoilas

PF.00/1525-584 – Bordo de caçoila
Bordo vertical
Lábio arredondado espessado no exterior
Espessura do bordo: 1,15 cm
Diâmetro do bordo: 30 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm – 0,8 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 7

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/5501-156 – Colo de jarra
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bojo: 0,35-0,45 cm
Decoração: pintura a vermelho (faixas horizontais e ziguezagues)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege
Fabrico: F6
Origem: local/regional

PF.00/5501-161 – Bojo de jarra/jarro/jarrita
Espessura do bojo: 0,4-0,5 cm
Decoração: pintura a vermelho (ou preto?) + corda seca parcial na face externa
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – rosa alaranjado claro
Fabrico: V1
Origem: local/regional

PF.00/5501-901 – Bojo de jarra/jarro/jarrita
Espessura do bojo: 0,45 cm
Decoração: pintura a preto (faixas verticais)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

Tigelas

PF.00/5501-157 – Bordo de tigela
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio semicircular
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 0,9 cm
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Decoração: vidrado melado na face externa + vidrado melado e manganês na face interna
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – rosa alaranjado.
Fabrico: V1
Origem: local/regional
Tipologia 8

Cerâmica de uso auxiliar

Testos

PF.00/5501-902 – Testo
Bordo extrovertido
Lábio plano
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 13 cm
Espessura do bojo/fundo: 0,55 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – laranja rosado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/5501-47 – Testo
Bordo extrovertido
Lábio arredondado
Base plana

Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 11 cm
Espessura do bojo/fundo: 0,5 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

U.E. [1542]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/1542-904 – Bordo de jarra
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bordo: 0,6 cm
Diâmetro do bordo: 10 cm
Espessura do colo: 0,45 cm
Decoração: sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 8

Tigelas

PF.00/1542-477 – Perfil completo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba
Corpo em calote esférica
Fundo plano
Espessura do bordo: 1,3 cm
Diâmetro do bordo: 28 cm
Espessura do bojo: 0,55-1,05 cm
Espessura do fundo: 0,55-1,05 cm
Decoração: brunido interno e engobe na face externa
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/1542-901 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba plana

Carena média suave

Espessura do bordo: 0,85 cm

Diâmetro do bordo: 28 cm

Espessura do bojo: 0,65 cm

Decoração: vidrado verde claro na face externa + vidrado castanho amarelado claro e verde na face interna

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “very pale brown” – creme amarelado claro

Fabrico: V1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/1542-902 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba plana

Carena média suave

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 24 cm

Espessura do bojo: 0,5-0,8 cm

Decoração: canelura

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “pink” – bege claro

Fabrico: F9

Origem: local/regional

Tipologia 5

Cerâmica de iluminação

Candis

PF.00/10030-01

Depósito globular com carena suave

Base circular plana

Bico alongado

Asa vertical

Comprimento do bico: 8,2cm

Largura bico: 4,1cm

Largura do colo: 2,5cm

Espessura da asa: 0,7cm
Largura da asa: 1,3cm
Altura do depósito: 4,5cm
Largura do depósito: 8,3cm
Decoração: vidrado de cor verde
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white” – creme esbranquiçado
Origem: local/regional
Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/1542-903 – Bojo de pote
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: pintura a branco (riscas horizontais, no espaço negativo não-pintado)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Origem: local/regional

Outros objetos

Fivela

PF.00/1542-910 – Fivela de bronze
Altura: 3,5 cm
Comprimento: 3,2 cm

U.E. [1545]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/1545-502 – Asa de jarra/jarro/jarrita
Asa de secção circular
Altura da asa: 1,25 cm
Largura da asa: 1,6 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas horizontais)
Cozedura: redutor-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “very pale brown” – creme acastanhado claro
Fabrico: F6
Origem: local/regional

PF.00/1545-503 – Bojo de jarra/jarro/jarrita
Espessura do bojo: 0,4-0,5 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas verticais)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 84 – “pink” – bege rosado
Fabrico: F13
Origem: local/regional

PF.00/1545-509 – Asa de jarra
Asa de secção triangular
Altura da asa: 1,65 cm
Largura da asa: 2,6 cm
Decoração: pintura a negro (linhas diagonais convergentes)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR R8/4 – “pink” – creme amarelado
Fabrico: F14
Origem: exógena

PF.00/1545-510 – Colo de jarra
Colo cilíndrico curvo
Espessura do colo: 0,3-0,45 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas horizontais, ziguezagues e figo místico)
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme escuro
Fabrico: F6
Origem: Local/regional

Tigelas

PF.00/1545-504 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio arredondado
Carena alta e suave
Corpo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 0,6 cm
Diâmetro do bordo: 18 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Sem decoração
Cozedura: redutor-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado escuro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 3

PF.00/1545-506 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio arredondado com ligeiro espessamento externo

Corpo troncocônico invertido

Carena média suave

Espessura do bordo: 0,6 cm

Diâmetro do bordo: 18 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: vidrado melado em ambas as faces, com pingos de manganês na face externa

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 R 6/6 – “light red” – castanho avermelhado claro

Fabrico: V3

Origem: local/regional

Tipologia 3C

PF.00/1545-507 – Bordo de tigela

Bordo extrovertido

Lábio semicircular

Corpo em calote esférica

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 22 cm

Espessura do bojo: 0,65 cm

Decoração: vidrado melado claro na face externa + corda seca parcial na face interna

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege

Fabrico: V4

Origem: exógena

Tipologia 8

Observações: apresenta um gato

PF.00/1545-512 – Fundo de tigela

Fundo plano

Espessura do bojo: 0,95 cm

Espessura do fundo: 0,5 cm

Decoração: pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege rosado claro

Fabrico: F3

Origem: exógena

Taças

PF.00/1545-505 – Bordo de taça

Bordo vertical

Lábio arredondado
Corpo em calote ovoide
Espessura do bordo: 0,55 cm
Diâmetro do bordo: 15 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Decoração: pintura a vermelho (gotas ao longo do bordo) + brunido interno na face interna
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: 5 YR 8/3 – pink – bege alaranjado claro
Fabrico: F5
Origem: exógena
Tipologia 1

Bilhas

PF.00/10000-1 – Fundo de bilha
Colo cilíndrico reto
Corpo ovoide
Fundo plano
Asa vertical de secção aproximadamente oval
Espessura do colo: 0,35 cm
Espessura do bojo: 0,5 – 0,7 cm
Espessura do fundo: 0,7 cm
Diâmetro do fundo: 8,6 cm
Altura da asa: 1,2 cm
Comprimento da asa: 2,1 cm
Decoração: engobe + pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

Bules

PF.00/1545-501 – Bordo de bule
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado
Colo troncocónico curvo
Espessura do bordo: 0,35 cm
Diâmetro do bordo: 5 cm
Espessura do colo: 0,3-0,8 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “pink” – bege acastanhado claro
Fabrico: F9

Origem: local/regional
Tipologia 1

Cerâmica de iluminação

Candil

PF.00/1545-511 – Asa de candil
Asa de secção circular
Largura da asa: 1.6 cm
Espessura da asa: 1,1 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: vidrado melado claro e manganês
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – laranja rosado claro
Fabrico: V1
Origem: local/regional

U.E. [1551]

Cerâmica de mesa

Jarras, jarros e jarritas

PF.00/1551-703 – Colo de jarra/jarro/jarrita
Colo cilíndrico
Corpo globular ou ovoide
Espessura do colo: 0,5 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: pintura a vermelho + corda seca parcial
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: V6
Origem: exógena

PF.00/1551-704 – Colo de jarra/jarro/jarrita
Colo cilíndrico reto
Espessura do colo: 0,25-0,35 cm
Decoração: pintura a negro + corda seca parcial
Cozedura: oxidante
Fabrico: V6
Origem: exógena

Tigelas

PF.00/1551-702 – Bordo de tigela
Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio arredondado com ligeira aba
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 23 cm
Espessura do bojo: 0,45 cm
Decoração: canelura
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: F9
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/1551-705 – Bordo de tigela
Bordo tendencialmente vertical
Lábio arredondado com espessamento externo
Espessura do bordo: 1,3 cm
Diâmetro do bordo: 27 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 2

PF.00/1551-707 – Fundo de tigela
Fundo plano
Espessura do fundo: 0,9 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: vidrado melado claro na face externa +corda seca (parcial?) na face interna
Cozedura: oxidante
Tonalidade: 5 YR 8/3 – “pink” – bege
Fabrico: V4
Origem: exógena

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/1551-706 – Bordo de pote
Bordo tendencialmente vertical
Lábio de tendência retangular
Colo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 0,7 cm
Diâmetro do bordo: 12 cm
Espessura do colo: 0,5 cm

Decoração: pintura a branco
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/8 – “light red” – rosa alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

Talhas

PF.00/1551-701 – Bordo de talha
Bordo tendencialmente vertical
Lábio retangular espessado (espessado externamente?)
Colo troncocónico reto
Espessura do bordo: 4,2 cm
Diâmetro do bordo: 28 cm
Espessura do colo: 1,1-1,9 cm
Decoração: linhas onduladas incisadas na face superior do bordo
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

U.E. [1565]

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/1565-501 – Bordo de jarra
Bordo vertical
Lábio arredondado com espessamento externo
Colo cilíndrico reto
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 9 cm
Espessura do colo: 0,4-0,45 cm
Decoração: engobe e canelura
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

PF.00/1565-503 – Bojo de jarra/jarro/jarrita
Espessura do bojo: 0,4-0,6 cm
Decoração: corda seca parcial

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege claro

Fabrico: V1

Origem: local/regional

Tigelas

PF.00/1565-502 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba

Corpo cilíndrico

Espessura do bordo: 0,65 cm

Diâmetro do bordo: 16 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: aguada + pintura a vermelho

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/1565-504 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba

Corpo cilíndrico ou em calote esférica

Espessura do bordo: 0,95 cm

Diâmetro do bordo: 18 cm

Espessura do bojo: 0,5-0,55 cm

Decoração: vidrado verde na face externa e vidrado amarelado claro na face interna

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10R 8/3 – “very pale brown” – creme acinzentado

Fabrico: V1

Origem: local/regional

Tipologia 5

U.E. [1576]

Cerâmica multifuncional

Alguidares

PF.00/1576-401 – Bordo de alguidar

Bordo extrovertido

Lábio em aba pendente

Espessura do bordo: 2,9 cm

Diâmetro do bordo: 40 cm

Espessura do bojo: 1,2 cm
Sem decoração
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/1576-402 – Bordo de alguidar
Bordo extrovertido
Lábio em aba semicircular
Espessura do bordo: 2,85 cm
Diâmetro do bordo: 44 cm
Espessura do bojo: 1,2-1,45 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/6 – “reddish yellow” – laranja rosado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia: 2

U.E. [1584/2001]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/1356-72 – Bordo de panela
Bordo vertical
Lábio de tendência retangular
Colo troncocónico reto
Espessura do bordo: 0,6 cm
Diâmetro do bordo: 11 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

Caçoilas

PF.00/1365-15 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado

Espessura do bordo: 1,2 cm
Diâmetro do bordo: 24 cm
Espessura do bojo: 0,8 cm
Sem decoração
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/1356-68 – Bordo de caçoila
Bordo ligeiramente introvertido
Lábio arredondado
Corpo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 0,95 cm
Diâmetro do bordo: 24 cm
Espessura do bojo: 0,55 cm
Decoração: linha incisa horizontal ao longo do bojo
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 3

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/1534-26– Bordo de jarra
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 7 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Decoração: linhas incisadas horizontais ao longo do colo
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/1356-41 – Bordo de jarra/jarro/jarrita
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 9 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia

PF.00/1356-46 – Bordo de jarrita
Bordo vertical
Lábio biselado
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 7 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 2

PF.00/1356-99 – Bordo de jarrita
Bordo extrovertido
Lábio arredondado
Colo cilíndrico curvo
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 7 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Decoração: caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/1534-50 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio triangular
Espessura do bordo: 0,9 cm
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: vidrado melado claro

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “very pale brown” – bege amarelado

Fabrico: V7

Origem: exógena

Tipologia 9

PF.00/1534-53 – Bordo de tigela

Bordo tendencialmente vertical

Lábio triangular

Espessura do bordo: 0,85 cm

Diâmetro do bordo: 18 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: corda seca total na face externa + vidrado verde na face interna

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: V7

Origem: exógena

Tipologia 9

Tigelas

PF.00/1356-107 – Bordo de tigela

Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio semicircular

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 25 cm

Espessura do bojo: 0,7 cm

Decoração: vidrado melado na face externa + vidrado melado e manganês na face interna

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado escuro

Fabrico: V3

Origem: local/regional

Tipologia 8

Taças

PF.00/1365-9 – Bordo de taça

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,5 cm

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

Cerâmica multifuncional

Alguidares

PF.00/1356-34 – Bordo de alguidar

Bordo extrovertido

Lábio em aba semicircular

Corpo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 3,2 cm

Diâmetro do bordo: 36 cm

Espessura do bojo: 1,5 cm

Decoração: engobe na face externa + brunido interno

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

U.E. [1587/3507]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/1587-101 – Bordo de panela

Bordo tendencialmente vertical

Lábio triangular

Colo troncocónico reto

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do bordo: 0,35 cm

Espessura do bojo: 0,45 cm

Decoração: engobe (aplicado de forma não uniforme)

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho-claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 5

Caçoilas

PF.00/3507-103 – Bordo de caçoila

Bordo introvertido

Lábio arredondado com espessamento externo

Diâmetro do bordo: 28 cm

Espessura do bordo: 1,5 cm

Espessura do bojo: 0,75 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

PF.00/3507-104 – Bordo de caçoila

Bordo introvertido

Lábio arredondado com espessamento externo

Diâmetro do bordo: 25 cm

Espessura do bordo: 1,35 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Origem: local/regional

Tipologia 6

U.E. [1597]

Outros objetos

Pederneira

PF.00/1597-901 – Pederneira

Altura: 3,2 cm

Comprimento: 2,1 cm

U.E. [2135]

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/1555-21 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 0,8 cm
Diâmetro do bordo: 11 cm
Espessura do colo: 0,45 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

Caçoilas

PF.00/1555-237 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Espessura do bordo: 1,1 cm
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: brunido interno
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/1555-238 – Bordo de caçoila
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 28 cm
Espessura do bojo: 0,65 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

Cerâmica de mesa

Jarra/jarro/jarrita

PF.00/1555-06 – Asa de jarra/jarro/jarrita
Asa vertical de perfil ovoide
Altura da asa: 1,05 cm
Largura da asa: 1,45 cm

Decoração: pintura a preto (linhas horizontais)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish white” – bege esbranquiçado

Fabrico: F8

Origem: exógena

PF.00/1555-22 – Bordo de jarra/jarro/jarita

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento interno

Colo cilíndrico reto

Espessura do bordo: 0,85 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/1555-111 – Bordo de jarra

Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,55 cm

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – laranja acastanhado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 8

Tigelas

PF.00/1555-08 – Bordo de tigela

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio em aba plana

Corpo em calote ovoide

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 22 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: pintura a vermelho (linhas verticais na face interna e ao longo do bordo)

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – creme escuro

Fabrico: F6

Origem: local/regional

Tipologia 10

PF.00/1555-11 – Bordo de tigela

Bordo oblíquo

Lábio em ligeira aba

Corpo cilíndrico

Espessura do bordo: 0,4 cm

Diâmetro do bordo: 24 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Decoração: vidrado verde claro na face externa + vidrado branco esverdeado na face interna

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “pink” - bege

Fabrico: V2

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/1555-16 – Bordo de tigela

Bordo oblíquo

Lábio em ligeira aba

Espessura do bordo: 0,5 cm

Diâmetro do bordo: 17 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Decoração: vidrado melado em ambas as faces

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 Yr 8/3 – “pink” – bege

Fabrico: V2

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Cântaros

PF.00/1555-234 – Bordo de cântaro

Bordo extrovertido

Lábio em arredondado/em aba

Espessura do bordo: 0,95 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,6 cm

Decoração: canelura

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: F6
Origem: local/regional
Tipologia 2

Cerâmica multifuncional

Alguidares

PF.00/1555-239 – Bordo de alguidar
Bordo extrovertido
Lábio em aba pendente
Espessura do bordo: 1,7 cm
Diâmetro do bordo: 43 cm
Espessura do bojo: 1 cm
Decoração: brunido interno
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege rosado
Fabrico: F10
Origem: local/regional
Tipologia 1

Cerâmica auxiliar

Testos

PF.00/4246-43 – Bordo de testo
Bordo vertical
Lábio em barbela
Diâmetro do bordo: 17 cm
Espessura do bordo: 1,25 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: engobe
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1B
Origem: local/regional
Tipologia 3

Outros objetos

Fogareiro

PF.00/1555-240 – Fragmento de grade de fogareiro
Grade convexa
Diâmetro: 19 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm

8.6. Peças sem referência contextual

Cerâmica de cozinha

Panelas

PF.00/2367-72 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio em aba arredondada

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do bordo: 0,95 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 4

PF.00/2620-7 – Bordo de panela

Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio semicircular

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 5/2 – “reddish grey” – cinzento acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/3021-900 – Bordo de panela

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio tendencialmente retangular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 0,5 cm

Diâmetro do bordo: 14 cm

Espessura do colo: 0,3 – 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/3021-901 – Bordo de panela

Bordo ligeiramente extrovertido

Lábio semicircular

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 1,25 cm

Diâmetro do bordo: 15 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: restos de engobe

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/3021-950 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 7

PF.00/7506-112 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio em aba pendente vertical

Colo troncocónico invertido

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 12 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/1 – “grey” – cinzento

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 4

PF.00/7507-520 – Bordo de panela

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado com espessamento externo

Colo troncocónico reto

Corpo ovoide com perfil em “S”

Asa vertical de perfil fitiforme com uma nervura

Espessura do bordo: 0,75 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do colo: 0,5 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Largura da asa: 2,65 cm

Altura da asa: 1,05 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/4 – “light reddish brown” – castanho claro alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/7509-36 – Bordo de panela

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento externo

Espessura do bordo: 0,7 cm

Diâmetro do bordo: 16 cm

Espessura do bojo: 0,4 cm

Decoração: pintura a branco

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme acastanhado escuro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

Caçoilas

PF.00/1549-309 – Bordo de caçoila

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado

Diâmetro do bordo: 16 cm

Espessura do bordo: 0,8 cm

Espessura do lábio: 0,6 cm

Decoração: sem decoração

Cozedura: redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 6/4 – “light reddish brown” – castanha alaranjada

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/1549-310 – Bordo de caçoila

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio semicircular

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 6/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado

Origem: local/regional

Tipologia 2

PF.00/2245-60 – Bordo de caçoila

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio arredondado espessado na face interna

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 24 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

PF.00/2254-8D – Perfil completo de caçoila

Bordo ligeiramente introvertido

Lábio arredondado

Fundo plano

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 28,6 cm

Espessura do bojo: 1 cm

Espessura do fundo: 1 cm

Espessura do fundo: 1 cm

Decoração: brunido interno

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 6

PF.00/2327-4 – Bordo de caçoila

Bordo vertical

Lábio arredondado com espessamento externo ou em aba

Espessura do bordo: 0,8 cm

Diâmetro do bordo: 26 cm

Espessura do bojo: 0,65 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora"

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 3/1 – “very dark grey” – castanho acinzentado escuro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 7

PF.00/2328-31 – bordo de caçoila

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 1,2 cm

Diâmetro do bordo: 27 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Decoração: canelura

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/2354-32 – Bordo de caçoila

Bordo vertical

Lábio retangular

Diâmetro do bordo: 22 cm

Espessura do bordo: 1,05 cm

Espessura do bojo: 0,5 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante-redutora

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – pink – castanho alaranjado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/2360-17 – Bordo de caçoila

Bordo vertical

Lábio quadrangular

Espessura do bordo: 1,5 cm

Diâmetro do bordo: 22 cm

Espessura do bojo: 0,8 cm
Sem decoração
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado escuro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 3

PF.00/3001-301 – Bordo de caçoila
Bordo tendencialmente vertical
Lábio biselado
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bordo: 0,8 cm
Espessura do bojo: 0,9 cm
Decoração: brunido interno
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 R 6/6 – “light red” – castanho avermelhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 8

Cerâmica de mesa

Jarras/jarros/jarritas

PF.00/1549-303 – Asa de jarra
Colo cilíndrico reto
Asa de perfil aproximadamente triangular
Espessura do colo: 0,4 cm
Altura da asa: 1,65 cm
Largura da asa: 2,9 cm
Decoração: pintura a preto (linhas horizontais ao longo da asa)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “very pale brown” – creme esbranquiçado
Fabrico: F2
Origem: exógena

PF.00/1549-306 – Bojo de jarra
Espessura do bojo: 0,5-0,6 cm
Decoração: vidrado verde na face externa
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: 5 YR 8/3 – pink – rosa claro
Fabrico: V4b
Origem: exógena

PF.00/1549-308 – Bojo de jarra
Espessura do bojo: 0,3-0,5 cm
Decoração: pintura a vermelho
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme
Fabrico: F2
Origem: exógena

PF.00/1549-311 – Bojo de jarra
Espessura do colo: 0,45-0,7 cm
Decoração: pintura a vermelho
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – pink – bege rosado
Fabrico: F8
Origem: exógena

PF.00/1550-501 – Colo de jarra/jarro/jarrita
Colo cilíndrico reto
Espessura do colo: 0,35-0,4 cm
Decoração: pintura a vermelho na face externa (linhas horizontais e ziguezagues)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/4 – “pink” – creme amarelado
Fabrico: F6
Origem: local/regional

PF.00/1550-502 – bojo de jarra
Espessura do bojo: 0,4-0,5 cm
Decoração: aguada + pintura a vermelho
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – creme escuro
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/1906-901 – Bordo de jarra/jarro/jarrita
Bordo vertical
Lábio arredondado com espessamento exterior
Colo cilíndrico reto
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 9 cm
Espessura do bojo: 0,2-0,4 cm
Decoração: corda seca parcial
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: V5

Origem: exógena
Tipologia 4

PF.00/1998-901 – Asa de jarrita

Asa de secção triangular

Altura da asa: 1,1 cm

Largura da asa: 1,8 cm

Decoração: pintura a vermelho (riscas horizontais ao longo da asa)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 “pink” – bege alaranjado

Origem: local/regional

PF.00/1998-902 – Colo de jarra/jarro/jarrita

Colo cilíndrico reto

Espessura do colo: 0,35-0,45 cm

Decoração: vidrado verde e manganês na face externa + vidrado verde na face interna

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 10 YR 8/3 – “very pale brown” – creme claro

Fabrico: V4

Origem: exógena

PF.00/2245-35- colo de jarrita

Espessura do colo: 0,3-0,5 cm

Decoração: corda seca parcial

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/4 – “pink” – bege alaranjado

Fabrico: V2

Origem: local/regional

PF.00/2354-61 – Bordo de jarra/jarro/jarrita

Bordo ligeiramente extrovertido

lábio arredondado

Diâmetro do bordo: 8cm

Espessura do bordo: 0,5cm

Espessura do bojo: 0,3cm

Decoração: vidrado a verde em ambas as faces

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5YR 8/4 – “pink” – bege amarelado

Fabrico: V2

Origem: local/regional

Tipologia 5

PF.00/2367-9 – Bordo de jarra

Bordo introvertido

Lábio arredondado

Colo cilíndrico curvo
Diâmetro do bordo: 8 cm
Espessura do bordo: 0,65 cm
Espessura do colo: 0,45 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/8 – “light red” – rosa alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/2770-29 – Bordo de jarra
Bordo vertical
Lábio arredondado
Diâmetro bordo: 12cm
Espessura bordo: 0,6cm
Espessura bojo: 0,5cm
Colo cilíndrico curvo
Decoração: linhas incisadas horizontais ao longo do colo
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado claro
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/2770-30 – Bordo de jarra/jarro/jarrita
Bordo vertical
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 10cm
Espessura do bordo: 0,5cm
Espessura do bojo: 0,5cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Origem: local/regional
Tipologia 6

PF.00/3001-302 – Bordo de jarrita
Bordo vertical
Lábio arredondado
Colo cilíndrico reto
Diâmetro do bordo: 7,5 cm
Espessura do bordo: 0,2 cm
Espessura do bojo: 0,3 cm
Decoração: pintura a branco + caneluras

Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme
Fabrico: F9
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/3001-303 – Asa de jarra
Asa de secção triangular
altura da asa: 1,7 cm
largura da asa: 2,3 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas horizontais)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “very pale brown” – creme esbranquiçado
Fabrico: F9
Origem: local/regional

PF.00/3001-311 – Fundo de jarra/jarrita
Fundo de base plana
Diâmetro do fundo: 7 cm
Espessura do fundo: 0,3 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: aguada + corda seca parcial na face externa, vidro melado claro na face interna
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/3 – “pink” – bege rosado
Fabrico: V4
Origem: exógena

PF.00/3021-203 – Bordo de jarra
Bordo vertical
Lábio plano
Colo cilíndrico reto
Corpo de secção fitiforme
Espessura do bordo: 0,4 cm
Diâmetro do bordo: 10 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Decoração: pintura a negro + corda seca parcial
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/2 – “pinkish White” – creme esbranquiçado
Fabrico: V5
Origem: exógena
Tipologia 6

PF.00/7507-01 – Bojo de jarra
Espessura do bojo: 0,35-0,45 cm

Decoração: pintura a vermelho e motivos em corda seca parcial
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege alaranjado
Fabrico: V6
Origem: exógena

PF.00/7507-03b – Bojo de jarrita
Corpo globular
Asa vertical de secção tendencialmente oval
Espessura do bojo: 0,4-0,5 cm
Largura da asa: 2,65 cm
Altura da asa: 1,25 cm
Decoração: vidrado melado e verde em ambas as faces
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 6/6 – “light red” – laranja acastanhado
Fabrico: V3
Origem: local/regional

PF.00/7507-77 – Bordo de jarra
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Espessura do bordo: 0,5 cm
Diâmetro do bordo: 12 cm
Espessura do colo: 0,4 cm
Decoração: pintura a vermelho (linhas onduladas)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: F11
Origem: exógena
Tipologia 1

PF.00/10018-202 – Bordo de jarra
Bordo vertical
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 9 cm
Espessura do bordo: 0,6 cm
Espessura do colo: 0,6 cm
Decoração: pintura a branco (traços horizontais) + caneluras
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 6

Tigelas

PF.00/1481-801 – Bordo de tigela

Bordo tendencialmente vertical

Lábio arredondado ligeiramente espessado no exterior

Espessura do bordo: 0,95 cm

Diâmetro do bordo: 25 cm

Espessura do bojo: 0,55-0,8 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/4 – “pink” – castanho-claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3C

PF.00/1481-802 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio em aba

Corpo troncocónico invertido

Carena alta e suave

Espessura do bordo: 1,2 cm

Diâmetro do bordo: 24 cm

Espessura do bojo: 0,55-9,65 cm

Decoração: vidrado a verde em ambas as faces

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 7/8 – “reddish yellow” – rosa alaranjado

Fabrico: V1

Origem: local/regional

Tipologia 5

Observações: o vidrado apresenta-se defeituoso, resultante de falhas no processo de cozedura

PF.00/1549-305 – Fundo de tigela

Espessura do bojo: 0,3-0,4 cm

Decoração: vidrado melado claro na face interna + corda seca parcial na face externa

Cozedura: oxidante

Tonalidade: 2.5 YR 8/4 – “pink” – bege”

Fabrico: V4a

Origem: exógena

PF.00/1549-312 – Bordo de tigela

Bordo vertical

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 20 cm

Espessura do bojo: 0,65 cm
Decoração: brunido interno + pintura a vermelho na face interna
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/3 – “pink” – creme acastanhado
Fabrico: F5
Origem: exógena
Tipologia 3A

PF.00/1550-503 – Fundo de tigela
Fundo plano
Espessura do fundo: 0,55-0,9 cm
Decoração: pintura a vermelho (3 linhas verticais)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “pink” – creme escuro
Fabrico: F7
Origem: exógena

PF.00/1550-504 – Fundo de tigela
Fundo plano
Espessura do bojo: 0,8 cm
Espessura do fundo: 0,85-1,1 cm
Decoração: aguada + pintura a vermelho na face interna
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – castanho alaranjado escuro
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/1550-505 – Bojo de tigela
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: vidrado melado claro na face externa + corda seca parcial na face interna
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/3 – “pink” – creme acinzentado
Fabrico: V5
Origem: exógena

PF.00/2251-1 – Perfil completo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba plana
Corpo troncocónico invertido
Carena média suave
Fundo em pé de anel baixo diagonal
Espessura do bordo: 1 cm
Diâmetro do bordo: 27 cm
Espessura do bojo: 0,8 cm

Diâmetro do fundo: 11,5 cm
Decoração: aguada na face interna
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – bege amarelado
Fabrico: F9
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF.00/2328-21 – bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio arredondado com espessamento exterior
Carena média suave
Espessura do bordo: 0,8 cm
Diâmetro do bordo: 25 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: engobe + pintura a vermelho (3 linhas verticais no bordo e figo místico? na face interna da peça)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – creme escuro
Fabrico: F1b
Origem: local/regional
Tipologia 2

PF.00/2354-17 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio em aba plana
Diâmetro do bordo: 22 cm
Espessura do bordo: 0,8 cm
Espessura do bojo: 0,4 cm
Decoração: vidrado melado em ambas as faces
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5 YR 8/4 – pink – bege amarelado
Fabrico: V3
Origem: local/regional
Tipologia 5

PF00/2354-43 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio arredondado
Diâmetro bordo: 22cm
Espessura bordo: 0,9cm
Espessura bojo: 0,9 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 7.5YR 8/4 – “pink” – creme esbranquiçado claro

Fabrico: F6
Origem: local/regional
Tipologia 3ª

PF.00/2360-16 – Bordo de tigela
Bordo oblíquo
Lábio arredondado
Espessura do bordo: 0,4 cm
Diâmetro do bordo: 24 cm
Espessura do bojo: 0,5 cm
Decoração: vidrado melado esverdeado em ambas as faces
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish brown” – laranja rosado
Fabrico: V3
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/2528-41 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio arredondado com ligeiro espessamento externo
Espessura do bordo: 0,75 cm
Diâmetro do bordo: 21 cm
Espessura do bojo: 0,65 cm
Decoração: canelura
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/3 – “pink” – bege rosado
Fabrico: F9
Origem: local/regional
Tipologia 3C

PF.00/2703-104 – Bordo de tigela
Bordo vertical
Lábio triangular
Espessura do bordo: 1,2 cm
Diâmetro do bordo: 18 cm
Espessura do bojo: 0,5-0,6 cm
Decoração: vidrado verde escuro em ambas as superfícies
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/2 – “pinkish white” – rosa esbranquiçado
Fabrico: V1
Origem: local/regional
Tipologia 9

PF.00/7507-04 – Bordo de tigela
Bordo extrovertido

Lábio semicircular
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 0,7 cm
Diâmetro do bordo: 26 cm
Espessura do bojo: 0,4-0,7 cm
Decoração: vidrado melado na face externa + vidrado melado com motivos a manganês, ostentando representação radial composta por flores de lótus
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 10R 6/6 – “light red” – laranja acastanhado
Fabrico: V3
Origem: local/regional
Tipologia 8

PF.00/7509-30a – Bordo de tigela
Bordo introvertido
Lábio arredondado com espessamento externo
Corpo em calote esférica
Espessura do bordo: 1,4 cm
Diâmetro do bordo: 24 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Decoração: pintura a branco (conjunto de três linhas diagonais, cordão da eternidade e símbolo indeterminado)
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho alaranjado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

PF.00/10018-203 – Bordo de tigela
Bordo introvertido
Lábio arredondado
Diâmetro do bordo: 22 cm
Espessura do bordo: 1,1 cm
Espessura do bojo: 0,6 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 4

Taças

PF.00/1549-302 – bordo de taça
Bordo tendencialmente vertical

Lábio semicircular

Espessura do bordo: 0,9 cm

Diâmetro do bordo: 13 cm

Espessura do bojo: 0,35 cm

Sem decoração

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – castanho rosado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 2

PF.00/1549-307 – Bordo de taça

Bordo vertical

Lábio arredondado

Espessura do bordo: 0,75 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do bojo: 0,8 cm

Decoração: pintura a branco (linhas horizontais na face interna do bojo)

Cozedura: redutora-oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – castanho alaranjado claro

Origem: local/regional

Tipologia 1

Púcaros

PF.00/7507-116 – Bordo de púcaro

Bordo vertical

Lábio arredondado

Colo troncocónico invertido reto

Espessura do bordo: 0,35 cm

Diâmetro do bordo: 8 cm

Espessura do colo: 0,45 cm

Decoração: caneluras

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – creme amarelado

Fabrico: F9

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de armazenamento

Potes

PF.00/2327-98 – Bordo de pote

Bordo vertical

Lábio de tendência retangular

Asa vertical de secção fitiforme com duas nervuras
Espessura do bordo: 0,8 cm
Diâmetro do bordo: 10 cm
Largura da asa: 3,4 cm
Altura da asa: 1,25 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish brown” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/3021-204 – Bordo de pote
Bordo vertical
Lábio em aba semicircular
Colo troncocónico invertido
Espessura do bordo: 0,8 cm
Diâmetro do bordo: 9 cm
Espessura do colo: 0,35 cm
Decoração: restos de engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/8 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 2

PF.00/7507-34 – Bordo de pote
Bordo vertical
Lábio tendencialmente retangular
Colo troncocónico invertido reto
Espessura do bordo: 0,6 cm
Diâmetro do bordo: 13 cm
Espessura do bojo: 0,3-0,35 cm
Decoração: engobe
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1

PF.00/7509-34 – Bordo de pote
Bordo vertical
Lábio plano espessado na face interna
Diâmetro do bordo: 13cm
Espessura do bordo: 0,6cm

Espessura do bojo: 0,6cm
Asa vertical com secção de tendência oval
Largura da asa: 3,8 cm
Espessura da asa: 1,3cm
Tipologia 4

Cântaros

PF.00/2360-28 – Asa de cântaro

Asa vertical com secção fitiforme com duas nervuras

Colo cilíndrico

Espessura do colo: 0,6 cm

Espessura do bojo: 0,6 cm

Altura da asa: 1 cm

Largura da asa: 5,3 cm

Decoração: pintura a branco (linhas diagonais ao longo da asa)

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish brown” – laranja acastanhado claro

Fabrico: F1

Origem: local/regional

PF.00/3021-961 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba

Colo cilíndrico curvo

Diâmetro do bordo: 9 cm

Espessura do bordo: 1,1 cm

Espessura do colo: 0,45 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Fabrico: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Origem: local/regional

Tipologia 1

PF.00/7506-113 – Bordo de cântaro

Bordo vertical

Lábio em aba pendente vertical

Colo cilíndrico reto

Espessura do bordo: 1 cm

Diâmetro do bordo: 11 cm

Espessura do colo: 0,4 cm

Decoração: engobe

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional
Tipologia 1

Talhas

PF.00/2528-26 – Bordo de talha
Bordo ligeiramente extrovertido
Lábio retangular espessado externamente
Colo troncocónico reto
Espessura do bordo: 3,85 cm
Diâmetro do bordo: 21 cm
Espessura do colo: 1,3-1,8 cm
Decoração: linhas incisas onduladas no topo do bordo
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 8/4 – “pink” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1B

PF.00/7509-101 – Bordo de talha
Bordo vertical
Lábio retangular com ligeiro espessamento interno
Colo cilíndrico reto
Espessura do bordo: 3 cm
Diâmetro do bordo:
Espessura do colo: 1,1 cm
Espessura do bojo: 1-1,6 cm
Decoração: cordão plástico na ligação entre o bojo e o colo + linhas incisas onduladas ao longo do bordo
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 2

Cerâmica multifuncional

Alguidares

PF.00/10018-201 – Bordo de alguidar
Bordo extrovertido
Lábio em aba pendente
Diâmetro do bordo: 38 cm
Espessura do bordo: 1,6 cm

Espessura do bojo: 1,2 cm
Decoração: brunido interno
Cozedura: redutora-oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional
Tipologia 1
Observações: apresenta um orifício com cerca de 0,5 cm de diâmetro

Cerâmica de uso auxiliar

Testos

PF.00/1549-304 – Fundo e mamilo de testo

Espessura do mamilo: 1,5 cm

Espessura do bojo: 0,75-0,9 cm

Decoração: sem decoração

Cozedura: oxidante

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Tipologia 3

PF.00/2703-1058 – Perfil completo de testo

Bordo extrovertido

Lábio plano

Fundo plano

Espessura do bordo: 0,7 cm

Diâmetro: 6 cm

Espessura do bojo: 0,55 cm

Espessura do fundo: 0,4 cm

Sem decoração

Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – pink – bege escuro

Fabrico: F6

Origem: local/regional

Tipologia 1

Cerâmica de iluminação

Candis

PF.00/3001-310 – Depósito de candil

Base circular plana

Depósito circular

Espessura do fundo: 0,5 cm
Espessura do depósito: 0,4 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Pasta: MUNSELL – Hue 2.5 YR 8/4 – “pink” – rosa-claro
Origem: local/regional

PF.00/10018-01 – Bico de candil
Espessura do bico: 3,7 cm
Comprimento do bico: 6,8 cm
Diâmetro do orifício entre o bico e depósito: 1,2 cm
Sem decoração
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/4 – “pink” – bege alaranjado
Fabrico: F2
Origem: exógena

Outros objetos

Pontas de lança

PF.00/6438-01 – Ponta de lança em ferro
Largura da parte distal: 1,5 cm
Altura: 18 cm
Diâmetro do orifício de encaixe: 0,75 cm

Peças de jogo

PF.00/2620-4 – Peça de jogo
Comprimento: 5,1 cm
Largura: 4,5 cm
Altura: 0,8 cm
Decoração: pintura a branco
Cozedura: oxidante
Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/6 – “reddish yellow” – laranja acastanhado
Fabrico: F1
Origem: local/regional

PF.00/3021-27 – Peça de jogo
Comprimento: 4 cm
Largura: 4 cm
Altura: 0,75 cm
Decoração: restos de engobe
Cozedura: oxidante

Tonalidade: MUNSELL – Hue 5 YR 7/5 – “reddish yellow” – laranja acastanhado

Fabrico: F1

Origem: local/regional

Pederneira

PF.00/1906-902 – Fragmento de sílex (possível pederneira)

Comprimento: 3,2 cm

Largura: 3,2 cm

Espessura: 1,4 cm

Mó (elemento dormente)

PF.00/1481-804 – Elemento dormente de mó

comprimento: 18,8 cm

largura: 9,8 cm

altura: 2,45 cm